

GERALDO PEÇANHA DE ALMEIDA

# **PALCO ILUMINADO: O FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA**

VOLUME 1

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Morais da Costa

CURITIBA

2002



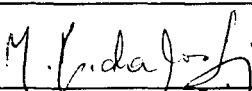
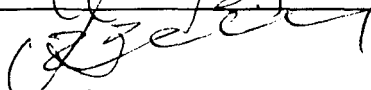
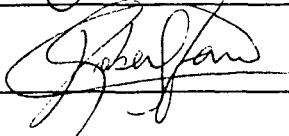
## PARECER

Defesa de dissertação do mestrando **GERALDO PEÇANHA DE ALMEIDA**, para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados Marta Morais da Costa, João Alfredo Dal Bello e João Roberto de Faria argüíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

**“PALCO ILUMINADO: O FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA.”**

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Marta Morais da Costa		A
João Alfredo Dal Bello		A
João Roberto Gomes de Faria		A

Curitiba, 15 de fevereiro de 2002.

  
Prof. José Borges Neto  
Coordenador

**Para meu pai e minha mãe, Seu Nozão e Dona Cota.**

## AGRADECIMENTOS

À Marta Morais da Costa, por nunca ter medido o amor e a paciência no trato diário para comigo. O amor em críticas e sugestões certamente permanecerá comigo, imutável, incansável.

À Calvin, por ter aberto, incondicionalmente, os dados imprescindíveis para a realização desta pesquisa.

Às jornalistas Fernanda e Ana Paula, que com paciência e persistência me ajudaram a localizar e a compor as informações apresentadas.

A Victor Aronis, pela confiança e pela presteza.

À Elisa Peçanha, Deise Vidal, Edi Teixeira, Cacilda Ottoboni, Tereza e Maria Brandão Machado, pelo amor, a mim dispensado nos momentos de sofreguidão.

*In memoriam* às irmãs Nascimento: Dionésia, Tereza, Augusta e Maria, minhas tias de Vera Cruz, pelo carinho sem igual. Símbolos de amor eterno.

A Luiz Fernando Ottoboni de Oliveira, o quinto irmão que a graça divina me concedeu. Por ter despertado a minha paixão pela arte.

A Paulo Henrique Gonçalves por ter me proporcionado grandes emoções.

A Márcio Peloso, pela convivência fraterna. Sublime amizade.

À Marili, Heloísa, Theo, Luciano, Paulo Rota, Katy Vidal, Nadja, Christian, Letícia, Joelma e Rosemaria pelo amor em gestos.

**“Não viemos aqui para julgar, nem para condenar, nem participar, viemos para  
compreender.”**

**Oduvaldo Vianna Filho**

## SUMÁRIO

## VOLUME 1

<b>LISTA DE SIGLAS</b>	vi
<b>LISTA DE TABELAS</b>	vii
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	viii
<b>RESUMO</b>	ix
<b>ABSTRACT</b>	x
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	5
<b>2 A PONTE – DAS ORIGENS DO TEATRO AO FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA</b>	11
<b>3 DO PERÍODO QUE ANTECEDE O FESTIVAL À CONCRETIZAÇÃO DO EVENTO.</b>	15
<b>4 REVISÃO DAS EDIÇÕES DO FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA 1992-2001.</b>	25
4.1 <i>SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO</i> – I FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	25
4.2 <i>EPIFANIAS</i> – II FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	50
4.3 <i>O FUTURO DURA MUITO TEMPO</i> – III FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	75
4.4 <i>CORPO A CORPO</i> – IV FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	96
4.5 <i>RASTRO ATRÁS</i> – V FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	123
4.6 <i>VIVA O POVO BRASILEIRO</i> – VI FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	157
4.7 <i>DOIS? SOMENTE UM!</i> – VII FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	187

## VOLUME 2

<b>LISTA DE SIGLAS</b>	iii
<b>LISTA DE TABELAS</b>	iv
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	v
<b>RESUMO</b>	vi
<b>ABSTRACT</b>	vii
4.8 <i>UM CERTO OLHAR</i> – VIII FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	224
4.9 <i>ANDARILHOS</i> – IX FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	261
4.10 <i>ESTAMOS EM TRÂNSITO</i> – X FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	303
<b>5 VISÕES E DISCUSSÕES A RESPEITO DO EVENTO</b>	<b>381</b>
5.1 OS BASTIDORES DO FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA	381
5.2 <i>CONSTRUÇÕES: ASPECTOS LITERÁRIOS NOS PALCOS DO FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA</i>	390
5.3 CONCLUSÃO	402
<i>MEGA MIX</i> – Um balanço de dez anos do Festival de Teatro de Curitiba	402
<b>ANEXO</b>	<b>408</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>415</b>

## LISTA DE SIGLAS

ECA/USP – Escola de Comunicação/ Universidade de São Paulo

CEU – Casa do Estudante Universitário

CPT – Centro de Pesquisa Teatral

FAP – Faculdade de Artes do Paraná

FTC – Festival de Teatro de Curitiba

PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

SESC – Serviço Social do Comércio

TBC – Teatro Brasileiro de Comédias

TUC – Teatro Universitário de Curitiba

T.U.O .V. – Teatro União Popular Olho Vivo

UEL – Universidade Estadual de Londrina

US – Unidade de Saúde

**LISTA DE TABELAS**

TABELA 01 – AVALIAÇÃO TÉCNICA DOS RESULTADOS OPERACIONAIS.....	39
TABELA 02 – DISTRIBUIÇÃO DE COBERTURA EDITORIAL.....	42
TABELA 03 – DISTRIBUIÇÃO DE VERBAS PARA A COBERTURA EDITORIAL.....	43
TABELA 04 – DEMONSTRATIVO DOS RECURSOS GASTOS NA REALIZAÇÃO DO FESTIVAL DE 1992.....	44



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA – 01	CONSTRUÇÃO DO TEATRO ÓPERA DE ARAME.....	15
FIGURA – 02	FESTA DE LANÇAMENTO DO FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA.....	19
FIGURA – 03	GRUPO DE PESSOAS ENVOLVIDAS NO I FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA.....	20
FIGURA – 04	NOITE DE INAUGURAÇÃO DO TEATRO ÓPERA DE ARAME.....	24
FIGURA – 05	FOTO DO ESPETÁCULO <i>A VIDA COMO ELA É</i> .....	60
FIGURA – 06	FOTO DO ESPETÁCULO <i>O PARAÍSO PERDIDO</i> .....	66
FIGURA – 07	FOTO DO ESPETÁCULO <i>O MELHOR DO HOMEM</i> .....	103
FIGURA – 08	FOTO DO ESPETÁCULO <i>DOROTÉIA</i> .....	124
FIGURA – 09	FOTO DO ESPETÁCULO <i>VIOLETA VITA</i> .....	143
FIGURA – 10	FOTO DO ATOR MARCO NANINI ENCABEÇANDO O PROJETO DE LEITURA NOS FARÓIS DO SABER.....	151
FIGURA – 11	FOTO DA RETIRADA DOS ATORES DA CASA DE VIDRO ONDE ACONTECEU O ESPETÁCULO <i>AQUARIOFOBIA</i> .....	177
FIGURA – 12	FOTO DO PÚBLICO DIANTE DO ESPETÁCULO <i>AQUARIOFABIA</i> .....	178
FIGURA – 13	CAMPANHA PUBLICITÁRIA DESENVOLVIDA PARA A DIVULGAÇÃO DO IX FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA.....	301
FIGURA – 14	CAMPANHA PUBLICITÁRIA DESENVOLVIDA PARA A DIVULGAÇÃO DO X FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA.....	302
FIGURA – 15	CAMPANHA PUBLICITÁRIA DESENVOLVIDA PARA A DIVULGAÇÃO DO X FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA.....	303

## RESUMO

Este trabalho descreve os dez anos de atividade do Festival de Teatro de Curitiba. Surgido no início da década de 90, esse evento contabiliza, hoje, cerca de 352 montagens diferentes de textos dramáticos, nacionais e estrangeiros, antigos e recentes. Nesse número incluem-se, além de dramaturgos do mundo inteiro, diretores das mais variadas tendências estéticas da encenação, atores dos mais diferentes estilos e técnicos das mais respeitadas qualificações. Contemporâneos, clássicos, modernos, surrealistas, inovadores, conservadores, criadores ou quaisquer outros adjetivos que queiramos lhes atribuir, esses homens tecem a trama da dramaturgia e da encenação do final do século XX ao início século XXI. O objetivo do presente trabalho é registrar cada uma dessas montagens, com as informações e a crítica pertinente. As obras teatrais, levadas a público nos inúmeros palcos da cidade de Curitiba, compõem a história do teatro paranaense e revelam características da cultura do povo do Paraná, mas, acima de tudo, balizam a trajetória dos artistas e técnicos que concretizaram a dramaturgia nos palcos de um Festival. A história do Festival de Teatro de Curitiba começa a ser construída pela descrição pormenorizada dos fatos que levaram à sua concretização. Depois, minuciosamente, são registradas as 394 peças oficiais com outras 10 montagens associadas. Delas se dão informações precisas, incluindo a crítica publicada sobre a encenação. Após o registro, procede-se à análise de alguns aspectos relevantes para compor o quadro histórico do Festival de Teatro de Curitiba. É teatro de rua, teatro do absurdo, teatro clássico e metateatro. É a história em monólogos, diálogos, gestos, cores e luzes. É o homem visto sob holofotes. É a sociedade em cena.

## ABSTRACT

The present study describes ten years of activity of Curitiba's Theater Festival ("Festival de Teatro de Curitiba"). This event, which started in the early 90s, nowadays adds up to 394 different stage settings of national and foreign, ancient and recent, drama texts. This number includes, besides international playwrights, directors of the most diverse aesthetic tendencies on stage, actors with the most different styles and technicians with the most respected qualifications. Contemporary, classic, modern, surrealist, innovative, conservative, creative or any other adjective which is attributed to them, these men weave the plot of play righting and performing from late XX century to early XXI century. The aim of this work is to record each of these stage settings, with relevant information and critical comments. The plays, taken to the public on the countless stages of Curitiba, make up the history of the theater in Paraná and reveal characteristics of the culture of Paraná's people, but above all, they delimit the journey of artists and technicians who made real the dramaturgy on the stages of a Festival. The history of "Festival de Teatro de Curitiba" begins to be built by the detailed description of the facts that made it possible. Then the 394 official plays and the other associated performances are registered in detail. Precise information is given about them, including the reviews which were published about the performance. Besides the record, an analysis of some relevant aspects that make up the historical frame of the "Festival de Teatro de Curitiba" is presented. It is open-air theater, theater of the absurd, classical theater and meta-theater. It is history in monologues, dialogues, gestures, colors and lights. It is man seen under the spotlights. It is society on stage.

## 1 INTRODUÇÃO

No início dos anos 90, Curitiba goza de um privilégio de marketing urbano<sup>1</sup> – a cidade dos lançamentos. A cidade era tomada por empresas que faziam aqui os testes para futuros lançamentos de produtos, e a população passou a viver e a cultuar essa idéia. De shows a sabores de chocolates. As produções vinham com a intenção de receber aprovação ou não do consumidor. Seguindo essa linha, a arte também ganha a sua experiência. Em meados de 1991, cinco jovens de classe média se juntam para dar forma a uma dessas idéias - realizar em Curitiba um festival de teatro capaz de ser uma *vitrine do teatro brasileiro*. Essa idéia transformou – se em um festival de teatro que está, hoje, estimado em 5 milhões de dólares.

O objetivo desse trabalho é, entre outros, resgatar, apontar e registrar o que representa essa experiência de teatro no sul do Brasil. Outros trabalhos posteriores, de caráter analítico, vão analisar e contextualizar todas as ocorrências aqui apresentadas.

Com um público estimado em mais de meio milhão e cerca de 352 textos montados não podemos dizer que essa seja uma experiência sem importância histórica. O que será feito aqui é um amplo resgate de fatos que caracterizam o nascer e o desenvolver da primeira década deste evento. Com a finalidade de compor o universo de manifestações dramáticas, buscaremos apreciar o comportamento do público, o trabalho do ator e do técnico, a composição do diretor, as indicações do texto e a tessitura do dramaturgo. Cada um na sua importância e no seu tempo. Os comentários avaliativos, ou os julgamentos das obras, aqui estarão caracterizadas somente pelo material coletado junto a imprensa. As informações a respeito dos textos dos espetáculos foram colhidas nos programas e *releases* dos espetáculos e adaptados ao formato da dissertação. Para isso, foi feita uma pesquisa que envolveu cerca de 58 jornais diários, 14 revistas de circulação mensal e semanal, 9 emissoras de televisão, 4 emissoras de rádio, uma página na *internet* e mais de 40 horas de entrevistas.

Foram consideradas, para compor o universo desta pesquisa, apenas as ocorrências que apresentavam conteúdos que pudessem elucidar o objetivo da

---

<sup>1</sup> GARCIA, F. S. *Cidade espetáculo, política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Palavra, 1997.

dissertação. Sendo assim, as ocorrências sociais, aquelas que se detêm apenas nos aspectos pessoais e de aparência dos envolvidos, foram descartadas. Os comentários de nossa parte serão incipientes, e aparecerão somente no sentido de elucidar informações necessárias à compreensão do leitor. Depois de compor o texto com as informações divulgadas pela imprensa faremos, a partir destes dados, nossa análise. Essas avaliações podem figurar imediatamente após a peça ou na conclusão geral de cada edição do evento. Algumas informações apresentadas tomaram como base os projetos enviados, pelas companhias, à empresa responsável pelo *FTC*. Esses projetos dão origem aos livretos, programas e outros materiais de divulgação do Festival. Outras informações foram recolhidas dos veículos de comunicação – jornal, televisão, revista e rádio – entre outros; e ainda, garimpadas em contatos pessoais ou correspondência. O trabalho está dividindo em capítulos. O primeiro discorrerá sobre o surgimento do Festival de Teatro de Curitiba. Nele, faremos um levantamento da situação histórica da cidade de Curitiba no início dos anos 90. Essa caracterização se fez necessária pelo fato de ser o festival um evento surgido repentinamente. Ele não é uma evolução de experiência anterior. Assim, para que o leitor possa compreender o porquê da criação, fizemos uma espécie de mapeamento do contexto artístico e cultural de Curitiba, e dos empresários, até o momento de realização do I Festival de Teatro de Curitiba.

Dentro de cada edição, que está contida no terceiro capítulo, apresentaremos a idéia principal, ou tema, desenvolvido pelo festival: cada ano o Festival possui um tema, ou uma área específica de concentração dos espetáculos, e é sobre essa concentração que iniciamos a composição de cada versão. A análise de cada uma das versões figura na parte final desta composição de cada ano, a fim de discutir a atividade do Festival em cada um dos anos relatados. No último capítulo retomamos todas essas avaliações e de forma comparativa construiremos a análise geral dos dez anos. O nome de cada sub-capítulo é construído a partir de uma peça apresentada naquela versão. Procuramos dar a esses sub-capítulos identidades próprias. Depois da descrição de cada uma das versões anuais, há a identificação da curadoria do festival daquele ano, e só então, a partir disso, é que apresentaremos o levantamento dos

espetáculos. Todos os espetáculos que foram ao palco serão mapeados. Os técnicos que participaram, os atores, os diretores, o local onde foi apresentada a montagem e, principalmente, o autor de cada texto.

Depois do levantamento, apresentaremos um resumo de cada um dos textos. O resumo é baseado nos programas dos espetáculos, assim, a nossa interferência é mínima, destinada mais a corrigir ou adaptar o texto à finalidade da dissertação. Em seguida, levantaremos as críticas do espetáculo. Por crítica entenderemos todas as notícias, de cunho avaliativo, relacionadas ao espetáculo. Pesquisada em todos os veículos de comunicação já descritos aqui, a crítica é o momento de mostrar ao leitor como foi a recepção do espetáculo ou da companhia. Mostraremos essas considerações tecidas pela imprensa ou pelo público identificadas. Por vezes, não foi possível localizar o autor da crítica, mas, quando o fato ocorrer, haverá identificação do veículo de imprensa que a divulgou. Quando não foi possível localizar nenhuma crítica, avisaremos o leitor. As notas de rodapé aparecerão somente quando a informação não se tratar de crítica ao espetáculo, e sim, quando houver a necessidade de esclarecimento do texto. As observações são elementos que fomos juntando ao longo da pesquisa e que levamos ao conhecimento do leitor. As informações foram baseadas nos programas dos espetáculos ou nos livretos da produtora do evento. Somente em alguns casos recorreremos aos jornais e às revistas para compor informações pertencentes aos textos ou às fichas técnicas, porém quando houver uma ocorrência significativa dessa natureza o leitor será informado sobre o fato. No final de cada capítulo faremos, quando possível, uma avaliação geral da edição. Essa avaliação também será baseada nas informações recolhidas junto à imprensa. Os eventos paralelos, assim como a programação associada, serão também mapeados e avaliados no final do capítulo. Fechamos cada um dos capítulos com uma ficha técnica geral de todo o festival. Nela, estão contidos os nomes de todos os profissionais e empresas envolvidos na edição.

A importância que atribuímos ao trabalho reside no fato de que poucos são os estudos na área de teatro paranaense. Salvo exemplos isolados que conseguiram clarear um pouco mais as produções locais, a história do teatro paranaense necessita

ainda de muito trabalho e pesquisa. O Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná, tem fomentado essas produções. Foi a partir dos estudos literários que se disponibilizaram alguns poucos trabalhos na área em questão. Pesquisadores conscientes e preparados prestaram, e prestam, sua contribuição à memória intelectual do Estado. A história da Fundação Teatro Guaíra já possui estudos preliminares; o teatro curitibano de 1981 a 1995 já possui registro; vários atores, atrizes e diretores já possuem seus perfis, no entanto, o maior festival de teatro do Brasil, que acontece anualmente na cidade de Curitiba, ainda não possui nenhum registro acadêmico. A *Calvin*, empresa produtora do Festival de Teatro de Curitiba, não dispõe de metodologia específica para o arquivamento dos documentos acumulados ao longo de uma década de Festivais. Não há, por parte dos produtores, qualquer preocupação com a conservação desse material. Parte dele poderia fazer parte do acervo da história do teatro paranaense, e por que não dizer do teatro brasileiro, já se perdeu. Fotos, programas e textos dos mais variados espetáculos já desapareceram.

Este estudo pretende trazer a história da dramaturgia, apresentada por um festival, na última década do século XX. Para tanto, estaremos mapeando através de levantamento minucioso, os elementos que caracterizaram cada edição do Festival - a história das várias diretrizes tomadas pelos encenadores e pelos dramaturgos serão aqui percebidas a fim de dar identidade a cada uma das experiências teatrais ocorridas .

Nos últimos dez anos, período de realização do Festival de Teatro de Curitiba, muita coisa mudou em relação à produção teatral de anos anteriores. O evento que se iniciou em 1992 com 11 espetáculos contou, em 2001, com cerca de 133, contabilizando um total de 394 encenações oficiais, mais 10 associadas . Nesse número incluem-se dramaturgos do mundo inteiro; diretores das mais variadas linhas; atores das mais diversas formações, e técnicos das mais respeitadas qualificações. Esse universo, composto por seres tão especializados, é o responsável por mais de 100 espetáculos novos em cada edição do Festival; contemporâneos , clássicos, modernos, surrealistas, inovadores, conservadores, criadores ou quaisquer outros adjetivos que

queiramos lhes atribuir . Esses homens ajudam a tecer a trama histórica do teatro brasileiro do final do século XX e início século XXI.

Dentro dos objetivos em que este trabalho se insere, tentaremos estabelecer não só balizas para fundamentar futuras discussões e ensaios acerca do tema, como também, perceber linguagens teatrais tidas como contemporâneas. Tomando, como pressuposto, o registro das mais diversas formas de pensar e apresentar o texto dramático, o que este trabalho pretende é tornar essas experiências conhecidas de um público maior. Tirar do âmbito local essas experiências e deixá – las disponíveis aos estudos acadêmicos ou não, e por conseguinte aos questionamentos e ampliações . Para tanto, se faz necessário esforço no sentido de levantar as informações possíveis que envolvem o Festival. Cada peça teatral é composta não só por atores e diretores, mas por uma gama grande de profissionais, muitas vezes desconhecidos e, conseqüentemente, esquecidos. São os co-autores de uma obra apresentada ao leitor. Aqui, todos eles, independentemente do lugar que ocupem na constelação, serão nomeados. As obras teatrais levadas a público através dos inúmeros palcos da cidade de Curitiba podem ajudar a composição da história do teatro paranaense e revelar características culturais do povo do Paraná. Mas, independente do que elas desencadeiem ou consigam, é sabido que registram a trajetória daqueles que pensaram a dramaturgia sobre os palcos de um festival . A literatura dramática levada ao palco está sendo consumida por um número cada vez maior de leitores-espectadores, portanto, fazer este registro é compor acervo necessário para a investigação desse comportamento.

Além dos aspectos históricos, no momento de conclusão, este trabalho também pretende avaliar o que isso representa, em termos de recepção e contribuição à população em geral. Sendo assim algumas questões nortearão essa conclusão: Quais são as reais dimensões desse Festival ? Qual é a importância de um evento dessa proporção para a população local ? Os aspectos literários não são suprimidos em função dos aspectos mercadológicos ? O Festival dispõe de uma política para a formação de platéias ?



Foram perguntas norteadoras da pesquisa. Encontramos respostas parciais. Nem por isso perderam a relevância. A elas tentaremos responder com os dados recolhidos ao longo de 5 anos pesquisa e 10 anos de história.

## 2 A PONTE : DAS ORIGENS DO TEATRO AO FESTIVAL DE CURITIBA

O formato dos festivais de teatro conduz o pesquisador a buscar um contexto histórico que auxilie a montar um quadro de apresentação minimamente esboçado. Para tanto, nos deparamos com a mais primitiva e fecunda, das experiências teatrais: o teatro grego. Observando a importância de cada uma dessas atividades em seu tempo, vamos perceber que lançar os olhos sobre a Antigüidade Clássica é imprescindível na tentativa de pontuar questões contemporâneas do teatro universal, e, por consequência, brasileiro. Ao analisarmos as peculiaridades de cada época, percebemos que elas possuem algumas semelhanças, embora sejam experiências separadas por séculos .

Descobertas relativamente recentes, a que se associaram os nomes dos pesquisadores Etienne Drioton e Kurt Sethe, deram conta da existência de representações litúrgicas no Egito antigo, provavelmente de 2.000 a 3.000 anos a.C., confirmando assim indicações do historiador grego Heródoto (c.484-c.420 a.C.). Do que foi recuperado até hoje, das formas teatrais do Egito, o chamado *Drama da Paixão de Osiris* é o que tem estado menos sujeito a dúvidas. Trata – se de um papiro que contém as anotações de uma espécie de mestre de cerimônias, de nome Ikhernofret, e descrevem um ritual de representação da morte e esquartejamento de Osiris, seguido da nova junção dos seus membros por Ísis e Hórus. O texto de Ikhernofret corresponde ao período entre 1887 e 1849 a.C., mas a prática litúrgica parece datar de muito antes. Esses e outros indícios não têm permitido deduzir, entre as modalidades egípcias de representação, outra idéia que ultrapassa a da liturgia. Mas nenhuma

evidência até agora pôde privar a Grécia do privilégio de ter dado ao mundo a imagem completa da arte teatral, e de tê-la elevado a um grau de perfeição poucas vezes atingido em momentos ulteriores da história da Humanidade.

É na Grécia, pois, que o teatro e o drama, como hoje os conhecemos no Ocidente, assumem feição definitiva. Com raízes também religiosas, o teatro grego, nascido do culto a Dionísio, chegou à Grécia através da Trácia e da Frígia e lá associou-se à vindima e ao ciclo das estações do ano; e se implantou em Atenas e na sua região, sob resquícios de antigos cultos da natureza, comuns em todo o mediterrâneo Oriental.

Instituíram-se, fundamentadas nesse culto, as Pequenas e Grandes Dionisiacas, festas em honra a Dioniso, que passaram a ser celebradas cada vez mais freqüentemente no mundo grego. É importante ressaltar aqui que, desde a mais remota antigüidade, poetas populares percorriam a Grécia recitando cantos épicos e participando de concursos públicos. São as contribuições dessa atividade que irão compor, mais tarde, o repertório de mitos e lendas do teatro grego.

São da Grécia, também, as primeiras notícias de concursos dramáticos. Os mais antigos datam do final do sexto século antes de Cristo. Tais certames eram realizados em Atenas uma vez por ano, por ocasião das festas dionisiacas, na primavera. No início, a admissão dos assistentes era gratuita, mas quando os espetáculos tornaram-se dispendiosos, fez-se necessário cobrar um pequeno ingresso. Péricles instituiu um fundo público, o *theorikón*, destinado a possibilitar aos pobres a entrada nos teatros. Mas, a vida teatral na Grécia não se limitou a Atenas e aos seus festivais. Concursos dramáticos realizavam-se também nos principais distritos da Ática, onde se

representavam tragédias e comédias, que haviam iniciado a sua carreira na maior das cidades gregas. Exemplo disso é o *Simpósio* de Platão que comemora a vitória de uma tragédia de Agatão, no Pireu.

Os concursos dramáticos, no apogeu da tragédia e da comédia, foram assunto de Estado, cabendo ao Arconte Epônimo supervisionar as competições da primeira, e ao Arconte Basileu, as da segunda. Os poetas encaminhavam os textos ao Arconte e ele procedia à seleção de três candidatos, cada um concorrendo com uma tetralogia, no caso da tragédia; ou seja, uma trilogia de textos trágicos, relacionados entre si ou não, mais um drama satírico. Os ricos de Atenas contribuíam para a seleção pois, de certa forma, financiariam os futuros espetáculos; a isso denominava-se *liturgia*.

Dos quatro festivais dionisiacos anuais realizados em Atenas, eram importantes, em ordem de realização, o segundo e o quarto. O segundo no calendário era a Dionisiaca Rural, realizada no mês de *Posêidon*, correspondente a dezembro e janeiro; e o quarto, a Dionisiaca Urbana ou Grande Dionisiaca, realizada em *Elaphebolión*, correspondente a março e parte de abril, era consagrado à tragédia e o mais importante de todos.

Coincidência ou não, o Festival de Teatro de Curitiba também se realiza no *Elaphebolión*, ou seja, nos meses de março e abril, no mesmo período das antigas Grandes Dionisiacas . Esta opção pelos meses de março e abril partiu de um estudo minucioso desenvolvido pelo grupo de novos empresários que queria promover o primeiro festival de teatro na cidade de Curitiba. Nesse estudo, constatou – se que o calendário de festas da cidade de Curitiba tinha uma grande lacuna. Se para os meses anteriores e posteriores já havia programação, em março e abril nada constava. Por

isto, neste exato período, tem sido promovido o Festival de Teatro de Curitiba. Além de buscar, através do trabalho de *marketing*, a fixação para as datas do evento, o grupo de empresários criou um *slogan* que sintetizava a concepção geral: *Fevereiro tem carnaval, março tem festival*.

A semelhança com o teatro grego também é percebida em relação à participação efetiva da companhia no Festival de Curitiba. O envio dos textos a uma comissão para fazer parte do processo seletivo é prática presente em ambas as manifestações, *FTC* e Grandes Dionisiacas. Ambas possuem critérios para seleção, embora com características distintas. Faz-se também importante ressaltar que cada uma dessas atividades possui características próprias, levando em conta, cultura, época, linguagens e vida social. A aproximação destas duas manifestações dá – se apenas no campo da dramaturgia, pois, ao nos aproximarmos, perceberemos o quanto são distintas. É importante ressaltar que, historicamente, a experiência do Festival de Teatro de Curitiba, deve – se muito às experiências anteriores com festivais teatrais, inclusive os do mundo grego. Se a semelhança não pode ser absoluta, a inspiração é notável.

### 3 DO PERÍODO QUE ANTECEDE O FESTIVAL À CONCRETIZAÇÃO DO FORMATO DO EVENTO.

Caminhando debilitadas por conta da falta de incentivos, era de se esperar que as produções culturais realizadas no país, fossem se deparar com os obstáculos impostos pelos anos noventa. Já no início da década, a classe artística do país é tomada de súbito por acontecimentos, no mínimo, desanimadores. No dia 15 de março de 1990, Fernando Collor de Melo assume a Presidência da República. Dias depois, implanta o Plano Collor, que faz desmoronar quaisquer projetos dos investidores brasileiros para o teatro. O seqüestro do dinheiro das cadernetas de poupança trouxe conseqüências maléficas aos brasileiros. Ninguém sabia o que ainda estava por vir. Posteriormente a EMBRAFILME, a FUNARTE, e o INACEN seriam extintos e a classe artística mais uma vez ficaria desamparada.

Em Curitiba, a Prefeitura Municipal coloca em vigor a nova Lei Orgânica do Município. Surgem ações culturais empreendedoras<sup>2</sup>. Nos anos seguintes, algumas tentativas, apesar de poucas, são bem sucedidas. O projeto *Shakespeare no Parque* causa impacto e é aceito com bons olhos pela população curitibana. Dirigida por Marcelo Marchioro, *Sonho de uma noite de verão*, peça que encabeça o projeto, chega a atingir 113 apresentações, porém o cenário local permanece morno no que diz respeito a novas montagens. O teatro se caracteriza, naquele momento, por algumas experiências feitas pelos grupos locais ou por montagens vindas do eixo Rio-São Paulo.

Em 1991, os estudantes Carlos Eduardo Bittencourt ( 22 anos), Cássio Chamecki ( 20 anos), César Heli Oliveira (22 anos), Leandro Knophfolz (18 anos), e Victor Aronis (28 anos) tinham pelo teatro apenas uma grande admiração. Mesmo não possuindo as credenciais que o meio artístico exigia<sup>3</sup>, começam a dar forma a um

<sup>2</sup> “Palco de estréia de sete peças de teatro, nove shows musicais e do lançamento de quatro LPs – todos com grandes nomes – Curitiba faz jus à antiga fama e reacende a polêmica sobre o laboratório nacional das artes”. FONTE: GERONASSO, E. O show começa aqui. *Veja Paraná*, Curitiba, 16 out. 1991.

<sup>3</sup> “Os sócios são mauricinhos legítimos, jovens, bonitos, rosados, robustos, roupas de grife. Mas em vez de perambular pelos *shoppings* e *points* similares, inauguraram um novo gênero de mauricinhos, os mauricinhos culturais”.

FONTE: JORNAL DA TARDE. São Paulo, 27 dez. 1991.

sonho - promover um Festival de Teatro na cidade de Curitiba. Em comum possuíam uma paixão que os unia – o novo.

Nascido no Estado do Rio Grande do Sul, Victor Aronis, líder do grupo, é descendente da colônia judaica e desde os nove anos de idade já era amigo de Cássio. Acostumado a promover os encontros da comunidade judaica, veio para Curitiba a convite da comunidade. Também desempenhando a função de coordenador do movimento juvenil da comunidade, Victor realizava trabalhos com crianças e jovens e ao mesmo tempo acumulava a função de Diretor Executivo da Federação Israelita. Dessas atividades de organizador de encontros, acampamentos e festivais de dança da comunidade, Victor Aronis e seus companheiros tiraram o que podemos chamar de *know-how* para a experiência do 1º Festival de Teatro de Curitiba.

A idéia do Festival de Teatro de Curitiba surgiu a partir do questionamento do grupo em relação ao que a cidade de Curitiba oferecia em termos de diversão. Além da música, segundo Victor<sup>4</sup>, a cidade não oferecia outras opções culturais.

Tendo definida a idéia do festival, mas não possuindo os contatos e os conhecimentos para a concretização dessa empreitada, começaram a realizar as primeiras tarefas que lhes pareceram prioritárias. Cássio morava em São Paulo e possuía contatos por lá. A teia de relações começou a se fortalecer e a idéia do Festival foi tomando forma.

A proposta inicial era que o evento fosse competitivo, porém, com a evolução e o amadurecimento da idéia, o grupo percebeu que desse modo a proposta não funcionaria. O formato deveria ser outro. Aos poucos, eles foram abandonando as idéias de festivais universitários, alternativo, ou meramente técnicos. Prevaleceu, então, o modelo “vitrine”. Em 1991, o projeto estava definido e os passos a serem dados estavam mais definidos.

O apoio para o projeto era a palavra de ordem. Diante da constatação de que o festival era possível, o grupo começa a perceber as barreiras a enfrentar. Além de ser desconhecido no meio artístico, o grupo necessitava encontrar não somente alguém que confiasse nos talentos emergentes, mas, acima de tudo, alguém que apostasse na

---

<sup>4</sup> ARONIS, V. Entrevista concedida ao pesquisador. Curitiba, 27 set. 2000.

idéia. Apostar nessa idéia significava investir dinheiro, e muito dinheiro, afinal o formato necessitava de uma quantidade generosa dele. Era setembro de 1991.

O apoio veio do Banco Bamerindus, através do diretor de *marketing* do banco, Sérgio Reis, que percebeu a dimensão da idéia e da responsabilidade para administrá-la. Para dar embasamento técnico e credibilidade aos novos empresários, surge o nome de Yacoff Sarkovas, produtor teatral paulista, responsável por montagens bastantes expressivas naquele momento. Sarkovas é nomeado diretor artístico do Festival, assessorado pelos críticos teatrais Alberto Guzik e Macksen Luís. Essa comissão tinha como tarefa definir o formato do festival.

No início das reuniões do grupo, a escolha de espetáculos girava em torno das maiores bilheterias do país, depois passaram aos espetáculos consagrados pelo público e pela crítica e, como outra opção, os espetáculos com linguagens novas. A comissão curadora, na época formada pelos críticos Alberto Guzik e Macksen Luís e pelos cinco jovens empresários que compunham a comissão organizadora e produtora do Festival, definiu que a primeira edição teria a figura do encenador como centro das apresentações. Definida essa fase, surge a próxima questão: - Onde será o Festival? A primeira, e única, resposta na época era o Teatro Guaíra.

Ao procurar Roberto Requião, então governador do Estado, a resposta foi taxativa: “Se o Bamerindus for o patrocinador do evento, esqueçam o Guaíra<sup>5</sup>”. Houve um período conturbado nas negociações, mas o veredicto final é que o festival realmente não poderia ser realizado no Teatro Guaíra. Era outubro de 1991.

No decorrer do período, animados para a realização do evento, os jovens empresários procuraram Jaime Lerner, então Prefeito de Curitiba. O contato se deu através de Ilana Lerner, amiga pessoal do grupo, em função das atividades que desenvolviam juntos na comunidade judaica. A essa altura das tramitações, os empresários resolvem *abrir o coração*<sup>6</sup> para o então Prefeito. Após ouvi-los, Jaime Lerner constatou que o mais difícil de obter já possuíam, o patrocinador. Por isso o local para os espetáculos era menos difícil para conseguir.

---

<sup>5</sup> Id.

<sup>6</sup> loc. Cit.



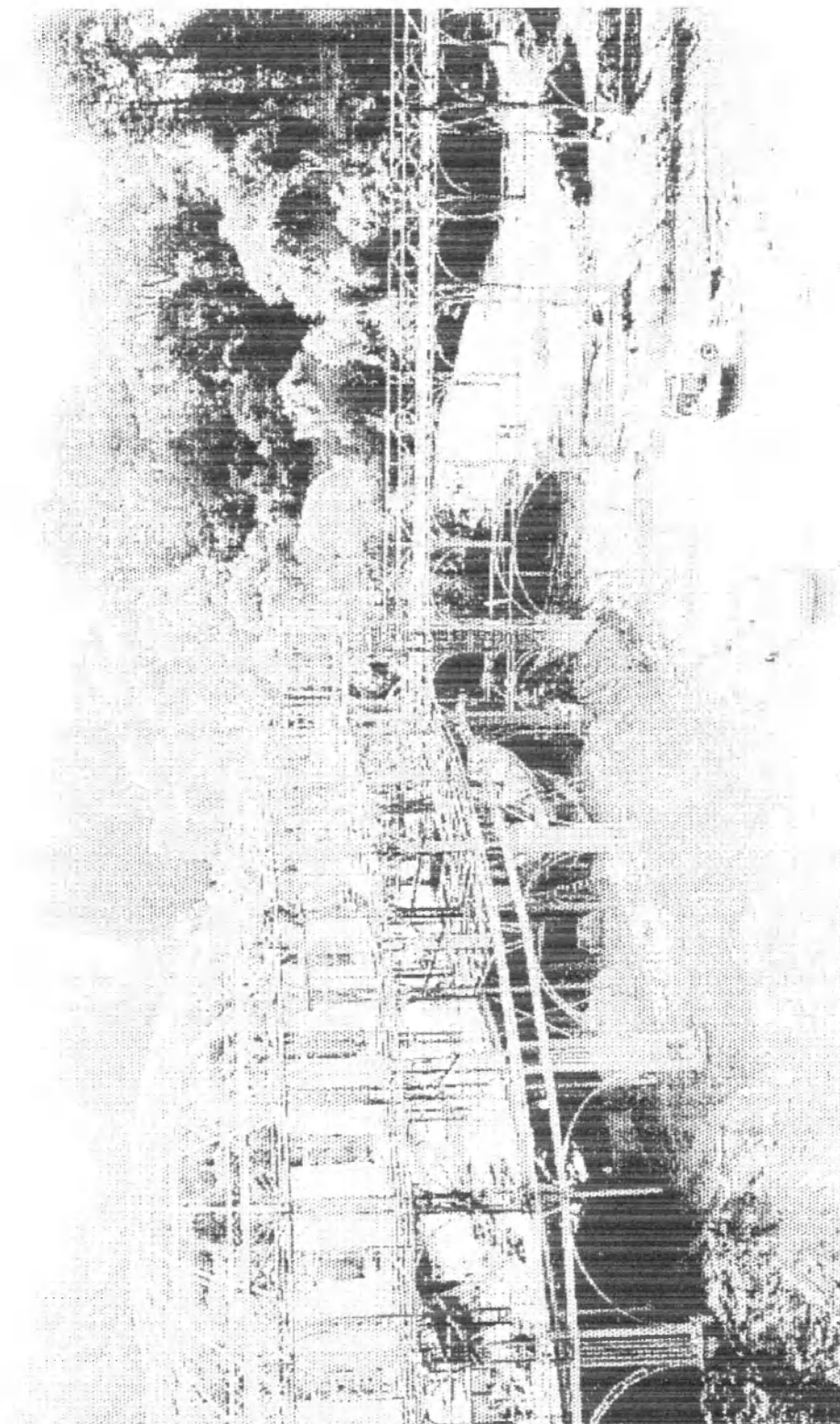
Na seqüência das conversas, Jaime Lerner expôs aos empresários a intenção de construir um teatro novo na cidade durante a sua administração. No entanto, o projeto não seria para tão breve. Porém, dada a situação, ficou acertada com o então Prefeito, a realização antecipada da obra.

Conta Victor Aronis que Jaime Lerner esboçou num guardanapo de papel o que se tornaria quatro meses depois um dos maiores espaços cênicos do país - o Teatro Ópera de Arame<sup>7</sup>. Ainda era o mês de outubro de 1991.

---

<sup>7</sup> “Prefeitura constrói novo teatro com 2500 lugares em Curitiba”.  
FONTE: FOLHA DE SÃO PAULO. 29 nov. 1991.

FIGURA 1 - CONSTRUÇÃO DO TEATRO ÓPERA DE ARAME



Tendo garantido o espaço cênico para a realização do Festival, os jovens empresários voltaram ao patrocinador oficial e disseram que já possuíam o teatro, embora ele ainda tivesse de ser construído. O tempo era, a partir daquele momento, o maior inimigo do grupo.

Além da promessa da construção do novo teatro, a *Arte de Fato*<sup>8</sup> só possuía outras poucas e restritas opções para um Festival que se pretendia grande<sup>9</sup>. Tudo que restava na cidade, em termos de espaços cênicos, não se comparava à amplitude, respeito e tradição representados pelo Teatro Guaíra. Os espaços eram muito pequenos, sem estrutura para um festival. A alternativa que restava aos produtores era, criar novos espaços cênicos ou reavivar os pequenos existentes. A produção permaneceu trabalhando até que constatou outro problema, e desta vez considerável – iria faltar dinheiro. Mesmo com o apoio dado pela Fundação Cultural de Curitiba<sup>10</sup>, que na época tinha Lúcia Camargo como Presidente, e com outros incentivos que recebiam, para a *Arte de Fato*, seria difícil conseguir realizar a idéia com a quantia inicialmente proposta. Seria difícil também da mesma forma, conseguir maior credibilidade para obter recursos junto aos meios burocráticos. Restava a última alternativa: procurar novamente o Banco Bamerindus e fazer nova solicitação.

Inicialmente, o Bamerindus investiu 350 mil dólares e depois mais 84 mil dólares, totalizando algo em torno de 434 mil dólares. Ao final, o número apurado girou em torno de 450 mil dólares. Esse investimento inicial de 350 mil dólares por parte do Banco Bamerindus estava firmado em papel, porém a segunda parcela dos recursos não estava totalmente garantida; mesmo assim a *Arte de Fato* seguiu com o projeto. A promessa verbal do Bamerindus levou os jovens empresários a continuar realizando as etapas do projeto inicialmente definido. Este projeto também foi apoiado politicamente por Rafael Greca, na ocasião, concorrendo a uma vaga como candidato

<sup>8</sup> Primeiro nome dado à empresa produtora do *FTC*.

<sup>9</sup> DIÁRIO CATARINENSE. Produção aposta alto no Festival. Florianópolis, 11 dez. 1991.

<sup>10</sup> Apesar do apoio o I Festival de Teatro de Curitiba foi realizado sem a Lei de Incentivo à Cultura. Os recursos vieram de outras fontes.

a deputado, além de estar empenhado nas comemorações dos 300 anos da cidade de Curitiba. A procura de boas idéias para as comemorações fez com que ele apoiasse o empreendimento.

A *Arte de Fato* também discutiu o porquê da realização do festival em Curitiba e não em outra cidade. Havia cidades com mais tradição na produção teatral, como o Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo. Coube ao critério quantitativo de público a definição<sup>11</sup>.

As críticas negativas ao Festival e ao grupo de rapazes, tecidas por parte da classe artística curitibana, não os intimidou. Desde os primeiros momentos, mesmo sob forte acusações pela falta de conhecimento na área e principalmente pelo esgotamento dos recursos, supostamente sugados dos demais, a *Arte de Fato* percorre todos os caminhos para levantar o dinheiro necessário. O apoio financeiro para a realização do primeiro festival veio através do patrocínio do Banco Bamerindus, mas o apoio do Estado só veio nos anos seguintes. A não ser pela construção do Teatro Ópera de Arame como incentivo, o apoio do Estado aos jovens empresários só se tornará mais intenso e efetivo posteriormente.

A credibilidade do empreendimento foi construída por meio dos mais variados recursos. Como já possuía alguns contatos em São Paulo, Chamecki conseguiu produzir um vídeo que mostrava a importância de um festival destas proporções para Curitiba e para o país. Este vídeo era usado na tentativa de convencer empresários de outros setores a acreditar na proposta. Além dos demonstrativos numéricos, o vídeo continha ainda depoimento de artistas como Paulo Autran, Guilherme Karam e Marília Pera. A locução era de Paulo Betti. Todos que trabalharam para a produção do vídeo não cobraram cachê.

Depois de um longo período de pré-produção, pessoas ligadas ou não ao evento, jornalistas, políticos, atores e público, começam a receber os convites para o lançamento público do Festival<sup>12</sup>, e, na noite de 9 de dezembro de 1991, é efetivada

<sup>11</sup> “A escolha obedeceu a critérios estatísticos, tudo a partir de um sintomático dado de pesquisa. Dois por cento dos brasileiros costumam ir ao teatro. Em Curitiba esse número cresce para quatro por cento”.

FONTE: O GLOBO. Rio de Janeiro, 9 nov. 1991. Segundo Caderno, p. 3.

<sup>12</sup> O ESTADO DO PARANÁ. O convite é teatralizado. Curitiba, 27 nov. 1991. Almanaque, p. 21.

no Aeroanta<sup>13</sup>, a criação do I Festival de Teatro de Curitiba. Na festa estavam presentes, entre outras pessoas, os diretores teatrais José Celso Martinez Correa, Antunes Filho, Gabriel Vilella, Cacá Rosset, Moacyr Góes e Enrique Diaz, os atores Maria Alice Vergueiro, Leon Góes e Antônio Nóbrega, os cenógrafos José de Anchieta e Romero Andrade Lima e o produtor artístico do evento Yakoff Sarkovas. Na ocasião, houve discurso do diretor de *marketing* do Bamerindus, Sérgio Reis, e da Secretária Municipal da Cultura, Lúcia Camargo, entre outros.

Enfim na noite de 19 de março de 1992, Curitiba assistiu a dois acontecimentos novos: a inauguração do Teatro Ópera de Arame e a estréia do 1º Festival de Teatro de Curitiba.

---

<sup>13</sup> Casa de shows de grande prestígio na época.

FIGURA 2 – FESTA DE LANÇAMENTO DO FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA

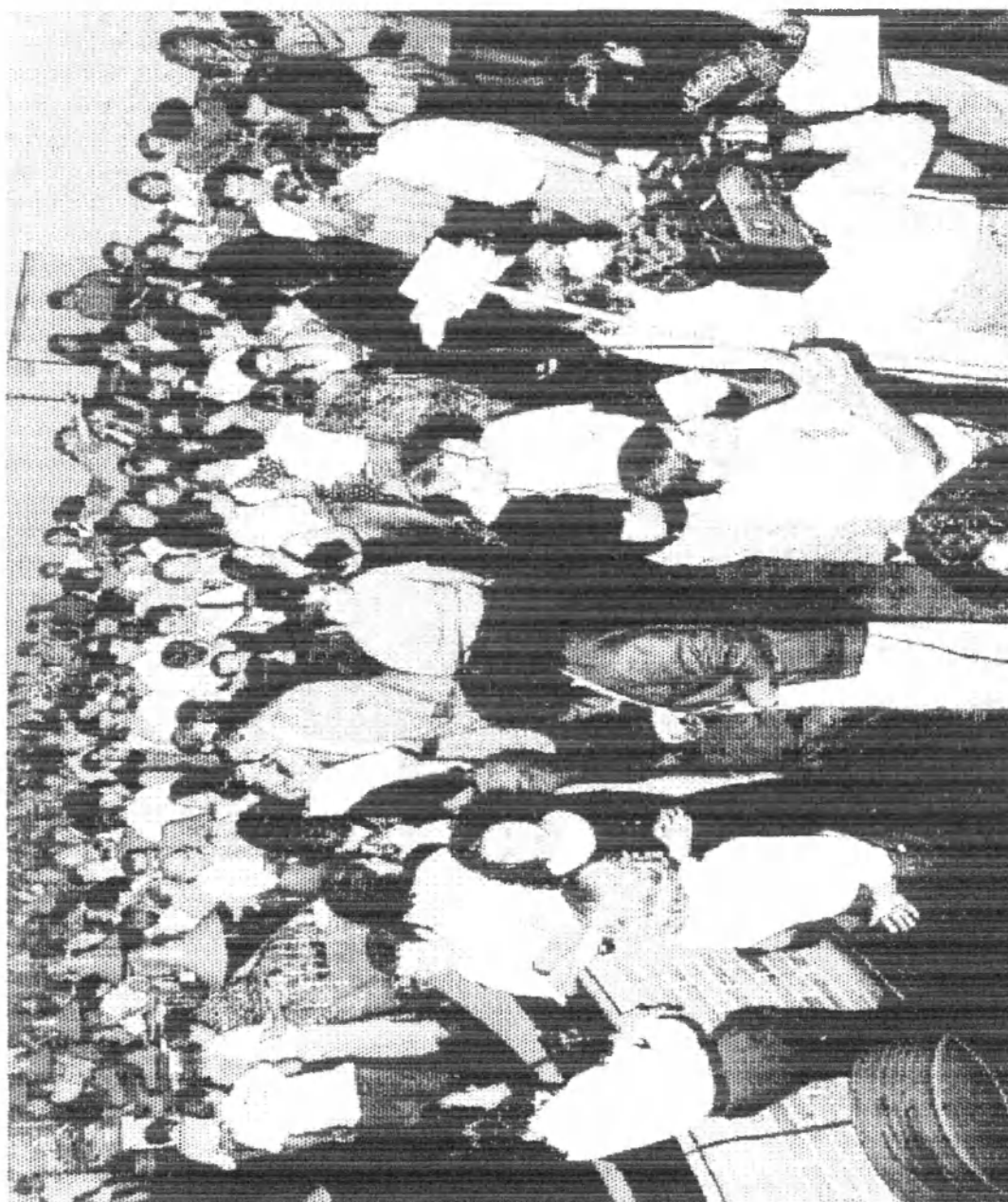


FIGURA 3 – GRUPO DE PESSOAS ENVOLVIDAS NA ORGANIZAÇÃO DO 1º FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA



## 4 REVISÃO DAS EDIÇÕES DO FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA 1992-2001.

### 4.1 SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO : O 1º FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA<sup>14</sup>

No dia 29 de março de 1992, o sonho de um grupo de rapazes está no palco. É a primeira noite do Festival de Teatro de Curitiba. Superando as dificuldades impostas pela falta de experiência, e até mesmo pela falta de apoio, os cinco rapazes estudantes dão uma demonstração do que seria o Festival de Teatro de Curitiba. A pompa apresentada na noite de estréia do Festival já demonstrava a força política do evento. A presença do prefeito Jaime Lerner e seus companheiros políticos confirmava o fato.

Marcante e significativa foi a quantidade de diretores teatrais presentes. Conforme a *Arte de Fato* já havia publicado, pretendia-se reunir em Curitiba cerca de doze dos mais conceituados encenadores brasileiros. No entanto, pensar nesta quantidade de profissionais, de alto valor artístico era algo utópico para a população de Curitiba. Porém, como os produtores já haviam definido isso em metas, lá os puseram. Os organizadores do Festival de Teatro de Curitiba já haviam previsto esses fatos. A falta de credibilidade levantada pelo meio artístico de alguma maneira os incomodava, assim, era necessário que se fizesse algo para calar a voz dos descrentes, e conquistar os ressabiados. A colocação de tantas figuras importantes num mesmo lugar, e essa prática aconteceu também em outros momentos, inclusive na festa de lançamento, é certamente uma das estratégias do *marketing* desenvolvido para o evento. O fato é que as pessoas ligadas à classe teatral ficaram impressionadas. Os jornais, conforme será apresentado nas críticas ao longo do primeiro e dos demais subcapítulos, também demonstraram admiração diante desse feito. Um deles chegou a denominar essa presença coletiva de *constelação de estrelas*<sup>15</sup>. O cumprimento desse objetivo garantiu a primeira boa impressão do evento. Era necessário mostrar força

<sup>14</sup> O 1º Festival de Teatro de Curitiba aconteceu de 19 a 29 de março de 1992, portanto, não mais serão mencionado o mês e o ano das apresentações dos espetáculos que serão descritos, apenas as datas e horários.

<sup>15</sup> O GLOBO. Rio de Janeiro, 11 dez. 1991.



não só aos habitantes da cidade, mas principalmente àqueles que vinham aqui pela primeira vez. Algumas iniciativas foram tomadas para encher os olhos das estrelas que passaram por aqui naquele ano: festas recheadas de políticos influentes, teatros lotados, cachês garantidos, patrocinadores de peso e o *marketing* de cidade modelo. Nos dias que seguiram à estréia do Festival 547 matérias foram publicadas na mídia impressa; foram realizados mais de 245 minutos de cobertura jornalística de rádio e televisão e dezenas de manifestações pessoais de apoio chegaram aos produtores. Era o Festival de Teatro de Curitiba conquistando o espaço no calendário da cidade. Era o palco se iluminando.

#### 4.1.1 A Temática<sup>16</sup>

Nesta primeira edição, o Festival focaliza o teatro pelo ângulo da direção, reunindo trabalhos de treze dos mais destacados encenadores brasileiros. Como já descrevemos acima, todos os anos o Festival de Teatro de Curitiba terá uma espécie de tema gerador. É a partir deste tema gerador que serão realizados os trabalhos da curadoria no sentido de selecionar os espetáculos que farão parte da *Mostra Oficial*. O evento de 1992 também trouxe um dos grupos responsáveis pela transformação do teatro argentino contemporâneo. Esse grupo, assim como todos os demais, estará em detalhes ao longo do levantamento dos espetáculos do primeiro Festival. É importante ressaltar que trabalhamos com todos os espetáculos que aconteceram no Festival de Teatro de Curitiba. Assim, é possível que o leitor encontre aqui a descrição de uma montagem que não figurava no programa da *Mostra Oficial*. Para nós, se o espetáculo aconteceu, e estava relacionado com o Festival, seja como extra-mostra ou como programação associada, é motivo para que seja registrado. O leitor será informado quando isso acontecer. Além das apresentações dos espetáculos, foram promovidos cursos, palestras, seminários, mostras e exposições de vídeo e fotografia.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> “Para mostrar que o Brasil produz um dos melhores teatro do mundo, o Festival de Curitiba vai reunir em março 14 espetáculos de grandes encenadores do País”

FONTE: GOES, M. Curitiba põe a qualidade do teatro em vitrine. *O Estado de São Paulo*, 11 dez. 1991. Caderno 2, p. 10.

<sup>17</sup> Informações colhidas na contracapa do suplemento publicitário que circulou para a divulgação do Festival.

Percebemos que esse tipo de preocupação pedagógica existiu desde a primeira versão do Festival de Teatro de Curitiba. Talvez a necessidade de mão-de-obra especializada para a realização do evento justificasse tal fato, pois, ao longo do trabalho, vamos perceber que o número dos profissionais específicos para teatro utilizados pelos produtores nas montagens, salta de pouco mais de quatrocentos em 1992, para mais de dois mil e quinhentos em 2001.

#### 4.1.2 Os Curadores

O primeiro Festival não apresenta curadores, mas uma lista de profissionais envolvidos, com diferentes funções:

Direção administrativa: *César Héli Oliveira*

Direção operacional: *Leandro Knopfholtz*

Direção Sucursal de São Paulo: *Cássio Chamecki*

Direção de infra-estrutura: *Victor Aronis*

Coordenação técnica: *Andiara Zuccherelli*

Assessoria de programação: *Alberto Guzik e Macksen Luiz*

Comunicação: *Innovator*

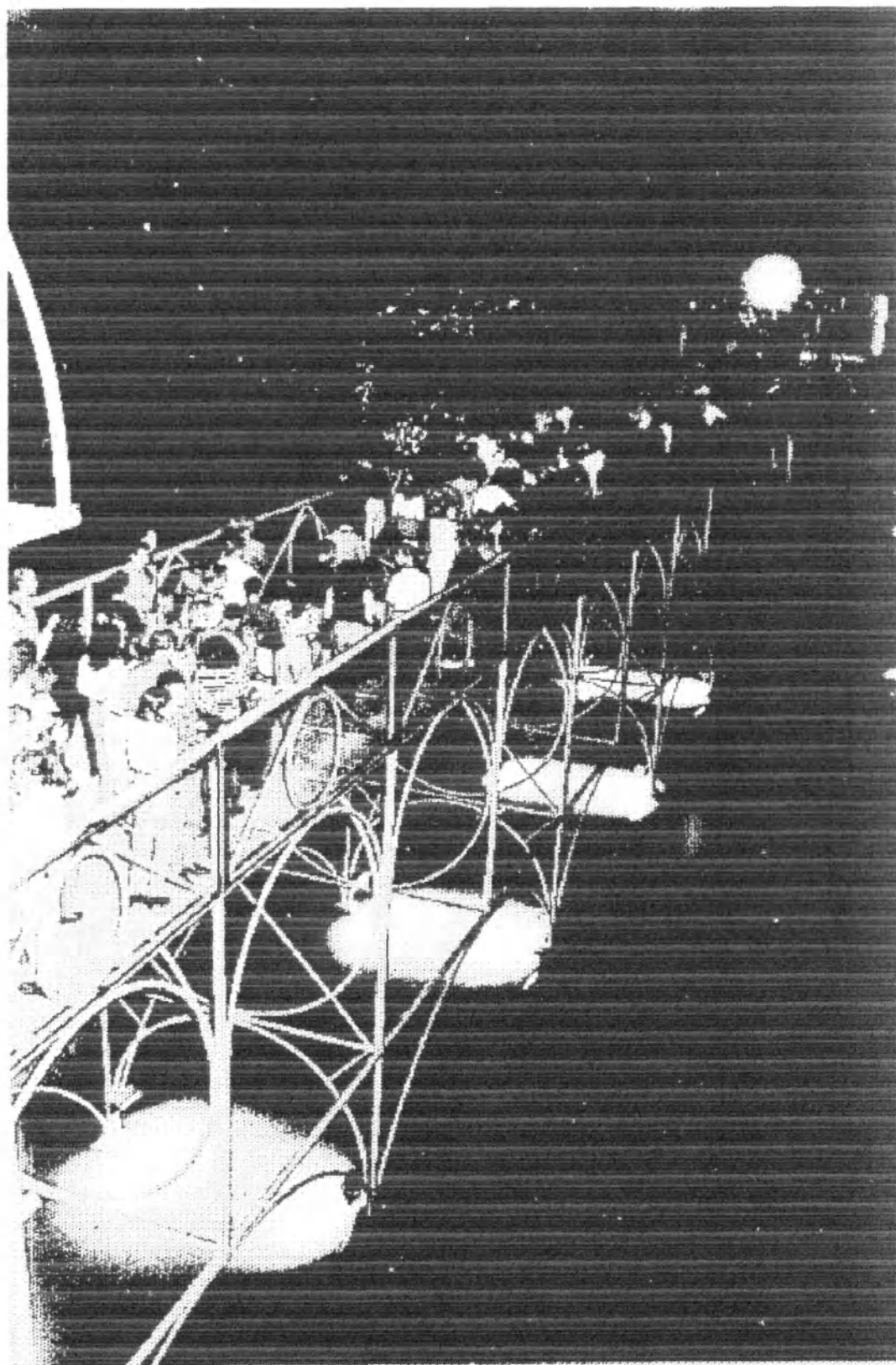
Assessoria de imprensa: *Singular agência de notícias*

Curadoria de mostra de vídeo: *Aimar Labaki*

Curadoria da exposição e coordenação da oficina de fotografia: *Lenise Pinheiro*

Coordenação da oficina de crítica: *Associação brasileira de críticos e pesquisadores em Artes Cênicas*

FIGURA 4- NOITE DE INAUGURAÇÃO DO TEATRO ÓPERA DE ARAME



### 4.1.3 Os espetáculos

#### 4.1.4.1 SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Cacá Rosset*

Elenco: *Grupo Ornitorrinco*

Local: *Teatro Ópera de Arame*

Dias: *19, 20 e 21 às 21h30*

##### - O texto

Numa concepção onírica das fadas e das forças da natureza, este texto de William Shakespeare, que discute o poder dos sonhos e da fantasia, Cacá Rosset mantém suas características irreverentes. A peça, que abre o Festival de Teatro de Curitiba, inaugura também um novo da cidade, a Ópera de Arame.

##### - A Crítica

A peça havia sido objeto de reportagens nos mais diversos jornais americanos por ocasião da estréia, em junho de 1991, ao ar livre, no Central Park, em New York. Dentre os vários elementos que compunha a visão onírica do diretor, estava a nudez das atrizes que faziam parte do elenco. Com um cenário gigantesco, a peça teve dificuldades de chegar ao Brasil. O espetáculo foi apresentado em Santo André, cidade paulista, depois chegou ao Festival de Teatro de Curitiba. A crítica brasileira criou as mesmas expectativas que a americana em torno do elementos cênicos da montagem. Há um predomínio de referências à nudez das atrizes na peça.

FONTES:

LOPES, Adélia Maria. Cacá Rosset vem inaugurar Ópera de Arame. *O Estado do Paraná*, 10 nov. 1991. Almanaque, p.1.

JORNAL DO ESTADO. Polêmica e sonho são os ingredientes do Festival de Teatro de Curitiba. Curitiba, 10 dez. 1991. Espaço Dois, p.1c.

##### - Observações

Formado em direção pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) no início da década de 70, no começo de sua carreira Cacá Rosset demonstrava verdadeira obsessão por Bertolt Brecht. Características do dramaturgo alemão, a irreverência, a destreza para a polemica e a agressividade – infiltraram-se no jovem diretor e tomaram-se marca do Teatro do Ornitorrinco, grupo que ele fundou em 1977. Cacá e o Ornitorrinco ocuparam lugar definitivo no teatro brasileiro com a livre adaptação de *Ubu-Rei*, de Alfred Jarry. Em *Sonho de uma noite de verão*, o diretor reafirmou seu gosto pelo circo e pela provocação.

#### 4.1.3.2 ROMEU E JULIETA<sup>18</sup>

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Moacyr Góes*

Elenco: *Cia de Encenação Teatral*

Local: *Teatro da Retórica*

Dias: *20 e 21, às 21h30*

##### - O texto

Estréia nacional do mais recente espetáculo dirigido por Moacyr Góes que, neste texto de Shakespeare, integra a poética à tragicidade. A história do casal separado por divergências familiares serve à discussão da essência da tragédia como possibilidade narrativa.

##### - A Crítica

A crítica aprovou o espetáculo. Barbara Heliadora, tida como a maior autoridade de Shakespeare no Brasil, é quem assina a tradução do texto. Com 18 personagens em cena, o diretor usa alguns recursos já utilizados em montagens anteriores. Dentre eles, a música com batidas fortes de funk e rock. Os atores pulam nessa montagem ao som de Pink Floyd e Jethro Thull. Tais elementos dão ao espetáculo dinamicidade e atualização.

FONTES:

STYCER, Daniel. O amor em guerra civil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1991. 2º Caderno, p. 1.

HELIODORA, Bárbara. O desafio do tom mais adequado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1991. 2º Caderno, p. 1.

##### - Observações

Em pouco mais de cinco anos de carreira, Moacyr Góes já transferiu as dúvidas e problemas que a encenação contemporânea projeta no palco para universos tão diferentes quanto os de Brecht, em *Baal*, Guelrode, em *Escola de Bufões*, ou Sófocles, em *Antígona*. Seu mais recente trabalho é a direção de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, que tem estréia nacional durante a realização do Festival de Teatro de Curitiba. Com seu núcleo de trabalho, a Companhia de Encenação Teatral, instalado no teatro III, no Rio de Janeiro, Moacyr Góes experimenta as possibilidades teatrais na poesia da palavra, propondo questões próprias a cada uma de suas encenações.

#### 4.1.3.3 ARN

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Stella Miranda/ Intrépida Trupe*

Elenco: *Intrépida Trupe*

<sup>18</sup> Esta é a segunda ocorrência de texto do dramaturgo Willian Shakspeare no Festival de Teatro de Curitiba.

Local: *Espaço 5*

Dias: 20, 21 e 22, às 21h30.

- O texto

Espectáculo em que a “Intrépida Trupe” provoca o espectador com sugestões cênicas múltiplas, desenvolvendo sempre mais de uma ação ao mesmo tempo. É uma fusão de linguagens em que o bom humor se une à precisão técnica, numa divertida integração entre público e palco.

- A crítica

Não foi localizada.

- Observações

Criado em 1986, o grupo carioca Intrépida Trupe desenvolve pesquisas na área do malabarismo, da acrobacia e do espetáculo circense. Sintetiza sua linguagem cênica como “espetáculo aéreo acrobático-teatrais”. O teatro está na forma como o grupo torna cenicamente dramatizáveis as acrobacias, os números de trapézio e equilíbrio, como se verá no espetáculo *ARN*. A “Intrépida Trupe” vem de uma temporada de variedades em Stuttgart, na Alemanha, e no Festival Mundial do Circo de Amanhã, em Paris. Em ambos, teatralizando números circenses.

#### 4.1.3.4 O COBRADOR

- Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Beth Lopes*

Elenco: *Cia de Teatro em Quadrinhos*

Local: SESC da Esquina

Dia: 21, 22 e 23, às 21h30.

- O texto

Uma experiência hiper-realista na adaptação do conto homônimo de Rubem Fonseca, em que a violência cotidiana das megalópoles ganha uma tradução tão ácida quanto o estilo do escritor.

- A crítica

Não foi localizada .

- Observações

Alinhada com a melhor vanguarda do teatro paulista, Beth Lopes partiu do curso de interpretação e assistência de direção para a encenação de suas próprias idéias sobre textos

teatrais. Assinou sua primeira direção fazendo a versão original de Guimarães Rosa, com o grupo Boi Voador. Em 1990, Beth formou a Cia. De Teatro em Quadrinhos para a qual dirigiu, como peça de estréia, a adaptação de *O Cobrador*.

#### 4.1.3.5 A COMÉDIA DA ESPOSA MUDA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Paulinho Polika/Eid Ribeiro*

Elenco: *Grupo Galpão*

Local: *Largo da Ordem*

Dia: *22, às 11h30*

##### - O texto

A peça recorre aos elementos da *commedia dell'arte* e trabalha com o humor de modo notável. Ela transforma em circo a história de um homem que leva a médicos a mulher que não falava.

##### - A Crítica

Há uma ovação geral para o espetáculo. Autor, diretor e elenco são aclamados pela crítica. O espetáculo consagra o grupo Galpão mais uma vez.

FONTE: *O Estado de São Paulo*. Galpão prova que é mestre do teatro de rua. 28 out. 1991. Caderno 2.

##### - Observações

De Minas, os integrantes do Galpão juntaram-se há dez anos com um propósito: fazer teatro de rua baseado na técnica aprendida com professores italianos. Passaram a criar espetáculos apresentados em praças, pátios de empresas e hoje se orgulham de viver apenas com o que ganham nesse trabalho. O grupo já representou o Brasil em festivais internacionais na Itália e na França. Com muito humor nos espetáculos, *A comédia da Esposa Muda* e *Corra Enquanto é tempo*, são apresentados em Curitiba. É na rua que o Galpão está em seu elemento.

#### 4.1.3.6 CORRA ENQUANTO É TEMPO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Paulinho Polika/Eid Ribeiro*

Elenco: *Grupo Galpão*

Local: *Rua das Flores*

Dia: *21, às 11h30*

##### O texto

A peça retrata uma família de crentes que pregam em praça pública quando entra um travesti na história.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.1.3.7 BRINCANTE / FIGURAL<sup>19</sup>

- Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Romero Andrade Lima*

Elenco: *Antônio Nóbrega e Rosane de Almeida*

Local: *Teatro Avenida*

Dias: *22 e 23, às 21h30, Brincante*

Dia: *24, às 21h30, Figural*

- O texto

Os dois espetáculos são parte de um projeto que Antônio da Nóbrega, vem elaborando há alguns anos. Em ambos, ele exercita seu talento de ator, bailarino, compositor e instrumentista, incorpora diversos personagens, definidos por fantásticas máscaras de Romero de Andrade Lima, e atua na melhor tradição da revista brasileira.

- A crítica

Não foi localizada.

- Observações

No Movimento Armorial, criado em Recife por Ariano Suassuna, revelou-se um artista múltiplo – Antônio Nóbrega que interpreta, dirige, elabora roteiros, canta, dança e toca vários instrumentos. Múltiplo também em sua formação, ele junta os elementos eruditos e populares, explorando de maneira única a identidade brasileira, como se poderá ver em dois de seus espetáculos, *Brincante* e *Figural*.

#### 4.1.3.8 NOVA VELHA HISTÓRIA

- Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Antunes Filho*

Elenco: *Grupo Macunaima*

---

<sup>19</sup> As peças, inéditas, entram no Festival em substituição a *Viagem a Solapino*, anteriormente agendada.



Local: *Reitoria*

Dias: 23 e 24, às 21h30.

**- O texto**

Revirando o baú da memória coletiva, o encenador traz a história ingênua de Chapeuzinho Vermelho para o plano de experimentação teatral, com uma proposta fundamental centrada no trabalho do ator. Num idioma intraduzível, a palavra se faz abstrata e neutra para que o gesto e o sentido da atuação ganhem o primeiro plano e o espectador.

**A crítica**

Não foi localizada.

**- Observações**

Na sua trajetória teatral, o paulista Antunes Filho mostra dois planos distintos: é um diretor de sólidas bases técnicas, sedimentadas nas encenações do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), e um dos mais brilhantes investigadores do processo cênico. Criador do Centro de Pesquisa Teatral (CPT), que dirige desde 1982, ele é um pesquisador do espaço da representação. A direção de espetáculos como *Macunaíma*, o conceituou como um encenador de estilo marcante e inconfundível. Antunes Filho é, no Brasil e também no exterior, um nome de referência do teatro brasileiro contemporâneo.

#### 4.1.3.9 A VIDA É SONHO

**- Ficha técnica do espetáculo**

Direção: *Gabriel Villela*

Elenco: *Regina Duarte e elenco*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: 24 e 25, às 21h30.

**- O texto**

Na adaptação do texto do dramaturgo espanhol e barroco Calderón de La Barca, o sonho é intrinsecamente ligado ao universo feminino. Na história de um príncipe encarcerado por seu pai numa torre por causa de uma profecia, a direção destaca a tragédia da liberdade.

**- A crítica**

Não foi localizada.

**- Observações**

Entre os jovens diretores brasileiros, o mineiro Gabriel Villela se destaca por um domínio seguro das técnicas de encenação e pela flexibilidade com que se adapta a diferentes projetos. Ele não recorre a variações do mesmo repertório de truques, espetáculo após

espetáculo. Em cada um vai sempre além do conhecido. Villela estreou profissionalmente em 1989, na direção do texto do surrealista francês Raymond Queneau, *Você vai ver o que você vai ver*; transformou em metáfora da cultura brasileira a encenação de *Vem buscar-me que ainda sou teu*, de Carlos Alberto Soffredini e, no ano passado, realizou o mais maduro de seus trabalhos com *A vida é sonho*.

#### 4.1.3.10 A BAO A QU

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção : *Enrique Diaz*

Elenco: *Alexandre Akerman, Bel Garcia e elenco*

Local: *Espaço 5*

Dias: *25, às 21h30 e 26, às 18h30 e 21h30.*

##### - O texto

Enquanto um autor de teatro tenta escrever uma peça, diferentes histórias vão se superpondo, sem que o dramaturgo consiga definir – se por uma delas. Baseado em Jorge Luís Borges e Mallarmé, transpõe para o palco um roteiro complexo.

##### - A crítica

Não foi localizada.

##### - Observações

A elaboração de *A Bao A Qu* forma o primeiro trabalho profissional do carioca Enrique Diaz e revela um encenador ambicioso, afinado com algumas das melhores linhas da vanguarda teatral internacional. Às idéias que delineiam o personagem criado pelo escritor argentino Jorge Luís Borges, o diretor acoplou textos do simbolista francês Mallarmé, trabalhando sobre o conceito do acaso na criação artística. O resultado foi sua indicação ao Prêmio Shell 91 para melhor diretor.

#### 4.1.3.11 AS BOAS

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *José Celso Martinez Correa*

Elenco: *José Celso e elenco*

Local: *Teatro Avenida*

Dias: *27, 28 e 29, às 21h30*

##### - O texto

A versão de *Les Bonnes*, texto de Jean Genet, várias vezes encenado com o título de *As criadas*, é um espetáculo concebido para propor, sem ambigüidades, a trama das relações entre o senhor e o escravo, refletindo o choque dos mundos das madames e das empregadas.

- A crítica

Não foi localizada .

- Observações

Como o lendário Teatro Oficina, que criou na década de 60 e ao qual tem seu nome indissolúvelmente ligado, José Celso Martinez Corrêa tomou posição contra a turbulência política que atingiu o país mantendo em suas montagens a provocação ao poder político. Lembrar exemplos significativos do teatro encenado no período ditatorial inicialmente é citar *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, na montagem de Zé Celso. Nos anos 70, o Oficina se desfez e, durante um silêncio de mais de um década, seu criador dedicou-se à reconstrução do prédio do teatro, em São Paulo. Ele só retomou os palcos em 1991 com *As boas*, de Jean Genet.

#### 4.1.3.12 MEGA-MIX

- Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Oswaldo Gabriel*

Elenco: *Grupo XPTO*

Local: *Teatro da Reitoria*

Dias: 26, às 21h30; 28, às 17h e 21h30; e 29, às 21h30

- O texto

Misturando música ao vivo e elementos circenses ao seu teatro de objetos, o espetáculo cria uma apaixonada e apaixonante incursão pela *commedia dell'arte*. Esta é uma seleção dos melhores momentos de espetáculos anteriores apresentados pelo mesmo diretor e grupo.

- A crítica

Não foi localizada .

- Observações

Em 1985, a platéia e a crítica paulista se surpreenderam com um espetáculo de nome curioso, *Buster Keaton contra a infecção sentimental*, na interpretação de um grupo de nome soletrado, o XPTO, dirigido pelo argentino Oswaldo Gabrieli. Nos últimos seis anos, diretor e grupo firmaram-se como os mais inventivos dos país em sua área, dando vida a objetos, enlouquecendo a geometria, animando formas estranhas. Em *Mega-Mix* confirma-se a tendência de incorporação de várias linguagens no teatro.

#### 4.1.3.13 TANGOS VARSOVIANOS<sup>20</sup>

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Alberto Felix Alberto*

Elenco: *Teatro del Sur*

Local: *Auditório Antônio Carlos Kraide, no centro Cultural do Portão*

Dias: *27, 28 e 29, às 21h30*

##### - O texto

O espetáculo veio da Argentina para participar especialmente do Festival de Teatro de Curitiba. Quase sem palavras, a peça pode ser entendida como um sonho, um delírio ou a projeção da realidade da mulher que passa roupa ouvindo rádio. Com imagens que se repetem obsessivamente, marca por sua linguagem intensamente dramática.

##### - A Crítica

A crítica para o espetáculo refere – se à montagem apresentada em novembro de 1991, em Minneapolis, cidade americana onde aconteceu o *National Performance Network*, evento voltado à discussão de intercâmbios culturais do qual a América esteve participando com vários representantes, dentre eles, *Tangos Varsovianos*.

“ [...] o espetáculo causou impacto na platéia e nos produtores, que aplaudiram entusiasmamente.”

FONTE: JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 23 de nov. 1991. Entreato, p. 5

##### - Observações

Fundador do Teatro del Sur no final da década de 60, o argentino Alberto Felix Alberto dirige um grupo voltado à investigação de novas formas teatrais e ocupa espaço significativo no teatro de pesquisa da Argentina. Em 1987, o diretor ganhou o prêmio Molière com *Tangos Varsovianos*, espetáculo que já percorreu os Estados Unidos, Canadá e Europa e até hoje é mantido em repertório como maior sucesso de Teatro del Sur.

#### 4.1.3.14 THE FLASH AND CRASH DAYS<sup>21</sup>

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Gerald Thomas*

Elenco: *Fernanda Montenegro, Fernanda Torres e elenco*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: *28 e 29, às 21h30.*

<sup>20</sup> Este é o primeiro espetáculo estrangeiro a participar do Festival de Teatro de Curitiba.

<sup>21</sup> O espetáculo *M.O.R.T.E. 2*, do mesmo autor, anteriormente agendado, foi substituído por este.

#### - O texto

Inspirado em imagens de *O anel dos Nibelungos*, de Richard Wagner, repleto de visões alucinantes, é o trabalho de mais fácil compreensão para o espectador feito por Gerald Thomas no Brasil. No combate de duas mulheres, o encenador cria uma metáfora da experiência humana através do choque de gerações.

#### - A Crítica

O diretor é o *performático e genioso* de sempre. A encenação é tida ora como caótica, ora digerível, mas o trabalho de ambos, diretor e atrizes, é bastante respeitado. A cenografia da peça é elogiada pela crítica.

FONTE: KUBOTA, Marília. Cenógrafa de "The Flash" evita "Crash". *Correio de Notícias*, 21 fev. 1991. Programe – se p. p1.

#### - Observações

Há quase oito anos, *Quatro Vezes Beckett* marcou como a primeira das polêmicas realizações de Gerald Thomas no Brasil. Thomas construiu um código cênico absolutamente pessoal, apoiado em cenários e figurinos da Daniela Thomas, em que ao espectador resta deixar –se enredar pela visualidade, pela sonoridade das palavras, por um concepção carregada de referências culturais e arquétipos. Ao diretor não interessa o caráter explosivo de uma cena. Como ele mostra em *The Flash and Crash Day*, apresentada no Festival de Teatro de Curitiba, o mais importante é a narrativa como processo que desdobra indicações para a representação.

### 4.1.3.15 CAIM

#### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Édson Bueno*  
 Elenco: *Grupo Papa Brasilis*  
 Local: *Espaço 5*  
 Dias : *28 e 29, às 21h30.*

#### - O texto

Baseada numa tese pessoal de Lord Byron para a história do fraticida filho de Adão, a encenação é uma viagem ao universo do interior humano. A mitologia ganha uma amplitude maior, que é a da sua influência na vida de cada pessoa.

#### - A Crítica

A peça foi a escolhida para representar o Paraná na primeira edição do festival de Teatro de Curitiba, sendo assim há, por parte da crítica local, boa aceitação. O diretor Édson Bueno, ganhador do *Troféu Gralha Azul*<sup>22</sup> de melhor diretor em 1989 e 1990, é tido como um profissional *antidogmas* e isso contribuiu para a recepção do texto adaptado por ele mesmo. A

<sup>22</sup>O mais importante e tradicional prêmio paranaense para as produções na área de teatro.

licença poética é o recurso utilizado pelo autor-diretor para caracterizar a ideologia de *Caim*. O espetáculo passou por um período de cinco meses de ensaios e produção.

FONTES:

OLIVEIRA, Luiz Glauco. *Caim* estréia hoje no Guairinha. *Folha de Londrina*, 06 fev. 1992. Caderno Dois, p. 01.

O ESTADO DO PARANÁ. *Caim* protagoniza a aventura do homem. Curitiba, 06 fev. 1992. Almanaque, p. 17.

BOSTULA, Regina. Poesia e indagações de *Caim*. *Jornal do Estado*, 06 fev. 1992. Espaço Dois, p. 1c.

KUBOTA, Marília. A outra face de *Caim*. *Correio de Notícias*, 6 fev. 1992. Programe – se, p. 31.

JORNAL DO ESTADO. Édson Bueno: um diretor antidogmas. Curitiba, 06 fev. 1992. Espaço Dois, p. 4c.

LOPES, Adélia Maria. *Caim*, uma história das páginas ao palco. *O Estado do Paraná*, 2 fev. 1992. Almanaque, p. 01.

## - Observações

O trabalho do diretor, autor e ator Édson Bueno está intimamente ligado ao grupo teatral Delírio, com o qual ele trabalha desde 1984. Com o grupo, Édson já montou cinco espetáculos, como os premiados *Visita Para Frieda* e *New York por Will Eisner*, que lhe deram o troféu paranaense Gralha Azul e contribuíram para a formação de um dos maiores núcleos teatrais em seu estado: Sem buscar linguagens específicas, o diretor de *Caim*, peça que representa o Paraná neste festival, consegue grande comunicação com o público através de encenações fortes e vigorosas.

### 4.1.4 Mostras e oficinas

#### 4.1.4.1 Teatro em vídeo

O registro de espetáculos e documentários sobre diretores estrangeiros e também dos que estiveram participando do Festival de Teatro de Curitiba puderam ser vistos na Mostra Internacional de Teatro em Vídeo, que ocorreu durante o Festival. Coordenado pelo crítico e *videomaker* Aimar Labaki, a mostra foi aberta ao público, com sessões às 15 e às 20 horas, diariamente no Teatro Avenida.

#### Programação:

09/03 – *Ubu, o Vídeo*: documentário sobre o espetáculo dirigido por Cacá Rosset, com o grupo Teatro Ornitórrinco. Direção de Pedro Vieira. (38').

*Jorge Lavelli em cena*: Documentário sobre o diretor argentino radicado na França, onde desenvolve seu trabalho. (12'50)

10/03 – *Siyth bank Show*: Programa de TV inglesa sobre o trabalho do diretor Peter Brook. Versão original. (81').

11/03 – *As Bacantes*: evento teatral dirigido por José Celso Martinez Corrêa. Direção de Marcelo Drummond. (30').

*Teatro Musical Brasileiro*: homenagem ao diretor Luiz A. Martinez Corrêa, em seu último trabalho. Direção de Aimar Labaki. (16').

12/03 – *Tadeuz Kantor*: Documentário da TV polonesa sobre a obra do diretor. (50').

13/03 – *Einstein on the Beach*: registro do espetáculo dirigido por Bob Wilson.

14/03 – *Sturmpiel*: registro do espetáculo dirigido na Alemanha por Gerald Thomas. Gravação feita por Gilberto Gume. (62').

15/03 – *Antunes Filho*: documentário sobre o diretor o resumo dos espetáculos *Macunaima*, *Romeu e Julieta* e *Nelson 2 Rodrigues*. Direção de Zita Bressane. (60').

16/03 – *Vem buscar-me que ainda sou teu*: registro do espetáculo dirigido por Gabriel Vilela, feito pelo diretor. (49')

*Circo, espetáculo de Periferia*: audiovisual realizado por equipe do Idart/PMPS. (42')

17/03 – *Pina Baush/ Café Muller*: Registro do espetáculo dirigido pela coreógrafa. (52')

18/03 – *O Teatro Kammerspielle*: documentário sobre a estrutura de produção e o cotidiano do Teatro Municipal de Munique. (50').

#### 4.1.4.2 Teatro em fotos

Um painel das diferentes linguagens utilizadas em cada país para valorizar a fotografia de palco e seus criadores foi apresentado na Exposição Internacional de Fotografia de Palco. Com trabalhos feitos no Japão, Alemanha e Inglaterra e também no Brasil, a exposição esteve aberta entre os dias 16 e 29 de março, no Palácio Avenida (Avenida Luiz Xavier, 11), das 9 às 19 horas.

#### 4.1.4.3 Fotografia de palco

A fotógrafa Lenise Pinheiro dirigiu a Oficina de Fotografia de Palco, que foi desenvolvida entre os dias 9 e 13 de março. O curso abrangeu questões de enquadramento, técnicas de laboratório, revelação e montagem, estudos sobre trabalhos de fotógrafos brasileiros e estrangeiros. Com o início das apresentações do Festival de Teatro de Curitiba, os alunos da oficina tiveram aulas práticas, com o acompanhamento de monitores, fotografando os espetáculos apresentados durante o evento.

#### 4.1.4.4 Crítica teatral

Palestras e debates fizeram parte da Oficina de Crítica Teatral, coordenada pelo jornalista Aimar Labaki. Essa atividade foi incluída na programação do Festival como forma de estimular o desenvolvimento cultural promovido pelo teatro. A indústria cultural, o teatro brasileiro moderno e a função da crítica foram os temas deste encontro, que também deu aos participantes a oportunidade de discutir com diretores e elencos dos espetáculos apresentados no Festival de Teatro de Curitiba. A oficina foi realizada entre os dias 16 e 30 de março. “O Brasil no Circuito Internacional de Artes Cênicas” foi o tema específico do seminário que foi realizado nos dias 24 e 25, a partir das 14 horas, no Hotel Araucária Palace.

#### 4.1.5 Avaliação geral

O *FTC* reuniu, em 1992, os 13 grupos de maior destaque do país além da participação especial da melhor companhia argentina. Em 11 dias passaram pelos palcos e bastidores de 6 teatros da cidade:

- 119 atores
- 13 diretores
- 4 assistentes de direção
- 13 músicos
- 7 cenógrafos
- 4 diretores de cena
- 3 contra-regras
- 5 cenotécnicos
- 2 figurinistas
- 5 camareiras
- 5 operadores de som
- 10 operadores de luz
- 1 dramaturgo
- 1 coreógrafo
- 2 técnicos em aparelhos de circo
- 13 produtores executivos

Um total de 207 de participantes.

#### 4.1.5.1 Profissionais contratados

O planejamento e a produção do *FTC* exigiu o envolvimento de outro enorme contingente: 250 profissionais, divididos em 30 especializações:

- 4 diretores de área
- 9 coordenadores
- 10 produtores executivos
- 9 assistentes de produção
- 10 técnicos de som
- 15 técnicos de luz
- 5 eletricitas
- 5 cenotécnicos
- 7 contra-regras
- 6 maquinistas
- 16 assistentes de maquinistas
- 2 marceneiros
- 1 pintor
- 6 camareiras
- 3 assistentes de camareiras
- 20 serventes
- 30 carregadores
- 4 bilheteiros
- 6 porteiros
- 2 recepcionistas



- 9 receptivos
- 2 tradutores simultâneos
- 3 secretárias
- 1 digitador
- 20 motoristas
- 4 *office-boys*
- 1 assistente de laboratório fotográfico
- 6 assessores de imprensa

Ao todo, entre o pessoal contratado e os das companhias, o *FTC* mobilizou diretamente os serviços de 457 profissionais, divididos em 40 especializações diferentes.

#### 4.1.5.2 Avaliação técnica

Os resultados operacionais do *FTC* podem ser constatados através da pesquisa realizada na semana seguinte ao encerramento do evento. Essa pesquisa foi realizada junto às 14 companhias participantes. Através de um questionário, elas atribuíram notas de 0 a 10 a 24 diferentes quesitos do evento. Estes foram os resultados finais tabulados:

Tabela 01 – Avaliação técnica dos resultados operacionais

Nota	Área
- 9,9	Camareiras
- 9,7	Produção executiva
- 9,7	Cenotécnica
- 9,7	Transporte aéreo
- 9,6	Receptivo
- 9,5	Maquinistas e assistentes
- 9,4	Contra-regras
- 9,4	Equipe de som
- 9,3	Equipe de luz
- 9,2	Alimentação
- 9,2	Administração
- 9,1	Programação
- 9,0	Assessoria de empresa
- 9,0	Cronograma
- 8,9	Oficina de fotografia
- 8,9	Equipamento de som
- 8,9	Material cenotécnico
- 8,8	Transporte de carga
- 8,7	Oficina de crítica
- 8,7	Equipamento de luz
- 8,6	Hotel
- 8,5	Caches
- 8,2	Traslados locais
- 7,5	Teatros

A média final obtida junto às companhias em relação aos itens pesquisados foi de 9,1 (nove vírgula um)

#### 4.1.5.3 Repercussão

A repercussão da edição de 1992 do *FTC* pode ser evidenciada pela dimensão de seu impacto junto aos meios de comunicação: 547 materiais na mídia impressa de todo o país, 245 minutos de cobertura tele-jornalística, além de dezenas de manifestações verbais escritas encaminhadas à produção do evento por artistas, críticos e diretores internacionais de festivais. Na sequência, uma pequena amostra extraída somente dos jornais:

“O esforço de planejamento foi compensado pelo sucesso operacional do projeto. Foram inúmeras as manifestações de reconhecimento do alto grau de profissionalismo e organização do evento, por parte dos artistas participantes e pelos 13 renomados diretores de festivais e casas teatrais dos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Itália, Alemanha, Argentina e Croácia, que vieram por conta própria a Curitiba acompanhar o que o teatro brasileiro tem de melhor.

Alguns desses elogios envidados foram encaminhados por escrito. A diretora do Nottingham Playhouse, Ruth Mackenzie, destacou o brilhantismo e a eficiência do evento

concluindo que foi um dos mais bem organizados festivais que já presenciou no mundo, a mesma opinião de Hannab Horovitz, que dirige o Visiting Arts, o departamento de intercâmbio cultural do governo britânico”<sup>23</sup>.

“Sucesso marca a abertura do Festival de Teatral de Curitiba. Casa lotada na inauguração, filas imensas nas bilheterias, cambistas, trupes alegres de atores e um cintilante teatro não deixam dúvidas: a mostra deu certo”.

FONTE: GÓES, Marta. *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1993.

“O festival é algo vivo, com uma discussão que pode ter ressonância por longo tempo. São fatos com este que dinamizam a vontade de produzir mais”.

FONTE: MONTENEGRO, Fernanda. *Correio de Notícias*. Curitiba, 28 mar. 1992.

“Este festival é um exemplo para todo o país. E o que de mais bonito e forte está acontecendo neste momento no centro da arte e da cultura, e isto é efetivo, é duradouro, é o que deixa raízes entre o povo”.

FONTE: DUARTE, Regina. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 mar. 1992.

“Existe um tendência para a retomada da auto- determinação do teatro brasileiro, um exemplo nesse sentido é o Festival de Teatro de Curitiba”.

FONTE: CORREA, José Celso Martinez. *Zero Hora*, Porto Alegre, 27 mar. 1992.

“O teatro é viável. Pelo menos em Curitiba. Durante 11 dias, a capital do Paraná comprova, através de seu I Festival de Teatro, que 13 encenadores brasileiros e uma centena de atores cenógrafos, figurinistas, iluminadores e técnicos se dedicam a um atividade viva”.

FONTE: LUIZ, Macksen. *Jornal Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1992.

“Curitiba virou o grande palco do teatro nacional. Nos seis espaços onde se realiza o Festival de Teatro de Curitiba. Há discussões e integrações entre público e artistas nacionais e estrangeiros”.

FONTE: PORTO, Jussara. *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 mar. 1992.

“O Festival de Teatro de Curitiba, que promoveu uma mostra das principais tendências do teatro brasileiro contemporâneo, terminou domingo festejado como um dos maiores acontecimentos nacionais deste ano na área das artes cênicas”.

FONTE: PORTO, Jussara. *Zero Hora*, Porto Alegre, 31 mar. 1992.

“Um raio X do teatro no país. Festival que se realiza em Curitiba já tem seu destaques entre as produções que foram as melhores nos palcos brasileiros de 1991/1992. A cidade, com aproximadamente um milhão e meio de habitantes, se transformou num palco permanente”.

FONTE: LEITE, Pedro. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 mar. 1992.

“ Curitiba centraliza o que há melhor nos palcos brasileiros. A proposta deu certo. Neste quarto dia de realização, o I Festival de Teatro de Curitiba já mantém a cidade inteiramente mergulhada no místico e mágico mundo das artes cênicas. Casa lotada é a característica principal deste festival que já nasce com pinta de gente grande e estrutura para repetir-se

<sup>23</sup> Informações contidas no relatório avaliativo da *Arte de Fato*.

infinitamente. Público não vai faltar. Este banho de teatro que Curitiba está tomando precisa virar tradição”.

FONTE: GAZETA DO POVO. Curitiba, 23 mar. 1992.

“Há anos, muitos anos mesmo que Curitiba não centralizava a atenção da cultura nacional com um evento do peso e da expressão do Festival de Teatro de Curitiba. Atores, diretores, público, especialmente público, participaram do festival com alegria de quem descobre que nem tudo é sofrimento e miséria neste país. Viu-se uma luz no fim do túnel negro em que foi atirada a cultura nacional nos últimos governos. Com essa iniciativa, Curitiba quebra a hegemonia do eixo Rio-São Paulo e transfere para o Sul as propostas que só os privilegiados moradores destes dois estados tinham condições de assistir. O público participou de cada espetáculo com a emoção de quem está sendo privilegiado com o que há de melhor em produção teatral na atualidade”.

FONTE: GAZETA DO POVO. Curitiba, 29 mar. 1992.

“Este festival motivou as pessoas a irem ao encontro da arte e de uma forma muito bonita porque os preços eram relativamente acessíveis e isso permitiu que as famílias fossem ver praticamente unidas. Para mim isso é arte. Isso é fazer arte e cultura que atinja a população”.

FONTE: ROSENMAN, Maria Cecília Leão. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 mar. 1992

“É um iniciativa importantíssima principalmente pelos espetáculos que foram trazidos a Curitiba e pelas atividades paralelas programadas, que possibilitaram o debate e a discussão sobre o teatro e a cultura de um forma geral. Esse festival foi um grato momento pelo intercâmbio que proporcionou entre os artistas, técnicos e produtores locais a os artistas, técnicos e produtores de outros estados”.

FONTE: GAZETA DO POVO. Curitiba, 27 mar. 1992.

“ O Dia Internacional do Teatro poucas vezes encontra um clima tão efervescente como este vivido em Curitiba, durante seu Festival de Teatro. O Festival que a cidade abriga têm enormes possibilidades de trabalhos e novos atores e diretores”.

FONTE: JORNAL DO ESTADO. Curitiba, 27 mar. 1992.

“O Festival de Teatro de Curitiba está abrindo portas para o teatro brasileiro no exterior. Diretores de teatros e também de festivais na Argentina, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Inglaterra, França, Itália e até da Croácia estão acompanhando a apresentação dos espetáculos com o objetivo de escolher representantes para participar de eventos ou realizar temporadas em seus países”.

FONTE : JORNAL DO ESTADO. Curitiba, 25 mar. 1992.

“Festivais como este equivalem a tratamento de acupuntura para a cidade”.

FONTE :LERNER, Jaime. *Jornal da Tarde*, 2 abr. 1992.

#### 4.1.5.4 Outras críticas recebidas<sup>24</sup>

O festival de 1992 recebeu, da imprensa, outras manifestações. Nessas manifestações, a presença de inúmeros diretores do eixo Rio-São Paulo foi o tema recorrente.

<sup>24</sup> Essas ocorrências referem – se ao *frisson* provocado pela reunião dos diretores na ocasião do Festival.

## FONTES:

KUBOTA, Marília, Uma constelação inesperada no céu curitibano. *Correio de Notícias*, 11 dez. 1991.

LEITE, Zeca Corrêa, Festival reúne o que há de melhor no teatro. *Folha de Londrina*, 12 dez. 1991. Caderno 2 p. 01.

LOPES, Adélia Maria. Os comediantes estão chegando. *O Estado do Paraná*, 14 dez 1991. Almanaque, p. 01.

GAZETA DO POVO. Curitiba recebe os melhores diretores teatrais. Curitiba, 11 dez. 1992, p. 24.

#### 4.1.5.5 Cobertura editorial

Além de monopolizar por 11 dias os cadernos de arte dos melhores jornais do Paraná, o evento atraiu a Curitiba dezenas de jornalistas de todo o país. Sem exceção, os grandes jornais do Rio e São Paulo destacaram enviados especiais, sendo que *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, e *Folha de S. Paulo* deslocaram jornalistas de seus melhores quadros. O *FTC* atingiu projeção nacional, obtendo 245 minutos de cobertura editorial na televisão e 160.537 cm<sup>2</sup> na mídia impressa, espaço equivalente a 94 páginas inteiras de jornal, assim divididos:

Tabela 02 – Distribuição de cobertura editorial

Veículo	Cobertura
• Paraná	
<i>O Estado do Paraná</i>	28.357 cm <sup>2</sup>
<i>Gazeta do Povo</i>	19.370 cm <sup>2</sup>
<i>Folha de Londrina</i>	11.577 cm <sup>2</sup>
<i>Veja- Paraná</i>	9.780 cm <sup>2</sup>
• São Paulo e Rio de Janeiro	
<i>O Globo</i>	
<i>O Estado de S. Paulo</i>	8.762 cm <sup>2</sup>
<i>Jornal do Brasil</i>	4.681 cm <sup>2</sup>
<i>Folha de S. Paulo</i>	4.460 cm <sup>2</sup>
<i>Jornal da Tarde</i>	3.446 cm <sup>2</sup>
• Outro jornais	64.823 cm <sup>2</sup>

#### 4.1.5.6 Publicidade

Além da cobertura editorial, o *FTC/92* teve ainda um grande suporte publicitário. A mídia atingiu US\$ 345.706 de retorno, assim distribuídos:

Tabela 03 – Distribuição de verbas para a cobertura editorial

Veículo	Minutos/páginas	Despesas <sup>25</sup>
-TV Independência	126 minutos	197.009
- Rádio Cidade Fm	573 minutos	21.867
- Rádio Independência AM	502 minutos	13.844
- <i>Veja Paraná</i> Anúncios	8 páginas	19.200
- <i>Veja Paraná</i> -Encarte	8 páginas	32.496
- <i>Folha de S. Paulo</i>	1.152 cm <sup>2</sup>	28.800
- Out – door	120 painéis	32.040
<b>Total</b>		<b>US\$ 345.706</b>

#### 4.1.5.7 Patrocínio, promoção, apoios e colaborações<sup>26</sup>

Os US\$ 345.706 em espaço publicitário foram obtidos com um desembolso real de apenas US\$ 41.497. O caráter cultural ao evento forneceu base para a negociação de descontos promocionais com os veículos:

- Sistema Sul de Comunicação
- Veja Paraná*
- Folha de S. Paulo*
- Central de Out-door

A mídia fixou em destaque a marca do Banco Bamerindus como patrocinador principal. Também constou o apoio de

- O Boticário
- Vasp
- Prefeitura Municipal de Curitiba

Outros recursos indiretos foram obtidos através de empresas e instituições como

- Positivo
- Aeroanta
- Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo
- Goethe Institut – Curitiba
- Consultado Geral França
- Departamento de Cultura de São Bernardo do Campo
- Fundação Japão
- Elétrico Cine Clube

<sup>25</sup> Em dólares

<sup>26</sup> Estas informações foram transcritas com base na prestação de contas e nos documentos internos da *Arte de Fato*.

#### 4.1.5.8 Recursos despendidos

A soma de todos apoios, acordos promocionais e colaborações permitiu que o evento, de custo real superior a US\$ 1 milhão, fosse realizado com menos de US\$ 600 mil, assim despendidos conforme discriminação:

Tabela 04 – Demonstrativo dos recursos gastos na realização do Festival de 1992

Cachês	94.278
Equipamento de som	15.668
Equipamento de luz	23.496
Hospedagem	25.621
Alimentação	11.201
Transporte aéreo	525
Carga	8.885
Traslados	11.337
Receptivo	2.868
Catering	9.475
Despesas de produção	21.401
Despesas administrativas	14.400
Despesas de comunicações	3.855
Direção geral	25.000
Equipe de produção	57.249
Equipe de marketing	18.200
Equipe de programação artística	8.700
Equipe administrativa	23.730
Assessoria de imprensa	3.974
Assessoria jurídica	793
Pré-produção	17.496
Lançamento	13.424
Eventos paralelos	11.678
Impostos e Taxas	18.818
Gastos imprevistos	12.872
Mídia	41.497
Produção gráfica e eletrônica	44.202
<b>Total em US\$</b>	<b>542.569</b>

#### 4.1.5.9 FONTE DE RECURSOS

A edição pioneira do FTC deveu sua realização principalmente ao Bamerindus, que, além de fornecer 72% dos recursos despendidos, confirmou seu patrocínio ainda no estágio de conceituação do projeto, permitindo seu pleno desenvolvimento.

A cota de apoio adquirida pelo O Boticário (9,2%), a venda de ingressos (15%) e a contribuição da Fundação Japão ( 1,6%) foram indispensáveis para a redução do déficit do projeto em 2,2%.



## 4.2 EPIFANIAS : II FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA

Durante o Festival de Teatro de Curitiba de 1992 foi feita uma ampla sondagem junto aos artistas, diretores, críticos, e jornalistas, com o intuito de descobrir qual seria a frequência e o período de realização ideais para o evento. A *Arte de Fato* necessitava dos dados para começar a trabalhar com o próximo Festival, já que o primeiro havia dado certo. A resposta apurada, a partir dessa pesquisa, foi que o volume de criações de alto nível e de revelação de novos talentos em cada temporada, garantiriam periodicidade anual a um evento dessa natureza, considerando, ainda segundo a pesquisa, que o Festival de Teatro de Curitiba preencheria uma lacuna cultural histórica, posicionando-se como vitrine única de excelência da produção cênica brasileira.

Quanto ao período ideal, houve unanimidade na fixação da segunda quinzena de março, não só para marcar tradição no calendário cultural do país e do mercado cênico do exterior, mas também por ser o mês de março o divisor da temporada teatral brasileira, permitindo que a programação poderia, a cada ano, mesclar o que de melhor havia ocorrido no período anterior com o lançamento nacional de novas produções .

A realização do II Festival de Teatro de Curitiba tem como objetivo geral tornar a cidade um pólo de projeção, intercâmbio e discussão da criação cênica nacional. A pretensão dos organizadores é concentrar, a cada ano, uma mostra das melhores produções do teatro contemporâneo brasileiro. Quer dizer, o modelo *vitrine* foi adotado pela organização do evento. Os espetáculos continuarão sendo selecionados a partir de um tema central, como já era a intenção inicial. A presença de uma atração internacional de contraponto, além das oficinas , dos seminários e das exposições correlatas, deverá se tornar também pratica recorrente . A *Arte de Fato* divulga seu pensamento a respeito no projeto que trouxe a público:

O teatro é a área artística de maior vitalidade do país. Apesar de sofrer a falta crônica de recursos, centenas de novas criações surgem a cada ano, e entre elas se destacam espetáculos de excepcional qualidade que ampliam gradativamente o prestígio internacional da nossa produção cênica. O Festival de Teatro de Curitiba concentra e destaca esta excelência, privilegiando os trabalhos compromissados com a inovação. Desempenha assim, uma relevante função cultural

de distinguir e difundir a qualidade deste segmento artístico, realimentando e potencializando seu processo de criação, produção e exibição. Portanto, os objetivos passam a ser: ampliar a projeção institucional do teatro contemporâneo brasileiro em âmbito nacional e internacional; aprofundar a avaliação e a discussão das tendências atuais da encenação; valorizar a criação cênica inovadora e estimular sua produção; permitir o intercâmbio entre os profissionais da área; dar acesso ao público paranaense às melhores produções teatrais do país e reposicionar a cidade de Curitiba como pólo cultural brasileiro<sup>27</sup>.

As avaliações positivas recebidas no ano anterior garantiram não só a realização da segunda versão, mas também elevaram a auto-estima dos organizadores.

#### 4.2.1 Os curadores

Na lista do II Festival de Teatro de Curitiba constam os nomes dos curadores e suas respectivas áreas de atuação

Geral: *Yacoff Sarkovas, Macksen Luis e Alberto Guzik*

Eventos paralelos: *Aimar Labaki*

Mostra de cinema: *Francisco Nogueira*

#### 4.2.2 A temática

A segunda edição do Festival de Teatro de Curitiba transferiu o enfoque do encenador, foco da primeira edição, para a encenação, sem amarração temática. Os organizadores não pretendiam que todos os espetáculos tivessem o mesmo tema, mas justamente o inverso. Era a diferença entre o primeiro e o segundo Festival de Teatro de Curitiba. Optou – se por colocar lado a lado encenadores consagrados e jovens revelações, pesquisas formais arrojadas e projetos mais convencionais. A mudança pôde ser conferida numa mostra mais diversificada e abrangente que a primeira. Qualidade e inovação caminharam juntas. Foram privilegiadas a diferença na linguagem cênica e suas tendências contemporâneas. Gerald Thomas, Antônio Araújo e outros aparecem como criadores dessas linguagens mais arrojadas.

---

<sup>27</sup> O texto faz parte do projeto desenvolvido pela *Arte de Fato*, para justificar a realização da versão 1993 do Festival de teatro de Curitiba, assim como viabilizar os recursos para tal.

Percebemos que a presença de alguns diretores foi garantida pela boa avaliação que receberam no primeiro Festival. O Diretor Gerald Thomas, embora tenha sempre recebido críticas diferentes e até apostas, muitas das quais negativas, lotou o teatro na primeira versão do Festival e, talvez por isso, e também pelo fato de atrair muito a imprensa para seus espetáculos, voltou na segunda versão. Nos anos seguintes Gerald Thomas aparecerá em todas as versões, exceto a última. O mesmo diretor foi um dos únicos a ter o patrocínio do próprio Festival para a produção exclusiva de espetáculo inédito.

A organização do nosso texto permanece a mesma: primeiro vem a ficha técnica do espetáculo; em seguida, aparece o *release* do texto encenado pela companhia; depois apresentamos se houve as críticas, para a montagem, e finalmente, as fontes de onde foram extraídas as avaliações<sup>28</sup>. Caso haja informação que não caiba no formato acima, apresentaremos ao leitor um tópico denominado observações. Ressaltamos que essas observações também foram colhidas dos veículos de comunicação pesquisados e já mencionados anteriormente.

#### 4.2.3 Os espetáculos

##### 4.2.3.1 ROMEU E JULIETA

###### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Galpão*

Texto: *William Shakespeare*

Tradução: *Onestado de Pennaforte*

Direção: *Gabriel Villela*

Concepção artística e direção: *Gabriel Villela*

Elenco: *Antônio Edson, Beto Franco, Chico Pelucio, Eduardo Moreira, Inês Peixoto, Julio Cesar Maciel, Rodolfo Vaz, Tenda Bara e Wanda Fernandes*

Texto do narrador: *Carlos Antônio Brandão*

Figurino: *Luciana Buarque*

Assistente de figurino: *Maria Castilho*

Bonecos: *Aguinaldo Pinho*

Cenografia: *Gabriel Villela*

Adereços: *Gabriel Villela, Luciana Buarque, Grupo Galpão*

---

<sup>28</sup> As citações das fontes continuam obedecendo os mesmo critérios. Elas aparecem imediatamente após o espetáculo a que se referem. A prática visa facilitar o trabalho de sua localização.

Pesquisa musical: *Gabriel Villela, Grupo Galpão*

Direção musical: *Fernando Mucci*

Preparação vocal: *Babaya*

Aeróbica: *Júnia Portilho*

Esgrima: *Máqui*

Minuetos musicais: *Paula Martins*

Cenotécnica: *Oficina da marcenaria*

Iluminação: *Wagner Freire*

Dramaturgia: *Carlos Antônio Brandão*

Assistente de direção: *Arildo de Barros*

Local I: *Ópera de Arame*

Dias: *18, 19 e 20, às 21h30*

Local II: *Parque Barigüi*

Dia: *21, às 16h*

#### - O texto

A mais famosa história de amor e precipitação de todos ganhou uma tradução cênica apaixonante, assinada por mineiros de muito talento: o Grupo Galpão e o diretor Gabriel Villela. Dessa associação, resultou uma leitura ingênua, popular e emocionante da tragédia dos apaixonados adolescentes de Verona. Concebido para apresentações ao ar livre, esse *Romeu e Julieta* mostra, no entanto, fôlego para muito mais. Por isso, a comissão de programação do Festival de Teatro de Curitiba convidou o Galpão e Villela para abrirem o Festival, transportando o espetáculo das graças públicas para o palco do Ópera de Arame, onde o público, melhor instalado poderia ver uma montagem que já atraía milhares de espectadores em São Paulo e Belo Horizonte. Gabriel Villela, sempre fiel a suas raízes, foi ao encontro das características do Galpão. *Romeu e Julieta* recebeu uma roupagem humilde e colorida, misturando-se aos versos magníficos de Shakespeare, líricamente traduzidos por Onestaldo de Pennaforte, textos com sabor de Guimarães Rosa e músicas do cancionero popular. Misturando circo com o teatro, o Galpão se afirmou como um dos melhores grupos de teatro popular em atividade no país. E Gabriel Villela reconfirmou – se como um diretor criativo, capaz de levar sua pesquisa das linguagens brasileiras de teatro a resultados de magníficas proporções.

#### - A crítica

Este espetáculo chegou no II Festival de Teatro de Curitiba gozando de alta popularidade. Depois da estréia em Ouro Preto e da passagem pela Praça da Sé em São Paulo, ambas com muito sucesso, era natural acreditar na força da montagem. O fato é confirmado. Na capital paranaense o espetáculo foi recebido muito bem pelo público. Todas as apresentações estiveram superlotadas. Mais de 2000 espectadores estiveram assistindo a peça no Parque Barigüi. O público, que era convocado a participar, ovacionou a experiência. Os atores também foram muito aplaudidos. A crítica continuou tecendo os mesmos comentários positivos de antes. O espetáculo foi, a exemplo de outras cidades por onde já havia passado, um sucesso.

“[...] O elenco jovem provoca comoção. De início uma certa confusão no espectador, hesitando em distinguir as personagens pais das personagens filhos. A maquiagem dos atores e os figurinos de Samuel Abrantes recuperam as dúvidas e acentuam a diferença de

gerações[...].Moacyr Góes desvenda – nos com o teatro elizabetano uma antiga forma estética de confiança na linguagem e na transparência do jogo cênico – uma novidade que envolve a platéia no regozijo da participação”.

FONTE: ALMEIDA, Inez Barros. A essência de Shakespeare em montagem sutil e delicada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1992.

#### 4.2.3.2 O IMPÉRIO DAS MEIAS VERDADES

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Cia. de Ópera Seca*

Texto: *Gerald Thomas*

Direção: *Gerald Thomas*

Elenco: *Fernanda Torres, Luiz Damasceno, Edilson Botelho, Magali Biff, Michele Matalon, Ludoval Campos, Cacá Ribeiro, Domingos Varela, Milena Milena, Lilian Bittes de Castro (estagiária)*

Dramaturgia: *Daniela Thomas*

Cenário: *Gerald Thomas*

Figurino: *Mari Stokler*

Iluminação: *Wagner Pinto e Gerald Thomas*

Trilha sonora: *Gerald Thomas*

Aderecista: *Dado Barichelo*

Engenheiro de som: *Bernardo Muricy*

Vozes: *Madalena Bernardes*

Operador de som: *Marco Aurélio*

Operador de luz: *Wagner Pinto*

Cenógrafo Assistente: *Marcos Antônio Palmeira*

Assistente de direção: *Carlos A. Ikemoto*

Cenotécnico: *Humberto Silva*

Diretor de cena: *Domingos Varela*

Produção executiva: *Cacá Ribeiro e Ludoval Campos*

Direção de produção: *Michele Matalon*

Patrocínio: *Fundação Banco do Brasil*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: *23 e 24, às 21h30*

##### - O texto

O mais internacional dos diretores brasileiros, ou o mais brasileiro dos diretores internacionais, Gerald Thomas trouxe para o Festival de Teatro de Curitiba sua nova e hilariante metáfora da aventura humana: *O Império das Meias Verdades*, que acabara literalmente de sair do forno. Nele, personagens e até figurinos de *M.O.R.T.E.*

Estão de novo no palco os perplexos, os tortos, os dissonantes, que se torturam, se humilham. Adão come vorazmente partes da cabeça de Eva, servida numa mesa de jantar. No meio da destruição, da ferocidade, o homem se empanturra de comida. Desde o início da carreira de Thomas no Brasil, muitos espectadores e críticos exigem de seus espetáculos uma lógica aristotélica que o diretor felizmente se recusa a adotar: Recorre ao fantástico, ao surreal, à distorção expressionista para retratar em cores fortes um mundo ensandecido, autodestrutivo. Rigoroso, provocador o Teatro de Gerald Thomas, no entanto, ganha mais

humor a cada montagem. A ironia cética e desesperada da primeira versão de *Carmem com Filtro* transformou-se agora, no *Império*, em uma análise lúcida e muito divertida de um cotidiano que pouco tem de engraçado. O público cada vez mais é convidado a rir, a se deliciar com visões amplificadas, quase circenses, de si próprio. Usando mitos individuais e universais, figuras que pertencem ao inconsciente coletivo, Thomas emprega linguagens mais ousadas, mais modernas e contundentes, que fingem se dirigir quase exclusivamente à inteligência do público. Mas alvejam, na verdade, suas emoções. Com os impecáveis atores da Cia. de Ópera Seca, Gerald investiga suas próprias meias verdades, o papel do artista enquanto bufão. E quanto menos se leva a sério, melhor e mais amplo fica.

#### - A crítica

O público considerou essa a pior peça do II Festival de Teatro de Curitiba. O espetáculo foi duramente vaiado na noite de estréia em Curitiba.

### 4.2.3.3 CARTAS PORTUGUESAS

#### - Ficha técnica do espetáculo

(Baseado nas cartas de Mariana Alcoforado ou Guillerages)

Adaptação: *Júlio Bressane*

Direção: *Bia Lessa*

Elenco: *Carla Camurati e Luciana Braga*

Cenário: *Fernando Mello da Costa, assistido por Jefferson Miranda*

Figurino: *José Augusto Bicalho, assistido por Suzana Macedo*

Colaborador: *Fernando Zarif*

Iluminação: *Paulo Pederneiras*

Direção musical: *Dany Roland, assistido por Totoni Fragoso*

Consultoria paisagística: *Silvia Coimbra e Márcia Carvalho*

Visagismo: *Ana Van Steen*

Karatê e Tai-Chi-Chuan: *Venceslau C. de Oliveira*

Cenotécnica e acabamento cenográfico: *Odilson Lima e equipe*

Operador de luz: *Luiz Roberto Santos*

Operador de som: *Bel Cabral*

Direção de produção: *Manfredo Barretto e Márcio Barretto*

Produção executiva: *Beatriz Afonso e Eloisa Lessa*

Produção: *BLLS Produções Artísticas Ltda.*

Assistente de direção: *Alberto Renault*

Patrocínio: *Fundação Banco do Brasil*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: *27 e 28, às 19h*

#### - O texto

A freira Mariana Alcoforado (interpretada nesta montagem por duas atrizes: Luciana Braga e Carla Camurati) escreve cartas amorosas para um amante inalcançável, não está confinada a um convento, mas em uma floresta, expressão libertária de sua paixão. Em meio

a árvores, água e terra, Mariana estabelece relação com o seu sentimento mais profundo, recorrendo à natureza. O cenário se impõe à cena como um elemento dramático que determina a linguagem da própria montagem. O personagem, interpretado pelas duas atrizes, estabelece contracenar com esta duplicidade. A encenadora investiga a possibilidade de ampliar a consciência da paixão de Mariana Alcoforado através dos elementos que retira do próprio cenário. O fogo, a água e a terra são partes integrantes do processo narrativo. A música, que mistura sons búlgaros com sons brasileiros, é mais uma forma de integração neste espetáculo de múltiplas referências. A densidade de um texto epistolar ganha projeção cênica com essa dramatização proposta por Bia Lessa, que a cada nova montagem exercita sua linguagem teatral plena de inventividade.

#### - A crítica

A montagem dividiu a crítica. Não localizamos críticas específicas para a montagem apresentada no II Festival de Teatro de Curitiba. No entanto, foram localizadas as críticas para a montagem apresentada no Rio de Janeiro, por ocasião da estréia. Tomamos essas críticas por cremos que elas nos dão uma pista do que foi esse trabalho de Bia Lessa. As ocorrências localizadas ressaltam os aspectos digestivos, e de certa forma apelativos, da montagem, e, principalmente a opção tomada pela diretora. O público parece não ter tido a mesma opinião que a crítica. Na apresentação feita no festival, a peça é aceita sem restrições pelo público. O trabalho das atrizes é elogiado também pelos espectadores.

“*Cartas portuguesas* é um lindo cenário. É uma aula de botânica: você vê um *ficus gigante*, arbustos fechados, grama. E terra, muita terra. Mas não encontra mais nada.[...] *Cartas portuguesas* é desses espetáculos que adaptam tudo e qualquer coisa ao teatro. Nada contra, mas é preciso algum parâmetro.[...] O resultado poderia ser ousado, mas não é o caso. *Cartas portuguesas* dura 50 minutos, e é tudo o que se suporta. Mais algum tempo e o público poderia entrar em bocejos sinceros ou franca debandada”.

FONTE: SÁ, Nelson. *Cartas portuguesas dá aula de botânica. Folha de São Paulo*, 2 maio de 1992.

“*Cartas portuguesas*, partindo de um texto epistolar, é uma elegia teatral[...]. Ao intenso texto do século XVII, juntam – se, numa liberdade cênica, letras de canções que não se envergonham de seu romantismo. A sonoplastia, que desliza do chavão clássico ao fado usado como fundo musical de novelas, funciona como uma leitura paralela da paixão – tema central da peça[...]. As fantásticas atrizes são responsáveis pela alta voltagem das emoções, generosamente compartilhada com o público.

FONTE: PEREIRA, Maria Lúcia. Um emocionante ritual cênico. *O Estado de São Paulo*, 22 abr. 1992.

#### 4.2.3.4 A MORTA

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Cia. Dos Atores*

Texto: *Oswald de Andrade*

Direção: *Enrique Diaz*

Adaptação e direção: *Enrique Diaz*

Elenco: *André Barros, André Cunha, Bel Garcia, César Augusto, Duda Monteiro, Enrique Diaz, Leticia Monte, e Lino Caminha*  
 Cenário: *Beli Araujo, Drica Moraes e Paula Joory*  
 Iluminação: *Maneco Quinderé*  
 Iluminador assistente: *Carlos Lafert*  
 Operador de luz: *Carlos Moraes*  
 Adereços: *Othon Spenner*  
 Composição e direção musical: *Carlos Cardoso e Mário Vaz de Mello*  
 Preparação e direção corporal: *Lucinha Aratanha*  
 Preparação acrobática marionetes: *Beth Martins*  
 Maquiagem: *Evaristo Junior*  
 Fotografia multimídia: *Levindo Carneiro*  
 Assessora técnica marionetes: *Mestre George Laysson*  
 Idealização e direção de produção: *Débora Guimarães*  
 Produção executiva: *Débora Guimarães e Othon Spenner*  
 Assistente de direção: *Cristina Ribas*  
 Cenotécnicos: *Zé Maranhão, Irlam e equipe*  
 Contra-regra: *José Maranhão e Marcos David Cruiseline*  
 Costureiras: *Mara e equipe, Guerra e Mônica*  
 Estamparia dos tecidos: *Othon Spenner e Marcelo Olinto*  
 Local: *Auditório da Reitoria*  
 Dias: *22,23 e 24, às 21h30*

#### - O texto

Há duas décadas, quando a peça do censurada Oswald de Andrade foi montada pela primeira vez em São Paulo, críticos e intelectuais ficaram muito excitados. Houve quem chamasse de obra-prima essa fantasia surrealista (política, portanto) sobre um poeta dividido entre um amor necrófilo e uma colocação incondicional de sua vida e arte a serviço da revolução proletária. Nessa montagem, o texto do escritor modernista escrito nos anos 30 ressurgiu em uma montagem de extraordinária força por um jovem e talentoso encenador: Enrique Diaz, autor do premiado *A Bao A Qu*, que esteve no I Festival de Teatro de Curitiba. Diaz não encontrou novos significados na peça de Oswald. As mesmas e velhas questões ideológicas estiveram no palco. Mas o diretor, transformou o texto em trampolim para um grande espetáculo teatral. O delírio do dramaturgo vem para o primeiro plano e ganha uma tradução visual de fantástico impacto. Ancorado num grupo de jovens e ótimos atores, o espetáculo prende a platéia pelo inusitado, pelas soluções surpreendentes, pelo visual requintado, pela excepcional trilha sonora. Resulta daí que *A Morta* de Enrique Diaz transforma a peça panfletária num exercício expressionista, quase caricatural. Dividida em 3 atos, a peça possui uma estrutura narrativa que remete à *Divina Comédia*, de Dante. Ao invés dos nove círculos do Inferno, o Poeta, apaixonado por Beatriz, a persegue até além da vida, em mundos de ficção científica, para no fim decidir que o amor é sufocante, castrador, e que o importante é a revolução. Mas importante mesmo nessa peça é o trabalho de Diaz e da Cia. dos Atores que ressuscitou *A Morta*, transformando-a em um fascinante pesadelo bem-humorado.

#### - A crítica

Não foi localizada.



#### 4.2.3.5 OTHELO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *William Shakespeare*

Tradução, adaptação: *Fabrizia Pinto e Renê Birocchi*

Direção: *Fabrizia Pinto e Renê Birocchi*

Elenco: *Giulia Gam, Marcos Palmeira, Sérgio Mastropasqua, Marcelo Serrado, Felipe Martins, Petê Marchetti, Jô Goulart, Samir Signeu*

Cenografia: *Cássio Amarante e Marcelo Laurino*

Figurino: *Ellen Igersheimer e Cristina Camargo*

Iluminação: *Guilherme Bonfante e Marisa Bentivegna*

Fotografia: *Daniel Renault*

Música: *Dino Vicente*

Visage: *Fábio Namatame*

Operação de luz: *Joyce Drummond*

Produção: *Francisco Marques e Nanda Birocchi*

Patrocínio: *Shell Brasil S/A*

Local: *Auditório da Reitoria*

Dias: *26, 27 e 28, às 21h30*

##### - O texto

Um dos projetos mais intrigantes das últimas temporadas. Dirigido por Fabrizia Pinto e Renê Birocchi, superpondo cinema e teatro, *Othello* que ser um fiel “noir”. A montagem mistura Shakespeare e Alfred Hitchcock e pede ajuda a Bernard Hermann, o compositor que melhor captou o clima hitchcockiano. Com um elenco jovem, encabeçado por Giulia Gam, Marcos Palmeira e Sérgio Mastropasqua, o *Othello* é um fantástico exercício de sincronia. O cenário é formado por centenas de slides, extraídos de locações reais e até mesmo de alguns fotogramas dos filmes do cineasta inglês, projetados em telas simultâneas pelo processo multivisão. Os atores são obrigados a se comportar como músicos. Não podem perder um compasso, isto é, uma imagem, sem comprometer tudo o que vem em seguida. Os slides projetam imagens de casas, ruas, salas, escadas. E os atores têm de estar colados ao ritmo rápido das projeções. Essa “hitchcockização” de Shakespeare se tornou possível porque Fabrizia e Renê transpuseram a ação da peça do século XVI para o século XX, de Veneza para o Rio. O grande general negro a serviço dos italianos passou a ser um investigador de polícia, que se casa com a bela Desdêmona, de condição social superior, e é levado por Iago, seu braço direito, a acreditar que ela o trai com um jovem da corporação. E vai daí que... Em seu segundo trabalho conjunto de direção, Fabrizia Pinto e Renê Birocchi mostram que têm fôlego para belos vãos. O elenco formado por talentosos atores aliado à produção caprichada, e sobretudo, à pesquisa de linguagens empreendida pelos diretores, resultam em um espetáculo de verdadeira alma multimídia.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.2.3.6 COMUNICAÇÃO A UMA ACADEMIA

## - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Franz Kafka*

Tradução: *Clara Góes*

Direção: *Moacyr Góes*

Elenco: *Ítalo Rossi com a participação de Leon Góes e Floriano Peixoto*

Iluminação e trilha sonora: *Moacyr Góes*

Cenário: *José Dias*

Figurinos: *Samuel Abrantes*

Assistente de direção: *Maria de Médici*

Assistente de produção: *Antônio Laercio*

Cenotécnicos: *Adílio Athos e equipe*

Direção de produção/administração: *Julia Valladares*

Produção executiva: *Gibson Garcia*

Direção de produção da turnê nacional: *Mercedes Alverga*

Produção: *Ditirambo Produções Ltda*

Local: *Teatro Avenida*

Dias: *22 e 23, às 21h30*

## - O texto

No conto *Relato a uma academia*, Franz Kafka mostra um macaco que adquire a sua humanização, e diante da Academia, o lugar da elevação do saber humano, explica como alcançou a superioridade sobre a condição animal. Kafka submete, com extrema ironia, a natureza simiesca à metamorfose humana, e aquilo que parece uma transformação, na verdade é um macaco aos humanos, o animal demonstra, com a ciência que a palavra lhe confere, a extensão do horror da existência. O diretor Moacyr Góes explora neste monólogo que tem Ítalo Rossi como animal humanizado e Leon Góes e Floriano Peixoto mudos como uma forma de ampliar o conhecimento e a comunicação, por mais assustador que seja o conhecimento que ela possa revelar. Moacyr Góes estabelece uma encenação em que o ator tem a precedência sobre o espetáculo. Ítalo Rossi demonstra um domínio de recursos interpretativos que torna possível atingir uma refinada atuação. A ilusão do animal é sugerida através de pequenos e definitivos detalhes, como a insinuação de uma leve dificuldade de movimentos ou de uma mão semi-fechada. É o suficiente para que o ator crie a condição animal. Sua interpretação traz, ao mesmo tempo, o rigor de uma explanação intelectual e a interiorização de um olhar cético.

## - A crítica

Para esta montagem também foram localizadas as críticas da estréia em outras praças e não aqueles referentes ao II Festival de Teatro de Curitiba. O motivo se deve ao fato de o Festival ter feito a opção por espetáculos já consagrados pelo país afora. Assim, a crítica evita analisar o espetáculo novamente, e quando o faz, concentra – se em aspectos meramente sociais. No entanto, é possível afirmar que o público curitibano recebeu muito bem o espetáculo. Ítalo Rossi foi aplaudido de pé. Comentou – se novamente o trabalho exímio do ator. A exemplo do que já estava ocorrendo por onde a montagem passava, aqui, atribuiu – se também a ele o sucesso do espetáculo.

“ No ponto onde a tradição e juventude se entrecruzam Moacyr Góes assentou seu novo espetáculo[...]. Eles recebem em cena a lição e os conselhos de um ator que empregou todas as suas forças no teatro. É muito emocionante”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. A encruzilhada do tempo. O Globo, Rio de Janeiro, 22 jul. 1992.

“[...] Mas a presença de Ítalo Rossi é decisiva para fazer com que *Comunicação a uma academia* rompa com os limites restritivos de uma adaptação não-teatral e do formato monólogo. A maturidade técnica desse ator permite que alcance ampla apreensão de um universo dramático e o projete cenicamente com força interpretativa e plena autoridade”.

FONTE: LUIZ, Macksen. A fala com essência dramática. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1992.

#### 4.2.3.7 EPIFANIAS

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Companhia 2, Silvia Buarque, Leon Góes e elenco*

Texto: *August Strindberg*

Direção: *Moacyr Góes*

Tradução: *Clara Góes e Maria de Médici*

Direção e adaptação: *Moacyr Góes, Floriano Peixoto, Silvia Buarque, Adriana Garambone, Mauricio Marques, Antonella Batista, Gaspar Filho e Paulo Vespúcio*

Iluminação, trilha sonora e projeto gráfico: *Moacyr Góes*

Dramaturgia: *Clara Góes*

Cenário: *José Dias*

Figurino e adereços: *Samuel Abrantes*

Assistente de direção: *Maria de Médici*

Assistente de produção: *Antonio Laércio*

Assistente de figurinos: *Ursula Garcia*

Direção de produção/administração: *Julia Valladares*

Direção de produção da turnê nacional: *Mercedes Alverga*

Produção: *Ditirambo Produções Ltda*

Local: *Teatro Avenida*

Dias: *25, 26 e 27, às 21h30*

##### - O texto

Baseado na peça *O Sonho*, de August Strindberg. *Epifanias* percorre a trajetória da deusa Inês entre os mortais, que assim pode ter a revelação do sofrimento humano. Peça complexa, que o encenador Moacyr Góes adaptou para alcançar a intemporalidade da cena, empresta ao templo, à memória e a lugares o sentido de abstrações. Moacyr Góes transfere para um código cênico esse conceito de abstrato, construindo um espetáculo altamente poetizado sobre a possibilidade da reinvenção da linguagem teatral. Na cena inicial, diante da cortina fechada, os atores se apresentam como figuras da cultura nordestina. Mas é apenas uma referência cultural entre tantas que irão aparecer no espetáculo. As músicas de lamento do Leste europeu se misturam a canções andinas e ritmos africanos, num espetáculo que remete a uma geografia planetária. Em 70 minutos, a montagem de Moacyr Góes reforça a idéia da representação como uma força expressiva em que a fantasia da narrativa teatral se

confunde com a ideologicidade do sonho. Como diz o Poeta, um dos personagens de “Epifanias”, “a vida é fantasia, sonho”. E por mais dolorosa que possa ser, só se escapa da sua dureza através das múltiplas possibilidades de reinventá-la. O espectador, certamente, não ficará indiferente ao impacto que torna possível emergir do palco uma obra que individualiza o sentimento de um sonhador.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.2.3.8 ARTAUD

- **Ficha técnica do espetáculo**

Texto: *Antonin Artaud*

Direção: *Ivan Albuquerque*

Elenco: *Rubens Corrêa*

Texto-colagem: *Rubens Corrêa e Ivan Albuquerque*

Tradução: *Leyla Ribeiro*

Ambientação: *Anísio Medeiros*

Sonoplastia: *Suka. Iluminador: Cari Lage*

Produção: *Caravana Produções Artísticas, Maria Helena Alvarez*

Realização: *Teatro Ipanema*

Local: *Teatro do Paiol*

Dias: *19, 20 e 21, às 21h30*

- **O texto**

O exercício do teatro se confundiu em Artaud com a própria vida. A loucura, o desespero e as teorias decorrentes desses estados de alma de Antonin Artaud (o teatro da crueldade é a sua grande contribuição teórica à essa criação explosiva) se concretizaram no palco como uma das mais fortes expressões da dor humana. O ator Rubens Corrêa, com a mesma intensidade com que Artaud escrevia inspirada na sua experiência de vida, transpõe para o palco um universo pulsante e provocador. O espetáculo de Ivan Albuquerque é uma síntese desse pensamento fulgurantemente anárquico. O espetáculo está dividido em módulos (teatro, loucura, depoimentos, criação) que tecem o rosto contraído de vários Artauds, revelando realidades, “o principal meio dramático”, acompanhadas pelos movimentos de Rubens Corrêa que, com intensidade, desenha diversos momentos pelos quais o personagem transita, rebuscando as nuances e os estágios dos estados alucinatorios. A montagem transpõe o delírio pessoal e criador de Artaud, articulando-o através de uma visão de vida e de arte esteticamente definida, que resulta em formas de expressão de surpreendente alcance como linguagem.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.2.3.9 A PONTE

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Cia. Das Índias*

Texto: *Raul Cruz*

Direção: *Raul Cruz*

Elenco: *Paulo Daber, Renato Negrão e Beto Perna*

Coreografia: *Rocio Infante*

Cenografia: *Eliane Prolik*

Iluminação: *Beto Bruel*

Figurino: *Raul Cruz*

Cenotécnico: *Sérgio Teixeira e Raul Cruz*

Sonoplastia: *Adriano Vogue*

Ideograma: *Mestre Shinshiti*

Produção: *Paulo Daber*

Local: *Teatro do Paiol*

Dias: *24 e 25, às 21h30*

##### - O texto

Criado e dirigido pelo multi-artista paranaense Raul Cruz, *A ponte* é um espetáculo que partiu do conceito da própria palavra-título. Ela não tem nem começo nem fim, afinal o começo e o fim dependem do lado em que se está vendo. O que interessa em *A ponte* é a travessia em si. É o que acompanha: o “em volta”, o abismo que se tem embaixo dos pés. É isto que marca o trabalho: o vão livre, o conceito *zen* do equilíbrio, do meio termo. O tempo circular e o eterno retorno são a marca desse espetáculo. *A ponte* aborda de forma inovadora as questões existenciais do ser humano em confronto consigo mesmo e com seu mundo. Vida, paixão, morte, fragilidades, virtudes e carências são mostradas ao público através da linguagem cênica muito própria de seu criador. *A ponte* finaliza um ciclo de três peças. Trabalhando numa estética independente de fórmulas prontas e perseguindo a inovação da linguagem, Raul Cruz é um feiticeiro que constrói ilusões e convida o público a fazer parte delas. *A ponte* é um espetáculo rico em expressão para ser absorvido por corações e mentes plenos de sensibilidade.

##### - A crítica

Não foi localizada.

##### - Observações

O diretor foi o único paranaense a fazer parte da mostra oficial do II Festival de Teatro de Curitiba. Essa foi a terceira peça da trilogia, iniciada em 1987. Cruz é um dos artistas plásticos mais importantes do Estado. Seu amor pelo teatro começou com a produção de pequenas performances levadas às suas exposições. Mais tarde, ele tirou as pinturas das telas e levou para os cenários, daí para a direção de peças foi um passo.

#### 4.2.3.10 A VIDA COMO ELA É

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Núcleo Carioca de Teatro*

Texto: *Nelson Rodrigues*

Direção: *Luiz Arthur Nunes*

Elenco: *Shimon Nahmias, Maria Esmeralda, Nara Keiserman, Ivo Fernandes, Denise Szeclsohn, Francisco de Figueiredo, Eliane Costa e Carlos Torres*

Iluminação: *Rogério Wiltgen*

Direção de produção: *Shimon Nahmias e Ivo Fernandes*

Produção executiva: *Márcia Dias*

Preparação corporal: *L.A. Nunes e Nara Keiserman*

Assistente de direção: *Abelardo Lustosa*

Assistente de produção: *Rosane Villela*

Assistente de cenografia e figurino: *Alexandre Silva*

Cenotécnico: *Odilson Lima e equipe*

Modelagem: *Malu Rocha*

Contra regra: *José Mauro*

Operador de luz: *Douglas Vieira*

Costureira: *Nilza Angheben*

Cabeleireiro: *Sérgio Tranbague*

Administração: *A Arca Produções*

Realização e produção: *Núcleo Carioca de Teatro, Shimon Nahmias e A Arca Produções*

Local: *Teatro Avenida*

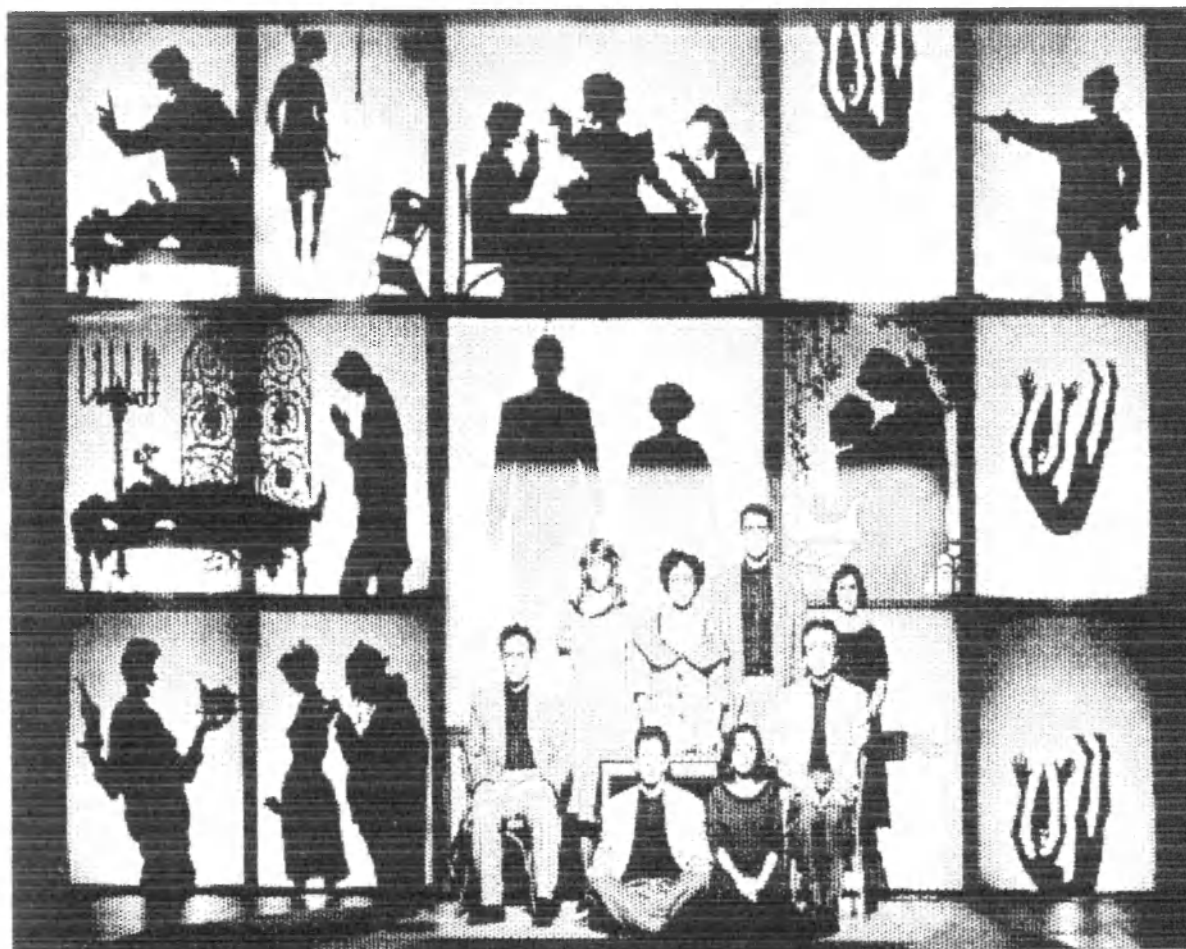
Dias: *19 e 20, às 21h30*

##### - O texto

A inspiração vem da crônicas de Nelson Rodrigues. Aquelas que o *Anjo Pornográfico* publicava diariamente nos jornais sob título homônimo. Essa adaptação teatral do diretor Luiz Arthur Nunes pede emprestado à exuberância verbal e aos personagens do folhetim suburbano de Nelson Rodrigues o espírito do espetáculo. Com estilos de interpretação individualizados para cada uma das 11 crônicas reunidas nesta montagem, “A Vida Como Ela É” perpassada pelas observações do cronista e teatraliza as frases, utilizando um teatro de sombras que faz o contraponto cenográfico às cenas que se desenrolam no centro do palco. As crônicas ganham ritmo teatral através de uma adaptação em que os diálogos ágeis de Nelson Rodrigues se misturam à narração jornalística de flagrantes da vida como ela é. Os atores personificam tipos que ganham realidade cênica como personagens de um universo banal na aparência, mas quase mítico na essência. As histórias cotidianas ganham a dimensão de um painel. Mas o humor amargo, sem dúvida, é o que domina *A vida como ela é*, que o diretor e adaptador Luiz Arthur Nunes faz questão de sustentar numa encenação dinamizada por imagens que remetem a um ritmo cinematográfico.

##### - A crítica

Não foi localizada.

FIGURA 5 – FOTO DO ESPETÁCULO *A VIDA COMO ELA É*

#### 4.2.3.11 ULF

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Juan Carlos Gené*  
 Direção: *Antônio Abujamra*  
 Elenco: *Paulo Goulart e Nicette Bruno*  
 Tradução: *Renato Icarahy*  
 Adaptação: *Antonio Abujamra*  
 Primeiro assistente de direção: *Wilson Rezende Jr.*  
 Segundo assistente de direção: *Paula Sandroni*  
 Figurino e cenário: *Lidia Kosovski*  
 Trilha sonora: *André Abujamra*  
 Sonoplastia: *Sérgio Sodré*  
 Iluminação: *Milton Giglio*  
 Montagem: *Carlos Rodrigues e Jorge Limão*  
 Direção de cena: *Roberto Bezerra*  
 Camareira: *Dirce Lopes Ferreira*  
 Produção executiva: *Bruno Rocha*  
 Direção de produção: *Deborah Catalani*  
 Administração: *Paulo Camargo*  
 Local: *Teatro SESC da Esquina*  
 Dias: *20 e 21, às 21h30*

##### - O texto

A decadência de dois artistas de circo causada pela velhice é tratada alegoricamente pelo autor argentino Juan Carlos Gené em *ULF*. O mundo do espetáculo não é apenas o universo temático da peça, mas a inspiração para a própria forma da narrativa. Evocando a vida no picadeiro, o casal de artistas evoca também a dualidade permanente de suas vidas: a realidade dura e a evasão do picadeiro. A verdade e a mentira se confundem nas histórias que cada um deles conta. Há mistérios nas suas vidas que procuram esconder de si próprios. As ameaças que envolvem essa frágil dupla de atores se estendem desde sombrias agressões políticas à condição solitária da velhice. O diretor Antônio Abujamra se inspira nos números circenses para sugerir, através de gestos e movimentos que lembram malabarismos, esse mundo evocativo. O passado é o que rege o presente. E é essa a ligação com o passado que suaviza a aspereza do presente. Nicette Bruno e Paulo Goulart recriam o desamparo e a solidão dos personagens com interpretações em que equilibram dramaticidade com humor amargo. Com o mínimo de recursos cenográficos, apenas com apoio de iluminação interativa, *ULF* é um picadeiro aberto para que os seus atores possam projetar a extensão de sua maturidade e temperamento interpretativos.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.2.3.12 DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA



## - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Plínio Marcos*

Direção: *Emílio Di Biasi*

Elenco: *Petrônio Gontijo e Marco Ricca*

Concepção e operação de câmera ao vivo: *Rubens Rewwald.*

Cenário: *Cacá Soares*

Iluminação: *Ari Nagô*

Coreografia das lutas: *Ariela Goldaman*

Trilha sonora: *Cacá Soares*

Produção executiva: *Noêmia Duarte*

Produção: *Cia. do Bixiga/Di Biasi Produções*

Local: *Teatro SESC da Esquina*

Dias: *27 e 28, às 21h30*

## - O texto

Num sórdido quarto de pensão, Tonho e Paco, dois derrotados, enfrentam-se, exasperam-se, provocam-se além de todos os limites. Ambos tiveram sonhos esmagados pela cidade grande. Um veio do interior querendo continuar os estudos para ajudar a família. O outro queria ser músico. Acabam no Mercado Central como carregadores. São tratados pelos patrões, e se tratam entre si, de forma animalésca. O confronto entre Tonho e Paco, cujas conseqüências oscilam do humor escancarado ao desespero estéril, revelaram ao Brasil, em 1967, um de seus maiores dramaturgos, Plínio Marcos. *Dois perdidos numa noite suja* parte de um confronto social. Um dos carregadores tem estudo, vem de uma burguesia decadente. O outro, menos puro, mais malandro, vem da rua, da educação marginal, cujos professores são os mais fortes. *Emílio Di Biasi* alterou parte dessas coordenadas ao tirar o grande texto do limbo e transformá-lo num dos melhores espetáculos da temporada paulistana de 92, com uma encenação polêmica, ambientada num rinque de lama. As diferenças sociais estão presentes nas palavras, não nos figurinos, ou nas atitudes. Paco e Tonho passam a ser menos estranhos um ao outro do que o original sugere. *Biasi* indica que, na grande crise brasileira, essas barreiras de classe se diluem com crescente rapidez. As interpretações de Marco Ricca e Petrônio Gontijo são eletrizantes.

## - A crítica

Não foi localizada.

## - Observações

Segundo informações colhidas no programa do espetáculo, *Dois perdidos numa noite suja* é a peça brasileira mais montada no exterior. O programa traz também a informação que a peça recebeu estudos acadêmicos nos Estados Unidos e na Alemanha. Esses estudos, no entanto, não foram localizados.

### 4.2.3.13 TEMPESTADE E ÍMPETO

### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Orlando Furioso*

Texto: *Renato Cohen*

Direção: *Renato Cohen*

Elenco: *Mariela Nobel, João Andreazzi, Jutilde Medeiros, Fernando Lee, Lali Krotozinski*

Participação em áudio: *Pascoal da Conceição*

Pesquisa: *Renato Cohen, Robson Ribeiros e Soraya Sabino*

Cenografia e figurinos: *Robison Ribeiros*

Pesquisa de movimentos e dança ritual: *Soraya Sabino, João Andreazzi, Renato Cohen*

Iluminação e trilha sonora: *Renato Cohen*

Mídia e sonoplastia: *Vanderley e Angelo Flores*

Técnico de luz: *Marco Loureiro*

Produção: *Orlando Furioso Produções Artísticas Ltda*

Patrocínio: *Escola de Comunicações e Artes da USP e CNPq*

Local: *Provincialado da Santíssima Trindade*

Dias: *24 e 25, às 21h30*

### - O texto

O grupo Orlando Furioso surgiu em 1987, em São Paulo, com *Espelho vivo*, um espetáculo que rapidamente se tornou *cult* e em 1988 viajou para festivais de teatro na Europa como representante do Brasil. Depois, Orlando Furioso entrou em recesso por três anos. Até ressurgir em 1992 com “*Tempestade e Ímpeto*”. O espetáculo leva o público a passear pelo jardim (literalmente) ao mesmo tempo que mergulha, de um lado, na herança do Romantismo, e de outro, na filosofia do Budismo. A revolução dos românticos contra o racionalismo cartesiano e as hierarquias sociais, a luta para libertarem a Arte da camisa-de-força do Classicismo e sua vontade de criar um novo homem, aparecem no espetáculo contrastadas/complementadas por idéias centrais do Budismo, que joga com forças opostas: *yin e yang*, corpo e alma, espírito e matéria. O nome do espetáculo veio de uma peça do romântico alemão F.M.Klinger, contemporâneo de Goethe e Schiller, cuja tragédia *Sturm und Drang*, de 1777, ajudou a definir o espírito do Romantismo. Com sua mescla de exacerbações românticas ocidentais e de dialéticas questões budistas, a montagem de Cohen, dentro de um bosque, recorre à força da natureza, de imagens, de mantras tibetanos, da dança e do ritual para tirar o espectador do mundo cotidiano, incolor, e projetá-lo para outra dimensão, a do sono e do sonho, onde quase se diluem as fronteiras entre a arte e a vida. *Tempestade e Ímpeto* fala de forças represadas dentro do homem desde a aurora da civilização e conduz a platéia ao encontro do autoconhecimento e dos limites de sua imaginação.

### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.2.3.14 25 HOMENS

### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Plínio Marcos*

Direção: *François Kahn*

Elenco: *Cacá Carvalho e Henrique Stroeter*

Dramaturgia: *François Kahn*

Assistente de direção: *Alessandro Cassin*

Produção executiva: *Oriana Bitar*

Produção: *Centro per La Sperimentazione e la Ricerca Teatrale*

Coordenação cenográfica: *Márcio Medina*

Confecção de cenário: *Cicero Gomes*

Iluminação e cenotécnico: *Teatro Margarida Schiwazzappa/ Edson Magalhães*

Local: *Estúdio RGB*

Dias: *21 e 22, às 21h30*

#### - O texto

Mais um texto de Plínio Marcos. Um pequeno conto, aterrorizador e profético, que não foi escrito para o palco. É quase uma crônica macabra sobre o que acontece numa cela de prisão ou delegacia, construída para abrigar oito detentos, mas superlotada com 25 homens. A narrativa de Plínio Marcos, que tem início como relato quase naturalista do dia a dia indigno, sub-humano, transforma-se aos poucos numa espécie de prece e lamento. Sem pieguice. Com uma assombrosa e assustadora objetividade, o escritor evoca e materializa mundos onde a degradação atinge níveis inimaginados. Não é uma coincidência, qualquer semelhança com o massacre do Carandirú, em São Paulo, quando, para sufocar uma rebelião, policiais trucidaram 111 presos. Há 25 anos, o autor é uma voz solitária e apolítica chamando a atenção para a convulsão social em que este país está mergulhado. Interpretado por Cacá Carvalho *Meu Tio, o Iauaretê, e 25 Homens* ganha uma alma pungente, palpitante. Cacá, um dos maiores atores de sua geração, foi dirigido com extrema sensibilidade por François Kahn, do célebre Centro de Experimentação de Pontedera, na Itália, que produziu o espetáculo originalmente. A violência está nas palavras, mais que nas ações. Com extraordinária força e contenção, Cacá Carvalho narra os acontecimentos. Pode parecer de início que não há emoção no espetáculo. Mas logo ela se faz presente. Sutil, concentrada, fatal. *25 Homens* consegue o prodígio de falar da suprema abjeção da sociedade contemporânea com uma elegância e pungência raras vezes vistas em cena. Cacá Carvalho atua com a precisão de um samurai em batalha.

#### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.2.3.15 O PARAÍSO PERDIDO

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Teatro da Vertigem*

Texto: *Antônio Araújo e Sérgio Carvalho*

Direção: *Antônio Araújo*

Roteirização: *Antonio Araújo e Sérgio de Carvalho*

Concepção e direção geral: *Antonio Araújo*

Elenco: *Cristina Lozano, Daniella Nefussi, Evandro Amorim, Johana Albuquerque, Lucienne Guedes, Marcos Lobo, Matheus Nachtergaele e Vanderlei Bernardini*

Dramaturgia: *Sérgio de Carvalho*

Assessoria corporal: *Cibele Cavalcanti, Lucia Romano, Marcelo Milan, Maria Thais, Pedro Pires e Tica Lemos*

Direção coreográfica: *Lucia Romano e Lucienne Guedes*

Figurinos e visagismo: *Fábio Namatame*

Iluminação: *Guilherme Bonfanti e Marisa Bentivenha*

Composição e direção musical: *Laércio Rezende*

Músicos convidados: *Flávia Campos, Laércio Rezende, Marta Franco, Atilio Marsiglia, Magda Dourado Pucci e Miguel Barella*

Produção executiva e administrativa: *G. Petean e Danilo Ravagnani*

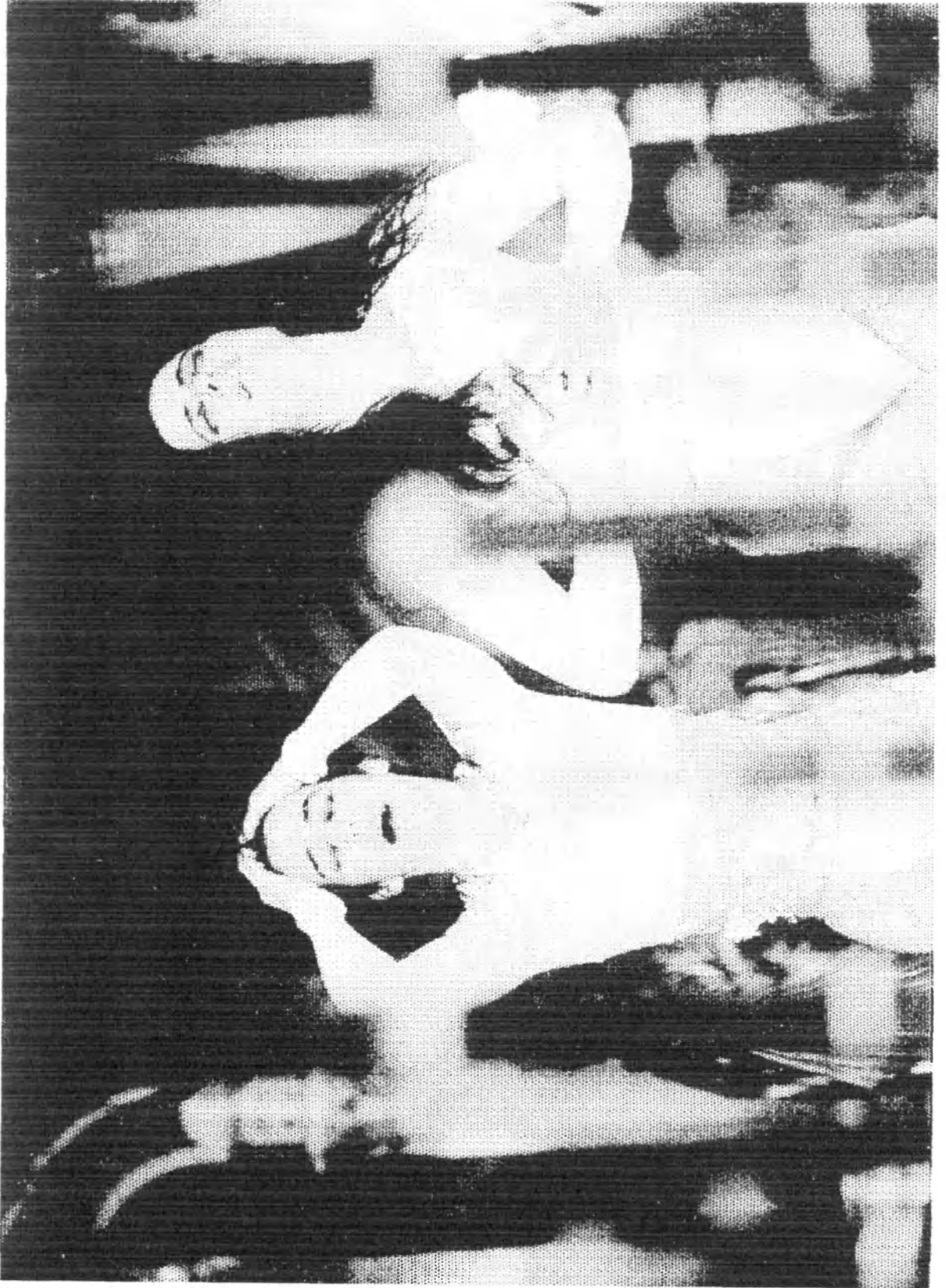
Local: *Catedral Metropolitana*

Dias: *26, 27 e 28, às 21h30*

#### - O texto

O espetáculo mais polêmico da temporada paulista de 1992. Encenado na Igreja de Santa Ifigênia, templo em estilo gótico engravado no centro de São Paulo, *O paraíso perdido* causou escândalo e atraiu a atenção da mídia pelo protesto de fanáticos inconformados, que não admitem apresentação de um espetáculo de teatro na casa do Senhor; embora seja uma antiga tradição medieval. Acompanhando-o, as pessoas são defrontadas com várias atitudes ante a perda do favor divino: a impotência, a revolta e, finalmente, a submissão a uma vontade mais poderosa, que indica o caminho da redenção. Montada por Antônio Araújo, um diretor sensível e talentoso formado há dois anos pela ECA/USP, e um grupo de jovens atores, *O paraíso perdido* consegue o prodígio de, através da arte, numa era essencialmente materialista e pragmática, resgatar por um instante a emoção religiosa mais essencial, que pode ser reconhecida por fiéis de todos os credos. E até por ateus. Desde que não sejam estúpidos e intolerantes.

FIGURA 6 -- FOTO DO ESPETÁCULO *O PARAISO PERDIDO*



## - A crítica

Essa peça chegou ao Festival de Curitiba carregada de polêmica. Como o espetáculo havia sido concebido para ser apresentado dentro de uma igreja, foi realizada uma pré-estréia para as autoridades eclesiais locais visando à autorização para a apresentação na catedral Basílica. Do lado de fora, alguns católicos protestaram contra o uso do lugar sagrado para a apresentação da obra supostamente profana. Houve muitos incidentes, mas a intervenção de Wallace Requião Mello e Silva, irmão do governador, garante a apresentação sem incidentes da peça. O espetáculo é recebido com êxtase pelos curitibanos. O público aplaudiu com entusiasmo a montagem. As palavras das autoridades religiosas dão um tom do clima que envolvia o espetáculo.

“Quem pode ficar indiferente ao ver desfilar diante dos olhos retratos da própria vida? *O paraíso perdido* retrata a vida, pois, a vida é toda feita de perdas, buscas e encontros.[...] E hipócritas que somos, nos ofendemos quando alguém pisa o altar de pedra, a imagem de barro, a hóstia de pão... mas, ferozmente, pisamos, massacrados, linchamos o trombadinha, o presidiário, o bandido! Porventura, não eram vidas sagradas? A que ponto chegamos: decaídos, desintegrados, desorientados, revoltados, violentos, clamando olho por olho, dente por dente, numa infinda onda de sangue”.

FONTE: GOZZI, Paulo H. *Procurem e encontrarão*. Paróquia de Santa Efigênia, São Paulo<sup>29</sup>.

“A Igreja de São Paulo abre suas portas para o espetáculo que discute a relação da pessoa com Deus e com os outros[...]. A Igreja reinventou o teatro com autos-sacramentais dentro do templo na Idade Média. Agora a Igreja de São Paulo recupera a tradição medieval de espetáculo teatral dentro de edifício religioso[...]. Recupere seu Paraíso perdido. Reconstrua sua felicidade. A felicidade está dentro de você. Ninguém compra a felicidade. Ela não depende do que acontece para você[...]. Coloque a ótica do transcendente, do sobrenatural, do divino e retorne ao paraíso”.

FONTE: ARNS, Paulo Evaristo. *A Igreja acolhe o teatro*. São Paulo<sup>30</sup>.

### 4.2.3.16 A MULHER CARIOCA AOS 22 ANOS

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Cia. Do Centro de Demolição e Construção do Espetáculo*

Texto: *João de Minas*

Direção: *Aderbal Freire-Filho*

Elenco: *Cândido Damm, Duda Mamberti, Gillray Coutinho, Malu Valle, Marcelo Escorel, Orã Figueredo, Suzana Saldanha, Thiago Justino. cenógrafo: José Dias*

Figurino: *Biza Viana*

Preparador corporal: *Rossela Terranova*

Diretor musical: *Ubirajara Cabral*

Iluminação: *Marcos Vogel*

Direção de produção (fase 1): *José Carlos Simões*

<sup>29</sup> Texto escrito pelo Pároco local por ocasião da estréia do espetáculo em sua paróquia.

<sup>30</sup> D. Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo, escreveu este texto na ocasião da estréia do espetáculo na Igreja de Santa Efigênia.

Direção de produção (fase 2): *Antonio Carlos Bernardes*

Diretor assistente: *Marcos Vogel*

Local: *Teatro SESC da Esquina*

Dias: *23, 24 e 25, às 21h30*

#### - O texto

O romance *A mulher carioca aos 22 anos*, que João de Minas escreveu há 60 anos, é uma relíquia literária. João de Minas tratava o sexo como simulacro da hipocrisia e se utilizava, premonitoriamente, de gêneros pouco conhecidos, como a ficção científica. O diretor Aderbal Freire-Filho percebeu nessa obra as suas melhores possibilidades teatrais e não fez qualquer adaptação do original. Seguiu o fluxo da narrativa literária, retirando da própria seqüência do livro as suas características teatrais. A chave para que o espectador entre no código da montagem é a farsa. Os atores interpretam, através da sua própria narração (os personagens contam a sua história), antecipando aquilo que vai acontecer, vivendo aquilo que anunciam. Há um rodízio de atores que interpretam dezenas de personagens, trocando constantemente de figurinos que alternam situações dramáticas e demonstram que a obra de João de Minas não é apenas uma curiosidade literária, mas que traz em si valores expressivos, especialmente por misturar gêneros e manter durante toda a narrativa um ar crítico sobre a sociedade brasileira.

#### - A crítica

Não foi localizada.

### 4.2.4 Os eventos paralelos

#### 4.2.4.1 Mostra Nelson Rodrigues de cinema

Para reviver as adaptações das obras escritas por Nelson Rodrigues para o cinema, o II Festival de Teatro de Curitiba promoveu uma mostra com a seleção de sete filmes que retratam diversas fases da obra do dramaturgo. Os filmes apresentados foram:

*A falecida*, direção de Leon Hirszaman;

*A dama a lotação*, de Neville D'Almeida;

*Toda nudez será castigada*, de Arnaldo Jabor;

*Boca de ouro*, de Walter Avancini;

*Os sete gatinhos*, de Neville D'Almeida;

*O casamento*, de Arnaldo Jabor;

*Beijo no asfalto*, de Bruno Barreto.

Todas as sessões aconteceram na Cinemateca de Museu Guido Viaro. A entrada foi franca e as sessões foram às 14h, 16h, 18, 20h e 22h.

#### 4.2.4.2 Ciclo de debates

Os debates fizeram parte do II Festival de Teatro de maneira intensa. Foram vários os temas discutidos:

*O anjo pornográfico – A musa do verão*, com Ruy Castro, Sábado Magaldi, Luiz Artur Nunes e Jofre Rodrigues. O mediador foi Aimar Labaki.

*Público, este desconhecido*, com Alexandre Machado, Beatriz Segal, Walter Hugo Khoury e Gabriel Vilela. O mediador foi Macksen Luiz.

*Teatro em Curitiba: Bicho do Paraná*, com Paulo Goulart, Marcelo Marchioro, Edson Bueno e Ileana Kwasinski. O mediador foi Aimar Labaki.

*Produzir teatro: Quem se habilita?*, com Sábado Magaldi, Paulo Autran, Marcos Montenegro, e Francisco Marques. O mediador foi Yacoff Sarkovas.

*Teatrão X experimentação: Quem merece subvenção?*, com João Madeira, Humberto Braga, Marcos Caruso, e Enrique Diaz. O mediador foi Alberto Guzik.

*Exportar é o que importa?*, com Gerald Thomas, Bia Lessa, David George e Marcos Caetano Ribas. O mediador foi de Sábado Magaldi

*Ideologia: O palco quer uma pra viver?*, com Aderbal freire Filho, Moacyr Góes, Eugênio Bucci e Lauro Cesar Muniz. O mediador foi de Aimar Labaki.

#### 4.2.4.3 Tarde de autógrafos

O jornalista Ruy Castro autografou o livro *O anjo pornográfico*, no dia 20 de março, na *Livraria Curitiba* da avenida Luis Xavier.

#### 4.2.4.4 I Encontro da Rede Brasil

Produtores de artes cênicas de 13 cidades diferentes, realizaram um encontro para organizar uma rede brasileira de exibição de espetáculos e de intercâmbio entre artistas. Na última sessão houve uma mostra de vídeo com as melhores produções cênicas de cada cidade.

#### 4.2.4.5 Cabaret Aeroanta

A casa de *shows* Aeroanta abriu todas as noites do Festival oferecendo uma programação para a diversão das companhias presentes.



#### 4.2.4.6 Programação associada

Dois espetáculos foram apresentados nessa programação:

*Sexo dos anjos*, de Flávio de Souza. Direção Paulinho Maia. Com Anna Zétola e Paulo Alves.

*Baal Babilônia*, de Fernando Arrabal. Direção de Carlos Felipe Hirsch. Com Guilherme Weber.

#### 4.2.5 A avaliação geral do II Festival de Teatro de Curitiba

O Festival de Teatro de Curitiba transformou a cidade no maior palco do país. Mais de 500 profissionais se envolveram na realização do evento, exibindo espetáculos em cinco teatros, um estúdio, um parque e uma igreja e discutindo nossa produção cênica. Nesses dias, o Festival fez de Curitiba uma vitrine viva de excelência do teatro brasileiro. Em 93, o FTC, que já nasceu forte, cresceu ainda mais.

Além da Mostra de Teatro Contemporâneo Brasileiro, eixo principal do evento este ano composta por 16 espetáculos, a programação ganha impacto com uma série de atividades paralelas, aproveitando a alta concentração de talentos reunidos pelo Festival. Com isto, Curitiba torna-se o grande centro de reflexão teatral do país e o Festival, o maior veículo institucional do teatro brasileiro. Integrado este ano ao calendário oficial em comemoração aos 300 anos da cidade, o Festival de Teatro de Curitiba é uma iniciativa independente, realizada pela associação das produtoras Arte de fato, de Curitiba, e Artecultura, de São Paulo. Um projeto de dimensão econômica superior a 1 milhão de dólares que se torna viável com o patrocínio do Bamerindus, o apoio promocional de mais seis empresas e da Prefeitura Municipal de Curitiba, a colaboração de outras 22 e com o próprio público, através da bilheteria. Como empreendimento, o *FTC* é um modelo exemplar da capacidade da sociedade civil de produzir e difundir sua cultura.

#### 4.2.6 Ficha técnica geral do II Festival de Teatro de Curitiba

Direção geral: *Yacoff Sarkovas*

Assistente de direção: *Cida Santana e Fernanda Savoldi*

Direção financeira: *Cesar Heli Oliveira*

Coordenação administrativa: *Julinda Silva*

Assessoria de programação: *Alberto Guzik e Macksen Luiz*

Curadoria de eventos paralelos: *Aimar Labaki*

Curadoria da mostra de cinema: *Francisco Nogueira*

Organização do encontro da Rede Brasil: *Marcos Caetano Ribas*

### 4.3 O FUTURO DURA MUITO TEMPO : III FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA

Em 1994 o Festival de Teatro de Curitiba passa por transformações internas. Houve muitos problemas entre os organizadores e a probabilidade de que o Festival desse ano não acontecesse. Dessas especulações apareceram muitas notícias nos jornais<sup>31</sup>. O principal patrocinador, o Banco Bamerindus, retirou o patrocínio e a comissão, que passava por problemas pessoais e internos, ficou debilitada. Com pouca experiência na área administrativa, era de se esperar que algo dessa natureza pudesse abalar a organização e a condução do evento. Depois das inúmeras brigas divulgadas pelos veículos de comunicação, Yacoff Sarkovas rompeu com o grupo e não era mais o diretor artístico do Festival. A saída do diretor artístico abalou ainda mais a administração do evento. Foi necessário um tempo de reorganização interna para que viesse a público o nome do novo diretor artístico do Festival. Essa particularidade era de suma importância de vez que o grupo, ainda com pouca experiência, necessitava de pessoas que gozassem de alta reputação perante a classe teatral e sociedade. O Festival ainda corre o risco de não acontecer por falta de patrocinadores e resolução dos problemas administrativos<sup>32</sup>. Mais tarde, depois de reorganizados internamente, era necessário procurar patrocinadores. O apoio chegou de outras empresas paranaenses<sup>33</sup> que ainda não tinham grande envolvimento com a *Arte de Fato*. O Festival começou a tomar forma porque afinal, o que estava faltando era o dinheiro, já que os demais itens viriam em função dele. A direção artística do Festival passou para o crítico paulista Sebastião Milaré. César Heli Oliveira saiu do grupo junto com Yacoff Sarkovas, e Carlos Eduardo decidiu participar pela última vez do festival: iria dedicar - se somente à arquitetura. No grupo permanecem Victor Aronis, Leandro

---

<sup>31</sup>FONTES:

LEITE, José Corrêa. Sai ou não sai? *Folha de Londrina*. 14 jan. 1994. Caderno 2, p.03.

JORNAL DO ESTADO. 3ª edição do *FTC* acontece em março. Curitiba, 20 jan. 1994. Espaço Dois, p.3c.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Festival de Teatro. Curitiba. 14 jan. 1994. Agenda, p. F-1.

FOLHA DE SÃO PAULO. Festival de Curitiba será em março. 13 jan 1994.

JORNAL DO ESTADO. Começam os preparativos para o *FTC*. Curitiba, 13 jan 1994. Espaço Dois, p. 1- c.

<sup>32</sup> GAZETA DO POVO. 16 jan. 1994. Cultura G., p.03

<sup>33</sup> As empresas que agora financiam o Festival são: Grupo Positivo, Editora Abril, TV Paranaense e Prefeitura Municipal de Curitiba.

Knophfolz e Cássio Chamecki. A empresa que, inicialmente, se chamava *Arte de Fato* agora passa a chamar-se *FTC*. O futuro ainda vai durar muito tempo.

#### 4.3.1 Temática

A terceira edição do Festival de Teatro de Curitiba aconteceu no período de 14 a 28 de março de 1994<sup>34</sup> e o tema dessa edição foi *Caminhos e figuras do teatro*.

#### 4.3.2 Os Curadores

Sebastião Milaré, crítico de cinema e teatro.

José Carlos Serroni, arquiteto, cenógrafo, figurinista e trabalha com Antunes Filho.

Carmem Mello, produtora executiva.

#### 4.3.3 Os espetáculos

##### 4.3.3.1 VESTIDO DE NOIVA

###### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: Nelson Rodrigues

Direção: Luis Arthur Nunes

Elenco: Malu Mader e Luciana Braga<sup>35</sup>

Local: Ópera de Arame

Dias: 17,18 e 19 de março

###### - O texto

A montagem teve a marca comemorativa dos 50 anos da estréia da peça. Tensões subconscientes fundem a memória do real com a fantasia na obra de Nelson Rodrigues que narra os momentos finais de Alaíde, vítima de um atropelamento. As cenas da peça são relatos do real (Alaíde tratada pela equipe cirúrgica e as repercussões do acidente na imprensa) e do imaginário (as convulsas recordações da vida familiar, filtradas por imagens do delírio que se

<sup>34</sup> Todas as peças desta edição acontecem neste mesmo ano, portanto só serão mencionadas as datas e os locais, o ano permanece o mesmo.

<sup>35</sup> As atrizes tinham uma entrevista coletiva agendada para as 15h no dia do espetáculo, mas não compareceram. O motivo foi contraditório: enquanto uns afirmavam que as atrizes simplesmente não quiseram ir, outros diziam que foi o produtor do espetáculo que as dispensou da coletiva.

engendam na fantasia de Alaíde sobre uma prostituta, Madame Clessi, assassinada muito tempo antes).

Narrativa fragmentada, de ritmo alucinante, em diálogos concisos em que cada frase é a síntese de fatos reais e imaginários, de sentimentos opostos, numa permanente conflagração íntima. Ao estrear *Vestido de Noiva*, em 1943, por Os Comediantes dirigidos (e iluminados) por Ziembinski, em cenários de Santa Rosa, o teatro brasileiro marcou sua entrada na modernidade cênica. Era um novo teatro que surgia, com cenários, planos de luz, música e interpretações convergindo para uma idéia estética. Idéia materializada na linguagem expressionista de Ziembinski.

O *Vestido de Noiva* que compõe a programação oficial do III Festival de Teatro de Curitiba, embora comemorativo aos 50 anos da histórica montagem, não é uma tentativa de reconstituição da mesma. O diretor Luiz Arthur Nunes optou pelo realismo interpretativo e, substituindo a divisão física do espaço (em planos de realidade, da memória e da alucinação) por efeitos de luz, procurou dar nova dinâmica à narrativa.

Os papéis de Alaíde e de Lúcia, vividos por estrelas que se destacam na história do teatro brasileiro – como Cacilda Becker e Maria Della Costa, são agora interpretados pela novíssima geração de estrelas, reveladas pela televisão: Malu Mader e Luciana Braga.

### - A Crítica

A crítica ficou bastante dividida: de um lado críticos odiaram as atuações das atrizes que compunham o elenco, atribuindo a elas o fracasso da peça; do outro lado, críticos teceram os mais calorosos elogios à montagem e às atrizes. Somente 39,06 % do público aprovaram a montagem<sup>36</sup>.

“Montagem pobre em concepção, encabeçada por Malu Mader [...] “Vestido de noiva” é um engano [...] Os dois vestidos de noiva, por outro lado agradariam qualquer estilista de alta costura. No mais, restou uma pergunta no ar: onde estava a paixão e a ironia ácida de Néelson Rodrigues?”

FONTE: FONTANA, Marcia. Onde foi parar Nelson Rodrigues?. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 mar. 1994. Cultura G, p. 31.

“ [...] O festival abre dia 17 com uma vedete cinquentona porém recauchutada...”

FONTE: GUTKOSKI, Cristina. “Vestido de Noiva” abre o Festival de Curitiba. *Zero Hora*, Porto Alegre, 2 mar. 1994. Teatro, p.04.

“O diretor de “Vestido de noiva” coloca em cena uma leitura fiel ao espírito da obra”

FONTE: LEITE, Zeca Correa. Fidelidade Rodriguiana. *Folha de Londrina*, 18 mar. 1994. Caderno 2, p.3.

“[...] o diretor compôs um espetáculo onde a força dramática dos personagens fundamenta suas concepções cênicas.”

FONTE: BARROS, Lydia. Um clássico da dramaturgia. *Diário de Pernambuco*, 18 mar. 1994. Em dia, p. d8.

“montagem melodramática e folhetinesca abriu anteontem à noite o 3º Festival de Curitiba [...] o diretor optou por seguir à risca as rubricas do dramaturgo, deixando que o espetáculo

<sup>36</sup> Segundo dados da Paraná Pesquisas, empresa responsável pela avaliação do festival junto ao público.

descambasse para uma atmosfera melodramática e folhetinesca, que em determinados momentos conseguiu arrancar gargalhadas do público”.

FONTE: MOCARZEL, Evaldo. *Novo Vestido de Noiva* decepciona. *O Estado de São Paulo*, 19 mar. 1994. Caderno 2, p. D2.

#### 4.3.3.2 VAU DA SARAPALHA

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Cia. De Teatro Piolim*

Texto: Guimarães Rosa

Adaptação e Direção: *Luis Carlos Vasconcelos*

Local: *Auditório da Reitoria*

Dias: *22, 23 e 24 de março*

##### - O texto

Através do rigoroso trabalho de pesquisa, tanto sobre os recursos interpretativos dos atores quanto sobre recursos expressivos da cena, o Grupo obtém uma visão transcendente do conto de Guimarães Rosa. É um nobre exemplo do experimentalismo atual, no qual inventividade e descoberta de novos meios alimentam o poder criativo dos jovens e talentosos criadores. A exuberante tradição cênica do universo de Guimarães Rosa apresentada pela Cia. de Teatro Piolim, de João Pessoa, Paraíba, foi a grande surpresa da última temporada em São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais.

O sertão de Guimarães, habitado por deuses e demônios, refletindo sempre a dualidade humana, ganha emocionante materialidade no palco. E não se sabe o que mais impressiona: se a fina sensibilidade do diretor e adaptador, que consegue articular os elementos fogo, ar, terra e água para, através deles, expressar paixões sufocadas, reprimidas, mas explodindo continuamente à flor da pele, que por meio da pesquisa, se a busca de uma linguagem específica, que cria tipos inesquecíveis, como os dois primos, a velha Ceição, o perdigueiro Jiló...

O espectador acompanha o desenrolar do drama dos primos Argemiro e Ribeiro, sertanejos afetados pela malária, num absoluto fascínio. O sertão, com seus sons peculiares, com sua atmosfera impregnada de forças antagonicas, onde deuses e demônios se digladiam eternamente, está no palco, nesta narrativa cênica contaminada de poesia.

Com este espetáculo, o Cia. de Teatro Piolim – que tem uma longa história de experimentações dramáticas, de pesquisa e do ensino de teatro – ganhou projeção nacional e rompeu fronteiras, levando imagens do sertão brasileiro transformadas em arte para platéias de outros países.

##### - A Crítica

O espetáculo foi bem recebido pelo público e pela crítica. O trabalho de pesquisa musical do grupo foi um dos elementos de destaque durante a encenação. O perfeito desenvolvimento da música durante o espetáculo conferiu a mágica comentada pelos espectadores. Segundo a Paraná Pesquisas, este espetáculo foi considerado uma das boas surpresas da terceira edição do Festival de Teatro de Curitiba.

“*Vau da Sarapalha* é um destes momentos mágicos do teatro, quando a platéia sai boquiaberta, quase sem acreditar no que acabou de ver. O texto, adaptado de um conto de Guimarães Rosa, é por si só um atrativo, mas somado à bela iluminação, ao cenário original e às fantásticas interpretações, sem falar na sonoplastia, toda feita pelos próprios atores e por um percussionista, se transforma em um espetáculo ímpar, de uma beleza impressionante.”

FONTE: *Gazeta do Povo*. Vau de Sarapalha encanta público com magia do sertão. Curitiba, 24 mar. 1994. Cultura G, p. 6.

“ A Companhia de Teatro Piolim existe desde 1977 e vive constantemente pesquisando sons da natureza. [...] surge então uma sinfonia de ruídos que dão uma dramaticidade inusitada em cada uma das cenas.”

FONTE: MOCARZEL, Evaldo. Piolim mostra partitura em Curitiba. *O Estado de São Paulo*, 21 mar. 1994. Caderno 2, p.d2.

#### 4.3.3.3 BECKETT

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Sobrevento*

Texto: *Samuel Beckett*

Tradução: *Fátima Saadi*

Direção Geral: *Luiz André Cherubini*

Concepção Visual e Organizações da montagem: *Grupo Sobrevento*

Música e direção musical: *Queca Vieira*

Iluminação: *Renato Machado*

Confecção de Bonecos e Adereços: *Grupo Sobrevento e Flávia Alfinito*

Local: *Teatro Fernanda Montenegro*

Dia: *19 de março*

##### - O texto

Apesar de Beckett jamais ter escrito para o teatro de bonecos, com esta montagem o Grupo Sobrevento busca uma visão muito particular de sua obra. Explorando técnica de manipulação do teatro de bonecos japonês *Bunraku* ( no qual cada boneco é manipulado a 6 mãos ), o Grupo Sobrevento atingiu um nível de perfeição surpreendente na concepção visual e organização dessa montagem. O *Bunraku* é uma técnica difícil, preciosa, que os integrantes do Sobrevento conquistaram e devolveram com admiráveis imaginação e inventividade. Tudo isso determinou a alta categoria deste espetáculo que vem recebendo unânimes elogios da crítica.

A solidão, a dissolução do indivíduo, o vazio dos discursos, a inutilidade das palavras, elementos descritos do “absurdo” da existência, matérias-primas da obra de Samuel Beckett, são agora utilizadas pelo Grupo Sobrevento. O espetáculo reúne três peças curtas do grande dramaturgo: *Ato sem palavras I*, mostra um indivíduo tentando alcançar um garrafa que teima em escapar-lhe, colocando a metáfora da luta pela superação dos limites em face de um mundo deteriorado; *Ato sem palavras II* expõe o vazio do dia-a-dia e a eterna repetição de gestos, a ansiedade pela ansiedade que faz o cotidiano do homem moderno; *Improviso de Ohio*, trata da dificuldade de comunicações entre as pessoas através de um homem que lê para o outro a história de um homem que lia, toda as noites, uma história para o outro.

O humor corrosivo de Beckett, revestido de lirismo, adquire nova dimensão no trabalho do Sobrevento. Se às vezes os personagens parecem marionetes manipuladas por forças invisíveis, ao serem “vividos” por bonecos ganham intensa humanidade.

#### - A Crítica

A crítica local aprovou a utilização de bonecos na montagem do texto de Beckett. Não foi localizada a opinião do público que esteve presente no teatro.

“ Nem um pouco narcisista o quarteto está preocupado com as inúmeras possibilidades que o teatro de animação propicia. [...] com grande precisão, os bonecos manipulados em *Beckett* parecem até mesmo respirar. ”

FONTE: GAZETA DO POVO. Bonecos vivem alegoria de Beckett. Curitiba, 19 mar. 1994. Cultura G, p. 30.

#### 4.3.3.4 SRA. KLEIN

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Tapa*

Texto: Nicholas Wright

Direção: *Eduardo Tolentino*

Elenco: *Ana Lúcia Torre, Denise Weinberg e Clara Carvalho*

Local: *Teatro Fernanda Montenegro*

Dias: *25, 26 e 27 de março*

##### - O texto

Inspirado em fatos da vida e no pensamento original de Melanie Klein – controversa seguidora de Freud – Nicholas Wright escreveu o belo texto que o Grupo Tapa apresenta no III Festival de Teatro de Curitiba. Espetáculo exemplar em que o diretor, com economia de recursos, valoriza os diálogos e conduz os intérpretes ao encontro dos seus personagens provocante, num puro realismo denso e poético.

Poucas vezes, no teatro atual, se vê uma autêntica valorização do texto como ocorre em *Sra. Klein*. As atrizes, numa busca muito bem sucedida dos significados ocultos dos personagens que vivem, sublinham palavras e idéias, colocando claramente as paixões contraditórias dessas mulheres incomuns. Ana Lúcia Torres ( como Sra. Klein), Clara Carvalho e Denise Weinberg vão nos revelando os personagens num crescendo, na medida em que o texto insinua seus conflitos. É nesta medida também que elas vão mergulhando, amorosamente, no núcleo das questões existenciais, de pulsações nervosas, sempre acrescentando tensões entre acontecimentos cênicos e a platéia.

A temporada da peça em São Paulo foi marcada por uma série de debates com psicólogos – debates que foram retomados aqui, no Festival, no dia 27 de março, com a presença do diretor Eduardo Tolentino, psicanalistas e público.

##### - A crítica

A única crítica localizada ressalta os aspectos psicológicos da montagem de Tolentino. Esse fato parece ter dado ao espetáculo boas avaliações pela crítica. A opinião do público não foi localizada.

“*Sra Klein* encena o universo de algumas mulheres, seus conflitos existenciais. [...] É nesta medida também que elas vão mergulhando, amorosamente, no núcleo das questões existenciais, no sítio da irracionalidade de cada uma. As *personas* se desdobram, se multiplicam e enchem o palco de expectativa, de pulsações nervosas, sempre acrescentando tensões entre os acontecimentos cênicos e a platéia”

FONTE: O ESTADO DO PARANÁ .Psicanálise no prosaênio. Curitiba, 25 mar. 1994. Almanaque, p. 21.

#### 4.3.3.5 QUADRIMATZI

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Cristiane Paoli-quito*

Elenco: *Dete Dorgam, Noêmica Duarte, Thais Ferrara e Walmir Santana*

Cenografia/ figurino: *Leopoldo Pacheco*

Iluminação: *Rodrigo Mathes e Carlos Gaucho*

Local: *Auditório da Reitoria*

Dias: *26 e 27 de março*

##### - O texto

Há anos, a diretora Paoli-Quito vem se dedicando ao estudo da arte do *clown* (uma personagem adulta com alma de criança, que vive na dignidade de simplesmente ser a fantasia e a concretude de um espírito livre, mesmo que este seja distorcido, impotente, desarticulado ou ludicamente ridículo). Em *Quadri Matzi*, contando com quatro jovens e talentosos atores, chegou a um nível primoroso na pesquisa e experimentação da arte do *clown*. *Quadri Matzi* é o estado mental em que o indivíduo vê e se relaciona com o mundo de maneira direta, sem os filtros criados pelo condicionamento sócio-cultural.

O espetáculo, originalmente concebido para ser realizado por *clowns*, narra a história de quatro indivíduos que se encontram numa casa e se vêem impedidos de sair por causa de uma chuva torrencial. A estrutura narrativa de extrema simplicidade transborda de humor e lirismo e revela, aos poucos, a rede de relações que em que se metem na ânsia de querer sair: a espera, os jogos para passar o tempo; as descobertas pessoais de cada um, os planos para sair. A trajetória de cada *clown* dissecou e escancara as múltiplas faces e fraquezas do ser humano. A força do espetáculo está na riqueza da composição de cada personagens e sua relação com os outros e com a platéia.

Com humor vibrante e ingênuo dos *clowns* permeando todas as situações, o espetáculo contrasta momentos de alegria, ansiedade, melancolia e lirismo. O jogo de transformação em que ele se estrutura faz com que uma cena dê origem a outra e que um objeto possa ser muitos. A trilha sonora, muito mais do que simplesmente pontuar a ação ou dar o clima da cena, é parte fundamental da encenação pois, na maioria das vezes, é executada pelas próprias personagens, ao vivo.

##### - A Crítica



O espetáculo agradou o público e a crítica. O humor, fio condutor nesta trama, foi quem garantiu a aprovação. A Paraná Pesquisas apurou que este espetáculo também foi considerado pelo público uma boa surpresa do festival.

“ *Clown* – uma personagem adulta com alma de criança, que vive na dignidade de simplesmente ser a fantasia de um espírito livre.[...] Com o humor vibrante e ingênuo dos *clowns* permeando todas as situações, o espetáculo contrasta momentos de alegria, ansiedade, melancolia e o clima da cena é parte fundamental da encenação pois, na maioria das vezes esse clima é criado pelas próprias personagens, no momento do espetáculo.”

FONTE: CORREIO DE NOTÍCIAS. 24 mar. 1994. Programe – se, p.3.

#### 4.3.3.6 TRILOGIA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Peças: *Auto da Paixão, Bandeira da Divina Graça e Malo*

Direção: *Romero Andrade de Lima*

Local: *Aeroanta*

Dias:

*Auto da Paixão* – 20 de março

*Bandeira da Divina Graça* – 21 de março

*Malo* – 22 de março

##### - O texto

Premiado cenógrafo e figurinista, Romero Andrade Lima é um dos valores de nosso teatro que, ultimamente, vem se dedicando também à direção. Sobre temas religiosos, filtrados e transformados pelo imaginário popular nordestino, Romero Andrade Lima criou esta Trilogia em que a arte plástica e a música formam a base da manifestação dramática.

No *Auto da Paixão – Doze Cânticos de Amor e Morte*, esculturas-retábulos em madeira, gesso, peles, metal e outros materiais são pontos de referência para os quadros que contam a vida de Cristo, da Anunciação até a Ressurreição. Doze “pastoras” percorreram instalações narrando, através do canto e da fala, os episódios sacros.

O segundo espetáculo, *Bandeira da Divina Graça – Quinze Cânticos de Amor e Inocência*, discorre sobre a vida da Virgem Maria. Segundo Romero, o *Auto da Paixão* “nasceu de um conjunto de doze esculturas realizadas para uma exposição. A *Bandeira* foi o oposto. A idéia do espetáculo é que determinou as quinze telas” que criam o ambiente para as cenas da vida de Nossa Senhora. Com isso Romero pretende retomar a antiga técnica de “quadros vivos” com os atores representando frente aos telões.

Finalmente, *Malo – Nove Cânticos de Amor e Perdição*, celebra Dioniso (visto como um “demônio”) fazendo evocações de nove estações “democráticas”.

##### - A crítica

Foi localizada apenas um texto crítico sobre a montagem de Andrade, porém ele parece repetir os elementos apresentados no programa do espetáculo. Não há, por parte do crítico, posicionamento claro e preciso em relação aos elementos que fizeram parte da

encenação. Na localização da opinião do público, constatamos que o espetáculo foi uma das grandes surpresas do festival<sup>37</sup>.

“A Trilogia de Romero impressiona pela beleza plástica. [...] Tem as inefáveis doze pastoras – atrizes e cantoras – que dão vida a esses quadros onde a arte erudita e a popular interagem, como interagem na obra o sacro e o profano.”

FONTE: *A Folha da Imprensa*. Criação de Romero Andrade em espaço eclético. 8 mar. 1994. *Cultura e mundis*, p.16.

#### 4.3.3.7 PIXINGUINHA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Amir Haddad*

Direção Musical: *Tim Rescala*

Elenco: *Drica Moraes, Fernanda Eiras, Malu Valle e Marcelo Vianna*

Cenário: *Lidia Kosovski*

Figurino: *Ney Madeira*

Iluminação: *Renato Machado*

Coreografia: *Jaime Aroxa*

Local: *Aeroanta*

Dias: *23 e 24 de março*

##### - O texto

Musical que retoma a tradição da “revista”, ou seja, o autêntico musical brasileiro, embora sem prender-se à estrutura característica do gênero. Cerca de trinta composições de Pixinguinha são revisitadas por Jayme Vignoli (cavaquinho e violão); Josimar Carneiro (violão de sete cordas); David Ganc (flautim, flauta e sax alto); Humberto Araújo (flauta, sax soprano e sax tenor); e Os Bolão (Bateria e Percussão). Em oitenta minutos de espetáculo os quatro atores – cantores (acompanhados ao vivo por um grupo de “batutas”) revivem músicas como “Seresteiro”, “Carinhoso” e “Samba de Nego”, encarando um legião de personagens da época que desfila pelas seis cenas fictícias montadas em torno da figura celebrada, mas nunca presente, de Pixinguinha.

O cantor Mário Reis, a prostituta Carmem, o *socialaite* Arnaldo Guinle, a mãe-de-santo Tia Isabel, a imbatível dupla de dançarinos Duque e Zizinha, ou tipos como a mulata sestrosa e do malandro-agulha povoam ambientes como o Cinema Palais, onde a música dos legendários “Oito Batutas” atraía mais público que as fitas em cartaz; as casas de mulheres de “má fama”, endereço infalível dos boêmios da época; dos terreiros de umbanda do Catumbi, ao elegante Salão Assyrius; das serenatas de rua ao cabaret Sheerazade onde “Les Batutas” fizeram fama em Paris.

Uma das curiosidades que o espetáculo traz é o lado carnavalesco (praticamente desconhecido) do autor, realçado por marchinhas do tipo: *Gavião calçado, Minha cigana e Carnavá tá aí*. Mas o roteiro também destaca choros, valsas e sambas. O nível dos interpretes, a excelência da direção musical e da direção do espetáculo fazem desta uma das melhores obras da temporada

<sup>37</sup> Dados do levantamento feito pela Paraná Pesquisas – Agência de pesquisa.

## - A Crítica

O espetáculo foi um sucesso. O público deu à encenação a nota máxima. Este foi um dos espetáculos com maior aprovação junto ao público em todas as versões do Festival de Teatro de Curitiba. A crítica, que temia o lugar comum, acabou aceitando muito bem o espetáculo. A qualidade dos músicos que faziam parte da montagem garantiu a aprovação da encenação.

“Cuidadoso com seu trabalho, Haddad evitou o lugar lugar-comum de terminar o espetáculo com elenco e platéia entoando os versos de João de Barro. [...] O espetáculo dirigido por Amir Haddad, que revive a tradição da revista de teatro, relata um painel amorosamente brasileiro, passando pelas partituras de Pixinguinha.”

FONTE: LEITE, Zeca Correa. Chorando com Pixinguinha. *Folha de Londrina*, 24 mar. 1994. Caderno 2, p. 1.

“O espetáculo não se prende à suntuosa estrutura do teatro de revista, mas não deixa de retomar a essência do gênero. [...] *Seresteiro*, *Carinhoso*, *Samba de Nego* e um formidável resgate, marchinhas carnavalescas de Pixinguinhas formam o fio condutor de uma história que tanto se passa num terreiro de umbanda quanto no parisiense cabaré Sheerazade, o elegante Salão Assysrius ou nos becos de ruas.”

FONTE: LOPES, Adelia Maria. A música conta a história do Brasil em duas peças. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 23 mar. 1994.

### 4.3.3.8 FEBEAPÁ REVISITADO

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Tá na Rua*

Textos: *Stanislaw Ponte Preta*

Direção Geral: *Amir Haddad*

Roteiro, Seleção de Textos, Espaço e Fantasia: *Grupo Tá na Rua (RJ)*

Sonoplastia: *Geraldo Torres*

Produção e Administração: *Ivo Fernandes*

Elenco: *Amir Haddad, Ana Carneiro, Arthur Faria, Bernardo Guerreiro, Betina Weissmann, Lucy Mafra, Maicon Soares, Paulo Perreiras, Roberto Blake, Roberto White, Sandro Valério, Silimar Santos e Tereza Moulin*

Dias: *26 e 27 de março*

#### - O texto

Entre as décadas de 20 e 60, as crônicas de Sérgio Porto – o Stanislaw Ponte Preta – retratam a vida cotidiana do Rio de Janeiro de forma crítica, mordaz e com muito humor, marcando época. Ele fala dos costumes da sociedade carioca, das mudanças que se estabelecem e, principalmente, das calamidades políticas, sociais e culturais que aconteceram durante a ditadura militar e ficaram conhecidas no seu conjunto por *Febeapá*. O Grupo Tá na Rua revisita a obra de Sérgio Porto através de um seleção de suas mais significativas crônicas,

através das quais redescobrimos um Rio de Janeiro despedindo-se de seu romantismo e espiritualidade para ingressar no caos da modernidade.

*Febeapá* – Festival de Besteira que Assola o País – é irreverente, político, apaixonado. Na montagem, o Grupo retoma contato com o mundo tão próximo, apesar de tão distante do Rio de Janeiro ingênuo, provinciano e tranqüilo da época de Sérgio Porto. Reencontramos a Tia Zulmira, o primo Altamirando e os demais personagens da galeia criada por Sérgio Porto, devolvendo à rua – agora teatralizados – os tipos que da rua recolhera o cronista.

Dos mais vibrantes grupos de teatro brasileiros, o *Tá na rua* tem carreira longa e já percorreu o Brasil, além de ter sido apreciado em ruas de cidades estrangeiras. Isto resultou na forte identidade dos seus integrantes com os espaços abertos, com o corpo a corpo na praça pública. Na rua, sentem-se em casa. Criam situações que divertem o povo. E o fazem pensar.

#### - A Crítica

Eleito pelo público, segundo os dados da Paraná Pesquisas, como o melhor espetáculo de rua de 1994. Do total de entrevistados, 66,73% consideraram a encenação ótima.

“Participam do espetáculo 15 atores que procuram o tempo todo se manter em interação com o público, que é também convidado a participar.”

FONTE: *Gazeta do Povo*. O “Febeapá” vai parar na Boca Maldita. Curitiba, 26 mar. 1994. Cultura G, p.31.

“Crônicas de Sérgio Porto, ou Stanislaw Ponte Preta contando a vida do Rio de Janeiro, com um excelente toque de bom humor. [...] *Febeapá* – Festival de besteiras que assola o País – é irreverente, político, apaixonado. [...] Dos mais vibrantes grupos de teatro brasileiros, o *Tá na Rua* tem carreira longa e já percorreu o Brasil.[...] Saltimbancos deste final de milênio, os integrantes do *Tá na Rua* cumprem a missão que herdaram dos mais antigos ancestrais: a de educar divertindo e de castigar com o riso os que exploram, enganam, corrompem...”

FONTE: CORREIO DE NOTÍCIAS. 26 mar. 1994. Gente, p. 1.

“No último dia do Festival o teatro também vai ao parque. [...] O espetáculo traz os capítulos mais ácidos do Festival de Besteiras que Assola o País, uma compilação de crônicas que trata com sarcasmo a vida pública e privada do País. Essa triste constatação não tira o bom humor da interpretação.”

FONTE: JORNAL DO ESTADO. Curitiba, 27 mar. 1994. Espaço Dois, p.1c.

#### 4.3.3.9 UNGLAUBER

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Cia. de Opera Seca*

Texto: *Gerald Thomas*

Direção: *Gerald Thomas*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: *24 e 25 de março*

##### - O texto

Um dos mais polêmicos e celebrados encenadores das novas gerações, Gerald Thomas não poderia deixar de fazer parte da mostra. Ele organiza e dá vida a um “teatro de imagens”, cuja ação dramática tem por objetivo o subconsciente do espectador. Última peça da Trilogia da B.E.S.T.A . ( Beatificação da Estética Sem Tanta Agonia), *Unglauber* inaugura a fase nitidamente cômica de Gerald. O espetáculo esboça, de início, uma discussão em torno do ator e da arte do intérprete. Recorre a expressões do tipo *comics* estabelecendo, através da visão escatológica das personagens, a escatologia da nossa época. O público se diverte com o humor deslavado da encenação, que não teme o ridículo porque é justamente do ridículo da existência que fala. E continua sendo um “teatro de imagens”, o de Gerald Thomas. Com cenário em que a funcionalidade não dispensa o significativo e o insólito. Com iluminação extremamente bem planejada e executada, como é característico nos trabalhos de Thomas. Só que agora, imagens expressam o grotesco. O ponto de partida da história – se é que a peça pretende contar uma – é o ator, o bufão social. No desdobramento, ele se transforma em muitos outros e desafia as leis lógicas, como só um bufão pode desafiar. Nesse jogo de ilusões que é o reverso do real, continuam as “meias verdades” do diretor, gozando das “verdades absolutas”. Para o prazer do público

#### - A Crítica

Este espetáculo ganhou como pior trabalho cênico apresentado no III Festival de Teatro de Curitiba, segundo o público. Uma parcela considerável afirmou durante a pesquisa que o espetáculo era simplesmente péssimo. Esse resultado negativo deve ser analisado como uma resposta imediata à pretensão de diretor, como se pode observar no comportamento com o *release* reproduzido acima a respeito do diretor.

“*Unglauber*, um dos espetáculos mais esperados, estreou ontem, às 21h30 no Teatro Ópera de Arame, e será reapresentada hoje. Dirigida pelo polêmico Gerald Thomas, esta é a última peça da trilogia B.E.S.T.A. (Beatificação da Estética Sem Tanta Agonia) e, como é de praxe nas montagens do diretor, dividiu o público.”

FONTE: DIÁRIO CATARINENSE. Bis para Unglauber. Florianópolis, 25 mar. 1994. *Variedades*, p.8

“ Em *Unglauber*, a atriz Vera Zimmermam faz uma *hostess* ( expressão dela) de um restaurante e enquanto discute no palco questões sobre o talento e a interpretação vai cortando às machadadas os braços e depois as pernas do marido( o ator Luiz Damasceno) , no que está sendo definida como a “fase engraçada” de Gerald Thomas.”

FONTE: GUTKOSKI, Cristina. A Vera gata vira musa de Thomas. *Zero Hora*, 15 mar. 1994. Segundo Caderno, p.1.

#### 4.3.3.10 AMANHÃ SERÁ TARDE E DEPOIS DE AMANHÃ NEM EXISTE

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Denise Stoklos*

Elenco: *Denise Stoklos*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: *21 e 22 março*

## - O texto

A arte de Denise Stoklos é hoje reconhecida e admirada em todo o mundo, da China aos Estados Unidos, da Rússia à Argentina, da Suécia à Cuba. O crítico Michael Meiger, da cidade de Colônia (Alemanha), assim retratou nossa atriz multimídia e seu “teatro essencial”: “Teatralidade pura. Com uma alegria incansável, descobre nas camadas profundas os significados da realidade e muda nossos hábitos de ver as coisas. Ela encanta, confunde, espanta. Suas peças são criadas através de processos de anos. O objetivo é o equilíbrio entre o movimento lingüístico e corporal”. E continua: “Para esse desafio, os espaços quanto maiores, melhor. A partir de 1.000 lugares ela começa a se sentir confortável. Todas as vezes, a versatilidade lingüística, poliglota de Denise surpreende. Ela apresenta suas peças em inglês, francês, espanhol e português. Quando, no começo do ano, fechou um contrato com a Alemanha, ela passou a preparar seu espetáculo em alemão. O resultado são cascatas lingüísticas infinitas que fariam qualquer falante nativo engasgar. Stoklos resolve-as sem problemas. Ela é uma perfeccionista que sabe encenar a coreografia da língua. Sentenças soam desmanchadas, reproduzidas e repetidas, ‘desenhar as palavras’ ela chama a esse processo. As ‘pinturas-vocais’ impressionam através de sua plasticidade (sopradas/bafejadas). ‘Love e Liebe’ são exemplos dessas particulas, mas também ‘Mein Gott’ ou ‘Enough’. Uma vez pronunciadas, elas são imediatamente desestruturadas, multiplicadas e ficam independentes”.

Com *Amanhã Será Tarde e Depois de Amanhã Nem Existe*, Denise Stoklos volta a Curitiba para reafirmar a posição privilegiada (fruto de intenso trabalho ao longo de anos e de um talento inequívoco) que ocupa no panorama teatral não só brasileiro, mas internacional.

## - A Crítica

Com 88,51% de conceitos *ótimo*, o espetáculo de Stoklos ficou em segundo lugar na avaliação geral feita pelo público.

“Convicta de que “o revolucionário no momento é o convite ao amor pois o recado atual é a violência”, ela sobe ao palco com o romance entre um homem e uma mulher, os dois simbolizando metaforicamente o amor.[...] Ela dá o seu recado.”

FONTE: LOPES, Adélia Maria. Subversão em um romance essencial. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 30 mar. 1994. Almanaque, p. 21.

### 4.3.3.11 O FUTURO DURA MUITO TEMPO

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Márcio Vianna*

Direção Geral: *Márcio Vianna*

Elenco: *Rubens Corrêa e Vanda Lacerda*

Figurino/cenário: *Teca Fichinski*

Iluminação: *Paulo Cesar Medeiros*

Direção Musical: *Márcio Vianna e Márcio Vianna*

Local: *Auditório do Reitoria*

Dias: *18, 19 e 20 de março*

## - O texto

O filósofo Louis Althusser, um certo dia sem qualquer motivo aparente, assassinou sua esposa. Este fato chocou o mundo intelectual, causou perplexidade e colocou em discussão o eterno enigma que é o homem, com suas impulsões, dentro do incessante conflito do racional com o irracional. O que *O Futuro Dura Muito Tempo* expõe, com admirável sensibilidade, é o drama de Althusser, menos através do factual, do dia-a-dia, e mais sobre o seu pensamento, das suas indagações metafísicas.

Para o diretor Márcio Vianna, “Althusser é um comovente precipício sobre a história, as violências das utopias e das paixões. Sobre a perplexidade e a ambigüidade do homem deste final de milênio: um dos mais respeitados e lúcidos reformadores do pensamento contemporâneo, que comete um dos mais insanos atos de violência contra a mulher e contra si mesmo.”

A peça se desenvolve num espaço também ambíguo, que é o lar e ao mesmo tempo o mundo. Márcio Vianna concebeu toda a ação do filósofo como um espécie de “arqueologia do pensamento”. O belo cenário de Teca Fichinski e a iluminação de Paulo Cesar de Medeiros criam o ambiente adequado a esse dilacerante discurso de um homem que, nas tramas do presente, com seu questionamento sobre as razões essenciais da existência, ilumina o futuro.

Interpretam o atormentado Althusser e sua mulher dois dos maiores nomes do teatro brasileiro: Rubens Corrêa e Vanda Lacerda. Nos gestos contidos, nos longos momentos de ação puramente subjetiva, estes grandes atores fazem viver os personagens não como símbolos ou abstrações, mas como gente, com humanidade plena.

## - A crítica

O espetáculo teve problemas com as dimensões do teatro. O texto foi concebido para um espaço diferenciado daquele que foi disponibilizado para a companhia e isso provocou algumas alterações na dinâmica do espetáculo. Mesmo com este problema, o público aprovou o trabalho.

“Com um grande ator fazendo o papel principal, esse espetáculo traz a perplexidade e a ambigüidade do homem deste final de milênio.”

FONTE: CORREIO DE NOTÍCIAS. 16 mar. 1994. Programe – se, p. 3.

“Concebido para um teatro pequeno, de apenas 80 lugares, o espetáculo teve que sofrer algumas adaptações para esta montagem em Curitiba. [...] Expondo a arrogância do pensamento e sua indiferença para com a esposa, Vianna recontrói no palco toda a problemática vivida por Althusser numa história trágica e emocionante.”

FONTE: GAZETA DO POVO. Vencedora do Prêmio Shell no Festival. Curitiba, 18 mar. 1994.

### 4.3.3.12 VEREDA DA SALVAÇÃO

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Macunaíma*

Direção: *Antunes Filho*

Local: *Teatro Fernanda Montenegro*

Dias: 21, 22, 23 de março

**- O texto**

A atualidade de *Vereda da Salvação*, de Jorge Andrade, do ponto de vista social, é o primeiro dado importante dessa montagem com que o Grupo de Teatro Macunaíma participa do III Festival de Teatro de Curitiba. Mas a atualidade social neste vigoroso espetáculo de Antunes Filho, vem junto com sua contemporaneidade artística, com avançadas técnicas interpretativas e avançados meios narrativos.

A mesma peça com a qual Antunes Filho provocou pequena revolução no teatro brasileiro em 1964, ele agora, trinta anos depois, usa com suporte (senão base) dos seu métodos criativos, dá à obra, através da forma, novo ponto de vista sobre o fenômeno social que o texto aborda: a saga dos bóia-frias em face da tradição messiânica da nossa cultura.

Além do trabalho do autor, a visão do espetáculo como um todo orgânico se realiza no cenário de J.C Serroni que cria um novo diálogo com o espaço, e na música, na luz, no gestual dos atores que, muitas vezes, se expressam num rigor coreográfico. Destacam-se as belas atuações de Luis Melo, Laura Cardoso e Walter Portela, mas o elenco todo é homogêneo, graças à técnica interpretativa apurada que praticamente dilui as diferenças entre atores experientes e iniciantes.

**- A crítica**

Este trabalho recebeu muitas críticas por parte do público. 50% dos entrevistados *detestaram* a montagem. Mesmo assim houve quem tivesse gostado muito. A crítica no geral aprovou a encenação. Algumas são até exageradas os contrapusemos com as feitas pelo público.

“O cenógrafo de *Vereda da Salvação* afirma que só agora o Brasil está dando atenção ao aspecto visual no teatro.[...] O uso de elementos artesanais nos espetáculos modernos e experimentais é a marca do trabalho de Serroni.”

FONTE: PIZA, Daniel. “Estamos atrasados vinte anos” diz Serroni. *Folha de São Paulo*, 24 jan. 1994. Ilustrada, p. 5-g.

“Um grandioso espetáculo, sem a menor sombra de dúvida. [...] Imperdível.”.

FONTE: CORREIO DE NOTÍCIAS. 18 mar. 1994. Programe – se, p.3.

#### 4.3.3.13 A ÁRVORE DOS MAMULENGOS

**- Ficha técnica do espetáculo**

Texto: *Criação coletiva*

*Quem tem boca é pra gritar*

Direção: *Humberto Lopes*

Dias: *19 e 20 de março*

**- O texto**



“Quem tem Boca é pra Gritar”, grupo de Campina Grande, Paraíba, já correu o mundo com sua arte muito especial de divertir. Cada um dos seus integrantes traz no berço a tradição interpretativa que, ao longo dos tempos. Cristalizou-se nos folguedos populares, nas danças dramáticas – como chamava Mário de Andrade a esses folguedos -, na arte dos repentistas, dos poetas de feira. Têm um natural espontaneidade, um empolgante extroversão, um “pra fora” total. Assim mesmo, o líder da trupe, Humberto Lopes, não dá trégua aos seus atores. Todos os dias se exercitam, desenvolvem habilidades tanto em acrobacia quanto em modos interpretativos e até o artesanato, confeccionando as roupas e os elementos cênicos de que se utilizam nas representações.

Mas, todo esse aprendizado e essa vivência coletiva visam ao aprimoramento da linguagem a que se dedicam. Não abandonaram suas raízes nem o espírito que anima suas criações: através de exercícios, de treinamentos, ampliam os recursos para levar à rua a expressão dramática popular, ampliando em alguns casos e resgatando, em outros, linguagens tradicionais do nordeste. No seu repertório estão belos textos – como a *Árvore dos Mamulengos*, com o qual se apresentam no III Festival de Teatro de Curitiba – ações, de tipos que fala à alma do povo. Das suas manifestações nascem o riso, a alegria, a festa popular que se espalha por praças e ruas.

#### - A crítica

Uma boa montagem: assim podemos definir o trabalho de Humberto Lopes. Público e crítica recebem bem o espetáculo.

“Ágeis de corpo e alma, os atores conseguem rapidamente se colocar no clima da cidade e se colocam à vontade diante de um público pouco habituado à sonoridade da fala nordestina, mas que não resiste aos acordes familiares de “Paraíba” e “Lampião”. O apelo é forte e a fusão acontece. Do riso à apreensão, da alegria ao susto, o público se envolve: se afasta, senta, levanta, procura ficar mais perto.[...] De repente a alquimia acontece e, por alguns momentos, em pleno meio dia de sábado, o velho relógio da Praça Osório parece desaparecer nas brumas da imaginação, substituído por cabos e coronéis, videntes e palhaços, sombras da morte e heróis perna – de – pau, que encham de alegria o povo da Rua XV.”

FONTE: REVISTA CARTAZ . O Teatro está na rua. Curitiba, mar. 1994. nº 3, Textura, p. 13.

#### 4.3.3.14 BARBOSINHA FUTEBÓ CRUBI

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: Criação coletiva

Direção: César Vieira

Grupo: Teatro Popular União e Olho Vivo

Dias: 23 e 24 de março

##### - O texto

Depois de significativa carreira nos palcos – que começou no Memorial da América Latina, em São Paulo, e em seguida integrou a programação oficial de 21ª Bienal Internacional de São Paulo como espetáculo de palco, alcançando, nesta condição, mais de

250 representações – o último espetáculo do Teatro União Popular e Olho Vivo (TUOV) foi para a rua.

Destinoque pertencem hoje ao cancionero já cristalizado na alma do povo. Criado coletivamente, como é prática constante no TUOV, o espetáculo teve a coordenação de texto e direção de César Vieira. A música e a técnica interpretativa peculiar dos atores encontraram campo propício no tema e transbordam para a praça pública, como se obedecendo a um chamado popular.

Com 25 anos de existência, o que o torna um dos mais antigos conjuntos teatrais brasileiros, o TUOV já percorreu vários países das Américas e da Europa, conquistou prêmios internacionais, sistematizou um processo de teatro popular que se tornou modelo em outros países. Agora chega ao Festival de Curitiba para um alegre encontro com o povo. Na rua.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.3.3.15 ÁULIS, DE EURÍPIDES

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Eurípedes*

Direção: *Celso Frateschi e Elias Andreato*

Elenco: *Ecos da Grécia*

Local: *Ruínas de São Francisco*

Dias: *23 e 24 de março*

- O texto

Adaptação de *Ifigênia em Áulis*. Os diretores fizeram a leitura da tragédia de Eurípedes questionando a “nossa morbidez de assassinar sempre o desconhecido em prol do já conhecido, um gasto inadequado da nossa felicidade e prazer”. A adaptação de Celso Frateschi privilegia a clareza do discurso e sublinha a discussão ética colocada por Eurípedes. A encenação inspira-se no aspecto físico do teatro grego, com “orquestra” e “cena”, e numa investigação especial, que o amplia, e rompe com os limites da geografia cênica. Um trabalho experimental corajoso, empenhado, que vem agradando crítica e público.

A peça nos leva à Grécia. Agamemnon é o chefe dos exércitos gregos e as tropas estão prontas para iniciar sua expedição a Tróia. Mas a falta de vento para impulsionar as velas dos navios impede a partida dos guerreiros e faz com que os gregos consultem um oráculo. Resultado: tão absoluta calmaria só terminará se o chefe grego sacrificar aos deuses sua própria filha, Ifigênia. A adaptação de Celso Frateschi procura expressar a atualidade do universo mítico descrito por Eurípedes. “Continuamos 2500 anos depois”, diz Frateschi, “a sacrificar jovens por espólio de guerra”. Não se trata da trama e sim de uma compreensão atual da narrativa. Com isso, os diretores fogem às pré-concebidas formas de encenação de tragédias gregas, sem fugir ao seu episódio poético: mesclando o tom coloquial com o épico, procuram aproximar o espectador desse universo agitado por tensões primitivas que, a despeito de todo o progresso da humanidade, permanecem em cada homem, impulsionam ações individuais e coletivas.

O espaço cênico foi pensado a partir da própria arquitetura teatral grega, mas buscando romper a divisão de orquestra e cena. Nesse espaço de referências e projeção, jovens atores se

encarregam de dar vida aos personagens eternos, procurando neles o efêmero, a fragilidade, a precariedade do ser humano

#### - Observação

O espetáculo foi cancelado<sup>38</sup>.

### 4.3.4 Eventos Paralelos

Como já de praxe, houve vários acontecimentos ligados ao festival. O público novamente participou bastante. Nesta edição houve a inclusão de uma pequena mostra de cinema.

#### 4.3.4.1 Exposição de fotografias

“Personagens Femininos” por Vânia Toledo.

Visitação: de 14 a 27/04, de segunda a sexta.

Horário: das 9 às 12 horas e das 14 às 18 horas; sábados das 9 às 14 horas.

Local: Sala: Theodoro de Bona – Museu de Arte Contemporânea.

#### 4.3.4.2 A crítica para a exposição de fotografias

“Cinqüenta e quatro atrizes brasileiras foram homenageadas através das lentes da fotógrafa Vânia Toledo. A exposição, aconteceu no Museu de Arte Contemporânea de Curitiba. A mostra apresentou uma coletânea das fotos reunidas no livro *Personagens Femininos*, lançado por Vânia Toledo em 1992. Nas fotos, as atrizes foram retratadas num personagem idealizado por elas mesmas. O único pedido da fotógrafa foi no sentido que escolhessem personagens com os quais nunca tivessem trabalhado no palco. Entre as atrizes focalizadas por Vânia estão celebridades nacionais do teatro como Fernanda Montenegro, Bibi Ferreira, Cláudia Abreu, Fernanda Torres, Débora Bloch, Cláudia Raia, Vera Fisher e muitas outras.

*Personagens Femininos* foi na verdade uma homenagem tripla produzida por Vânia ao teatro, sua grande paixão, às atrizes e à mulher brasileira. Segundo a autora, nada melhor do que representar isso a partir do universo fictício. E no momento em que esses trabalhos são apresentados paralelamente ao Festival de Teatro, essa homenagem passa a ser ainda mais ilustrativa.

O reconhecimento da originalidade e da arte de Vânia Toledo em *Personagens Femininos* foi registrado em dois prêmios concedidos à fotógrafa em 92. O primeiro foi concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte como o melhor livro de arte do ano, pela Associação Brasileira de Impressoras Gráficas. A fotógrafa na ocasião não escondeu também o desejo de dar continuidade a *Personagens Femininos*. “Ainda existem muitas atrizes e mulheres que merecem ser retratadas”, pontua<sup>39</sup>.

<sup>38</sup> Esta peça foi cancelada pela impossibilidade de transportar o cenário de São Paulo para Curitiba.

<sup>39</sup> SILVA, Rosimeire. As atrizes na lente de Vânia Toledo. *Revista Cartaz*, Curitiba, março de 1994. nº 1

#### 4.3.4.3 Mostra de filmes

Os filmes foram exibidos no Cine Luz (de 11 a 17 de março). Houve sessões às 18, 20 e 22 horas, todas elas com entrada franca.

Dia 11/03 *Marvada carne* (1985), de André Klotzel. Baseado na peça *Carrera do Divino*, de Carlos Alberto Soffredini.

Com Adilson Barros, Fernanda Torres e Dionísio Azevedo.

Dia 12/03 – *A navalha na carne* (1970), de Braz Chediak. Baseado na peça de Plínio Marcos. Com Glauce Rocha, Jece Valadão e Emiliano Queiroz.

Dia 13/03 – *A compadecida* (1968), de George Thomas. Baseado no *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Com Armando Bogus, Antonio Fagundes e Regina Duarte.

Dia 14/03 – *O profeta da fome* (1970), de Maurice Capovilla.

Baseado na peça *A Urna*, de Walter George Durst. Com José Mojica, Maurício do Valle e Sérgio Hingst.

#### 4.3.4.4 A Crítica para a mostra de filmes

Na programação de eventos paralelos foi prevista a exibição de sete produções cinematográficas que mostraram o panorama do teatro visto pelo cinema brasileiro.

A mostra incluiu algumas produções de sucesso de público e crítica como *Eles Não Usam Black Tie*, de Leon Hirzmann, filme baseado na peça de Gianfrancesco Guarnieri e *A Ópera do Malandro* de Ruy Guerra, baseada na peça de Chico Buarque.

Incluiu também alguns filmes malditos, como o *Profeta da Fome*, de Maurice Capovilla, inspirada na peça *A Urna* de Walter George Durst e o subestimado *A Navalha na Carne*, de Braz Chediack, da peça de mesmo nome de Plínio Marcos. No filme *A Navalha na Carne* podíamos encontrar a seguinte informação:

“*A navalha na carne* foi realizado em 1970 tendo no elenco Jece Valadão, Emiliano Queiroz e a fantástica Glauce Rocha (1933-1971), uma das mais notáveis atrizes do teatro e cinema brasileiro. Seu impressionante temperamento dramático causou grande impacto quando de sua estréia em 1954 em *Rua sem sol*, de Alex Viany. Como muitas vezes acontece no cinema nacional com seus melhores interpretes, acabou participando de muitos filmes em papéis muito abaixo de sua capacidade – que mal permitiam entrever todo o seu potencial interpretativo. Só teve oportunidade realmente boas em *Terra em transe*, de Glauber Rocha, *Navalha na Carne* e *Um Homem Sem Importância*<sup>40</sup>.”

“Nem só de palco vive o III Festival de Teatro de Curitiba. Os fortes laços entre cinema e teatro, que dividem, freqüentemente, os mesmos atores e roteiros justificam plenamente a realização de um mostra de cinema paralela ao Festival, com filmes baseados em obras do moderno teatro brasileiro”<sup>41</sup>..

<sup>40</sup> *Indústria e Comércio*, Curitiba 10 mar. 1994. Cinemascope, p. f4.

<sup>41</sup> REVISTA CARTAZ. Curitiba, março 1994. nº 1.

“Ruy Guerra, cineasta nascido em Moçambique fez de *A Ópera do Malandro* um universo repleto de bandidos humanistas e mocinhas meio marginais numa história agradável. Segundo ele, *A Ópera do malandro* é um falsa ópera com verdadeiros malandros. Isso já vem do texto teatral do Chico. O filme apenas caminhou nesse sentido, virando ainda tudo mais pelo avesso com muita música, dança e alegria. O filme valeu pelas boas canções de Chico Buarque, principalmente as que Elba Ramalho interpreta com tanta sinceridade”<sup>42</sup>.

#### 4.3.4.5 Debates

O festival realizou nessa edição debates públicos. O tema principal foi: “A dramaturgia e o fenômeno cênico”. No entanto esse tema se diluía em outros mais específicos conforme listagem logo abaixo. Apenas uma informação foi encontrada com impressões a respeito dos debates.

“ [...] a mesa diretiva rodeou mas, na falta de objetividade( que deveria vir dos atores presentes), atirou a esmo e baleou a figura do diretor ”.<sup>43</sup>

#### 4.3.4.6 Programa oficial dos debates<sup>44</sup>

Tema: O ator e o outro

Participantes: Wanda Lacerda, Rubens Correa, Luís Alberto de Abreu, Márcio Viana, Luiz Arthur Nunes e Alberto Guzik.

Mediador: Aimar Labaki

Tema: O ponto de vista do produtor

Participantes: Sérgio Dantino, Zeno Wilde, Luís Alberto de Abreu e Aimar Labaki.

Mediador: Edélcio Mostaço

Tema: A dramaturgia no cinema

Participantes: José Louzeiro, Mário Prata, Lauro César Muniz, Sebastião Milaré.

Mediador: Aimar Labaki

Tema: Realidade social e forma estética

Participantes: Aimar Labaki, Luis Carlos Vasconcellos, César Vieira, Zeno Wildi, Edélcio Mostaço

Mediador: Aimar Labaki

Tema: Texto ou *Mise en scène*? O que vale mais?

Participantes: Eduardo Tolentino, Amir Haddad, José Eduardo Vendramini, Zeno Wilde, Edélcio Mostaço, Ilka Marinho Zanotto

Mediador: Aimar Labaki

#### Colóquios

<sup>42</sup> INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Curitiba, 10 mar.1994. Cinemascope, p. f4.

<sup>43</sup> KLUG, Fernando. As melhores frases de um debate confuso sobre uma questão complexa. *Revista Cartaz*, Curitiba, mar. 1994. Textura, p. 12. nº 3.

<sup>44</sup> Todos os debates aconteceram no Cine Ritz, sempre às 11h.

1º “Os novos caminhos do teatro”

Organização: Seção Brasileira da Associação Internacional de Críticos de Teatro

2º “Melaine Klein na dramaturgia

Organização: psicanalistas locais

#### 4.3.5 Avaliação geral do festival<sup>45</sup>

O espetáculo que mais agradou o público, entre as 16 peças do III Festival de Teatro de Curitiba, encerrado no dia 28 de março de 1992, foi *Pixinguinha*, dirigido por Amir Haddad, com cem por cento de aprovação no item ótimo. E o que teve menor índice foi *Unglauber*, de Gerald Thomas, com apenas 12,64%. A pesquisa, na porta dos teatros, foi feita pela Paraná Pesquisas, que constatou ainda, entre os três espetáculos de rua, maior média no item ótimo (66,73%) para *Febeapá Revisitado*, com o grupo Tá na Rua, sob direção do veterano Amir Haddad.

Apresentado no Aeroanta, casa de show, com um público adolescente, *Pixinguinha* valeu pela descontração, pela viagem musical no barco do mestre do chorinho. A unanimidade dos cem por cento é até sintomática: o espetáculo não faz pensar. Já *Unglauber* mereceu a desaprovação. Quase 30% do público acharam o espetáculo péssimo.

Em segundo lugar, ficou Denise Stoklos em *Amanhã será tarde depois de amanhã nem existe*, com 88,51 % da platéia considerando a peça ótima. *Vereda da Salvação*, sob a direção de Antunes Filho, amargou uma decepção no Festival: nem 50% do público consideraram o espetáculo ótimo, aliás 7,23 % acharam-no péssimo. A peça estava ao lado de *Vestido de Noiva*, entre os maiores programas do Festival. Contudo, *Vestido de Noiva*, com Malu Mader, teve apenas 39,06% de consideração ótima. A surpresa do festival tanto em termos de crítica quanto de público, ficou para produções desprezíveis, como *Vau de Sarapalha*, *Auto da Paixão* e *Quadri Matzi*.<sup>46</sup>

“O 3º Festival de Teatro de Curitiba começou decepcionante com o desempenho de *Vestido de Noiva*, mas feito de medida para o público chegou a uma novela televisiva. Contudo, redimiu – se com a densidade dramática de um Rubem Correa em *O futuro dura muito tempo*. E trouxe, ainda semana passada, trabalhos interessantes, elogiáveis como *Beckett* e *Auto da paixão*. (...) *Beckett* é enternecedor. O Grupo carioca Sobrevento, co-direção de Luiz André Cherubin, consegue deixar Samuel Beckett acessível ao grande público ao ressaltar seu humor desconcertante<sup>47</sup> .

<sup>45</sup> Estas avaliações tomaram como base os textos recolhidos nos jornais e também as pesquisas públicas realizadas durante o evento.

<sup>46</sup> O melhor e o pior do festival. *O Estado do Paraná*, 30 mar. 1994. Almanaque, p.21.

<sup>47</sup> LOPES, Adélia Maria. Saldo positivo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 30 mar. 1994. Almanaque, p.21

#### 4.4 CORPO A CORPO : IV FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA

O Festival novamente passou por momentos difíceis<sup>48</sup>. O evento, que costumeiramente era realizado no mês de março, sofreu grande atraso. Por falta de patrocinadores, os organizadores da quarta edição do Festival de Teatro de Curitiba se viram em apuros: precisaram levantar uma nova fonte para garantir os recursos. Passado o mês de março, calendário estabelecido para o festival, o evento continuava sem data prevista de início. A organização resolveu buscar ajuda do governo para garantir a realização do festival. As negociações não avançaram e as datas para o festival precisaram ser alteradas. Depois de supostamente esgotadas todas as possibilidades a solução veio do Palácio Iguazu - o governador Jaime Lerner disponibiliza o incentivo cultural necessário. O festival foi para o mês de maio, dois meses depois da data estabelecida em calendário. O pouco tempo para organizar o festival serviu de motivo para as críticas dos setores envolvidos.

A produção trabalhou em ritmo acelerado para garantir a qualidade dos anos anteriores, porém, como já era de se esperar, com muito dinheiro em caixa e com um grupo já com certa experiência o evento ganhou fôlego. Oxigenado, principalmente pelo trabalho de *marketing* realizado, os organizadores conseguiram montar a grade de espetáculos da *Mostra Oficial*, e ainda os eventos paralelos. Nesta versão, o Festival de Teatro de Curitiba trouxe 14 clássicos da dramaturgia, sendo três deles, estréias nacionais. Além de incluir pela primeira vez na *Mostra Oficial* um espetáculo de dança-teatro, o festival trouxe também a linguagem circense. Foi o ano em que outras linguagens cênicas foram valorizadas pela curadoria e que o circo começou a participar do Festival. As formas, o ritmo frenético e diferença na condução do enredo, levaram o público a aprovar as inclusões no *FTC*.

##### 4.4.1 Temática

---

<sup>48</sup> LEITE, Zeca Corrêa. No fio da navalha: festival de Curitiba está ameaçado de não acontecer este ano. *Folha de Londrina*, 21 fev. 1995.

A *Mostra de Teatro Contemporâneo Brasileiro*, módulo principal do *FTC*, reuniu naquele ano 16 companhias, encenando 17 espetáculos. Por onze dias, Curitiba foi o palco da cena nacional, e a platéia teve o privilégio de assistir às melhores produções da temporada além de acompanhar o desempenho de aproximadamente 500 profissionais. Em sua quarta edição, o *FTC* priorizou, na escolha dos espetáculos, não só a forma de expressão cênica mas, seguindo a tendência atual do teatro, a palavra, o bom texto e a dramaturgia. Resgatou ainda a estética circense e abriu espaço para o espetáculo de dança-teatro. A entrada de um grupo internacional foi o primeiro passo para transformar o *FTC* num evento com possibilidade de abrigar não só a produção brasileira, mas também o melhor da encenação panamericana. Todo esse diferencial pôde ser observado numa mostra que se apresentou mais diversificada e abrangente. A falta de tempo não diminuiu a qualidade alcançada nas edições anteriores. Como um Festival, que se organizou, no máximo trinta dias, pôde trazer experiências tão significativas, e ainda, contar com a participação, mais uma vez, dos maiores diretores do país, sabendo que eles possuem agendas lotadas? Seguramente a comissão já trabalhava, na surdina para a sua organização, pois, sem isso, a realização do Festival de Teatro de Curitiba em 1995 não teria sido possível. Cremos que o trabalho só esperava, através da pressão desencadeada pelas pessoas com interesses diversos, sejam elas divulgadores, artistas ou produtores, pelo apoio oficial. E ele veio. O IV Festival de Teatro de Curitiba prestou sua homenagem especial a João Cândido Galvão, que em conjunto com Lúcia Camargo e Macksen Luiz, assinou a curadoria do evento.

Com a temática de *Mostra do teatro contemporâneo*, o IV Festival de Teatro de Curitiba chega com força, principalmente pelo fato de contar com o apoio do governo.

O registro da experiência do ano de 1995 segue os mesmos critérios apresentados anteriormente.

#### 4.4.2 Curadoria

*João Cândido Galvão*

*Lúcia Camargo*



*Macksen Luiz*

#### 4.4.3 Os espetáculos

##### 4.4.3.1 TRILOGIA TEBANA: ÉDIPO REI/ ANTÍGONA

###### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Sófocles*

Direção: *Moacyr Góes*

Tradução: *Clara Góes (Édipo Rei), Mario da Gama Kury (Antígona).*

Elenco: *Leon Góes, Floriano Peixoto, Flávia Guimarães, Virginia Cavendish, Gaspar Filho, Roberto Malta, Marta Metzler, Adriana Maciel, Têti Coube, Carla Ribas, Silamir Santos, Luiza Mayer, Murilo Elbas, Tatyana Paiva, Júlio Adrião.*

Adaptação e dramaturgia: *Clara Góes*

Cenário: *José Dias*

Figurinos: *Samuel Abrantes*

Produção executiva: *Ursula Elerts e Sonia Mártires*

Local: *Teatro Guaira 23 e 24 de maio, às 21h30*

###### - O texto

Um beco qualquer povoado pelo vento, a poeira de uma legião de miseráveis. É nesta paisagem inóspita, e despida de referências gregas, que Moacyr Góes realiza o mais ambicioso projeto de seus dez anos de carreira a encenação da Trilogia Tebana, de Sófocles o conjunto de peças envolvendo as vicissitudes do rei Édipo e sua família, que constitui um dos pilares da cultura ocidental. Escrita há quase dois milênios e meio pelo maior dos tragediógrafos da Grécia clássica, a trilogia, originalmente ambientada na velha Tebas chega ao público curitibano.

A predominância de cores fortes na iluminação da cena, os figurinos talhados em trapos, a presença de caixas, bastões, mastros e lanternas no cenário e um elenco de dezesseis jovens atores – liderados por Leon Góes, Floriano Peixoto, Flávia Guimarães e Virginia Cavendish – marcam essas versões. No palco, além da unidade visual e de elenco, encontramos aspectos recorrentes nos últimos trabalhos do encenador: a construção e a desconstrução da cena aos olhos do público, a busca de uma linguagem cênica que transcenda o meramente pictórico e a conseqüente afirmação da palavra como elemento autônomo e fundamental, o depuramento do gesto e do movimento, e a presença da dança como um ritual de iniciação ao ato sagrado da representação.

Com a encenação concomitante de duas tragédias de Sófocles num mercado dominado por comédias de consumo rápido, Moacyr Góes e sua “trupe de miseráveis” ousam um vôo altaneiro. Confinados em um beco estreito, mas tendo ao alcance das mãos os instrumentos necessários à fundação da realidade cênica, eles são a prova viva de que ainda é possível ter largueza de horizontes no fazer teatral.

###### - A crítica

A peça de Moacyr Góes foi bastante marcante, porém, mesmo não tendo recebido do público aprovação total, o que chamou atenção na ocasião foi justamente o fato de levar ao palco duas das três peças que compõem a Trilogia Tebana, de Sófocles. O público assistiu os dois espetáculos num só dia e isso para a maioria não prejudicou a absorção do trabalho do diretor. Na avaliação final o espetáculo ficou com nota 8(oito), junto ao público.

“Moacyr Góes foi o responsável por uma das mais gratas surpresas do festival. Ele trouxe *Édipo Rei* e *Antígona*, de Sófocles, encenadas concomitantemente, resultando em três horas de espetáculo. O tempo de duração poderia acabar em um drama para a platéia. Longe disso, o público do Guairão pôde acompanhar com agrado uma encenação que soube combinar uma história contada de forma linear – o que dispensa um conhecimento prévio do espetáculo sobre tragédias gregas – com atraentes recursos de figurinos, música, iluminação e o original uso do tradicional coro.”

FONTE: LOPES, Adélia Maria. *Édipo e Antígona*, saudáveis surpresas. *O Estado do Paraná*, 26 maio 1995.

“De tempos em tempos, os críticos cariocas resolvem enaltecer um diretor ou ator mesmo quando em seus currículos incluem – se trabalhos fracos ou mal acabados. Este é o caso de Moacyr Góes, um profissional dos mais competentes, mas que errou feio em *Édipo Rei* e *Antígona* as duas primeiras peças da Trilogia Tebana, apresentadas em Curitiba nas últimas terça e quarta – feira”.

FONTE: FREITAS, Marcia. Decepção Tebana. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 maio 1995.

#### 4.4.3.2 DON JUAN

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Otávio Frias Filho*

Elenco: *Ney Latorraca, Fernanda Torres, Vera Zimmermann, Luis Damasceno, Ludoval Campos, Edilson Botelho, Eleonora Prado, Milena e Marcos Azevedo*

Direção: *Gerald Thomas*

Cenário: *Gerald Thomas*

Assistente de cenografia: *Luciana Bueno*

Diretor de cena: *Domingos Varela*

Figurino: *Walter Rodrigues*

Iluminação: *Gerald Thomas e Wagner Pinto*

Fotografia: *Emmanuelle Bernard*

Design gráfico: *Giovani Bianco*

Trilha sonora: *Michelle Dibucci e Gerald Thomas*

Produção executiva: *Penha Davidóvich e Luciana Bueno*

Marketing cultural: *Paulo Borges*

Direção de produção: *Cacá Ribeiro*

Local: *Teatro Guaira*

Dias: *27 e 28 de maio, às 21h30*

##### - O texto

Os desencontros amorosos de um herói moderno. Don Juan foi a personificação das forças do sexo, da sensualidade e da liberdade pessoal. E cada época teve seu modelo de Don Juan. Nesta nova versão do mito, um dos mais fecundos da literatura e do teatro, misturam-se poesia, terror, ciência, melodrama e filosofia. O enredo coloca o tragicômico herói na figura de Tenório, um ginecologista envolvido com toda uma galeria de tipos femininos, que o conduz tanto ao inferno da pornografia quanto às elevadas formas de amor, numa avalanche de mal-entendidos e coincidências que expõem alguns dos aspectos da natureza humana. Em seu caminho, confronta-se com uma histérica, sua irmã invejosa, uma atriz cigana, uma mulher inconquistável e uma hilária dupla de assaltantes.

O ponto de partida da peça é um incidente romântico que deixa o protagonista impotente. A partir daí, ele segue os conselhos de uma colega especialista, que acredita ter descoberto nas leis da química a fórmula do amor sexual, e parte para a busca da cura, num mundo repleto de rivais. Don Juan reflete, com humor, uma época pessimista, enquanto aponta novas possibilidades em termos de entrega, sinceridade e autoconhecimento.

#### - A crítica

O espetáculo do diretor Gerald Thomas novamente dividiu a crítica. Vindo de uma temporada tumultuada ocorrida em Manaus, o espetáculo trouxe consigo duas faces: casa lotada e público dividido na avaliação. A opção de Thomas por um texto de Frias, diretor da *Folha de São Paulo*, ajudou a imprensa a concentrar olhares sobre a peça. Mesmo com os inúmeros comentários elogiosos tecidos pelo jornal *Folha de São Paulo*, a peça não foi uma unanimidade. Na avaliação final, a peça ficou com nota 7(sete), obtida junto ao público.

“A história de um ginecologista impotente e viciado em drogas não agride, não polemiza, não inova, não surpreende e nem faz a platéia rir à vontade”.

FONTE: LOPES, Adélia. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 30 maio 1995.

“A peça, baseada no mito do conquistador, vem colhendo vaias e aplausos entre crítica e público.[...]Não dá pra dizer ‘não vi e não gostei’. É bom meter a colher na polêmica com conhecimento de causa”.

FONTE: FOLHA DE LONDRINA, 27 maio 1995.

“Nas mãos de Thomas, o personagem ganhou uma concepção iconoclasta, muito própria dentro do estilo do diretor”.

FONTE: JORNAL DO ESTADO, Curitiba, 27 maio 1995.

“[...] amando e odiando, seu nome faz com que muitos dos seus trabalhos sejam julgados não pelo que realmente são mas pelo que o ‘mito’ Gerald Thomas significa”.

FONTE: GUIMARÃES, Mariângela. O preço da sedução. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 1995.

#### 4.4.3.3 RÉPÉTITION

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Flávio de Souza*

Direção: *Mariana Suzá e Flávio de Souza*

Elenco: *Xuxa Lopes, Elias Andreato e Flávio de Souza*  
 Músicos: *Laura Mac Knight di Maule, Marcus Toshimitu Fujino e Mauro Viana*  
 Direção musical, composição e arranjos: *Tereza Moranduzzo e Silvio Piesco*  
 Direção de arte: *Mira Haar*  
 Visagismo: *Fabio Namatame*  
 Iluminação: *Wagner Freire*  
 Programação visual: *José Roberto Freire*  
 Fotografia: *Claudia Jaguaribe*  
 Assistente de direção: *Vivian Backup*  
 Divulgação: *Sofia Carvalhosa*  
 Produção executiva: *Anna Loenor M. S. e Marcos Moraes*  
 Local: *Ópera de Arame*  
 Dia: *18 e 19 de maio, às 21h30*

#### - O texto

Utilizando o teatro como metáfora – daí o título *Répétition*, ensaio em francês – para evidenciar um triângulo amoroso, Flávio de Souza acentua pela música de um trio de cordas em cena, a leveza de seu texto cômico. Repetição.... *Répétition*, explicação ..... E tudo começa novamente de acordo com o final da cena anterior para terminar no mesmo ponto, a fim de recomeçar. Mas é justamente neste eterno retorno às cenas, que vivem os três personagens – Silvia, Marcelo e Fernando – que são, na verdade, Laura, Luís e Dinho. Eles vivem as cenas como uma espécie de turnos intercalados entre as personagens, blecautes, luzes, humores e outros elementos cenográficos. Silvia está para Laura, assim como Marcelo e Fernando estão para Luís e Dinho.

Trabalhando aspectos que dão a nítida impressão de que os personagens possuem personalidade dupla, ou simplesmente têm dois nomes diferentes cada um, Flávio de Souza dá um tom repetitivamente identificável entre as interpretações dos atores. Os personagens mostram as peculiaridades dos ensaios repetidos até que uma cena ganhe expressividade, mas, estas cenas repetidas são mostradas, pelo ator e diretor, como uma associação direta da vida real dos personagens com a interpretação no palco.

#### - A crítica

A peça, uma comédia de fácil digestão, não teve problemas de aceitação. A crítica já havia elogiado a montagem na temporada em São Paulo. Assim, a encenação chega ao festival gozando de uma certa reputação. O público se diverte e gosta do que vê. A nota final que o público confere ao espetáculo é 8,56 (homens 8,97 e mulheres 8,23).

“[...] a montagem conquistou o público paulista, onde esteve em cartaz desde novembro do ano passado. [...] a peça não se prende a um enredo”.

FONTE: SILVA, Rosimeire. Duas peças marcam a abertura do Festival de Teatro de Curitiba. *Jornal do Estado*, Curitiba, 19 de maio 1995.

#### 4.4.3.4 UMA NOITE E TANTO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Roteiro: Acrobático Fratelli

Argumento: *Felipe Matsumoto*

Adaptação de roteiro: *Paulo Vasconcelos e Miguel Paladino*

Direção geral: *Roberto Lage*

Elenco: *André Caldas, Felipe Matsumoto, Guto Vasconcelos, Kiko Belluci, Kiko Caldas, Luis Ramalho e Marcelo Castro*

Artistas convidados: *Isabela Graeff, Juliana Neves e Mônica Alla*

Música: *Banda Hermana Soul*

Direção de arte: *Miguel Paladino*

Figurinos: *Paola Bigani*

Direção musical: *Theo Werneck*

Concepção musical inicial: *Maurício Pereira e Theo Werneck*

Assistentes de direção: *Ana Motta e Paulo Vasconcelos*

Assistentes de direção musical: *Lelena Anhaia e Erico Theobaldo*

Preparação corporal e coreografia: *Ana Motta*

Montagem de lutas cênicas: *Paulo Vasconcelos e Marcelo Castro*

Iluminação: *Fernando Jacon*

Adereços: *Jesus Seda*

Assistentes de palco: *Cesar Rosi e Emiliano Pedro*

Direção de produção: *Luis Ramalho e André Caldas*

Coordenação de produção: *Neusa Andrade*

Assistentes de produção: *Paulo Caldas e Regina Rosa*

Fotógrafo: *Roberto Setton*

Operador de luz: *Clóvis Cardoso*

Operador de áudio: *Percy Paulistano*

Administração: *Norma-Lyds e Lilian Sarkis*

Local: *Ópera de Arame*

Dia: *25 e 26 de maio, às 21h30*

## - O texto

A história de *Uma Noite e Tanto*, contada de forma fragmentada, mostra uma trama sinistra e amorosa envolvendo o ex-trapezista Antenor, sua ex-partner e antiga paixão Telma e um gângster, também apaixonado por Telma no passado. Antenor, amargurado por ter praticamente perdido o amor de sua vida em um acidente provocado propositalmente pelo tal mafioso, abandona tudo e torna-se uma pessoa desolada com a vida. Andando solitário pelas ruas, o ex-trapezista lembrando seu passado de glória, vai parar em um bar-cabaré. Lá, em meio a acrobacias, música e pirofagia, ele encontra seu inimigo, o gângster e a partir daí desenrola-se uma série de eventos que culmina com tiros e mortes.

O espetáculo é todo ele uma ação desenfreada em que se evidenciam as habilidades circenses do grupo, sem que, em nenhum momento, se perca o caráter dramático da história. Na busca de uma nova linguagem circense, a ação substitui os diálogos, figurinos caricaturais definem os personagens, os adereços são manipulados acrobaticamente e a música original serve como suporte e pontuação da ação. Com a direção de Roberto Lage, conhecido por percorrer as mais variadas linguagens teatrais, com um ritmo próprio e a direção baseada no ator, o espetáculo teatral *Uma Noite e Tanto* conta uma engraçada história de amor e ódio, com direito a *gran finale*.

## - A crítica

Este espetáculo apresentou uma disparidade total em termos de avaliação: a crítica especializada não gostou do espetáculo, porém o público que assistiu à encenação, deu a ela a quarta colocação geral do festival. Com nota final de 9,10 (homens 9,0 e mulheres 9,17), o espetáculo foi bem recebido pelo público. A mistura de teatro com elementos circenses agradou. Nas performances de rua, o mesmo aconteceu.

“A historinha, uma trágica disputa da ex-amada por um gângster e um ex-trapezista, não passou do banal. Valeram mesmo as pirotecnias de trapézio, corda bamba e acrobacias que, utilizando a estrutura da Ópera de Arame, ilustraram passo a passo do roteiro”.

FONTE: SMITH, Abonico Rycardo. Grupo Fratelli fez mix total. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 1995.

### 4.4.3.5 DECAMERON

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Giovanni Bocaccio*

Adaptação: *Adriane Motolla e Luis Henrique Palese*

Assistência de direção: *Sérgio Etchichury*

Elenco: *Adriane Motolla, Liane Venturella, Luis Henrique Palese e Roberto Oliveira*

Trilha sonora original e direção musical: *Ricardo Severo*

Cenografia, iluminação e programação visual: *Luis Henrique Palese*

Figurinos: *João de Deus e Palese*

Cenotécnica: *Alexandre Tosetto*

Operação de som e luz: *Sérgio Etchichury e Fernando Ochoa*

Produção: *Beti Antunes e Cia. Teatro Di Stravaganza*

Local: *Colégio Estadual do Paraná*

Dia: *19 e 20 de maio, às 21h30*

#### - O texto

*Decameron* se propõe a teatralizar sete novelas de amor e sexo, baseadas na obra de Giovanni Bocaccio, utilizando-se de uma hipotética companhia de teatro medieval mambembe que, com seu carroção-palco, apresenta-se em praças e palcos de todas as cidades do mundo, cantando e encenando histórias. “A peste”; “O mundo” no convento de freiras; “O feitiço que transforma uma bela jovem em égua”; “Servir a deus é mandar o Diabo ao inferno”; “Caterina com o rouxinol na mão”; “O amante no barril” e “Casais muito, muito amigos” são as histórias encenadas.

*Decameron* é composto por narrativas em que o principal é a ação, o jogo entre os atores/contadores de histórias. Baseado num trabalho mais apurado em termos de preparação corporal, mímica e técnicas circenses, eles privilegiam a ação sobre a palavra, realizando um espetáculo totalmente falado em italiano, e deixando suas histórias perfeitamente compreensíveis.

#### - A crítica

A preocupação da crítica deu-se ao fato da encenação ser totalmente em italiano. Em princípio, poderia atrapalhar a compreensão do espetáculo, mas na prática isso não ocorreu. O espetáculo foi perfeitamente percebido pelo público que ao final conferiu ao espetáculo nota 8,86 (homens 8,77 e mulheres 8,97)

“Baseado num trabalho apurado na preparação corporal, mímica e técnicas circenses, o grupo privilegia a ação sobre a palavra. Dessa maneira, a montagem fica facilmente compreensível para o público, superando as barreiras do idioma”.

FONTE: FREITAS, Marcia. A cortina se abriu. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 maio 1995.

#### 4.4.3.6 PAIXÃO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Betty Milan*

Pesquisa e assessoria literária: *Haqira Osakake*

Direção: *Wolf Maia*

Elenco: *Nathália Timberg*

Cenários e figurinos: *João Gomes*

Iluminação: *Wagner Freire*

Música: *Maestro Júlio Medaglia*

Cello: *Sergio Schreiber*

Sintetizador: *Rodolfo Vilela*

Direção de produção: *Montenegro & Ramam*

Produtora executiva/Banco Real: *Arcy Quinhões*

Assistente de produção/Banco Real: *Valéria Meirelles*

Consultoria de comunicação: *Slles/DM&B*

Assistente de produção: *Wager Maciel*

Cenotécnico: *Estevão Nascimento*

Assistente de cenografia: *Marco Antonio da Silva.*

Costura de cenografia: *Charles Lopes*

Pintura artística: *Fábio Brando*

Coordenação de palco: *Cristiane Takler*

Comando eletromecânico: *Mario de Castro*

Operador de luz: *Guto de Almeida*

Maquinista: *Wilson Justino*

Fotos: *Adriana Pitigliane*

Projeto e execução do programa: *Salles/DMB&B*

Realização: *Coriphoeus Produções Artísticas*

Local: *Colégio Estadual do Paraná*

Dia: *22 e 23 de maio às 21h30*

##### - O texto

Coletânea de textos sobre a exacerbação amorosa em forma de monólogo, esta peça traz ao espectador toda a força expressiva da atriz Nathália Timberg, dirigida por Wolf Maia. Paixão é um concerto de palavras em que Nathália comemora e recebe homenagem por seus 40 anos de trabalho como atriz. Este interlúdio, numa definição da própria autora, é

alinhavado com fragmentos de poemas de Adélia Prado, Bocage, Drummond, Fernando Pessoa, Camões, Manuel Bandeira, Florbela Espanca e outros poetas brasileiros e portugueses.

A direção conseguiu produzir um espetáculo elegante que provoca risos e lágrimas na platéia, emocionando a cada cena. Nathália vai revelando a cada passo as emoções – tanto de dor quanto de alegria – de quem ama intensamente.

#### - A Crítica

Não foi localizada.

#### 4.4.3.7 SLAPSTICK

##### - Ficha técnica do espetáculo

Elenco: *Michael Fields, Donald Forrest, Joan Schirle e Jael Weisman*

Música: *Gina Leichman*

Direção: *Jael Weisman*

Design: *Alain Schons*

Iluminação: *Michael Foster*

Figurinos: *Nancy Jo Smith*

Local: *Colégio Estadual do Paraná*

Dias : *25 e 26 de maio, às 21h30*

##### - O texto

*Slapstick*, apresentada pela The Dell'Arte Player Company, é uma comédia que usa linguagens do cinema mudo, *vandeville*, teatro de *clown*, pastelão e outros elementos para radiografar a típica família americana. Com performances virtuosas, passeia entre a comédia selvagem e a visão surreal de uma inquieta família.

Nos países de língua inglesa, esta tradição é chamada *Slapstick*, não por acaso o título do espetáculo. A The Dell'Arte Players Company, baseada no norte da Califórnia, existe há 17 anos. Com o passar do tempo, tornou-se um centro de exploração e desenvolvimento da *performance* corporal, o que proporcionou a criação da Dell'Arte School of Physical Theatre, que atualmente atrai estudantes de todo o mundo.

##### - A crítica

Temos para este espetáculo uma situação impar: a crítica gosta do estilo e da encenação, porém o público faz uma avaliação morna do espetáculo. Talvez a fronteira do idioma tenha contribuído para tal, afinal o espetáculo era dirigido para crianças e o inglês complicou o entendimento. O uso do “pastelão” arrancou gargalhadas do público, mas na avaliação final o espectador deu à companhia a décima quarta colocação geral, com nota 7,57 (homens 7,15 e mulheres 7,96).

“[...] E deslumbra a versatilidade dos atores, que fazem papéis de adultos doidos, crianças e jovens românticos. E enche os olhos da platéia pela precisão técnica. Além de se ter uma aula de cenografia: dois panos em questão de segundos transformam – se em troncos de árvores”.



FONTE: LOPES, Adélia Maria. Festival abre espaço às crianças. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 27 maio 1995.

“Com performances virtuosas, o grupo passeia entre a comédia selvagem e a visão surreal da uma inquieta família americana. O lado físico- *physical comedy*- dá o tom do trabalho da companhia, especialista em quedas, bofetadas, malabarismos e tropeções, relembrando uma tradição tão antiga quanto o teatro e que consagrou artistas como Os três Patetas, Irmãos Marx, Abbott e Costello, Jerry Lewis e muitos outros”.

FONTE: GAZETA DO POVO. Pastelão e tragicomédia. Curitiba, 25 maio 1995.

#### 4.4.3.8 O MELHOR DO HOMEM

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Carlota Zimmerman*

Tradução: *Paulo Camargo*

Direção geral: *Ulisses Cruz*

Elenco: *Rubens Caribé e Milhem Cortaz*

Adaptação: *Walderez Cardoso Gomes*

Cenografia: *Ulisses Cruz*

Projeto cenográfico: *José Cinji Miyazaki*

Iluminação: *Domingos Quintiliano*

Assistente de iluminação: *Augusto Tiburtius*

Direção musical: *Renato Lopes*

Costume designer: *Shina Sekine*

Visagismo: *Westerley Dornellas*

Direção de movimento: *Ricardo Rizzo*

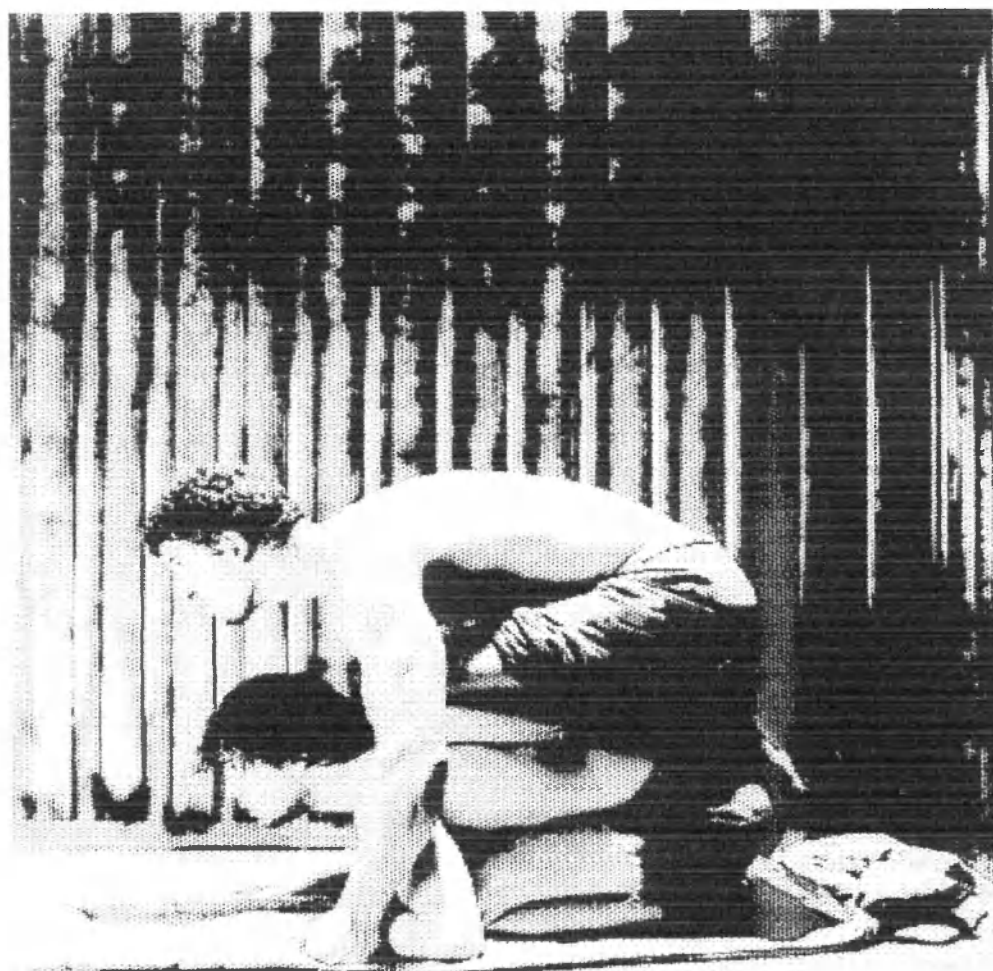
Preparadora corporal: *Mariana Muniz*

Fotos: *Gal Oppido*

Programação visual: *Gal Oppido e Xó*

Maquilagem para divulgação: *Fabio Namatame*

Projeto videográfico: *Raimo Bendetti*

FIGURA 7 – FOTO DO ESPETÁCULO *O MELHOR DO HOMEM*

Operador de luz: *Augusto Tiburnius*  
 Operador de som: *Walter de Oliveira Silva*  
 Cenotécnico: *Jonas Jose de Melo*  
 Produção executiva: *Evandro Amorim*  
 Direção de produção: *Paulo Plagus*  
 Diretor assistente: *Ivan Feijó*  
 Realização: *ZPV Produções Artísticas*  
 Local: *Teatro do Paiol*  
 Dias: *19 e 20 de maio, às 21h30*

#### - O texto

Esta peça representa, acima de tudo, uma alerta para a situação de isolamento do ser humano numa relação de amor. Dean e Skyler são dois prisioneiros, no espaço limite de uma cela. E por não terem escolhido esta situação, são vítimas de um sistema cruel que os leva à fragilidade emocional. Todos os ingredientes de um caso de debilidade afetiva estão presentes, e como tal, tudo é experimentado em grau extremo, seja violência, a projeção de outros relacionamentos proibidos e sobretudo, o pavor constante de doenças transmissíveis como a *AIDS*. Por ser intensamente passional, expõe o paradoxo das emoções que domina o coração frágil do ser humano.

E, nesta heróica batalha entre os dois protagonistas, existe sempre uma cobrança: a de reconhecer que existe uma relação de amor. Necessário é, então, exigir do ser amado uma declaração de amor, para que se firme a relação, ainda que a morte possa ser o preço para tal confirmação. Assim, a peça revela uma relação com toda uma problemática insolúvel como são, em geral, as situações passionais. Por isso, os protagonistas, diante desse universo inexplicável, procuram resolver tudo com um jogo. Como parceiros se revezam em diversos papéis, pressentindo que no final do jogo, mesmo que haja um vencedor, pode ser que este seja vencido.

#### - A crítica

O espetáculo do diretor Ulysses Cruz não teve problemas de aceitação. O fato da montagem abordar a temática *gay* não afastou o público. Vindo de São Paulo, depois de ter sido proibido, o espetáculo só havia feito uma única apresentação em Campinas, no interior paulista, e em que foi bem recebido. A estréia nacional se deu no 4º Festival de Teatro de Curitiba. O drama vivido pelos personagens, deixou os curitibanos impressionados. A nota final que o público deu ao espetáculo foi 8.0 (homens 7,91 e mulheres 8,14).

“[...] Mas o espetáculo que mais chamou atenção até agora foi o de Ulysses Cruz, *O melhor do homem*, escrito pela americana Carlota Zimmerman aos 17 anos( hoje, 2001, com 29 anos). A autora, uma presidiária, mostra com habilidade a relação de dois prisioneiros numa cela. Não se trata exatamente de uma *gay – play* ( peça homossexual) – o confinamento desencadeia uma relação homossexual entre um assassino da irmã e um jovem que se prostitui e este é, na verdade, o elemento deflagrador da trama realista, que guarda um parentesco indisfarçável com a dramaturgia de Plínio Marcos, e, neste sentido, traz poucas novidades”.

FONTE: LUIZ, Macksen. Realismo de Ulysses Cruz não é inovador. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 maio 1995.

“Tida como conservadora, a família curitibana não só aprovou, como consagrou a peça ‘O melhor do homem’, espetáculo *gay* de Ulysses Cruz, que foi impedido de estrear em São Paulo, há dois meses, pelos proprietários do Teatro Hilton”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. Festival de Curitiba aplaude Ulysses. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 maio 1995.

#### 4.4.3.9 CORPO A CORPO

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Tapa*

Texto: *Oduvaldo Vianna Filho*

Diretor: *Eduardo Tolentino de Araújo*

Elenco: *Zé Carlos Machado*

Participação especial: *Einat Falbel, Lino Rojas*

Cenografia: *Carlos Eduardo Colabone*

Cenotécnicos: *José Ferreira Silva, Lourival Rodrigues Santos e Gilberto Anunciação Tenório*

Figurino: *Lola Tolentino*

Iluminação: *Carmine D'Amore*

Sonoplastia: *Otávio Machado*

Preparação corporal: *Neide Neves*

Operação de luz: *Valter Machado*

Operação de som: *Del Martins*

Bilheteria: *Célia Alcântara*

Porteiro: *Benedito Leite*

Assessoria de imprensa: *Inforpress*

Fotos: *Patrícia Alegria*

Programação visual: *Carlos Eduardo Colabone*

Direção de arte: *P.A. Publicidade*

Edição de programa: *A. P. Quartim de Moraes*

Administração: *Iara Artigas*

Produção: *Grupo Tapa*

Direção artística: *Eduardo Tolentino de Araújo*

Local: *Teatro do Paiol*

Dias: *23 e 24 de maio, às 21h30*

##### - O texto

Com o tempo de ação situado numa única noite, a peça usa metáforas ácidas para observar, nunca imprudentemente, a situação do Brasil, do início dos anos 70, em pleno milagre econômico. Um bem sucedido publicitário busca o sucesso a qualquer preço. Prestes a sair do emprego, recebe a proposta para ocupar o lugar de um grande amigo. A partir daí, o quadro está montado para uma série de questionamentos que, num âmbito maior, ajudam a desvendar um pouco do país. Qual o preço da consciência? Assim, ele se envolve num dramático corpo a corpo consigo mesmo para responder à pergunta.

*Corpo a Corpo*, de Oduvaldo Viana Filho, não foi uma encenação convencional. A concepção da montagem colocou o ator e o público juntos, dentro do palco. Ao entrar pela

platéia, o espectador senta-se praticamente dentro do palco, dividindo com o ator o espaço em que a encenação se desenvolveu.

#### - A crítica

Apenas uma crítica foi encontrada para esta montagem do Grupo Tapa. A tentativa do grupo em reavivar a obra de Vianinha pareceu não agradar o público. A nota final para o espetáculo foi 7,84 (homens 7,86 e mulheres 7,83). Na preferência geral do público, o espetáculo ocupou a décima segunda posição.

“ [...] a montagem do monólogo escrito em 1970 procura revelar nuances que o contexto da época não permitia”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. Vianinha revigorado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 maio 1995.

#### - Observações

Entre os prêmios já recebidos pelo Grupo Tapa estão cinco Mambembes pela montagem de *Pinóquio*, de Carlo Collodi, um por *Viúva, porém honesta*, de Nelson Rodrigues, um Molière de melhor texto por *Raposas do Café*, e mais um Mambembe de melhor atriz para Denise Weimberg, no ano passado, por *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues.

### 4.4.3.10 ÁGUA COM AÇÚCAR

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto, direção e cenografia: *Naum Alves de Sousa*

Elenco: *Isa Kopelman*

Voz gravada: *Cristina Mutarelli*

Música: *Teresa Moranduzzo e Silvio Piesco*

Músicos: *Teresa Moranduzzo, Zeito, Silvio Piesco, Ana Silvia Ruy Vieira e Claudia Montin Franco*

Figurino: *Miko Hashimoto*

Iluminação: *Wagner Freire*

Assistente de direção: *Breno M. de Matos*

Pinturas e adereços: *Beto de Souza*

Fotografias: *Graziella Moretto e Beto de Souza*

Divulgação: *Em cartaz*

Ensaios: *J. C. Viola Studio de Dança*

Administração: *Guga Pacheco*

Local: *Teatro do Paiol*

Dias: *26 e 27 de maio, às 21h30*

#### - O texto

Uma mulher acaba de chegar de um casamento. Entra num quarto de seu apartamento, há muito fechado. Revê móveis e objetos de sua própria história. Está saindo de uma crise profunda. Pensando em refazer sua vida, faz confissões, perguntas, provocações e conta

histórias para um berço vazio onde dormiu, além dela mesma e muitas gerações, um filho morto num acidente.

Dividida em seis movimentos – Intolerância, Eu queria começar de novo, Nesta cidade de Babel, O Soldadinho, A mulher da padaria e Um rato – a peça teatral *Água com Açúcar* revela um texto delicado, comovente, poético, cruel, muitas vezes irônico, que é interpretado com sensibilidade, garra e inteligência por Isa Kopelman. O texto exigiu de Naum Alves de Sousa cuidados formais; a busca de um equilíbrio entre a linguagem específica do palco, o tom poético – mais visível que em outras de suas peças, o leve humor, a crueldade e o forte conteúdo emocional.

#### - A crítica

Não foi localizada nenhuma crítica ao espetáculo, porém localizamos a avaliação que o público fez do espetáculo. A nota final recebida foi 6,16 (homens 5,56 e mulheres 6,56). Foi a menor nota da avaliação geral. Por isso, concluímos que este foi o pior espetáculo do IV Festival de Teatro de Curitiba.

#### 4.4.3.11 YERMA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Federico Garcia Lorca*

Elenco: *Clarice Niskier, Dedina Bernadelli, Henri Pagnoncelli, Clemente Viscaino, Bianca Ramoneda e Camila Amdo*

Direção geral: *Eduardo Wotzick*

Adaptação: *Fernanda Chnoor e Eduardo Wotzick*

Cenógrafo: *Hélio Eichbauer*

Figurista: *Diana Eichbauer*

Direção vocal: *Marcia Tannuri*

Preparadora corporal: *Rossella Terranova*

Iluminador: *Emiliano Ribeiro*

Divulgação: *Angela de Almeida*

Programação visual: *Isabela Rartz e Silvana Mattievich*

Assistente de produção: *Jussara Cruz*

Direção de produção: *Atonal Comunicação*

Realização: *Centro de Investigação Teatral*

Local: *Guairinha*

Dias: *18 e 19 de maio, às 21h30*

##### - O texto

*Yerma* é a história de uma mulher que deseja um filho e não consegue ter. O texto fala sobre o homem em oposição ao tempo, o envelhecimento e a impossibilidade de criar. É a tragédia da consciência, de como o ser humano é prisioneiro de si mesmo. *Yerma* é uma história de fecundidade, um dos raros textos escritos para teatro que fala sobre o tema da criação.

O texto de Lorca – dramaturgo, poeta, músico e desenhista – caracteriza-se pelo livre uso da metáfora, o tom irônico e otimista, o retorno aos temas e formas populares, o anseio da

perfeição técnica, a expressão do mundo subconsciente e a importância que atribui aos elementos oníricos. Para Lorca, talvez o mais poético dos dramaturgos, a poesia era quase um estado de espírito: um modo de observar a vida, tentando encontrar em todas as coisas o mistério que todas as coisas têm. Seus personagens andam todos à procura de um ideal, geralmente o amor. E esse amor é de alguma forma proibido, incansável e acaba levando à ruína.

#### - A crítica

O espetáculo não agradou a ninguém – público ou crítica. A crítica teve a impressão que os atores não estavam confortáveis em seus papéis, e o público confirma essa percepção. Este espetáculo fica em penúltimo lugar geral na avaliação do público. A nota final recebida foi 6,33 (homens 5,46 e mulheres 7,03). Este espetáculo marca a abertura do Teatro Guaíra ao Festival de Teatro de Curitiba. É a primeira peça do Festival encenada sobre o palco do referido teatro

“A tensão do elenco marcou a pré-estréia de *Yerma*, espetáculo de Eduardo Woltzik, que abriu na noite de quinta-feira, no Guairinha, o 4º Festival de Teatro de Curitiba. Embora os atores tenham demonstrado que ainda não estão à vontade interpretando os personagens de Garcia Lorca, o diretor acredita que essa apresentação e a que estava prevista para ontem serão fundamentais para acertar a peça, tendo em vista a estréia oficial, dia 2 de junho, no Centro Cultural Banco do Brasil”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. Tensão do elenco prejudica estréia de “Yerma” de Woltzik, *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 maio 1995.

“O espetáculo ainda precisa de mais amadurecimento até sua estréia.[...] O texto é muito poético e inquietante. Contudo, os seis atores parecem ainda temer justamente esta poesia. Exceção feita a Camila Amado, que consegue transmitir através de sua personagem toda a magia de Lorca.[...] Eduardo deixou a montagem ‘lenta’ demais, em especial para a protagonista...[...] Este mesmo exagero é encontrado no figurino.”

FONTE: GAZETA DO POVO. *Yerma*: podia ser melhor. Curitiba, 20 maio 1995.

#### 4.4.3.12 BONITA LAMPLÃO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção roteiro e coreografia: *Renata Melo*

Elenco: *Plínio Soares e Renata Melo*

Assistente geral: *Vivien Backup*

Cenário e figurino: *Felipe Tassara e Maurizio Zelada*

Adereços: *Felipe Tassara e Jose Rubens Siqueira*

Pintura: *Waldemar Pereira*

Trilha sonora: *Mitar Subotic*

Músicos: *João Parahiba e Nicolas Pap*

Professor de acordeão: *Toninho Ferragutti*

Iluminação: *Michele Matalon e Wagner Pinto*

Programação visual: *Emilie Chamie e Alexandre Fortes*

Fotografia: *Vania Toledo e João Caldas*

Orientação dramaturgica: *José Rubens Siqueira*  
 Produção executiva: *Amalia Tarallo e Francisco Marques*  
 Operador de luz: *Ricardo Bueno*  
 Operador de som: *Amalia Tarallo*  
 Costureira: *Judith de Lima*  
 Vídeo: *Ruth Slinger*  
 Divulgação: *Catia Vasconcelos*  
 Voz: *Elias Andreatto*  
 Local: *Teatro Fernanda Montenegro*  
 Dias: *22, 23 e 24 de maio, às 21h30*

#### - O texto

Tudo neste espetáculo é junção e integração de opostos. O título cola um adjetivo feminino num substantivo masculino: racionalmente uma oposição contraditória: poeticamente, um par. Masculino e feminino. Homem e mulher. O homem, a ação, o gesto, a caatinga, o material, o braço horizontal da cruz. A mulher a reflexão, a emoção, o interior, o abstrato, o tempo, o braço vertical da cruz. Os dois se cruzam, como um símbolo cristão, na altura do coração: na paixão. *Bonita e Lampião* são mais do que um homem e uma mulher: encarnam os elementos construtivos do ser humano, o corpo e a alma, o de fora e o de dentro, o duo indivisível que constitui todo indivíduo.

O espetáculo consegue o milagre raro de ser universal através do regional. A junção dos recursos de teatro e da dança numa categoria definida, mas indefinível, coloca ao nível da própria linguagem essa junção de opostos: a dança é exata e ponderável, é gesto, corpo, o teatro é palavra, vago, imaterial, é idéia, alma. Ao fim da sua trajetória, dividida em passos gozozos e dolorosos, o par que desafia o destino chega ao passo glorioso da união consigo mesmo: *Bonita e Lampião* atingem a Beleza da luz. Iluminados, são heróis, são deuses, santos, Cristos. Seres humanos integrados em si mesmos, como deveríamos ser todos.

#### - A crítica

Este é o primeiro espetáculo de dança-teatro que integra a mostra oficial do Festival de Teatro de Curitiba. A crítica tece bom comentários para a montagem, mas o público é indiferente. O espetáculo não impressiona. A nota final recebida é 7,59 (homens 7,48 e mulheres 7,69).

“Compasso bem marcado, dois prá cá, dois prá lá. Raro milagre da história regional que se transforma em universal. *Bonita Lampião* tem o ritmo do nordeste e o coração. É pulsante ao unir a dança e o teatro, feliz no cenário que lembra a carroceria de um caminhão, e onde as folhas secas funcionam como referência à região da caatinga ao mesmo tempo que enfatiza o som dos passos. Em casamento, a iluminação que temporiza, passo a passo, o decorrer da história”.

FONTE: FREITAS, Márcia. Lirismo e harmonia. *Gazeta do povo*, Curitiba, 24 maio 1995.

#### 4.4.3.13 BABEL BUM

##### - Ficha técnica do espetáculo



Concepção e direção: *Oswaldo Gabrieli*.  
 Música e direção musical: *Roberto Firmino*  
 Músico convidado: *Marcos Vinicius Gomes*  
 Elenco: *Anie Welter, Sidney Caria, Wanderley Piras, Sérgio Serrano, Domingos Montagner, Beto Andreetta, Beto Lima e Pia Fraus*  
 Ator contra-regra: *João Caria*  
 Maquinista: *Mario Augusto Togniazolo*  
 Figurinos: *Oswaldo Gabrieli*  
 Iluminação: *Oswaldo Gabrieli*  
 Confeção de figurino e material cênico: *XPTO*  
 Assistência de criação dos personagens: *Sidney Caria*  
 Operação de luz: *Décio Filho*  
 Operação de som: *Randolfo Neto*  
 Assistência de produção: *Beto Andreetta*  
 Produção: *X Produção e Promoção Artística*  
 Local: *Teatro Fernanda Montenegro*  
 Dias: *27 e 28 de maio, às 21h30*

#### - O texto

Anjos subvertem a ordem e, como “Prometeus literários”, descem à Terra trazendo consigo caixas misteriosas que entregam para seres humanos escolhidos ao acaso. As caixas, quando abertas, espalham desejos, sonhos e ambições, revelando de forma bruta o espírito desses personagens. Anjos exterminadores ferem de morte outros anjos na tentativa de recuperar as caixas. Humanos lutam desesperadamente por elas. Jogos de poder, perseguições, preconceitos, intrigas, traições e o medo diante do novo conduzirão os personagens em tramas que se encontram e se confundem.

Humanos são revelados para caminhos nunca antes trilhados. Anjos e humanos se confrontam e se espelham no limbo do espaço, se amam. Da poética ao sonho, do sonho ao pesadelo, acordando para a revelação no limiar do século, no meio da tempestade, um astronauta, esquecido no espaço, indica o caminho para os naufragos sobreviventes. Uma alegoria ácida da vida, permeada de humor e crueldade.

#### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.4.3.14 RUA DA AMARGURA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Gabriel Villela*  
 Adaptação: *Arildo de Barros a partir do texto de Eduardo Garrido, “Martir do Calvário”*.  
 Elenco: *Antônio Edson, Arildo de Barros, Beto Franco, Bia Fraga, Eduardo Moreira, Inês Peixoto, Julio Cesar Maciel, Paulo André, Rodolfo Vaz, Lydia Del Picchia, Teuda Bara*  
 Iluminação: *Maneco Quinderé*  
 Figurino: *Maria Castilho e Wanda Sgarbi*  
 Tecidos: *Vaninha Soares Perreira/WS*

Cenografia: *Gabriel Villela*  
 Assistência de direção: *Simone Ordones*  
 Pintura e arte: *Wanda Sgarbi*  
 Coreografia: *Paola Rettori*  
 Trilha sonora: *Chico Pelucio*  
 Preparação vocal: *Babaya*  
 Arranjos musicais: *Fernando Muzzi*  
 Preparação corporal: *Paola Rettori*  
 Assistente de figurino: *Andres e Daniela Starling*  
 Cenotécnica: *Alexandre Santos*  
 Estudio de gravação: *R Som*  
 Programação visual: *Métrica comunicação*  
 Fotografia: *Gustavo Campos*  
 Agência: *Lápis Raro*  
 Assessoria de imprensa: *Em cartaz*  
 Auxiliar administrativo: *Admar Fernandes*  
 Direção de produção: *Chico Pelucio e Regiano Miciano*  
 Produção: *Grupo Galpão*  
 Local: *Guairinha*  
 Dias: *21 de maio, às 21h30 e 22 de maio, às 19h e 21h30*

#### - O texto

A recriação da vida de Cristo por Eduardo Garrido no início do século ganha aqui a forma popular de circo-teatro, com a atuação do Grupo Galpão, de Belo Horizonte, em nova parceria com o diretor Gabriel Villela. A parceria foi responsável pelo grande sucesso *Romeu e Julieta*, apresentado na segunda edição do Festival de Teatro de Curitiba. A nova montagem, segundo o diretor, não é uma proclamação de fé e nem um projeto ideológico com o objetivo de expressar esta ou aquela postura crítica a respeito de Jesus. Trata-se isso sim, de um passo na direção de um domínio mais completo da palavra e do texto, sem nunca perder a alma mambembe e popular do diretor e do grupo.

Cada degrau da vida, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo é narrado em 14 passos, subdivididos cronologicamente e contados em forma de melodrama. O cenário é uma réplica estilizada do presépio do Piripipau, situado perto da sede do Galpão, na capital mineira. O palco é revestido de ex-votos e de imagens de santos, com o chão coberto de espumas para parecer que os atores estão flutuando. A trilha sonora, feita ao vivo como em todo o teatro popular, tem direito a violão, pandeiro, tambor e sinos na interpretação de cantos gregorianos e cantigas de roda pesquisadas Brasil afora. O figurino, supercolorido e riquíssimo em detalhes da peça, fruto de um ano de pesquisas, completa a ambientação. Essas características reunidas montam um espetáculo cativante do início ao fim.

#### - A crítica

A crítica foi unânime em relação ao espetáculo: nota máxima. O jornal *O Estado do Paraná*, através de seu caderno *Almanaque*, conferiu ao espetáculo nota 10(dez). O público elegeu o espetáculo como o melhor entre todos os que participaram da quarta edição do Festival de Teatro de Curitiba. A nota final para o público foi 9,63 (homens 9,60 e mulheres 9,62).

“Havia espectadores do Rio e São Paulo assistindo pela quinta ou sexta vez e ainda se emocionando. A platéia local, no entanto, que lotou o Guairinha na noite de domingo, se impressionou pela beleza de *A rua da amargura*, e transformou a versão do Grupo Galpão e do diretor Gabriel Vilela para a Paixão de Cristo no espetáculo mais ovacionado do 4º Festival de Teatro de Curitiba até agora”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. Longe da rua da amargura. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 maio 1995.

“Um Brasil diferente aportou em Curitiba e transformou a Rua XV de Novembro – nas noites de domingo e segunda – feira – em *Rua da Amargura*. Esse é o nome da peça trazida pelo Grupo Galpão, de Belo Horizonte, com direção de Gabriel Vilela. Noite memorável”.

FONTE: FERNANDES, José Antônio. E a palavra se fez teatro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 maio 1995.

#### 4.4.3.15 O LIVRO DE JÓ

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Teatro da Vertigem*

Concepção e direção geral: *Antonio Araújo*

Tradução: *Luis Inácio Stadelmann*

Adaptação: *Luis Alberto de Abreu*

Elenco: *Matheus Nachtergale, Miriam Rinaldi, Sérgio Siviero, Siomara Schroder e Vanderlei Bernardin*

Músicos: *Alexandre Galdino, Jose Eduardo Areias, Camila Lordy Costa, Magda Pucci, Flavia Campos, Fabiana Lian, Roseli Camara e Miriam Capua*

Figurinos e paisagismo: *Fábio Namatame*

Projeto de iluminação: *Guilherme Bonfanti*

Composição e direção musical: *Laércio Resende*

Cenografia: *Marcos Pedroso e Antonio Araújo*

Coordenação técnica: *Ivan Marques*

Assistência de direção: *Marcos Lobo*

Fotografias: *Eduardo Knapp*

Direção de produção: *Marcos Moraes*

Local: *Centro Metropolitano de Saúde*

Dias: *23 e 24 de maio, às 21h30*

##### - O texto

Jó é um homem justo, correto, temente a Deus. Vive em prosperidade e felicidade. Deus, em conversa com Satanás, exhibe a fidelidade de Jó que, duvidando, pede ao Criador para colocá-lo à prova. Deus o permite. Jó então perde seus bens e sua família, conhece a peste, mas não esmorece: ainda crê na justiça divina. Esta montagem discute questões como a revolta contra Deus, o embate Criador-criatura, a doença e a peste.

Jó é o homem colocado à prova por uma aposta entre Deus e Satanás. Aquele que tem sua fé redimensionada quando se vê acometido pela peste – sintomas que, na atualidade, remetem-nos para as manifestações provocadas pela *AIDS*. A peste traz à tona temores, angústias e uma reflexão sobre a iminência da morte.

O espaço cênico é decorrência da discussão temática do grupo. Ao Teatro da Vertigem interessa trazer o espectador a um local marcado por uma carga significativa e emocional muito peculiares: o Centro Metropolitano de Saúde, espaço por excelência de contato com a doença, com o sofrimento e a morte. É dentro deste quadro de peste que Jó questiona a justiça divina, assim como nos dias atuais o homem se confronta com a *AIDS* e suas conseqüências, num conflito entre a fé e a descrença.

#### - A crítica

A peça chega ao Festival de Teatro de Curitiba com o peso das avaliações positivas recebidas em função da temporada de São Paulo. Os impasses causados entre a produção do espetáculo e o Sindicato local do Servidores do Serviços de Saúde ajudaram a criar mais expectativas em relação à montagem. O Centro Regional de Saúde onde a peça seria encenada, teve que passar por adaptações tumultuando a rotina do local que atende portadores do vírus da *AIDS*. Para agravar o quadro, uma fotógrafa é supostamente agredida no local. Finalmente, depois de mais de uma hora de atraso, a peça estréia em Curitiba, e, ao final, é ovacionada pelo público presente. A peça foi a primeira a ter os ingressos esgotados. A nota final do público foi 9,61 (homens 9,60 e mulheres 9,62). Essa nota deixa o espetáculo em segundo lugar na preferência do público do 4º Festival de Teatro de Curitiba.

“A noite de terça – feira teve algo de mágica, pelo menos para os 60 felizardos que conseguiram assistir ao espetáculo *O livro do Jó*, com certeza o melhor momento do IV Festival de Teatro de Curitiba”.

FONTE: FILIZOLA, Ana Amélia. Sentimento e arte em comunhão. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 maio 1995.

“Escrito entre os anos 600 a 400 antes de Cristo, o dramático poema ‘Livro de Jó’, um dos 66 livros canônicos do Velho Testamento, chega ao limiar do ano 2000 emprestando sua história para um dos espetáculos teatrais mais sensíveis dos últimos tempos’.

FONTE: LOPES, Adélia Maria. O ser, o teatro e o fim do século. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 25 maio 1995.

#### 4.4.3.16 VERÁS QUE TUDO É MENTIRA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Theophile Gautier*

Adaptação: *Reinaldo Maia*

Direção: *Marco Antônio Rodrigues*

Elenco: *Amaziles de Almeida, Nani de Oliveira, Nilse Ferreira, Renata Zanetta, Armando R. filho, Francisco Bretas, Mario Condor, Paulo Bordhin e Rogério Bandeira*

Composição musical, cenário e figurino: *Márcio Medina*

Reparador circense: *Mariana Maia*

Preparador corporal: *Ana Thomaz*

Programação visual: *Desigzag Desing*

Cenotécnica: *Mário Márcio*

Diretor técnico: *Zé Nilson*

Produção executiva: *Patricia de Barros e Saryda Andara*

Diretor de produção: *Antoninho Mathias*

Realização: *Clara Luz Produções Artísticas Ltda*

Locais: *Boca Maldita, 27 de maio, às 11h e Rua da Cidadania, 28 de maio, às 15h*

#### - O texto

Todo o romance é contado a partir do momento em que o Barão de Sigognac recebe em seu castelo a visita inesperada de uma trupe de teatro que está a caminho de Paris, fato que irá transformar decisivamente a sua vida. O Barão é um nobre que já ultrapassou a beira da ruína. O nobre, que de nobre só tem o título, é muito mais um indigente da nobreza. Sua vida, ao compartilhar do mundo maravilhoso do teatro, começa definitivamente a se refazer. É aí que encontra a sua verdadeira essência: no contato com o dia-a-dia dos atores, das peripécias de capa e espada, no mundo romanesco do teatro, sua vida ganha um sentido transcendente – iluminação dos poetas. Até que, o herói vai ao encontro de um amor cheio de peripécias: com direito a final feliz digno de conto encantado. E lá segue Sigognac a caminho, de Paris: as ingênuas, as coquetes, os tiranos, os *scapinos* da trupe de teatro o redimem. Interpretando o Capitão Fracassa, personagem tragicômico da comédia popular burlesca, o Barão encontra, finalmente, a justa medida de sua nobreza.

#### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.4.4 Eventos paralelos

Os eventos paralelos que fizeram parte da IV Festival de Teatro de Curitiba foram compostos de atividades diversas. O cinema mais uma vez apareceu na programação. Os debates, assim como as oficinas, foram bastante prestigiados. Uma novidade foi acrescentada à programação paralela. Trata-se de um roteiro de festas na intitulado *Cabaret Aeroanta*. As festas aconteciam diariamente na casa de *show* Aeroanta, sempre tendo uma banda convidada. Na programação associada, houve inchaço no número de peças: 4 companhias fizeram parte da programação naquele ano.

##### 4.4.4.1 Ciclo de debates “O teatro no fim do milênio<sup>49</sup>”

Através de depoimentos de diretores, atores, críticos e outros profissionais das artes cênicas, o panorama do teatro brasileiro foi colocado à prova, numa discussão que visou traçar o perfil desta arte às portas de um novo milênio. Dividido em “cenas”, o tema central teve como expositor o jornalista Nelson de Sá.

A divisão foi a seguinte:

Abertura: *O teatro no fim do milênio*

Expositor: *Nelson de Sá*

Dia: *20 de maio*

<sup>49</sup> Todos os debates aconteceram no Cine Luz, às 11h, em maio de 1995, período de realização do IV Festival de Teatro de Curitiba.

Cena I: *Festivais - A oxigenação do processo teatral?*

Expositor: *Nitis Jacon, Humberto Braga, Celso Curi e Aimar Labaki*

Dia: *20 de maio*

Cena II: *Teatro e televisão – Afinal, qual é a relação?*

Expositor: *Irene Ravache, Glória Meneses e Sura Berdichewski*

Dia: *21 de maio*

Cena III: *Encenações e encenadores – existe ainda a originalidade?*

Expositor: *Alberto Guzik, Bárbara Heliodora, Celso Nunes e José Possi Neto*

Dia: *27 de maio*

Cena IV: *Temática da dramaturgia – A sexualidade é essencial ?*

Expositor: *Renato Borghi, Mariângela Alves Lima e Naum Alves de Souza*

Dia: *28 de maio*

#### 4.4.4.2 Mostra de cinema<sup>50</sup> – “Eles e elas no cinema nacional”

Esta mostra teve como objetivo homenagear os 100 anos do cinema mundial, destacando o cinema nacional nas últimas quatro décadas. Na mostra, muitos atores que integraram a quarta edição do Festival de Teatro de Curitiba.

A programação foi:

*São Paulo S/A*

Diretor: *Luis Sérgio Persson*

Elenco: *Eva Wilma, Walmor Chagas e Otelo Zeloni*

Dia: *20 de maio*

*Terra em transe*

Diretor: *Glauber Rocha*

Elenco: *Paulo Autran, Glaube Rocha, e Jardel Filho*

Dia: *21 de maio – houve uma apresentação especial às 15h*

*Das tripas coração*

Diretora: *Ana Carolina*

Elenco: *Xuxa Lopes, Dina Sfat e Antônio Fagundes*

Dia: *21 de maio*

*Anchieta José do Brasil*

Diretor: *Paulo Cesar Sarraceni*

Elenco: *Ney Latorraca, Roberto Bonfim e Stênio Garcia*

Dia: *27 de maio*

*Absolutamente certo*

<sup>50</sup> Todas as apresentações aconteceram no Cine Luz, às 16 e às 18h. A co-produção do evento foi da Fundação Cultural de Curitiba/Cinemateca de Curitiba.

Diretor: *Anselmo Duarte*

Elenco: *Dercy Gonçalves, Anselmo Duarte e Ilka Soares*

Dia: *28 de maio*

#### 4.4.4.3 Oficinas

O grupo americano *The Dell'Arte Players Company* esteve realizando uma série de oficinas sobre os princípios da comédia física, o pastelão. As oficinas envolveram estudo do movimento, caracterização física, quedas, gesticulação e ainda elementos de performance com máscaras. As oficinas aconteceram no Colégio Estadual do Paraná, nos dias 26 e 27 de maio de 1995, sempre das 10 às 13h.

#### 4.4.4.4 Outros eventos

Na manhã do dia 21 de maio, na Livraria Dario Veloso – Fundação Cultural de Curitiba, a escritora Maria Adelaide Amaral, fez o lançamento da biografia *Dercy de cabo a rabo*. Na ocasião, a atriz Dercy Gonçalves esteve presente.

A casa de shows Aeroanta ofereceu uma programação especial para os participantes da quarta edição do Festival de Teatro de Curitiba. As Bandas participantes foram: *Rotnitxe, Universidade, Blues Etilicos, Gueto, AeroCWB, Be&Thoven e Festa baile*. A programação acontecia todos os dias do festival, sempre a partir das 22h.

Houve uma programação de peças teatrais associadas ao festival. Estas peças não faziam parte da mostra principal. As peças foram: *Trecentina*, de Enéas Lour e Mário Shoemberger, com direção de Mário Shoemberger, apresentada no mini auditório do Teatro Guaíra; *O dedo volúvel do destino*, com texto e direção de Cleide Piasecki, apresentada também no mini auditório do teatro Guaíra; *Paredes de Vento*, de Jô Martinez e Marcelo Munhoz, com direção de Marcelo Munhoz e Márcio de Abreu, apresentada no auditório do Palácio Avenida, e finalmente, *Safo*, com texto e direção de Leônia de Oliveira, apresentada na Casa João Garbers.

#### 4.4.5 Avaliação geral

A quarta edição do Festival de Teatro de Curitiba apresentou um pequeno déficit, segundo Victor Aronis declarou ao jornal *O Estado do Paraná*, de 8 junho de 1995. O déficit já era esperado em função de não ter havido fechamento da venda de todas as cotas de patrocínio. O festival de 1995 teve um custo total de R\$ 600 mil, e foi dividido em três participações: Prefeitura municipal, iniciativa privada e *FTC Entretenimentos*. As cotas não vendidas e o resultado da bilheteria provocaram o pequeno déficit.

A Paraná Pesquisas, empresa responsável pela pesquisa de avaliação, apurou as seguintes informações:

- 53,68% do público do festival foi feminino;
- 46,32% do público do festival foi masculino;
- 36,95% do público possuía faixa etária entre 18 e 24 anos;
- 46,72% do público tinha formação superior completa e 29,99%, formação superior incompleta;

- 91,57% do público que assistiu aos espetáculos eram de Curitiba;
- 54,48% das pessoas que assistiram aos espetáculos estavam acompanhadas;
- 48,45% das pessoas acharam o preço do ingresso muito caro, e 49,48% achou o preço justo;
- 58,45% das pessoas que assistiram a peças da quarta edição do festival estiveram participando também no festival do ano anterior.

Cerca de 20 mil é número total de pessoas que assistiu ao Festival de Teatro de Curitiba de 1995. As notas finais dadas pelo público aos espetáculos foram as seguintes:

- *Rua da Amargura* 9,63
- *O livro de Jó* 9,61
- *Coquetel Clown* <sup>51</sup> 9,22
- *Uma Noite e Tanto* 9,10
- *Verás que Tudo é Mentira* 8,97
- *Decameron* 8,86
- *A paixão* 8,75
- *Babel Bum* 8,58
- *Répétition* 8,56
- *Trilogia Tebana* 8,08
- *O melhor do Homem* 8,00
- *Corpo a Corpo* 7,84
- *Bonita Lampion* 7,59
- *Slapstick*, 7,57
- *Don Juan* 6,43
- *Yerma* 6,33
- *Água com Açúcar* 6,16.

#### 4.4.6 Ficha técnica do festival

Secretária: *Cristiane Caldas Belz*

Auxiliar de escritório: *João Carlos de Lima*

Direção administrativo-financeira: *Victor Aronis*

Direção de produção: *Cassio Chamecki*

Direção de Marketing: *Leandro Knopfholz*

Assessoria: *Fernando Jacon*

Coordenação de comunicação: *Ilana Lerner Hoffmann*

Assistência de direção: *Digiovanni Guiz*

Coordenação de vendas: *Andrea Kleiner*

Produtor de Eventos paralelos: *Chico Nogueira*

Vendedores: *Claudia M. Caldas, Danielle Chiarello, Maria Luiza M. Nascimento, Mariana Costa, Claudia Rezende, Patrícia Meyer, Daniele Cruz e Marcelino Silva*

Produtor de logística e receptivo: *Fernanda de Sá Ribas*

Coordenação de som: *João Casemiro Corrêa*

Coordenação de luz: *Ricardo Corbett*

Assessores: *Liege Fuentes, Adraine Perin, Eliane de Christo, Enise Andreatta*

<sup>51</sup> A peça do *Grupo XPTO* entrou na mostra de última hora. Sobre a peça localizamos que a direção foi de Oswaldo Gabrielli. O texto era uma mistura de cenas que tinham como eixo central a história do palhaço Clown e o imaginário a ela ligado. A peça foi apresentada no Teatro Fernanda Montenegro nos dias 27 e 28, sempre às 18 h.



Coordenação de espaços: *Marcelo Contin*

Publicidade: *Z. Publicidade*

Produção de espaços:

Teatro Guaíra e Guairinha : *Isaias Emilio da Silva e Simone Klein*

Ópera de Arame : *Sergio Richter*

Colégio Estadual : *Cleon Jacques*

Paiol : *David Mafra*

Fernanda Montenegro : *Wanderson Gonçalves de Campos*

Espaços Especiais : *Juba Machado*

Colaboração: *Aeroanta, Rádio Transamérica, Central de Outdoor, Ecco-Salva, Paraná Pesquisas, Shopping Mueller*

Som: *Dorémix*

Apoio: *Prefeitura Municipal de Curitiba, O Boticário e Positivo*

Luz: *Stage Luz & Magia*

Promoção: *TV Paranaense, Folha de São Paulo*

Carga: *Transatual*

Passagens aéreas: *Poltrona Um Turismo*

Realização: *FTC Entretenimento*

Apoio da Lei 8313/91 – PRONAC/MECENATO/MINC<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> É a primeira vez que consta em documento o apoio oficial ao *FTC*.

#### 4.5 RASTO ATRÁS : V FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA<sup>53</sup>

Com o enfoque novamente na *Mostra de teatro contemporâneo brasileiro* deu-se início à quinta edição do Festival de Teatro de Curitiba.

Com cinco anos de atividades é possível dizer que o festival já possui identidade. Em sua caminhada, o *FTC* já produziu marcas e a imprensa julgou o evento sob muitos enfoques. As pegadas deixadas no caminho indicam que os organizadores estavam andando, e depressa. Contando com o apoio oficial do Governo do Estado, a produtora do festival pôde dar andamento ao projeto iniciado quatro anos antes. A novidade desta edição foi a co-produção de espetáculos: *Nowhere Man*, de Gerald Thomas foi co-produzido pela *FTC* e pelo Festival de Copenhagen; *Quintuplos*, do Grupo Ornitórrinco de São Paulo também recebeu ajuda na produção. Também aconteceu nesta edição o início do projeto *Faróis do Saber: Teatro na biblioteca*, criado e encabeçado pelo ator Marco Nanini. O projeto, experiência impar no Festival de Teatro de Curitiba, previa leituras dramáticas e biográficas nos Faróis distribuídos pela cidade. A participação do público, sobretudo das crianças, foi muito grande. Nanini era acompanhado por outros nomes como Maria Padilha e Pedro Paulo Rangel, entre outros.

Enquanto nas edições anteriores o festival tinha como objetivo explícito ser uma vitrine do teatro nacional, nesta versão, há mudanças no enfoque. O festival agora pretende ser uma prévia do que vai acontecer efetivamente no eixo Rio-São Paulo na temporada seguinte. Para tanto, os organizadores trouxeram quatro grandes estréias nacionais, todas calçadas com nomes de peso, de atores ou diretores. A revista *Veja*<sup>54</sup> publicou matéria afirmando que Curitiba consolidou-se como o melhor lugar do país para se fazer uma estréia nacional. O motivo não estaria somente ligado ao fato de, em Curitiba, as pessoas consumirem teatro em maior quantidade, conforme pesquisa já apresentada no capítulo primeiro deste trabalho, mas acima de tudo, na

<sup>53</sup> O 5º Festival de Teatro de Curitiba aconteceu entre os dias 20 e 31 de março de 1996.

<sup>54</sup> Revista *Veja*, São Paulo, 27 mar. 1996.

injeção de dinheiro público que a cidade fez na área.<sup>55</sup> Para o V Festival de Teatro de Curitiba, a *FTC* viabilizou o patrocínio do Governo do Estado do Paraná, do grupo Positivo e da Prefeitura Municipal de Curitiba. Ao todo, foram apresentados 21 espetáculos em 9 espaços cênicos diferentes.

#### 4.5.1 Temática

Pretendendo ser uma mostra do teatro contemporâneo brasileiro, a curadoria do V Festival de Teatro de Curitiba argumentou, na introdução do programa dos espetáculos, *que a multiplicidade de uma mostra teatral está menos em sua capacidade de polemizar com as várias tendências que apresenta e mais nas formas de discussão que suscita com o panorama individualizado que exhibe em sua programação*<sup>56</sup>. Também esclareceu que, a quinta versão o Festival de Teatro de Curitiba, não apresentaria nenhuma linha de repertório definidora da vertente do teatro contemporâneo no Brasil. Assim, o que este festival pretendia era buscar uma criação personalizada, em que se refletissem as linguagens comuns à cena internacional, e acrescentando indagações: *Na mostra, quem está no Palco? O autor? O diretor? O ator? Todos eles, como aqueles que reinventam o mundo*<sup>57</sup>.

#### 4.5.2 Os curadores

*Lúcia Camargo*

*Maksen Luiz*

*Alberto Guzik*

*FTC Entretenimento*

#### 4.5.3 Os espetáculos

<sup>55</sup> Os números comprovam isso: *Rei Lear*, montagem de Paulo Autran, recebeu 250 000 reais para estrear na cidade; *Nowhere Man*, de Gerald Thomas, recebeu 50 000 para estrear no festival e *O Burguês Ridículo*, de Marco Nanini, recebeu 250 000 pelo mesmo motivo.

<sup>56</sup> Texto apresentado no programa dos espetáculos da quinta versão do *FTC*.

<sup>57</sup> Indagações encontradas no material oficial divulgado pela *Calvin*.

#### 4.5.3.1 DOROTÉIA – UMA FARSA IRRESPONSÁVEL

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Nelson Rodrigues*

Direção: *Adriano Guimarães, Fernando Guimarães e Hugo Rodas*

Elenco: *Denise Milfont, Nádia Carvalho, Shala Felippi, Marcia Rosado Nunes, Adriana Nunes e Regina Rodrigues*

Cenografia: *Adriano Guimarães, Fernando Guimarães e Hugo Rodas*

Figurino: *Lino Villaventura*

Iluminação: *Guilherme Bonfante*

Trilha sonora: *Rob Filmes*

Cenotécnico e Operador de Luz: *Dalton Camargos*

Programador visual: *Kiko Poggi*

Fotografia: *Mila Petrillo e Ricardo Junqueira*

Maquiagem: *Renato Castello*

Produção: *Denise Milfont*

Produção executiva e direção de cena: *Nando Toledo*

Secretária: *Vera Lucia*

Realização: *D.C.M. Promoções Artísticas Ltda*

Local: *Opera de Arame*

Dias: *20 e 21 de março, às 21h30*

##### - O texto

*Dorotéia* foi escrita em 1949, quando Nelson Rodrigues estava febrilmente apaixonado pela atriz e cantora lírica Eleonor Bruno. Foi para ela que ele talhou, sob medida, o papel-título da peça, classificada pelo próprio autor como “uma farsa irresponsável”, antecipando o teatro do absurdo de Beckett e Ionesco. Recheada com toques surrealistas como o jarro que persegue as personagens (metáfora do desejo carnal) e um par de botinas desabotoadas representando a presença masculina, a história de Dorotéia e da estranha maldição que ronda as mulheres de sua estirpe atordoou, na época, não só o público mas também a crítica. Pouca gente entendeu o tom marcadamente trágico conferido à montagem pelo polonês Ziembinski. O resultado foi um retumbante fracasso. A trama conta a história da bela e lasciva Dorotéia, em conflito com uma trinca de primas recalçadas, às voltas com as questões inquietantes da sexualidade, do casamento e do relacionamento homem-mulher. Agora, quase meio século depois de sua criação, esta nova montagem de *Dorotéia* recupera o tom suburbano da trama, pretendido originalmente pelo autor, e promove a um só tempo a aproximação do público com o caráter trágico do texto e a valorização de seu potencial cômico.

FIGURA 8 – FOTO DO ESPETÁCULO *DOROTÉIA*

## - A crítica

Na primeira noite, o espetáculo teve cerca de 800 espectadores, média também do segundo dia de apresentação. O espetáculo havia percorrido já as principais capitais brasileiras. Chefiado por uma carioca, porém idealizada pelos irmãos brasilienses, o grupo tinha dupla missão: representar a cidade de Brasília, pela primeira vez no festival, e manter o nível de avaliação recebida até então. O desempenho das atrizes ficou comprometido em função do tamanho do Teatro Ópera de Arame. A nota final dada pelo público ao espetáculo foi 7,64, uma das piores desta versão do Festival.

“No palco seis mulheres, dirigidas por três homens, revezam na tarefa de expressar a intensidade das personagens criadas por Nelson Rodrigues, num drama que provoca muitos risos e expõe mazelas e sentimentos de culpa”.

FONTE: PERIN, Adriane. *Dorotéia* encontra leveza em Nelson Rodrigues. *Jornal do Estado*, Curitiba, 20 mar. 1996.

“Com um elenco capitaneado por Denise Milfont, a peça sofreu com as dimensões de um teatro com capacidade para mais de 1500 pessoas na Ópera de Arame e o espetáculo foi concebido para um espaço intimista”.

FONTE: MEDEIROS, Jotabê. Velhas virgens abrem festival de Curitiba. *O Estado de São Paulo*, 22 mar. 1996.

“Convidado para abrir o Festival de Teatro de Curitiba com a montagem de *Dorotéia*, o trio de diretores Hugo Rodas, Adriano e Fernando Guimarães não desapontaram nem o público nem a crítica da principal mostra teatral do país na atualidade”.

FONTE: SAVINI, Marcos. *Dorotéia* faz sucesso em Curitiba. *Correio Brasiliense*, Brasília 26, mar. 1996

### 4.5.3.2 OESTE

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Sam Shepard*

Tradução: *Marcos Renaux e Marilena Felinto*

Elenco: *Fábio Assunção, Otávio Muller, Ety Fraser e Oswaldo Mendes*

Direção: *Marco Ricca*

Cenografia: *Arthur Fajardo*

Iluminação: *Roberto Lima*

Música e trilha sonora: *Eduardo Queiroz*

Figurino: *Carlos Miele*

Design gráfico: *Cláudia Ranzini*

Fotografia: *Lenise Pinheiro*

Pintura de arte: *Frederico Pinto*

Coreografia e luta: *Ariela Goldman*

Assistente de direção: *Vânia Terra*

Operador de som: *Marco Boaventura*

Operador de luz: *Carlos Gaucho*

Contra-regra: *Jose Ivanildo*

Camareira: *Marilda Barbosa*  
 Assistente de produção: *Marco Ricca*  
 Realização: *Marco Ricca e Fábio Assunção*  
 Local: *Opera de Arame*  
 Dias: *26 e 27 de março, às 21h30*

- O texto

Shepard mostra em *Oeste* os conflitos que levam à desestruturação familiar. A trama quase claustrofóbica mostra o convívio entre dois irmãos com personalidades opostas, que, por acaso, passam a dividir o mesmo teto de uma hora para outra. Austin é roteirista de cinema e Lee vive de pequenos roubos, à margem da sociedade. Instalados na casa da mãe, que está em férias, ambos se sentem ao mesmo tempo atraídos e atormentados pelo estilo de vida do outro, o que desencadeia diversas situações críticas, até o inevitável conflito. Com uma linguagem seca e fragmentada, símbolo da dificuldade de comunicação do homem contemporâneo, Sam Shepard aborda situações limites do ser humano, de alto grau dramático. Lee trai seu irmão e convence um produtor a comprar sua idéia para um roteiro no lugar do projeto do irmão. Austin, em contrapartida, atormentado e atraído pela vida de Lee, tenta seguir os passos do irmão. A peça caracteriza-se pela exploração das relações humanas, sobretudo dentro de uma família.

- A crítica

Considerada a maior decepção do V Festival de Teatro de Curitiba. O público não gostou da encenação e concedeu ao espetáculo nota 7,43. A montagem foi considerada infeliz também pela crítica especializada. A presença do ator Fábio Assunção não garantiu êxito ao trabalho.

#### 4.5.3.3 O MERCADOR DE VENEZA

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *William Shakespeare*  
 Direção: *Amir Haddad*  
 Elenco: *Pedro Paulo Rangel, Maria Padilha, Debora Evelyn, Ilya São Paulo, Henri Pagnoncelli, Tuca Andrada, Marcos Breda, Ivo Fernandes, Mauricio Gonçalves, Candido Damm, Paulo Cruz, André Stock e Angela Rebello*  
 Cenários, figurinos e direção de arte: *Helio Eichbauer*  
 Tradução: *Barbara Heliadora*  
 Dramaturgo: *Paul Herilage*  
 Pesquisa: *Ivan Capeller*  
 Direção musical: *Tato Taborda*  
 Músicos: *Lelio Alves, Luciano Oliveira, e Alexandre Inácio*  
 Iluminação: *Ivan Marques*  
 Preparação corporal: *Rossela Terranova*  
 Assistência de direção: *Sérgio Luz/Lucy Mafra*  
 Assistência de cenários e figurinos: *Dedé Veloso*  
 Jóias: *Ricardo Filgueiras*

Adereços: *Marcia Machado*  
 Máscaras: *Marcilio Barroco*  
 Chapéus: *Manuel Proa*  
 Caracterização: *Vavá Torres*  
 Programação visual: *Visiva*  
 Fotografia: *Marcia Ramalho*  
 Assessoria de imprensa: *Cleusa Maria/Ana Deak*  
 Cenotécnico: *Humberto Silva*  
 Maquinista/contra-regra: *Elias Vieira*  
 Costureira: *Isabel Cristina*  
 Camareira: *Arminda Meireles*  
 Operação de luz: *Cristina Mariz*  
 Assistente de produção: *Cleide Escobar*  
 Administração: *Ana Lucia Menezes*  
 Produção executiva: *Tereza Durante*  
 Direção de produção: *Atonal Comunicação*  
 Local: *Ópera de Arame*  
 Dias: *30 e 31 de março, às 21h30*

#### - O texto

Esta é uma peça com duas faces, como os ducados de Shylock. Sua trama dupla nos conduz através de um vai-vém constante entre o mundo comercial de Veneza e o lânguido romantismo dos verdes campos de Belmonte. Os mitos de um capitalismo nascente e os desencontros do amor são habilmente emaranhados por Shakespeare quando a cortina se abre. Uma série de cenas nos levam dos negócios financeiros do mercador Antônio e o rico judeu Shylock a um verdadeiro conto de fadas que é a disputa entre a aristocrática Pórcia e seus pretendentes. *O Mercador de Veneza* é uma das mais contemporâneas peças de Shakespeare. Sua ambigüidade é perturbadora na medida em que a peça não se deixa confinar em apenas um de seus sentidos. Nenhum personagem é totalmente bom, e portanto, nenhum deles é completamente mau. O confronto é capaz de chocar a platéia por sua espantosa coincidência com o mundo moderno. Opressão, violência e pobreza saltam à vista, mesmo quando o que está em jogo é a conquista da mulher amada. Envolvendo racismo, intolerância, exploração, fraude e poder, a história nos prova que as escolhas morais e éticas que fazemos são determinadas pelo mundo político em que vivemos.

#### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.5.3.4 MORTE E VIDA SEVERINA

##### - Ficha técnica

*Grupo Tapa*  
 Texto: *João Cabral de Melo Neto*  
 Direção: *Silnei Siqueira*



Elenco: *Ana Lucia Torre, Andre Garolli, Brian Penido, Bruno Perillo, Cândido Lima, Clara Carvalho, Einat Falbel, Fabiana Vajman, Genésio de Barros, Guilherme Sant'Anna, Henrique Pessoa, Lilian Blanc, Luciano Camargo, Marcia Dib, Paulo Marcos, Riba Carlovich, Sandra Corveloni, Tony Giusti e Vera Regina*

Músicas: *Chico Buarque de Hollanda*

Direção e iluminação: *Silnei Siqueira*

Direção musical e arranjos adicionais: *Gustavo Kurlat*

Cenários e figurinos: *José Armando Ferrara*

Produção de figurinos: *Lola Tolentino*

Preparação corporal: *Neide Neves*

Maquiagem: *Anna Van Steen*

Assistente de iluminação: *Valter Machado*

Cenotécnico: *Lourival dos Santos*

Local: *Teatro Guaira*

Dias: *21 e 22 de março, às 21h30*

#### - O texto

*Morte e vida Severina* retrata a saga de tantos “severinos”, heróis trágicos e retirantes que deixam os sertões nordestinos em busca de trabalho em regiões mais desenvolvidas. O texto pungente de João Cabral de Melo Neto, com músicas de Chico Buarque de Hollanda, figura como uma das mais importantes obras da literatura brasileira. Em uma montagem despojada e de grande plasticidade cênica, o Grupo Tapa consegue o mesmo impacto que a peça causou quando foi representada pela primeira vez, em 1965. Trinta anos depois, sob a mesma direção, *Morte e vida Severina* reforça sua atualidade. Embora na época da sua estréia, em plena ditadura militar, o impacto social e político tenha sido diferente do de hoje, a peça ainda mexe com assuntos atuais como a miséria e a desesperança. A peça retrata temas universais como a busca da morte e o encontro com a vida, a fraqueza e a força, o individual e o coletivo. Na história, Severino deixa o sertão para seguir seu destino, acompanhando as margens do rio Capiberibe. O que encontra pelo caminho, porém, não é otimismo, e sim morte. Desiludido, também ele pensa em se matar, até que o nascimento de uma criança lhe faz ver que, mesmo severina, a vida vale a pena ser vivida.

#### - A crítica

O espetáculo recebeu nota 7,69 do público que esteve presente à encenação. A nota mediana dada pelo público pode caracterizar o que representou a montagem. Não foi localizada crítica especializada para a peça.

### 4.5.3.5 RASTO ATRÁS

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Tapa*

*Texto: Jorge Andrade*

*Direção: Eduardo Tolentino de Araújo*

Elenco: Ana Lucia Torre, Amélia Bittencourt, Brian Penido, Bruno Perilo, Clara Carvalho, Daniel Machado, Denise Weinberg, Fabiana Vajman, Genezio de Barros, Guilherme Sant'Anna, Lilian Blanc, Luiz Santos Bacelli, Lu Carion, Lulu Pavarin, Riba Carlovich, Paulo Leite, Rosa Grobman, Rubens Heredia, Sonia Oiticica, Tony Giusti, Walter Quaglia, Zecarlos Machado e Zeca Rodrigues

Iluminação: *Guilherme Bonfanti*

Trilha sonora: *Zero Freitas*

Preparação de canto: *Gustavo Kurlat*

Figurinos: *Lola Tolentino*

Preparação corporal: *Neide Neves*

Maquiagem: *Anna Van Steen*.

Cenotécnico: *Lourival dos Santos*

Local: *Teatro Guaíra*

Dias: 23 e 24 de março, às 21h30

#### - O texto

Uma caçada pontua a ação desta peça e quanto mais inserida no contexto, mais metafórica se revela. A caçada é a própria peça. Rasto atrás são as pistas falsas deixadas pela caça para enganar o caçador, assim como a memória que deforma, desvia e encobre. Um pai e um filho se procuram ao longo de quarenta anos, uma casal de desencontra temporariamente, todas as relações se perdem na incomunicabilidade e um dramaturgo caça palavras, cenas e personagens usando a memória como pista para escrever uma peça dentro da peça.

Vicente, escritor teatral em crise, sente secar sua veia inspirada e retorna à cidade natal para resolver conflitos e incompreensões com o pai, perito caçador, fazendeiro rude de família arruinada de barões do café. Vicente rastreia o caminho atrás das marcas deixadas pelo pai, que o permitirão voltar para casa e reencontrar a identidade. Nesta busca, planos se cruzam, passado e presente se entrelaçam, tempo e espaço se misturam. Cabe a Vicente desfazer o nó para encontrar a linha tênue que separa biografia e ficção.

#### - A crítica

O espetáculo chega com o emblema do Grupo Tapa. Com esta montagem, o Tapa teve três indicações para o *Prêmio Mambembe*. A companhia era o único grupo teatral privado do país que conseguia manter várias peças em cuja qualidade o espectador podia confiar. Não houve críticas negativas direcionadas a esta encenação. A nota final dada pelo público ao espetáculo foi 8,15.

“Rasto atrás são as pistas falsas deixadas pela caça para enganar o caçador, assim como a memória que deforma, desvia e encobre. É uma caçada que pontua a ação da peça, uma caçada em busca de alimento não para o corpo, mas para a alma”.

FONTE: SANTOS, Marieta de Castro. Uma caçada em busca do passado. *Folha de Londrina*, 23, mar. 1996.

#### 4.5.3.6 MARY STUART

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Frederich Schiller*  
 Adaptação: *Stephen Spencer*  
 Direção e cenografia: *Gabriel Villela*  
 Elenco: *Renata Sorrah, Xuxa Lopes, Cláudio Fontana, Marcos Oliveira, Oswaldo Boaretto, Fernando Neves, Sergio Mastropasqua, Andre Boll, Marcelo Boffa, Alexandre Schumacher, Flavia Pucci e Miriam Mehler*  
 Adaptação: *Stephen Spencer.*  
 Tradução: *Marcos Renaux e Marilene Felinto*  
 Preparação corporal e assistente de direção: *Vivien Backup*  
 Iluminação: *Maneco Quinderé*  
 Figurinos: *João Santanaella Jr. e Paulo Rogério de Oliveira*  
 Programação visual: *Gringo Cardia*  
 Assistente de arte: *Leonardo Eyer*  
 Direção musical: *Babaya e Ernani Malleta*  
 Concepção sonora: *Fernanda Brankovici*  
 Trilha sonora: *Tunica e Aline Meyer*  
 Produção executiva: *Renata Monteiro e Thereza Falcão*  
 Assistente de produção: *Julio Cesar Ribeiro*  
 Assessoria de imprensa: *Casé Produções*  
 Assistência teórica: *Edelcio Mostaço*  
 Fotografia: *Gall Oppido*  
 Assistente de fotografia: *Celso Azeredo*  
 Visagismo: *Fábio Namatame*  
 Cenotécnico: *Mario Marcio*  
 Equipe de cenotécnico: *José Ivanildo, José Auricélio, Everaldo Cavalcanrri Jr. e Erick Klaus*  
 Pintura: *Juvenal Irene*  
 Diretor de cena: *Marcelo Gomes*  
 Contra-regra: *Nilson Santos*  
 Operador de som: *Paulão*  
 Operador de luz: *Nezito Barreto*  
 Tecidos: *WS Tecelagem*  
 Realização: *XR Produções Artísticas Ltda*  
 Local: *Teatro Guaira*  
 Dias: *26 e 27 de março, às 21h30*

#### - O texto

A peça dramatiza o hipotético encontro de duas rainhas rivais, as primas Mary Stuart, da Escócia, e Elizabeth I, da Inglaterra, a filha de Henrique VIII e Ana Bolena. Sem a pretensão de ir a fundo nas questões políticas, marcadas pela disputa de poder (a sucessão ao trono), as brigas religiosas (Mary Stuart é católica e Elizabeth, protestante) e as pessoais (Mary uma fascinante conquistadora e a celibatária Elizabeth), a montagem acentua a guerra psicológica entre as duas personagens. O drama ganha força com a condenação de Mary Stuart. Cruel, Elizabeth não comuta sua pena, embora pudesse fazê-lo, e nem lhe oferece um julgamento justo. O encarceramento da prima, por longos 19 anos, oferece um conflito de múltiplos significados. O embate psicológico entre as duas torna-se cada vez mais intenso. O texto evidencia o comprometimento não com a verdade dos fatos, mas sim com a exemplaridade das situações. Banhos de sangue periódicos se incumbem de irrigar o solo onde brota o

ímpeto. A disputa de Mary Stuart e Elizabeth I abre um leque de possibilidades interpretativas à reflexão contemporânea.

#### - A crítica

O espetáculo é bem recebido por ambos – crítica e público. O público que esteve presente na apresentações de *Mary Stuart* deu ao espetáculo nota 8,80, uma das melhores da 5ª edição do Festival de Teatro de Curitiba. Os jornais publicaram algumas matérias exaltando o trabalho da atriz Renata Sorrah à frente da encenação. O espetáculo fica com a terceira colocação geral do festival na opinião do público.

“Xuxa Lopes, Renata Sorrah e Gabriel Vilella. Um grande texto. Com essa quadra de ases, o espetáculo *Mary Stuart* garantiu de antemão um dos melhores momentos do 5º Festival de Teatro de Curitiba.[...] à bem resolvida luz e cenografia de *Mary Stuart* some – se a interpretação precisa e madura das protagonistas”.

FONTE: FERNANDES, José Carlos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 mar. 1996.

#### 4.5.3.7 MELODRAMA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Filipe Miguez*

Direção: *Enrique Diaz*

Elenco: *Bel Garcia, Cesar Augusto, Drica Moraes, Gustavo Gasparami, Marcelo Olinto, Marcelo Valle e Suzana Ribeiro*

Roteiro: *Enrique Diaz e Filipe Miguez*

Colaboração: *Elena Soares e Isabel Muniz Lyra*

Figurino: *Marcelo Olinto*

Cenários e objetos: *Fernando Mello da Costa*

Direção musical: *Carlos Cardoso*

Iluminação: *Maneco Quinderé*

Preparação corporal: *Lucia Aratanba*

Preparação vocal: *Celio Rentóia*

Coreografia: *Jaime Arôxa*

Caracterização: *Renata Castelo*

Adereços: *Othon Spenner*

Programação visual: *Olicve & Ristou*

Ilustração: *Mauricio Porto*

Divulgação: *Mario Fernando Canivello*

Vídeo: *Inês Cavalcanti*

Produção figurinos: *Débora Guimarães*

Direção de produção: *Cláudia Marques/Dunas Produções Artísticas*

Pesquisa de dramaturgia: *Elena Soares*

Assistente de direção: *Isabel Muniz Lyra*

Assistente de figurino: *Othon Spenner*

Assistente de coreografia: *Suzana Laceyvitz*

Image maker: *Levindo*

Pintura: *Eduardo Monteiro e James Martins*

Cenotécnico: *Sergio Marimba e equipe*

Costureiras: *Mara Lopes, Vanda, Jaqueline, Nidi, Iracy, Georgina e Graça*

Operação de som: *Suely Vera*

Operação de luz: *Cristina Moriz*

Camareira: *Joanita*

Contra-regras: *Marcelo e Bryan*

Sonorização: *J. Dângelo.*

Concepção e direção: *Enrique Diaz*

Realização: *Cia. dos Atores e Cucaracha Produções Artísticas*

Local: *Teatro Guaira*

Dias: *30 e 31 de março, às 21h30*

#### - O texto

*Melodrama* é uma colcha de vastas emoções baratas costuradas com clichês, dramas rodrigueuanos, seriados de TV americanos e um clima de novela radiofônica. A peça conta duas histórias com vários fragmentos que se encaixam no final, apresentando a alma latina em uma versão bem-humorada. A primeira, *Laços de Sangue*, acompanha uma família às voltas com supostos incestos e antigos adultérios. Quatro personagens dividem a cena, que muda de época a cada capítulo: de nobres franceses do século XVIII a personagens de uma ópera italiana. A segunda história, *Na Saúde e na Doença*, recria o clima de folhetim enquanto conta as aventuras de Doralice, que, para se casar com Adolfo, precisa enfrentar o cunhado Augusto.

Uma avalanche de clichês hilariantes. *Melodrama* é resultado de dois anos de pesquisa do diretor Enrique Diaz sobre o exagero emocional latino-americano. Peruano, filhos de pais paraguaios, com irmãos mexicanos e portorriquenhos, Diaz transita com desenvoltura por esse meio. Recheada de recursos multimídia, como projeções de *slides*, vídeos pré-gravados e câmeras que filmam a ação no palco e as transmitem pela televisão, *Melodrama* reúne uma série de personagens arquetípicos: a mocinha ingênua, a criança abandonada, o poderoso cafajeste, o velho sábio. Personagens que se combinam inesgotavelmente para entreter e emocionar a platéia.

#### - A crítica

A montagem do diretor Enrique Diaz e sua companhia teve cinco indicações ao *Prêmio Shell*, conquistando duas, melhor diretor e figurino. Na avaliação do público, o espetáculo ficou com nota 8,50.

### 4.5.3.8 LULU – UMA DUPLA TRAGÉDIA

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Teatro de Comédia do Paraná*

Texto: *Frank Wedekind*

Direção: *Marcelo Marchioro*

Elenco: *Rosana Stavis, Mario Schoemberge, Mauricio Vogue, Silvia Patzsch, Tupaceretan Matheus, Zeca Cenovicz, Claudete Pereira Jorge, Eduardo Dias, Ranieri Gonzales e Livia Izar*

Figurino: *Leda Senise*  
 Cenografia: *Fernando Marés*  
 Iluminação: *Guilherme Bonfanti*  
 Expressão corporal: *Sandra Zugman*  
 Dramaturgia: *Celina Alvetti*  
 Produção: *Teatro de Comédia do Paraná*  
 Local: *Guairinha*  
 Dias: *21 e 22 de março, às 20h*

#### - O texto

A tragédia de Lulu é a obra fundamental de Frank Wedekind. O texto passou por diversas mudanças desde que começou a ser escrito em 1892, até sua versão definitiva em 1914. Partiu do original de “A caixa de Pandora”, de 1892, tragédia em cinco atos, e foi mudando de nome e sofrendo alterações. Nos mais de 20 anos que separam a primeira e a última versão, o autor teve que suprimir atos inteiros, modificar alguns, agregar outros tantos, para escapar à censura. O livro foi condenado, por décadas, por difundir escritos imorais. A montagem que o Teatro de Comédia do Paraná corresponde a um estudo comparativo de todas as versões escritas por Wedekind, mantendo a fidelidade ao autor, ao mesmo tempo em que lhe confere uma abordagem atual. O drama de Lulu gira em torno de seu passado como artista de circo. Na primeira tragédia de sua vida, ela é uma serpente que luta com um tigre. Envolvendo-se sucessivamente com diversos homens, alguns casados, Lulu mata o único homem que ama, foge, embrenha-se em uma teia de falsos amigos, prostitui-se e segue seu destino ao encontro da segunda tragédia: seu encontro com Jack, o Estripador, na lúgubre Londres do séc. XIX.

#### - A crítica

O espetáculo do diretor paranaense Marcelo Marchioro tinha quatro horas de duração. Mesmo com um tempo desse tamanho, o público elegeu a peça como a melhor encenação da primeira semana do festival. Opinião diferente teve a crítica especializada que desaprovou o espetáculo por completo. Na avaliação final junto ao público, o espetáculo ficou com 8,22 de nota. O ator Mário Schoemberg foi eleito pelo jornal *O Estado do Paraná*, o melhor ator coadjuvante do V Festival de Teatro de Curitiba.

“ A grande aposta do teatro paranaense da nova geração, o diretor Marcelo Marchioro decepcionou com uma montagem amadorística de *Lulu*, do alemão Peter Wedekind, com o elenco do teatro de Comédia do Paraná.[...] a produção é grandiloquente, mas a direção de atores e a concepção cênica da *Lulu* de Marchioro são de um equívoco atroz”.

FONTE: MEDEIROS, Jotabê. *Lulu* decepciona em festival. *O Estado de São Paulo*, 23 mar. 1996.

#### 4.5.3.9 JENNIFER – O AMOR É MAIS FRIO QUE A MORTE

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Proteu*

Texto: *Randy Buck*

Direção: *Roberto Lage*

Elenco: *Maria Fernanda Coelho, Paulo Braz, Viviane Eloy, Regina Fonseca, Valéria Victório, Remir dos Santos Trautwein, Cacá Scolari e Roni Lima*

Diretora artística do Grupo Proteu: *Nitis Jacon*

Autor: *Randy Buck*

Tradução: *Rodrigo Paez*

Direção geral: *Roberto Lage*

Assistentes de direção: *Fernando Jacon e Uta Atzpodien*

Luta cênica: *Marcelo Castro e Paulo Vasconcelos*

Coreografia, iluminação, sonoplastia e espaço cênico: *Fernando Jacon*

Figurinos: *Mary Raquel Balekian*

Pesquisa sobre Fassbinder: *Uta Atzpodien*

Produção executiva: *Proteu/UEL*

Operação técnica: *Mary Raquel Balekian e Sylvia Sitta*

Fotos: *Fernando Jacon/Uta Atzpodien*

Fotos divulgação: *Celso Pacheco*

Local: *Guairinha*

Dias: *24 e 25 de março, às 21h30*

#### - O texto

*Jennifer* traz à cena um personagem em choque com o senso comum. A protagonista, alter ego profundamente convulsionado do cineasta alemão Rainer Fassbinder, é uma diretora de teatro que transforma o palco em expressão das próprias inquietações e pretende levá-las às últimas conseqüências. Ela acredita, como Fassbinder, que a violência pode ser também uma expressão de amor, e a brutalidade um componente no jogo de submissão e poder entre homens e mulheres. A história de Jennifer é narrada em diversos planos, a partir de depoimentos, testemunhos e trechos de espetáculos, num jogo de recuo e avanços. As nuances, citações e as referências ao próprio universo do teatro permitem aos personagens/atores um mergulho na arte de representar. O Grupo Proteu usa sua trama para abrir foco sobre um dos mais controvertidos criadores do nosso século, o complexo Fassbinder, aqui transformado em uma respeitada e madura mulher.

#### - A crítica

O trabalho do Grupo Proteu é respeitado pelo ao público e pela crítica. O grupo foi idealizado por Nitis Jacon e é vinculado ao núcleo de teatro da Universidade Estadual de Londrina. O público do festival concedeu ao espetáculo uma ótima avaliação: a nota final foi 8,36. A atriz Maria Fernanda Coelho foi eleita pelo jornal *O Estado do Paraná* a melhor atriz do festival de 1996.

“No elenco se destaca, por força do personagem, a atriz Maria Fernanda Coelho. Sua Jennifer é uma figura masculinizada, sem qualquer erotismo, que se repete num registro interpretativo único – a composição da atriz é basicamente física. *Jennifer* parece haver agradado ao público. Os aplausos foram entusiásticos”.

FONTE: LUIZ, Macksen. Fassbinder Crucificado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1996.

#### 4.5.3.10 NOWHERE MAN

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Companhia de Ópera Seca*

Texto: *Gerald Thomas*

Direção: *Gerald Thomas*

Criação e direção: *Gerald Thomas*

Elenco: *Luis Damasceno, Milena Milena, Raquel Rizzo, Marco Azevedo*

Cenários e Figurinos: *Gerald Thomas*

Música especial: *Michelle DiBucci*

Iluminação: *Peter Glatz e Gerald Thomas*

Operador de som: *Marco Aurélio*

Diretor técnico e contra-regragem: *Domingos Varella*

Dramaturgia: *Sérgio Coelho*

Produção: *Mark Napoletano*

Assistência de direção: *Paulo Biscaglia*

Local: *Guairinha*

Dias: *29, 30 e 31 de março, às 21h30*

##### - O texto

O caráter intimista marca mais esta criação de Gerald Thomas. Em uma seqüência aparentemente *nonsense*, o personagem Fausto espera estático na fila de um banheiro público, cuja porta parece nunca se abrir. De repente, uma explosão, um *punk* abre a porta com violência e sai correndo do banheiro, deixando os que estavam na fila atônitos ao perceber que, na confusão, Fausto está estendido no chão. Enquanto a polícia interroga testemunhas, Fausto se esquiva e ri de mais uma peça que conseguiu pregar. Daí para frente, porém, mergulha em uma introspectiva viagem que leva a platéia ao início de uma narrativa na qual ele descreve seu nascimento, sua relação com uma mãe obesa e um pai neurótico. Seu relacionamento com o mundo, experiências, o encontro com Mephisto, tudo leva ao surpreendente final que encerra a trajetória, com um Fausto transformado no homem do século XXI. Montada e totalmente ensaiada em Curitiba durante o mês que antecedeu o Festival, *Nowhere Man* promoveu uma série de atividades envolvendo atores, diretores e técnicos curitibanos. A produção foi feita em associação com o Festival Copenhaggen 96, onde a peça foi apresentada oficialmente, em estréia mundial, em setembro durante as comemorações da cidade, escolhida a Capital da Cultura da Europa.

##### - A crítica



A escolha da atriz curitibana Raquel Rizzo para integrar o elenco desta nova montagem deixou os paranaenses interessados. O espetáculo foi considerado compreensível pelo público e pela crítica. Alguns jornais chegaram a publicar que Thomas se tornou aceitável a partir de *Nowhere Man*. O jornal *O Estado do Paraná* elegeu o espetáculo de Thomas o melhor do V Festival de Teatro de Curitiba. Gerald Thomas também ganhou do jornal o título de melhor diretor do festival. O espetáculo fez o público rir e oxigenou o trabalho do diretor e da companhia. A nota final dada pelo público foi 8,15, considerada excelente em relação às aquelas recebidas pelo diretor em edições anteriores.

“*Nowhere Man* é a mais clara e direta produção já feita por Gerald Thomas no Brasil”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. Enfim sem o véu de fumaça. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1996.

“Em sua primeira montagem com começo, meio e fim, Gerald Thomas ironiza a genialidade no texto e usa *sampler* de Chico Buarque na trilha sonora”.

FONTE: VIEIRA, Gustavo. Quem te viu...quem te vê... . *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1996.

“Gerald Thomas está de mentira nova. Com a vantagem, agora, de que é engraçado, faz rir, na trilha aberta por Antunes Filho”.

FONTE: SÁ, Nelson. Thomas se torna aceitável, com *Nowhere Man*. *Folha de São Paulo*, 1 abr. 1996.

#### - Observações:

O espetáculo *Nowhere Man* está sendo apresentado como um ensaio, como cortesia da Comissão Cultural da Cidade de Copenhagen, Capital Cultural Européia, de 1996, copatrocinadora desse espetáculo. O diretor Gerald Thomas também apresentou a peça *Quartett*. O motivo da apresentação se deu pela presença do diretor e sua trupe na cidade de Curitiba por um longo período, em função dos ensaios de *Nowhere man*. Assim, aproveitaram para ensaiar e apresentar mais um espetáculo. *Quartett* tinha no elenco Ney Latorraca e Edilson Botelho. A peça foi apresentada no Teatro Fernanda Montenegro nos dias 3 e 4 de abril de 1996, sempre às 21h.

#### 4.5.3.11 QUÍNTUPLOS

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Luis Rafael Sánchez*

Tradução: *Bella Josef*

Direção: *Maria Alice Vergueiro*

Elenco: *Christiane Tricerri e Luciano Chirulli*

Assistência de direção e preparador corporal: *José Maria Carvalho*  
 Cenografia e figurinos: *Patricio Bisso*  
 Assistência de cenografia e figurino: *Luciane André e Paula Valéria*  
 Sonoplastia: *Claudio Olivotto*  
 Iluminação: *Platão Filho*  
 Programação gráfica: *Alonso Alvarez*  
 Confeção de figurinos: *Teatro Guaira*  
 Revisão de texto: *Antonio Palma Filho*  
 Produção executiva: *Andrea Galasso*  
 Produção: *Teatro do Ornitorrino e Tricerri e Chirolli Ltda*  
 Local: *Teatro Fernanda Montenegro*  
 Dias: *22 e 23 de março, às 21h30*  
 Apoio: *Festival de Teatro de Curitiba*

#### - O texto

*Quintuplos* é um *vaudeville*, um conjunto de enredos e a paródia de uma comédia de suspense. Por meio de uma aventura da imaginação, a peça traz uma obra dentro de outra. São seis personagens que apresentam uma meditação sobre a maneira de entreter através do teatro, uma reflexão sobre a velha e a nova arte de fazer contos e uma crítica sobre a natureza da arte em geral. A criatividade e irreverência são marcas registradas do Teatro de Ornitorrino desde a sua criação, em 1977. *Quintuplos* prossegue nessa linha, montando uma comédia leve, divertida e recheada de intrigas. A ação se passa em meio a uma convenção para assuntos de família onde os dois atores se revezam na pele de seis personagens-parentes, cada qual com suas idiossincrasias, dando matizes contrastantes a uma só realidade.

#### - A crítica

O espetáculo só teria a estréia vinte dias depois na cidade de São Paulo. O que as pessoas viram no festival foi um ensaio geral com finalidade de apurar o ritmo do espetáculo. Cerca de vinte minutos foram diminuídos entre o espetáculo visto aqui daquele apresentado como definitivo na estréia de São Paulo. O espetáculo foi eleito pelo público como um dos piores da quinta edição do Festival de Teatro de Curitiba. A nota final recebida foi 7,30.

“Claro, foi uma pré-estréia, ou ainda, um ensaio aberto, pouco mais que um ensaio corrido. E o ritmo, não adianta, vem com o tempo, o aprofundamento.[...] As primeiras duas cenas apresentadas com extremo vigor, primeiro por Christiane Tricerri, depois por Luciano Chirolli, já indicaram uma tensão exagerada.”

FONTE: SÁ, Nelson. *Quintuplos* frustra em sua estréia. *Folha de São Paulo*, 25 mar. 1996.

“A irreverência de Christiane Tricerri e Luciano Chirolli tem de ser levada a sério. Mesmo com um texto absolutamente fraco do portorriquenho Luis Rafael Sánches, a dupla conseguiu fazer rir boa parte da platéia que lotou o Teatro Fernanda Montenegro”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. Os dramas e a comédia na história de fertilidade de uma família teatral. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 mar.. 1996.

#### 4.5.3.12 FILME B

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Alexandra Golik, Alexandre Stocker e Roberto Pelizzari*  
 Direção: *Alexandra Golik, Alexandre Stocker e Roberto Pelizzari*  
 Elenco: *Alexandra Golik, Alexandre Stocker e Roberto Pelizzari*  
 Argumento: *Marcud Lazzarini*  
 Figurinos e coreografia: *Le Plat du Jur*  
 Trilha sonora: *Tunica e Aline*  
 Iluminação: *Fran*  
 Adereços: *Olivier Gauche e Alexandre Golik*  
 Contra-regra: *Ponta*  
 Costureira: *Benê*  
 Fotos: *Atilio Grechi*  
 Programação visual: *Gabriela Vianna*  
 Controle de qualidade: *Peixe-boi*  
 Produção: *Luque das Trozo e Alexandre Stocker*  
 Realização: *A Execução e a Regra Produções Artísticas*  
 Local: *Teatro Fernanda Montenegro*  
 Dias: *25 e 26 de março, às 21h30*

##### - O texto

*Filme B* é um texto criado a partir de filmes policiais e de suspense, vistos sob a ótica *clown*. É a história de um casal de gêmeos que contrata um detetive para descobrir o assassino de sua mãe. Com clichês psicológicos e cênicos, a trama se desenrola em um emaranhado de intrigas, pistas falsas, múltiplas personalidades, armadilhas e toda sorte de confusões para dificultar a solução do crime.

O *clown*, linguagem trabalhada pelos atores-diretores, é por princípio um anti-herói. Desastrado, distraído, dispersivo, age sempre com a melhor das intenções, mas acaba traído por suas ações físicas, que sempre suplantam as intelectuais. Não é cômico no sentido tradicional do termo, mas faz graça pela maneira de se expressar pelo ingênuo de fazer bobagens.

Assim, todos os tipos de clichês psicológicos e cênicos são usados no desenvolvimento da investigação do crime e na busca do objetivo principal da montagem, o riso.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.5.3.13 OTELO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *William Shakespeare*

Direção: *Carmem Paternostro*

Elenco: *Tom Carneiro, Evelyn Buchegger, Eduardo Alburquerque, Luis Viana, Fábio Vidal, Celso Jr., Marcia Andrade, André Actis e Kátia Leal*

Tradução e adaptação: *Cleise Mendes*

Assistente de direção: *Fernanda Paquelet*

Assessores: *Hebe Alves, Harildo Deda e Cleise Mendes*

Cenário e luz: *Alexandre Mueller-Elman*

Efeitos especiais: *Mario Ramiro e Fritz Gutman*

Criação e execução cenográfica: *Ayrson Heráclito e Olívia de Oliveira*

Cenotécnica: *Joel Desidério*

Assistência de cenografia: *Fernando Barros, Shirlene Costa, Eutália Chaves e Josilene Santos*

Iluminação: *Irma Vidal*

Figurinos e adereços: *Miguel Alexandre e Zuarte Junior*

Trilha sonora: *Carmen Paternostro e Roland Shaffner*

Gravação: *Luciano Babia*

Direção de produção: *Virginia Da Rin*

Produtores executivos: *Cida Lima e Manolo Araújo*

Maquiagem: *Claudete Eloy*

Assistente de maquiagem: *Rui Marks*

Cabelos: *Duda Cabelereiros*

Costureiras: *Josenita Santos, Marizete Silva, Elizete Santana e Margarida Ferreira.*

Programação visual: *Antonio Figueiredo*

Fotos: *Adenor Gondim*

Assessoria de imprensa: *Nadja Vladi e Sandra Lobo*

Operação de som: *Rony Cácio*

Operação de luz: *Fernanda Paquelet*

Contra-regra: *Megg Chaves*

Direção de vídeo: *Zelia Uchoa*

Câmera: *Adilson Mendonça*

Local: *Teatro Fernanda Montenegro*

Dias: *28 e 29 de março, às 21h30*

#### - O texto

O fio narrativo de *Otelo* passa pelo amor, pelo racismo e pelo ciúme que cercam a vida do general mouro Otelo e sua mulher, a bela Desdêmona, integrante da corte veneziana. Envenenado pela possibilidade de uma traição, Otelo revela todo o seu ressentimento pelo racismo e a falsidade da vida mercantilista à qual teve que se modelar. O texto de Shakespeare é popular e esta trama atravessa séculos sem perder a contemporaneidade, sendo uma de suas obras mais representadas. Personagens admiravelmente vivos e convincentes hoje, como no século XVI, Desdêmona e Otelo vivem uma intriga que é um esplêndido estudo das (im)possibilidades humanas, um retrato atemporal da conduta humana.

#### - A crítica

Esta montagem nasceu do I Curso de Treinamento de Atores do Teatro Castro Alves, de Salvador e firmou – se como uma revelação do teatro brasileiro no ano de 1995. A nota final do espetáculo junto ao público foi 8,82, uma média considerada excelente .

#### 4.5.3.14 NAS TRILHAS DA TRANSILVÂNIA

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo de Teatro Macunaíma*

Texto: *Antunes Filho*

Direção: *Antunes Filho e elenco*

Concepção: *Antunes Filho*

Cenografia e figurinos: *J.C.Serroni*

Iluminação: *Davi de Brito*

Trilha sonora: *Raul Teixeira*

Local: *Teatro da Reitoria*

Dias: *22 e 23 de março, às 21h30*

##### - O texto

*Nas Trilhas da Transilvânia* é uma demonstração do método de trabalho realizado para a elaboração de toda e qualquer montagem do grupo Macunaíma. São improvisações que resultam num espetáculo. É um mergulho inquieto, fiel ao estilo de Antunes Filho, nos mitos e lendas de vampiros que impregnaram o imaginário popular no século XX. *Transilvânia* revê e recria velhos clichês vampirescos, revelando o vampiro como puro objeto de sedução perversa. Antunes estabelece um vivo diálogo entre seu trabalho e o de encenadores como Tadeusz Kantor e Pina Bausch. *Transilvânia* é o primeiro tratamento de um espetáculo que o diretor pretende chamar *Contos de Vampiro*. É também um lugar onde se exercita a ilusão da imortalidade e onde o homem vai para encenar suas obsessões mais perversas. O vampiro retratado por Antunes é sedutor. Sedutor no sentido amplo, até político. Os vários quadros mostram visões diferentes de Drácula, em uma seqüência em que o texto convencional cede espaço a uma língua sem sentido, já experimentada antes em *Nova Velha História*. A encenação caminha de um vampirismo trivial para uma concentração de espantosa densidade.

##### - A crítica

O espetáculo foi cancelado devido a doença do ator principal.

#### 4.5.3.15 MIL TREZENTOS E TRINTA E SETE

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Daniele Finzi Pasca*

Direção: *Daniele Finzi Pasca*

Elenco: *Alessandra Fernandez e Beatriz Sayad*

Música: *Maria Bonzanigo*

Luz: *Marco Finzi Pasca*

Arte final luz: *Wagner Pinto*  
 Arte final cenário: *Luciana Bueno*  
 Arte final figurino: *Claudia Schapira*  
 Assistente de direção: *Dolores Herédia*  
 Produção local: *Luciana Bueno*  
 Local: *Teatro da Retórica*  
 Dias: *24 e 25 de março, às 21h30*

#### - O texto

A delicadeza da linguagem *clown* é a linha mestra de *Mil trezentos e trinta e sete*, montagem do Teatro Sunil, de Lugano ( Suíça), e única produção internacional neste Festival. Equilibrando-se entre o cômico e o lírico, e abordando temas como a amizade, a existência de Deus e a morte, a trama tem como ponto de partida e reencontro de duas velhas amigas que há muito não se vêem, em um piquenique no campo. *Mil trezentos e trinta e sete* foi montada em duas versões – uma masculina (feita por atores franco-italianos) e outra feminina (feita pelas brasileiras Alessandra Fernandez e Beatriz Sayad). A versão em português, que estreou em julho na Suíça e foi apresentada em várias cidades da Europa e em algumas cidades brasileiras, é resultado de sete meses de trabalho de Alessandra e Beatriz na Suíça. As duas versões têm textos idênticos, mas resultam em espetáculos bem diferentes. O Teatro Sunil foi fundado pelo diretor Daniele Finzi Pasca em 1989 e tem todo o seu trabalho voltado à dramaturgia baseada na figura do *clown*. Em 1991, surgiu no Brasil o Pequeno Teatro Sunil, uma ramificação do original. É neste Sunil brasileiro que as atrizes de *Mil trezentos e trinta e sete* atuam.

#### - A crítica

A peça foi eleita pelo público como a melhor encenação da primeira semana do V Festival de Teatro de Curitiba. A montagem terminou em segundo lugar na opinião geral do público presente. A nota final atribuída ao espetáculo foi 9,10.

#### 4.5.3.16 NEW YORK. NEW YORK

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Marlene Streeruwitz*  
 Direção: *Miriam Amaral*  
 Elenco: *Irene Biretzke, Adrioane Mattola, Antonio Carlos Brunet, Zeca Kiechaloski, Breno Kelzer, Fernando Pecoils e Vera Lucia Bertoni*  
 Tradução: *Peter Naumann*  
 Cenário: *Sandra Loureiro*  
 Iluminação: *Mauricio Moura*  
 Figurino: *O Elenco*  
 Sonoplastia: *Miriam Amaral*  
 Coreografia: *Eva Schul*  
 Locução: *Lisa Becker e Luis Paulo Vasconcellos*  
 Fotografia: *Alex Paulo Ballardin*  
 Divulgação: *Jussara Porto*

Assistência de Produção: *Patrícia Fagundes*

Local: *Teatro da Reitora*

Dias: *26 e 27 de março, às 21h30*

#### - O texto

*New York New York* é o primeiro texto da alemã Marlene Streeruwitz encenado no Brasil. É uma ousada e polêmica trama que faz uma crítica mordaz da sociedade. A peça revela a decadência e a violência do mundo ocidental ao mesmo tempo em que faz um eloquente comentário sobre a ruína do ser humano e o declínio dos valores morais e do ambiente em que vive. Frau Horvath é a senhora de um minúsculo feudo: um banheiro público de uma estação de metrô de Viena, construído no início do século e que guarda resquícios de uma época áurea. Atenta a tudo o que se passa nos cubículos azulejados que limpa e conserva, Frau Horvath, a Senhora da Latrina, vê desfilar em seus domínios uma profusão de tipos, de médicos a pervertidos, de neozistas a turistas japoneses. O que começa como antologia de tipos esquisitos, revela-se familiar e assustadoramente cotidiano. O cotidiano e a violência se sucedem mostrando a solidão como o único desfecho para uma humanidade violenta e decadente.

#### - A crítica

O espetáculo ficou com a última classificação do V Festival de Teatro de Curitiba. Com a pior nota, 5,72, o público simplesmente não gostou do texto da alemã Marlene Streeruwitz.

### 4.5.3.17 VIOLETA VITA

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Luiz Cabral*

Direção: *Beth Lopes*

Elenco: *Claudia Shapira e Lu Grimaldi*

Diretora assistente: *Renata Melo*

Cenografia: *Daniela Thomas*

Assistência de cenário: *Luciana Bueno*

Figurino: *Claudia Shapira*

Direção de arte: *Daniela Thomas*

Música: *André Abujamra*

Luz: *Cibele Forjaz*

Preparação corporal: *Renata Mello*

Preparação vocal: *Madalena Bernardes*

Pesquisa: *Paulo Lopes, Francisco Medeiros, Claudia Shapira e Lu Grimaldi*

Projeto gráfico: *Isabel Lacerda*

Fotos: *Lenise Pinheiro*

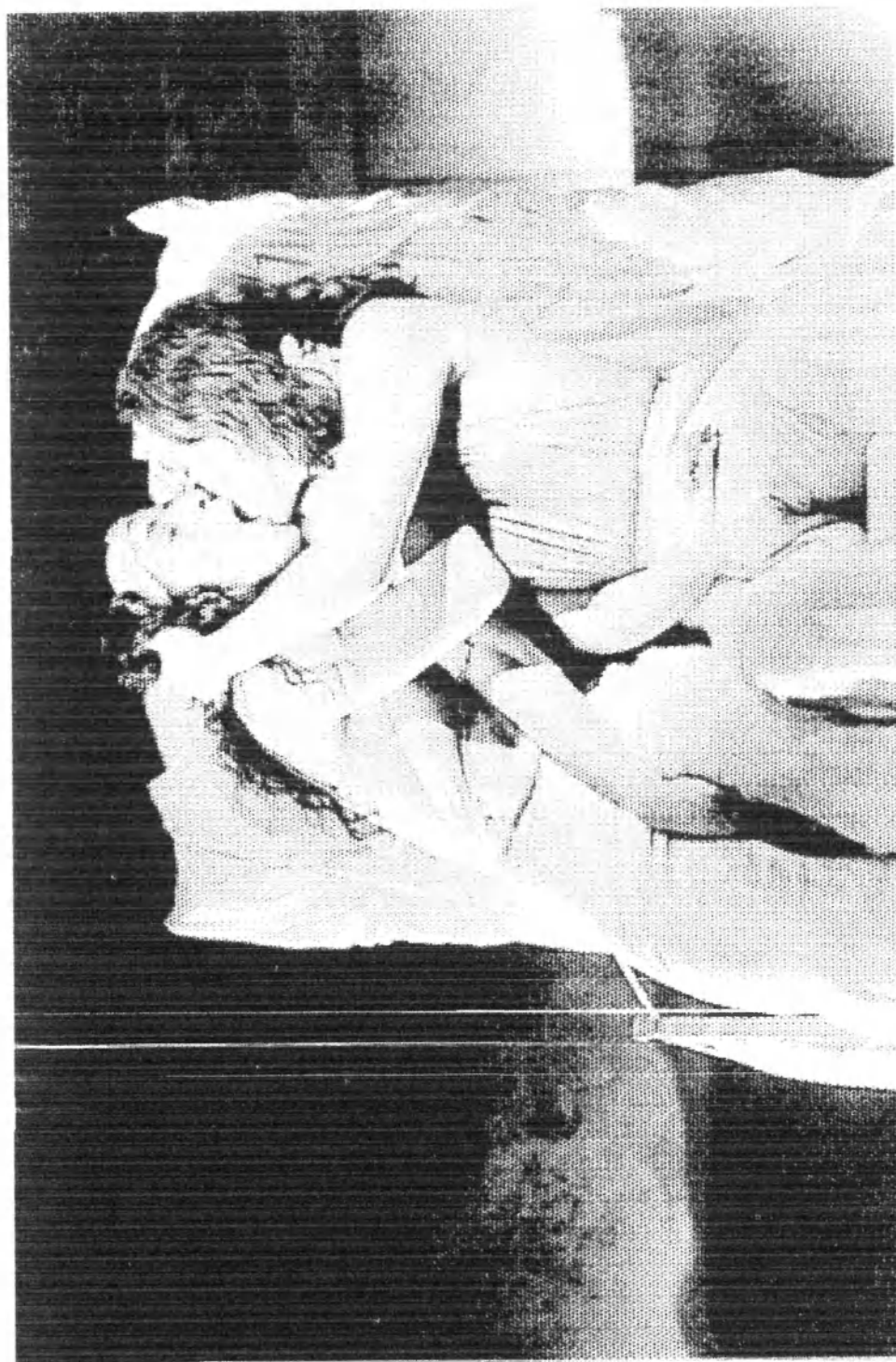
Make-up: *Caio Soares*

Cabelos: *Fabio Giamprieto*

Costureira: *Dinah*

Divulgação: *Catia Vasconcelos*  
Produção: *Claudia Shapira e Lu Grimaldi*  
Produção executiva: *Triarte*  
Local: *Teatro da Reitoria*



FIGURA 8 - FOTO DO ESPETÁCULO *VIOLETA VITA*

Dias: 28 e 29 de março, às 21h30

- O texto

*Violeta Vita* retrata um caso de amor entre duas escritoras descendentes da aristocracia inglesa que abalou as estruturas vitorianas no começo do século. Vita Sackville-West e Violet Trefusis se conheceram ainda meninas, tornaram-se amigas e, mais tarde, viveram uma paixão fulminante. Escondidas atrás de casamentos convencionais e até da maternidade, Vita e Violet fizeram da correspondência o território livre para deixar fluir todo o vigor dessa paixão. A história só veio à tona em 1962, quando o filho de Vita, Nigel Nicholson, descobriu o diário de sua mãe. Somente após a morte dos maridos de ambas, porém, é que cogitou-se a publicação dessa angustiante e tempestuosa história de amor e dor que mistura correspondência, ficção e realidade. Ao desvendar as intrincadas e perturbadoras relações entre duas mulheres, *Violeta Vita* vai além da condição meramente sexual para abarcar o sentimento que pode atingir qualquer pessoa, de qualquer sexo, em qualquer época.

- A crítica

O espetáculo recebeu nota máxima na avaliação feita pelo jornal *Gazeta do Povo*. A homossexualidade, tema norteador do espetáculo, foi também tema de uma das encenações da versão anterior do Festival de Teatro de Curitiba. *O tema sempre polêmico deixou a platéia desconfortável em suas cadeiras*, declarou a jornalista Adélia Maria Lopes do jornal *O Estado do Paraná*, em 2 de abril de 1996. O espetáculo recebeu nota 8,77 do público presente.

“A paixão fulminante, intensa, vibrante, mola-mestra da existência humana. Como não ficar tocado perante um grande amor, seja ele como for. E se a paixão entre um homem e uma mulher já é algo incomum, o que dizer da paixão de duas mulheres com personalidades tão vibrantes e díspares?”

FONTE: FREITAS, Márcia. *Violeta Vita*. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 mar. 1996.

#### 4.5.3.18 O BURGUEÊS RIDÍCULO

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Molière*

Adaptação: *Guel Arraes e João Falcão*

Direção: *Guel Arraes e João Falcão*

Elenco: *Marco Nanini e elenco*

Dramaturgo: *José Almino*

Figurinista: *Emília Duncan*

Local: *Teatro Paiol*

Dias: 27 e 28 de março, às 21h30

**- O texto**

*O Burguês Ridículo* retoma a trama e os personagens principais de *O Burguês Fidalgo*, de Molière, utilizando ainda partes de *As Sabichonas* e *O Senhor de Pourceaugnac*, além de cenas de outras farsas e comédias do autor: O fio condutor é o burguês tão bem retratado que se tornou o paradigma de uma sociedade em ascensão. Molière elegeu a burguesia como tema de suas principais obras, fazendo uma sátira de seu modo de vida, numa época (século XVII) em que a distinção entre o popular e o erudito era quase inexistente e a diferença entre a cópia e a criação muito tênue. Na busca da popularidade, diversos esquetes e situações burlescas se repetem sem nenhum pudor, numa tentativa de aprimorar os procedimentos cômicos, de desenvolver recursos para fazer rir. Nesta adaptação, Nanini mostra exatamente esse percurso durante os ensaios abertos do espetáculo que realizará durante o Festival. O burguês aqui representado se presta permanentemente à composição de uma comédia.

**- A crítica**

Diretores e atores deixaram claro que a apresentação era tão somente um ensaio aberto ao público. Mesmo com essa indicação, o público ficou maravilhado com o que viu em palco. A nota média dada pelo público ao espetáculo fica em torno de 8,50. O carisma do ator Marco Nanini foi um ingrediente importante na avaliação e aceitação do espetáculo-ensaio. O espetáculo marca a estréia do diretor de televisão Guel Arraes no Festival de Teatro de Curitiba.

“Serenos, inseguros e brilhantes, tímidos, mas capazes de levar milhares de espectadores, ou telespectadores, às gargalhadas. Por trás de aparentes contradições o melhor ator de sua geração”.

FONTE: VIANNA, Luiz Fernando. Abacaxi fidalgo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16, mar. 1996.

#### 4.5.3.19 GREGÓRIO

**- Ficha técnica do espetáculo**

Texto: *Clara Góes*

Direção: *Moacyr Góes*

Elenco: *Leon Góes e elenco*

Cenógrafo: *José Dias*

Cenotécnica: *Adílio Athos*

Figurinos: *Samuel Abrantes*

Iluminação: *Moacyr Góes*

Local: *Teatro Paiol*

Dias: 30 e 31 de março – 21h30

**- O texto**

Através do personagem Gregório Bezerra, sertanejo, pobre e comunista, a peça traça um perfil do Brasil: sua história, seus heróis e perdedores, os lembrados e os esquecidos.

Gregório comete um crime, um assassinato, e empreende uma fuga desesperada da polícia. Arrasta consigo a mulher grávida e uma figura meio demente que ele fizera refém para escapar ao cerco policial. Durante a fuga, ele se lembra do velho Gregório, seu avô, e como que forjando algo em que pudesse se agarrar, começa a contar essa história à mulher. Gregório retrata personagens que, para se salvarem, forjam uma história. Os três: Gregório, a mulher e o demente, dividem a cena, todos meio perdidos entre lembranças, medo e uma vontade grande de escapar. Os personagens são inteiramente fictícios e o argumento é de Moacyr Góes. A história contada pelo personagem, neto de Gregório, no entanto, foi inteiramente retirada do livro de memórias do próprio Gregório Bezerra.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.5.3.20 EM ALGUM LUGAR NO PASSADO

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Grupo Caixa de Imagens*

Direção: *Grupo Caixa de Imagens*

Elenco: *Grupo Caixa de Imagens*

Idealização: *Mônica Simões, Fátima Queiroz e Carlos Gaucho*

Produção: *Grupo Caixa de Imagens*

Manipulação: *Mônica Simões, Evelyn Cristina e Roberta Amador*

Confecção de bonecos: *Grupo Caixa de Imagens e colaboradores*

Projeto de luz: *Carlos Gaucho*

Fotos: *Henrique Silchin*

Local: *Rua da Cidadania*

Dia: *24 março, às 17h.*

- O texto

*Em Algum Lugar do Passado* dura só três minutos. Três minutos em que o espectador senta num banquinho, põe a cabeça num capuz preto e coloca fones de ouvido para assistir a uma encenação exclusiva. A partir daí, tudo é mágico. O espectador que se aventura a olhar para dentro dessa pequena caixa de imagens (cerca de 40cm de altura por 60cm de largura) é tomado de imediato pela peculiar atmosfera que a envolve e pelo refinado trabalho dos manipuladores de bonecos. Naquele momento, está diante de uma imagem única, apresentada somente para ele. Manipulando com maestria bonecos confeccionados pelo próprio grupo, os artistas fazem um trabalho refinado que mistura várias técnicas do teatro de bonecos: vara, marote, luva, manipulação direta, bonecos de fio, sombra, bunraku. Durante a apresentação em praça pública, manipulador e espectador se isolam do mundo. Somente eles podem ver e ouvir as cenas. O *Grupo Caixa de Imagens* encena seu trabalho, impondo seu ritmo no meio da metrópole ruidosa e agressiva. Vence sempre a poesia, o detalhe, a delicadeza, revertendo o processo de massificação promovido pelos meios de comunicação.

- A crítica

O espetáculo de bonecos foi bem aceito pelo público. A nota final atribuída foi 8,71. Assim, o trabalho do teatro de bonecos quase empata com outros espetáculos, como, por exemplo, *Violeta Vita*, que obteve nota 8,77.

#### 4.5.3.21 PROMETEU

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Ésquilo*

Direção: *Cristiane Paoli-Quito*

Elenco: *Rodrigo Matheus*

Tradução e adaptação: *Rodrigo Matheus*

Cenógrafo: *Attilio Cezar Prade e Catherine Alonso*

Figurinos: *Attilio Cezar Prade*

Iluminação: *Cristiane Paoli-Quito e Rodrigo Matheus*

Locais: *Boca maldita, 29 de março, às 18h, e Parque Barigüi, 30 de março, às 18h*

##### - O texto

Rodrigo Matheus, misto de ator e trapezista, passa os 50 minutos deste hipnotizante espetáculo pendurado em uma corda, a seis metros do chão. Ali, a meia altura entre o céu e a terra, exposto ao ataque das forças naturais, ele fala sobre a condição humana e a impotência do homem diante dos deuses. Na mitologia grega, Prometeu é um misto de criador, herói e divindade. Corajoso e inteligente, ajudou Zeus a combater seus inimigos mas acabou banido do Olimpo. Jogado à Terra, exílio deserto e frio, Prometeu moldou seres de barro à semelhança dos deuses, e para infundir – lhes vida roubou o fogo do céu. Zeus, enfurecido, envia – lhe a caixa de Pandora, que espalha desgraças sobre a Terra e acorrenta Prometeu a uma montanha. Ali, eternamente e a cada dia, sem tréguas, uma águia lhe devora o fígado sempre renascente. O espetáculo prende por sua forma inusitada, ao ar livre, com um Prometeu que se balança nas cordas, se atira em direção à platéia e destila emoções humanas e divinas em um monólogo longe de ser monótono.

##### - A crítica

O espetáculo foi uma unanimidade positiva. A crítica aprovou por completo. O jornal *O Estado do Paraná* concedeu a *Prometeu* o título de melhor espetáculo de rua do V Festival de Teatro de Curitiba. No público, a história se repete. A pesquisa de opinião realizada pela *Paraná Pesquisas*, órgão responsável pela elaboração da avaliação do festival junto aos espectadores, concluiu que *Prometeu* foi o melhor espetáculo do V Festival de Teatro de Curitiba. A nota final dada pelo público ao espetáculo foi 9,26.

#### 4.5.4 Eventos paralelos

Os eventos paralelos complementaram a programação do Festival. A oferta foi desde “jogos dramáticos” nos Faróis do Saber, até oficinas de criação, passando por palestras, cursos de extensão, mostra de cenografia, de livros, de vídeos, lançamentos e intervenções direta na cidade.

#### 4.5.4.1 Estudos teóricos – conferências

Documentação: *Metodologia e tecnologia para conservação do acervo das artes*

Conferencista: *Dr. Robert Marx – diretor executivo do Centro de Documentação da N.Y. Public Library*

Dia: *21 de março*

Edições culturais: *Publicações periódicas de teatro e artes cênicas*

Conferencista: *Dr. Peter Zeiler – Editor e jornalista especializado em teatro*

Dia: *22 de março*

*Teatro nos Estados Unidos – Memória e momento*

Conferencista: *Dr. Robert Marx e Dr. Peter Zeiler*

Dia: *23 de março*

*Teatro norte americano e sua influência no teatro brasileiro*

Mesa redonda

Dia: *24 de março*

*Multiplicidade em Fausto, de Goethe*

Mesa redonda com Gerald Thomas e convidados do Instituto Goethe

Dia: *31 de março*

#### 4.5.4.2 Oficinas

Três áreas foram escolhidas para oficinas e *workshops*: a do fazer dramático e sua carpintaria; a do acompanhamento de uma encenação e a de repertório.

*Dramaturgia*

Com: *Flávio de Souza*

Dias: *22, 23, 24 e 25 de março*

*Estética do espetáculo*

Com: *Gerald Thomas (atividade desenvolvida durante os ensaios da peça Encouraçado Fausto, de Goethe)*

Dias: *10 e 17 de março*

*O teatro de Antunes Filho na visão de Sebastião Milaré*

Com: *Sebastião Milaré*

Dias: *29, 30 e 31 de março*

#### 4.5.4.3 Interferências

Esta atividade consistia em desenvolver um projeto de teatro em domicílio e também promover as leituras nos *Faróis do Saber*<sup>58</sup>

Local: *Farol Machado de Assis*

<sup>58</sup> Todas as leituras aconteceram às 10h, ou às 15h, exceto a última que aconteceu às 11h30.

Com: *Marco Nanini*

Dia: *22 de março*

Local: *Farol Emilio de Menezes*

Com: *Carlos Carega*

Dia: *22 de março*

Local: *Farol Manuel Bandeira*

Com: *Rafael Camargo*

Dia: *25 de março*

Local: *Farol Dante Alighieri*

Com: *Rafael Camargo*

Dia: *25 de março*

Local: *Farol Mario Quintana*

Com: *Elias Andreato*

Dia: *26 de março*

Local: *Farol Emiliano Perneta*

Com: *Elias Andreato*

Dia: *26 de março*

Local: *Farol Cecilia Meireles*

Com: *Tadeu Aguiar*

Dia: *27 de março*

Local: *Farol Rocha Pombo*

Com: *Rosy Greca*

Dia: *27 de março*

Local: *Farol Cecilia Meireles*

Com: *Rosy Greca*

Dia: *27 de março*

Local: *Farol Rubens Braga*

Com: *Pedro Paulo Rangel*

Dia: *28 de março*

Local: *Farol Padre Antonio Vieira*

Com: *Pedro Paulo Rangel*

Dia: *28 de março*

Local: *Farol Gilberto Freire*

Com: *Maria Padilha*

Dia: *29 de março*

Local: *Farol Vinicius de Moraes*

Com: *Maria Padilha*

Dia: 29 de março

Local: *Farol Tasso de Oliveira*

Com: *Rafael Camargo*

Dia: 30 de março

Local: *Farol da Cidade*

Com: *Carlos Carega*

Dia: 30 de março

#### 4.5.4.4 Teatro em domicílio

Aconteceu a apresentação da peça *Clarisse em casa*, com Raul Ourofino. As apresentações aconteceram em casas de famílias na periferia da cidade.

Dias: de 20 a 31 de março

#### 4.5.4.5 Clowns

Aconteceram apresentações em pontos de ônibus, na Rua 24 horas, Rua da Cidadania, entre outros

Dias: 21, 22, 23 e 24 de março

#### 4.5.4.6 Cinevídeo

Mostra de filmes produzidos para o cinema tendo relação direta ou indireta com o teatro—  
Acervo Lincoln Center

Local: *Instituto Goethe*

Dias: 21, 22, 23 e 24 de março

*Jenipapo*, de Monique Gardenberg

Local: *Cine Ritz*

Dia: 30 de março

O teatro no papel

Local: *Hall da Biblioteca Pública do Paraná*

Dias: de 20 a 30 de março

Mostra Victor Garcia

Local: *Saguão do Teatro Fernanda Montenegro*

Dias: de 20 a 30 de março

*FTC em fotos* ( Gilson Camargo)

Local: *Restaurante Peccatto*

Dias: de 15 a 31 de março



FIGURA 10 – O ATOR MARCO MANINI ENCABEÇANDO O PROJETO DE LEITURA NOS FARÓIS DO SABER.



#### 4.5.4.7 Lançamento de livros e CDs

Uma manhã de autógrafos reuniu vários autores na livraria Curitiba da Boca Maldita  
Dia: 23 de março

#### 4.5.4.8 Vin d'honneur

Noite especial em celebração ao Oscar. Esta festa aconteceu no Aeroanta, no dia 25 de março.

#### 4.5.4.9 Programação associada

Foram apresentadas quatro peças associadas ao festival. Estas peças não faziam parte da mostra principal, porém eram de certa forma veiculadas ao Festival de Teatro de Curitiba. Podemos afirmar que esta experiência é que acaba dando origem ao *Fringe* nos próximos anos. As peças apresentadas foram:

*Histórias de Cronópios e Famas*, de Rafael Camargo com direção de Cristina Pereira;  
*Uma coisa bem bonita*, de Marcelo Jorge e Gerson Fragoso, com direção de Maurício Vogue;  
*A ceia dos cardeais*, de Júlio Dantas, com direção de Mario Schoemberger;  
*Psicose, a comédia*, com texto e direção de Edson Bueno.

#### 4.5.5 Avaliação geral do V Festival de Teatro de Curitiba

Além da avaliação particular de cada montagem, já mencionada no texto, não conseguimos localizar outras avaliações mais precisas. No entanto, conseguimos levantar que o público participante da quinta edição do Festival de Teatro de Curitiba chegou a trinta mil pessoas. Este número foi considerado muito bom pelos organizadores e produtores do festival<sup>59</sup>.

#### 4.5.6 Ficha técnica geral do V Festival de Teatro de Curitiba

Direção administrativo-financeira : *Victor Aronis*

Direção de *Marketing*: *Leandro Knopfholz*

Direção de produção: *Cassio Chamecki*

Coordenação de Vendas: *Andrea Kleiner*

Vendedores: *Claudia M. Caldas, Cibele Gabardo, Patricia Meyer, Lisandro B. Ribeiro, Simone Violanti e Fabiana Reiner*

Coordenação de Produção: *Marcelo Contin*

Assessoria de Imprensa: *Kassu Produções, Liège Fuentes, Mariela de Castro Santos*

Coordenação de Eventos Paralelos: *Lúcia Camargo*

Produção de Eventos Paralelos: *Chico Nogueira*

Fotógrafo: *Marcos Campos*

Coordenação de Logística e Receptivo: *Andrea Kleiner*

Publicidade: *Heads Propaganda*

Assistência de Logística: *Heloisa Avellar*

<sup>59</sup> ARAUJO, Marcelo. Trinta mil pessoas prestigiaram Festival. *Jornal de Brasília*, 2 abr. 1996.

*Colaboração: Consulado Americano, Aeroanta, Memorial da América Latina, Universidade Federal do Paraná e Paraná Pesquisas*

*Produção de Espaços: Isaías Emílio da Silva, Rosi. T. do Nascimento, Suzana da Silva, Sergio Richter, Maria Elisa de Freitas*

*Apoio: O Boticário*

*Cenotécnico: Bernardino Cabral dos Santos*

*Secretaria executiva: Beatriz Zonta e Thera Ataíde*

*Promoção: Transbrasil e Folha de São Paulo*

*Maquinistas: Norbert Jaschke e Horst Jaschke*

*Patrocínio: Prefeitura Municipal de Curitiba, Governo do Estado do Paraná*

*Som: Dorémix*

*Luz: Stage Luz & Magia*

*Carga: Don Vital*

*Apresentação: Positivo*

*Apoio: Ministério da Cultura – Lei Federal de Incentivo à Cultura*

#### 4.6 VIVA O POVO BRASILEIRO: VI FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA .

Com o apoio do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal de Curitiba e do Grupo Positivo, entra em cena mais uma versão do Festival de Teatro de Curitiba<sup>60</sup>. Desta edição participaram vinte e duas montagens, entre elas, onze estréias nacionais. O Festival contou com a participação de grupos e companhias vindas de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Foram onze dias de espetáculos.

Houve uma programação diferenciada nesta versão: o público pôde conferir inúmeros eventos paralelos que aconteceram durante o festival. A Feira de Negócios movimentou o dia-a-dia das companhias presentes, pois além de tornarem seus trabalhos conhecidos, ainda puderam comercializá-los. Cerca de vinte diretores e de trezentos atores participaram do IV Festival de Teatro de Curitiba. Entre os textos selecionados pela curadoria os autores brasileiros foram maioria: Nelson Rodrigues foi tema de três montagens. Bartolomeu Campos de Queirós e Maria Adelaide Amaral apareceram pela primeira vez. Dionísio Neto teve dois textos, e dois também foi o número de direções de Romero de Andrade Lima. Houve uma predominância de companhias com grandes elencos. O número de espetáculos de rua foi maior. Além dos três espetáculos apresentados em espaços abertos, houve ainda um espetáculo "permanente" na rua. Trata-se de *Aquariofobia* que foi apresentado durante os onze dias do festival. O público que costumeiramente não via espetáculos teatrais, parou para ver aquela família que vivia numa casa transparente<sup>61</sup>. O programa de divulgação dos espetáculos trouxe uma informação curiosa – *Um festival de motivos para você vir a Curitiba*

<sup>60</sup> O 6º Festival de Teatro de Curitiba aconteceu de 13 a 23 de março de 1997.

<sup>61</sup> Se computarmos todas as pessoas que pararam diante de *Aquariofobia*, teremos para essa encenação a maior ocorrência de público no Festival de Teatro e Curitiba até o momento. As fotos tiradas durante todo o festival comprovam isso. É possível perceber grande concentração de pessoas, principalmente nos horários comerciais.

neste 6º Festival de Teatro. Os motivos variavam muito, mas as finalidades mantinham-se : as qualidades e potencialidades turísticas da cidade<sup>62</sup>.

#### 4.6.1 Curadoria

*Macksen Luiz*

*Alberto Guzik*

*Lúcia Camargo*

*Victor Aronis*

*Cássio Chamecki*

*Leandro Knopfholz*

Curadoria para os eventos paralelos: *Lúcia Camargo*

#### 4.6.2 Temática

O VI Festival de Teatro de Curitiba não apresentou uma temática específica. A única indicação que localizamos nos informou que o festival pretendeu, nessa versão, reunir o que de melhor vinha se fazendo nos palcos do País.

#### 4.6.3 Os espetáculos

##### 4.6.3.1 UM MOLIÈRE IMAGINÁRIO

###### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Galpão*

Texto: *Molière*

Direção: *Eduardo Moreira*

Elenco: *Antonio Edson, Arildo Barros, Beto Franco, Chico Pelúcio, Fernanda Vianna, Ines Peixoto, Júlio César Macie, Paulo André, Rodolfo Vaz, Simone Ordones, Teuda Bara*

Produção: *Regiane Miciano*

Cenários: *Paulo Pessoa*

Figurinos: *Wanda Sgarbi e Maria Castilho*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: *13 de março, às 21h30 e 14 de março, às 20 horas*

###### - O texto

O cenário da peça se concentra num “palco-carroça” em torno do qual o espetáculo se desenvolve e retoma o espírito mambembe do autor, Molière. A peça pretende reviver a

<sup>62</sup> Dentre eles: o transporte coletivo, serviço de táxi de primeiro mundo, os inúmeros parques espalhados pela cidade, o leque de teatros, cardápio internacional, grandes *shoppings*, artesanatos, aeroporto internacional, passeios ecológicos e outros.

história do próprio Molière. Em 1673, ele subiu ao palco para representar *O Doente Imaginário* pela quarta vez. Sofreu um ataque cardíaco no final da peça e morreu. Por ser um comediante, foi enterrado numa vala comum, junto às crianças pagãs. Para homenageá-lo, o Grupo Galpão desenvolve a peça num clima onírico no qual Molière revive nos sonhos de Argan, o protagonista.

A versão do grupo mineiro, *Um Molière Imaginário* começa com o cortejo fúnebre e enterro de Molière, sob a luz de tochas. Ao final deste, a Rainha Mab convida o público a sonhar e faz o defunto renascer, remontar a peça e refazer a morte em clima de carnaval e festa. Durante o espetáculo, o texto de Molière é interrompido por cinco visões de Argan nas quais o dramaturgo francês aparece e explica ao público sua história e as razões que o levaram a criar comédias. Óperas, boleros, músicas próprias das peças de Molière, além de composições criadas especialmente para essa montagem, combinam-se para transportar a platéia na história e no sonho, no tempo e no espaço.

Na cena final, Molière morre numa tourada e é enterrado em clima de festa. Simultaneamente renasce embaixo do palco, sob luzes e fumaças coloridas. Tomando a palavra, a Rainha Mab, personagem criada especialmente para esta peça, convida o público a imortalizar Molière e a aprender a sonhar e renascer através do teatro. A companhia faz suas malas e o palco se transforma num grande navio a afastar-se lentamente do público.

#### - A crítica

Não foi localizada..

### 4.6.3.2 TRISTÃO E ISOLDA: SINÔNIMOS PARA PAIXÃO

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Companhia dos Atores*

Texto: *Filipe Miguez*

Direção: *Enrique Diaz e César Augusto*

Elenco: *Susana Ribeiro, Enrique Diaz, Beth Goulart, Ernani Moraes, Anna Contrim, André Monteiro de Barros, Cândido Damm e Fitman Vibranovski*

Cenário: *Maurício Sette*

Figurino: *Marcelo Olinto*

Luz: *Maneco Quinderé*

Músicas: *Tato Taborda*

Preparação Corporal: *Rossella Terranova*

Assessoria Teórica: *Maria Nazareth Alvim de Barros*

Programação Visual: *Ana Couto Design*

Realização: *Cia dos Atores*

Local: *Opera de Arame*

Dias: *18 de março às 21h30 e 19 de março às 20 h*

#### - O texto

A lenda dos dois amantes é uma das mais belas, comoventes e trágicas da literatura ocidental, e fonte de obras românticas, como *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Por ser um lenda, é impossível precisar sua origem, mas ao longo dos séculos a história de Tristão e

Isolda teve várias versões e interpretações, sendo a mais famosa de todas a grandiosa ópera do compositor Richard Wagner, composta no século passado.

A história se passa há mil anos, na região que hoje compreende o norte da França, sul da Inglaterra e Irlanda. Tristão é um nobre que se oferece para encontrar uma esposa para seu tio, o rei Marc da Cornualha. Por artifícios do destino, Isolda, princesa da Irlanda, acaba por ser a escolhida e, no navio que atraz para as bodas, eles bebem o famoso filtro da paixão, ficando irremediavelmente apaixonados e condenados a morrer por amor. A lenda atravessou os séculos contada pelos menestréis e trovadores medievais.

A encenação privilegia o aspecto ritual da representação, numa visão que busca se aproximar do mito. As cenas de luta são coreografadas com inspiração nas lutas orientais, utilizando bastões ao invés de espadas. A trilha sonora é quase toda executada ao vivo, com os atores tocando instrumentos de percussão e de sopro em cena e cantando músicas especialmente compostas por Tato Taborda, que recebeu o Prêmio Mambembe pelo conjunto de sua obra em 1996. O cenário de Maurício Sette também colabora para compor este ritual, com uma proposta de circularidade e elementos cenográficos que lembram Stonehenge, onde os celtas cultuavam seus deuses. Os figurinos de Marcelo Olinto têm também inspiração oriental, no caso das mulheres irlandesas, e um visual mais bélico, no caso dos guerreiros da Cornualha. A iluminação de Maneco Quinderé se encarrega de estabelecer o clima de sonho necessário para que se represente uma história de paixão e aventura.

#### - A crítica

A peça é bem recebida pelo público e pela crítica. Os aspectos oníricos trabalhados pelo diretor agradaram. Com um período de duração de quase duas horas e com a acústica do Ópera de Arame que sempre constitui um problema, a peça tinha grande chance de não funcionar, porém o que se percebeu é exatamente o contrário. O grupo tomou muito cuidado com tudo isto. Os aspectos mágicos, ou oníricos não ficaram prejudicados em função dos aparentes percalços. O trabalho da atriz Beth Goulart foi elogiado pela crítica. O aspecto visual do espetáculo parece ter sido o responsável pelo sucesso da montagem.

“[...] o que se teria a repreender não cabe ao espetáculo e sim, à famigerada Ópera de Arame. Mas mesmo aí o elenco soube dominar a voz para harmonizá-la com microfones sem-fio.[...]o cenário de Maurício Sette, conferiu harmonia e agilidade necessárias para um espetáculo de quase duas horas de duração.[...]luz, de Maneco Quinderé, e músicas(geniais) de Tato Taborda emolduram o espetáculo.[...]o figurino( o mais belo até agora no 6º Festival de Curitiba) foi concebido por Marcelo Olinto.”

FONTE: LOPES, Adélia Maria. Lenda de amor tem carinhosa versão. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 20 mar. 1997.

“O espetáculo, apresentado na última quarta e quinta-feira na Ópera de Arame em Curitiba, pela Companhia dos Atores, consegue fazer o público levitar num estado de sonho com uma iluminação inspirada, um cenário engenhoso e uma trilha sonora que completa o clima onírico”

FONTE: GEHLEN, Joel. A morte do amor é a tônica em Tristão e Isolda. *A Notícia*, Joinville, 21 mar. 1997.

#### 4.6.3.3 O CASAMENTO

## - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Nelson Rodrigues*

Direção: *Antonio Abujamra*

Elenco: *Antonio Grassi, Rose Abdala, Alvaro Diniz, André Correia, Daniela Azevedo, Danielle Barros, Denise Santanna, Filomena Mancuso, Guta Stresser, Humberto Câmara, Isabela Leal, Isabelle Cabral Campos, João Fonseca, Lincoln Oliveira, Nello Marrese, Thelmo Fernandes*

Cenários e figurinos: *Charles Moeller*

Iluminação: *Maneco Quinderé*

Direção de produção: *Joaquim Vidal Lilian Bertin*

Produção geral: *Os Fodidos.... Privilegiados*

Local: *Ópera de Arame*

Dias: *21 de março às 21h30 e 22 de março às 20 horas*

## - O texto

*O Casamento* passa-se no Rio de Janeiro da década de 60. Conta a história da família do Dr. Sabino Uchoa Maranhão, rico proprietário de uma imobiliária, casado com Maria Eudóxia e pai de quatro filhas; Arlete, Marília, Dirce e Glorinha. A peça tem início na véspera do casamento de sua filha caçula, Glorinha, por quem Sabino tem uma indisfarçável predileção. A jovem e bela Glorinha esconde um amor impossível. Seu segredo vai sendo revelado através de suas lembranças que incluem ainda um relacionamento doentio com Antonio Carlos, filho do ginecologista da família; com a namorada dele, Maria Inês; e com José Honório, assistente do médico.

O casamento de Glorinha perturbava Sabino desde o início do dia. Quando ele chegou ao escritório recebeu um recado urgente do Dr. Camarinha, o ginecologista, para entrar em contato com ele. Dr. Sabino logo se angustia ao imaginar que se tratava de uma gravidez de sua Glorinha. Mas no encontro, o médico lhe informa que vira seu futuro genro Teófilo, beijando na boca seu assistente, José Honório.

A inesperada revelação gera em Sabino uma série de conflitos, confissões e atitudes contraditórias que irão se chocar com sua austera postura de “homem de bem”. Este é o ponto de partida para que Nelson Rodrigues trace um painel dos horrores da vida cotidiana, do eterno conflito humano razão-instinto e do sentimento de culpa que isso provoca através do texto e das situações tragicômicas presentes em toda sua obra.

## - A crítica

Não foi localizada.

### 4.6.3.4 OPUS PROFUNDUM

## - Ficha técnica do espetáculo



Diretor e autor: *Dionísio Neto*

Diretor musical: *Eugênio Lima*

Elenco: *Dionísio Neto, Renata Jesion, Sandra Babeto, Will Robson, Pedro Carvalho, Joyce Aparecida, Jiddú Pinheiro*

Grupo de Dança Unidade Móvel: *Eugênio Lima, Mariana Lima, Will Robson, Pedro Carvalho, Pedro Bown, Vivian Shoji, Monika Bernardes, Andréa Bernardes, Fernanda Pacini, Helena Camargo, Bianca Delizzo, Silvia Godói*

Banda: *Max de Castro (guitarra), Fabricio (bateria), Marcelo Manieri (baixo), Igor (teclados), Luis Pacini (vocal)*

Cenografia: *Osmar Pinheiro*

Figurinos: *Lorenzo Merlino*

Iluminação: *Wagner Pinto*

Produção: *desembest@i!&UnidadeMóvel*

Local: *Teatro Guaíra*

Dias: *14 de março às 21h30 e 15 de março às 20 h.*

### - O texto

Peça-festa-manifesto-show com referências auto-biográficas de Dionísio Neto, em uma grande cidade, três mitos urbanos falam de suas solidões. Em uma metrópole virtual configurada pela Unidade Móvel, Natale, um fã obcecado manda um convite via Internet de uma festa que dará para conhecer sua grande paixão, cultuada durante anos através de fotografias de jornais e revistas – Carnavale, astro internacional de cinema. Em meio aos dois, o fotógrafo podreira-hype Pascoale.

Essa é a segunda peça da trilogia do Rebento, uma série que inclui jazz, samba, rock e outros ritmos. Segundo o autor, Dionísio Neto, não se trata de um musical nos moldes da Broadway, Hollywood ou revista. A fusão é outra. Com base nos ícones da cultura pop mundial e ritmos musicais brasileiros como o-rap, samba, funk e o maracatu atômico.

O autor e diretor Dionísio Neto dedicou o espetáculo à memória de Chico Science e o texto à atriz Samantha Monteiro.

### - A crítica

Tanto a crítica quanto o público se dividiram na avaliação feita para a encenação de *Opus Profundum*. O motivo de tanta disparidade talvez esteja no fato de o diretor ter colocado em cena vários elementos sem dar a cada um a profundidade esperada. O jogo com as mais variadas linguagens foi exagerado e mal desenvolvido e acabou deixando na obra de Neto um certo ar de amadorismo. A presença de Gerald Thomas no palco, como uma espécie de astro convidado, reforça os aspectos levantados pelo público e pela crítica: o diretor não deu conta de juntar tantos elementos diferentes.

“Fim de semana agitado no Festival de Teatro de Curitiba. A polêmica montagem de Dionísio Neto, *Opus Profundum*, que esteve em cartaz na sexta e no sábado foi uma das peças mais procuradas pelo público. Provavelmente o jovem diretor, nascido no Maranhão não imaginou que a sua *peça-festa-manifesto-show*, definição dada por ele, fosse parar no vasto Teatro Guaíra.”

FONTE: GUZIK, Alberto. *Opus agita Festival de Curitiba. Jornal da Tarde*, São Paulo, 16 mar. 1997.

“Se é polêmica que quer provocar Dionísio Neto, unanimidade ele nunca terá. As mais de 600 pessoas que foram ao Teatro Guaíra na última sexta – feira para assistir à estréia de *Opus Profudum* no Festival de Curitiba se dividiram.”

FONTE: VIANNA. Luiz Fernando. Peça de Dionísio Neto recebe aplausos e vaias. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1997.

#### 4.6.3.5 O SONHO

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Núcleo de Teatro de Salvador*

Texto: *August Strindberg*

Direção: *Gabriel Villela*

Elenco: *André Actis, Alex Maria, André D'Anunciação, Carlos Betão, Eduardo Albuquerque, Evani Tavares, Fafá Menezes, Fernando Neves, Jorge Martins, Luiz Pepeu, Maria Rivas Ferreir, Sue Ribeiro, Sérgio Menezes*

Cenografia: *Ayrson Heráclito*

Figurino: *Gabriel Villela*

Iluminação: *Maneco Quinderé*

Local: *Teatro Guaíra*

Dias: *19 de março às 21h30 e 20 de março às 20 h.*

##### - O texto

Texto poético escrito por August Strindberg (1849-1912) no início do século, *O Sonho* apresenta um itinerário da experiência humana, utilizando como recurso uma linguagem onírica, em que tempo e espaço não seguem uma lógica.

*O Sonho* conta a história de Agnes, filha do deus indu Indra, que vem à terra para conhecer os homens, sua forma de vida, e para desvendar as razões dos sentimentos humanos. Aqui, fazendo experimentações, ela conhece a trivialidade de se viver como mortal. Assim, são levantadas questões como eterna felicidade, a dificuldade nas relações entre homens e mulheres, a constante insatisfação humana, além do absurdo das misérias que acompanhavam a existência.

Nesta montagem, o premiado diretor Gabriel Villela (que já esteve em outras edições do FTC com *A Vida é Sonho*, *Romeu e Julieta*, *Rua da Armagura*, e *Mary Stuart*) apresenta uma contextualização atual, que cede espaço para alguns dramas brasileiros contemporâneos.

##### - A crítica

O diretor não conseguiu agradar ninguém com a montagem. A pouca experiência do elenco pontuou o desenvolvimento e a avaliação do espetáculo. O excesso de recursos usados pelo diretor novamente foi criticado. Os aspectos da poética de Strindberg foram deixados para segundo plano, e isso também não foi digerido pelo público.

“Mesmo os fãs de carteirinha de Gabriel Villela ficaram assim, um tanto decepcionados, com a montagem de *O sonho*, encenada pelo Núcleo de Teatro de Salvador. Para dar maior compreensão à lenda da deusa Agnes, prejudicou – se a poética de August Strindberg e, o uso

acentuado da música indiana aliado à luz soturna de Maneco Quinderé, resultou em espetáculo monocórdio, tedioso.”

FONTE: LOPES, Adélia Maria. E *O sonho causa sonolência*. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 19 mar. 1997.

“Gabriel Vilela errou feio na montagem de *O sonho*, de August Strindberg, espetáculo montado com atores baianos e apresentado esta semana no 6º Festival de Teatro de Curitiba. Começou errando na seleção dos atores, todos fraquíssimos e mais ainda ao tentar suprir a falta de consistência das interpretações com o excesso de recursos cênicos, fazendo um carnaval de imagens no palco (com direito até a confetes!).”

FONTE: GUIMARÃES, Mariângela. Carnaval de imagens. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20, mar. 1997.

#### 4.6.3.6 VIVA O POVO BRASILEIRO

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Ponto de Partida*

Texto: *Bartolomeu Campos Queirós*

Concepção, roteiro e direção: *Regina Bertola*

Elenco: *Ana Alice Souza, Beth Carvalho, Claudio Vale, Eloisa Mendes, Fátima Jorge, Felipe Saleme, João Melo, Pablo Bertola, Lido Loschi, Soraia Moraes, Lourdes Araújo, Gilvan de Oliveira*

Direção musical: *Gilvan de Oliveira*

Cenários e figurinos: *Alexandre Rousset e Josana Matedi*

Iluminação: *Jorginho de Carvalho*

Direção de produção: *Inonée Bertola*

Produção: *Grupo Ponto de Partida*

Local: *Teatro da Reitoria*

Dias: *15 de março, às 21h30 e 16 de março, às 20 horas*

##### - O texto

O espetáculo quer falar do povo brasileiro; não de sua história, mas de sua alma. É muito divertido, ninguém fala sério de si mesmo. É contraditório, irreverente, apaixonado, anárquico, lírico, musical. A música foi a forma escolhida para contar essa história. *Viva o Povo Brasileiro* é quase uma ópera popular. Fala-se pouco e canta-se muito. Para cantar essa história foram escolhidos cantos indígenas, africanos, religiosos, folclóricos e toda a beleza de Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Gonzaguinha, Edu Lobo, João Bosco e músicas inéditas de Fernando Brandt e Silvan de Oliveira.

Quem conta essa história é o Ponto de Partida, disfarçado em “Brincantes”. Meio arlenquins, meio cantadores. Essa gente, quase encantada, que não se deve levar muito a sério, pois transita pela fantasia. O espaço que testemunha a história é um palco decomposto. Estão lá as varas de cenário, os urdimentos, os cabos de aço, as cordas e os refletores. Colocados de maneira um tanto desordenada, os acessórios tornam o território mágico, onde é possível reinventar a vida.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.7 UM DEUS CRUEL

##### - Ficha técnica do espetáculo

Direção: *Alexandre Stockler*

Texto: *Alberto Guzik*

Elenco: *Alexandra Golik, André Boll, Alessandra Fernandes, Isa Kopelmann, Raul Figueiredo, Washington González*

Iluminação: *Fran Barros*

Cenário: *Cléber Montanheiro*

Figurino: *Cláudia Schapira*

Direção de produção: *Francisco Marques*

Produção: *"A Exceção e a Regra Prod. Art."*

Local: *Teatro da Reitoria*

Dias: *22 de março, às 21h30 e 23 de março, às 20 horas*

##### - O texto

*Um Deus Cruel* é uma peça sobre teatro dentro do teatro. A peça narra as aventuras de uma companhia teatral particular, como todas no Brasil, criada por jovens ex-alunos de uma escola de teatro. A trama se desenrola no período que vai da década de 80 até os dias de hoje. A peça acompanha o cotidiano da companhia e de seus atores. Os heróis da peça são Marco, diretor da Trupe das Ilusões Perdidas e os atores Pedro, Rodolfo, Antonieta, Luísa e Júnia.

A peça quer mostrar que fazer teatro, principalmente no Brasil, não é fácil. Isso é o que os atores experimentam na própria pele durante a peça. Mas a dureza do teatro não significa que tudo nele seja convento e tragédia. Ri-se muito, no texto. O humor está presente no texto. Assim como a dor.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.8 VIÚVA PORÉM HONESTA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Nelson Rodrigues*

Direção: *Marco Antonio Bráz*

Elenco: *Maurício Marques, Roberto Audio, Luiz Mario Vicente, Adriano Costa, Ana Gomes, Clayton Freitas, Joana Curvo, Lau Neto, Luis Eduardo Frin, Nelson Brolese, Sergio Milagre, Silvana Abreu, Valéria Theodoro*

Cenografia e figurinos: *Gustavo Lanfranchi*

Produção executiva: *Patricia Gordo*

Direção de produção: *Orlando Brandão*

Realização: *Núcleo de Produção do Círculo de Comediantes*

Local: *Fernanda Montenegro*

Dias: *14 de março às 21h30 e 15 de março às 20 horas*

#### - O texto

É uma divertida comédia que fala de amor e que critica, através do riso, a realidade brasileira. É um desabafo de Nelson Rodrigues. De uma maneira muito humorada, que em momentos beira o escracho, o dramaturgo coloca em cena personificações dos grupos que compõem a sociedade brasileira. As elites são duramente criticadas enquanto a tão falada “ginga”, o chamado “jeito” do povo brasileiro é ressaltado de uma maneira original e inspirada. É justamente essa característica que faz com que o espetáculo mantenha-se atual, mesmo décadas depois de ter sido escrito.

De um lado há o Dr. J.B. de Albuquerque Guimarães, “gângster da imprensa” e que “nomeia até ministros por telefone”. Do outro, sua filha Ivonete, que após ter ficado viúva, não se sente mais. Permanece inconsolável, de pé, junto ao túmulo do marido – um ex-funcionário do Sistema de Assistência ao Menor e transformado por PB em crítico de teatro. Desesperado, JB convoca os maiores especialistas do país para resolver o problema. Entram em cena um psicanalista, um otorrino e uma ex-cocote, que virou proprietária de um importante bordel. Para completar o quadro, surge Diabo da Fonseca. Perseguindo o cheiro de viúva, há milhões de anos que ele sonha e guarda todo seu amor para uma mulher que seja viúva, porém honesta.

Sustentados pela farsa, reprimindo seus desejos humanos mais inconfessos, passando por superiores através da retórica, aos poucos vai sendo demonstrada a incapacidade dos especialistas em resolver o problema. Diabo da Fonseca, o homem do morro, do samba, do futebol e da alegria, além de terminar por desmascarar todos os presentes, soluciona o problema de Ivonete e ainda conquista o seu amor público.

#### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.9 PARA SEMPRE

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Maria Adelaide Amaral*

Direção: *Vivien Buckup*

Elenco: *Paulo Autran, Karin Rodrigues, Celso Frateschi*

Local: *Teatro Guáira*

Dia: *18 de março às 21h30*

#### - O texto

Comédia protagonizada por Paulo Autran, *Para Sempre* é um mergulho dentro da alma humana, retratando com seriedade e compaixão um triângulo amoroso, um drama passionnal de alto nível. Maria Adelaide Amaral é reconhecidamente a maior e mais premiada autora moderna do teatro brasileiro, com uma grande capacidade de penetrar no íntimo da alma humana, revelando-nos seus meandros com grande intensidade passionnal.

#### - A crítica

Com elenco e técnicos de causar inveja a peça prometia mais, porém o que se viu no palco foi uma montagem morna. A peça não conseguiu sair do convencional. O talento do ator Paulo Autran foi, segundo alguns críticos, desperdiçado nessa montagem. No time de estrelas ainda constavam as presenças do cenógrafo Gringo Cardia e do iluminador Maneco Quinderé. A condução da trama, absolutamente comum e televisiva, deu ao espetáculo uma das piores avaliações do VI Festival de Teatro de Curitiba.

“[...] se por um lado a temática do texto toca no maior preconceito da sociedade brasileira, o homossexualismo, o tratamento utilizado é o do cotidiano. Chega a tornar a questão banalidade constrangedora. Falta poesia.”

FONTE: MOURA, Ivana. Falta poesia em *Para Sempre*. (...) Recife 20 mar. 1997.

“ [...]a trama é simplória.[...] o texto é deplorável.[...] tudo se esvazia: raso, superficial, coquete como receituário de elegâncias de coluna de fofocas. Feito *Caras* formatado para um palco de teatro.”

FONTE: ANUNCIACÃO, Miguel. Peça com Paulo Autran é ‘comédia de desastres’. *Hoje Em Dia*. Belo Horizonte, 20 mar. 1997.

### 4.6.3.10 DO FUNDO DO LAGO ESCURO

#### - Ficha técnica do espetáculo

Autor: *Domingos de Oliveira*

Diretor: *Eduardo Tolentino de Araújo*

Assistente de direção: *Brian Penido*

Elenco: *Beatriz Segall, Clara Carvalho, Denise Weinberg, Guilherme Sant'Anna, Genésio de Barros, Daniel Machado, Zécarlo Machado, Zeca Rodrigues*

Cenário: *Maria Carmem*

Figurinos: *Lola Tolentino*

Iluminação: *Guilherme Bonfanti*

Sonoplastia: *Otávio Machado*

Preparação corporal: *Neide Alves*

Diretora de produção: *Arci Quinhões*

Assistente de produção: *Valéria Meirelles*  
 Local: *Teatro Fernanda Montenegro*  
 Dias: *21 de março às 21h30 e 22 de março às 20 h.*

**- O texto**

Tendo como pano de fundo a apaixonada polarização política entre o governo de Getúlio Vargas e a oposição de Carlos Lacerda, a peça *Do Fundo do Lago Escuro*, de Domingos de Oliveira, faz o painel de uma típica família brasileira de classe média alta no início dos anos 50. É a família de Rodrigo, menino de 12 anos, observador sensível e referencial de todo o jogo de dilaceração, ocultação e hipocrisia do texto. Mas foi também (e de muitas formas ainda é) a família de todos nós, apesar da grande ruptura que os anos 60 significaram.

Ao mesmo tempo engraçado e contundente, o texto da peça levar o espectador a se identificar com a perplexidade e a pureza de Rodrigo. Afinal, que família brasileira não conhece o que é uma matriarca controladora e autoritária como D. Mocinha, ou não viu cunhados indignados vociferando contra o genro que vendeu escondido os apartamentos da sogra? Quem não teve um tio vergonhosamente desquitado e ainda por cima meio bêbado e mulherengo, cuja menção fazia sempre baixar o tom das conversas? Que criança não espreitou pelo buraco da fechadura os encontros dos empregados no quartinho dos fundos?

A peça se passa num único dia e a ação se abre com uma conversa entre Rodrigo e Manuel, o jardineiro da casa. Rodrigo está procurando sua cachorrinha, cuja morte todos tentarão esconder dele até o final do texto, para que ele “não sofra”. “Só vou contar a ele quando estiver quase na hora de dormir”, diz sua mãe, Conceição, a Manuel. Percebemos que estamos num dia especial para esta família. Todos voltaram há pouco do cemitério onde visitaram o túmulo do avô José, falecido há quatro anos; percebemos também que qualquer emoção, desordem ou desregramento são banidos e negados naquela casa; o lanche das quatro horas, o jogo de cartas de D. Mocinha, o discurso de Lacerda às nove horas na televisão, são alguns dos dispositivos de uma engrenagem doméstica poderosa, destinada a manter a ordem a qualquer preço, a reforçar que aquela é uma família perfeita, que se algo errado é na família “dos outros”, que a escola é que é uma “desenxabida” que não sabe educar.

Compreendendo o universo desta família que tenta eliminar a morte, o desajuste, o sofrimento e a dissonância, tão evidentes nesta peça, talvez possamos reconhecer com humor e até alguma ternura, a cara feia das forças reacionárias das elites brasileiras.

**- A crítica**

Não foi localizada.

**4.6.3.11 GRAND HOTEL DES ÉTRANGERS**

**- Ficha técnica do espetáculo**

Criação: *Michel Lemieux e Vitor Pilon*

Texto: *Claude Beausoleil*

Elenco: *Jean- François Blanchard e Serge Lamirante*

Música: *Barielle Roth e The Mirros and Michel Lemieux*

Local: *Guairinha*

Dias: *15 de março às 21h30 e 16 de março às 20 horas*

- O texto

Teatro, cinema e poesia se misturam a efeitos visuais responsáveis pela criação de um universo virtual em *Grand Hotel des Étrangers*, montagem do grupo canadense de vanguarda de Michel Lemieux e Vitor Pilon. O cenário é um quarto de hotel, onde um homem, sozinho, vive um dramático estado de crise. No limite da sanidade, o solitário viajante – um escritor – interage com suas fantasias e seus fantasmas, com seus anjos e demônios, sua memórias e seus desejos. Estes personagens entram em cena por meio de uma combinação de diferentes tipos de efeitos visuais. Truques de ilusionismo do século passado, baseado em projetores, foram resgatados por Lemieux e Pilon e misturados com imagens de terceira dimensão criadas por computadores e complexos sistemas de vídeo. O resultado foi uma profusão de imagens, ou fantasmas, que contracenam com o personagem e abrem as portas para uma nova concepção de espetáculo.

Mas não se trata de um mero *show high-tech*. A tecnologia não foi empregada gratuitamente. Não buscou-se o efeito. Todos os malabarismos visuais foram integrados ao texto – baseado na poesia do canadense Claude Beausoleil - cenário e demais elementos como uma forma a mais de expressão. Assim, na viagem existencial em que se transforma sua noite, o personagem central é atormentado e atormenta-se com a aparição reveladora das imagens virtuais, que aparecem como gênios saídos de uma lâmpada mágica.

Buscando uma forma de expressão multimídia que possa unir linguagens como a do cinema, teatro e poesia, a dupla Lemieux e Pilon montou um espetáculo onde o surrealismo permeia o ambiente. O espetáculo teve um cuidadoso apuro técnico. Cerca de 300 horas de filmagens foram necessárias para obter as imagens virtuais que aparecem em pouco mais de uma hora de espetáculo. Nas filmagens, os canadenses inspiraram-se muito no cineasta e ator francês Jean Cocteau (1889-1963), buscando uma linguagem marcada pela velocidade das imagens. O texto de Beausoleil, por sua vez, transita pelas fronteiras da realidade e do imaginário, misturando a insanidade com momentos de revelação. Com apresentações por todo o Canadá e EUA, esta montagem é uma das mais consagradas do trabalho de Lemieux e Pilon, que trabalham juntos desde 1983.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.12 PERPÉTUA

- Ficha técnica do espetáculo



Texto: *Dionísio Neto*

Direção: *Leonardo Medeiros*

Elenco: *Renata Jesion e Dionísio Neto*

Trilha sonora: *Arrigo Barnabé*

Figurinos: *Alexandre Herchcovitch*

Iluminação: *Fran Barros*

Coreografia: *Eugênio Lima*

Local: *Guairinha*

Dias: *17 de março às 21h30 e 18 de março às 20 horas*

#### - O texto

Em uma ultramegalópole brasileira, na madrugada de 12 de junho de 2007, um jovem burguês interessado em cultura oriental leva girassóis para comemorar seu aniversário com uma prostituta de luxo com quem mantém relações já há algum tempo: *Perpétua*.

Atormentado por um sonho no qual ela o estrangula, ele fica aterrorizado com as coincidências que vão acontecendo entre a realidade daquela noite e o que sonhara. Durante o tempo em que permanecem trancados, humor e tragédia se manifestam no questionamento da relação do casal. Finalmente, quando estão prestes a sair dali, uma grande surpresa acontece.

O espetáculo é o primeiro da Trilogia do Rebento, inclui *Opus Profundum* e *Desembestai*, faz referências à linguagem dos quadrinhos do *Sandman*, ao filme *Da Vida das Marionetes* de Ingmar Bergman, e ao *Mangubeat*, de Chico Science.

#### - A crítica

A única crítica localizada refere – se ao fato do texto ter recebido uma leitura totalmente diversa daquela que costumeiramente se faz dele.

“ *Não mudei o texto, garantiu o autor. Mas, Perpétua* foi inteiramente outra coisa no festival de Curitiba.”

FONTE: SÁ, Nelson de. *Perpétua* se revela cômica e cortante. *Folha de São Paulo*, 20, mar. 1997.

### 4.6.3.13 SENHORITA ELSE

#### - Ficha técnica do espetáculo

Companhia *Razões Inversas*

Concepção: *Marcio Aurélio*

Texto: *Arthur Schitzler*

Elenco: *Debora Duboc, Eucir de Souza, Marcelo Lazzaratto, Paulo Marcello, Pepita Prata, Sergio Módena.*

Produção executiva: *Mario Silvio*

Local: *Guairinha*

Dias: *20 de março às 21h30 e 21 de março às 20 h.*

#### - O texto

Else está passando férias em uma estância com uma tia rica e o primo. Recebe correspondência de sua mãe contando-lhe a terrível situação financeira em que se encontram. Ela deve conseguir cinquenta mil florins para salvar sua família da ruína. Um senhor nobre, amigo dos pais e que também passa férias no mesmo hotel, é a pessoa indicada por eles para que ela interceda. Ele se propôs a fornecê-los mas em troca pede para vê-la nua. De início Else revolta-se mas, desequilibrada pela situação, começa a atravessar desejos obscuros, perturbadas pelas suas imagens interiores e, finalmente, cede. Mas isso se faz em público, durante um noite, no salão de música, quando todos os hóspedes estão presentes.

#### - A crítica

Não foi localizada a crítica para o espetáculo. Porém, quanto ao fato de ser esta a primeira vez que o texto foi montado no Brasil, foram localizadas cerca de doze referências em jornais diversos. Todas as notícias eram em torno da expectativa dessa primeira montagem. A peça estreou no Brasil no palco do Festival de Teatro de Curitiba.

#### 4.6.3.14 NO ALVO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Thomas Bernhard*

Direção: *Luciano Chirolli*

Elenco: *Maria Alice Vergueiro, Agnes Zuliani, Marinez Lima, Luciano Chirolli*

Iluminação: *Platão Filho*

Figurino: *Maria Alice Vergueiro e J.C. Serroni.*

Figurino Elenco: *Paula Valéria*

Produção: *Maria Batocchi – Transcultura.*

Local: *Teatro do SESC*

Dias: *16 de março, às 21h30 e 17 de março, às 20 h.*

##### - O texto

A peça é uma tragicomédia de humor ácido que desmascara o discurso político e cultural das classes dominantes e discute o papel do artista na sociedade. Uma mãe cruel e autoritária, viúva do proprietário de uma fundição e típico representante da alta burguesia decadente, vive uma relação sadomasoquista com a filha fraca e oprimida. Mãe e filha preparam-se para viajar para a casa na praia em companhia de um jovem escritor dramático.

*No Alvo* marca a primeira encenação no Brasil de um texto do autor austríaco Thomas Bernhard (1931-1989), um dos mais significativos escritores contemporâneos de prosa e teatro de língua alemã. O autor nutria uma profunda aversão pela Áustria, por causa do nazismo e do neonazismo, a ponto de proibir a encenação de suas peças no país durante 50 anos a contar de sua morte. Sua obra é impregnada por uma atmosfera gélida, desconsolada, e ainda assim cheia de humor.

A interpretação da atriz Maria Alice Vergueiro neste espetáculo lhe valeu o prêmio Mambembe 96, além de estar indicada para o Prêmio Shell, também na categoria melhor atriz.

##### - A crítica

Todos as avaliações localizadas ressaltam a atuação da atriz Maria Alice Vergueiro. A prova disso é que a atriz foi, neste mesmo ano, agraciada com o Prêmio Shell de melhor atriz pelo trabalho em *No Alvo*. A performance exuberante e pontual da atriz garantiu ao espetáculo uma ótima avaliação junto à crítica e ao público.

“No ainda morno Festival de Teatro de Curitiba, a performance exuberante da atriz Maria Alice Vergueiro, com o espetáculo *No Alvo* deliciou os sentidos da platéia, domingo e segunda.”

FONTE: MOURA, Ivana. O brilho de uma estrela.(?) Recife, 20 mar. 1997.

“Apresentado no Teatro SESC da Esquina, o espetáculo *No Alvo* é impecável.[...] a direção é determinante na transposição imediata e impactante de *No Alvo*.[...] junto ao trabalho simples e inteligente da direção está a atuação arrebatadora de Maria Alice Vergueiro. Sua atuação conquista a plena atenção do espectador, dominando a cena e as atenções com uma atuação rigorosa e esplêndida.”

FONTE: GRAFF, Flávio. Maria Alice: Atuação esplêndida. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 21 mar. 1997.

#### 4.6.3.15 FLOR DE OBSESSÃO

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Pia Fraus Teatro*

Texto: *Nelson Rodrigues*

Direção: *Francisco Medeiros*

Elenco: *Beto Andreetta, Beto Lima, Domingos Montagner*

Concepção e roteiro: *Pia Fraus Teatro*

Iluminação: *Wagner Freire*

Produção: *Pia Fraus Teatro*

Local: *Teatro do SESC*

Dias: *19 de março às 21h30 e 20 de março às 20 horas*

##### - O texto

Nelson Rodrigues era chamado pelos amigos de *Flor de Obsessão*. Essa montagem pretende abordar não somente a força dramática das palavras de Nelson Rodrigues, como também das imagens que elas provocam. Para isso a companhia Pia Fraus Teatro usa basicamente o teatro de animação e orienta o trabalho para a oposição entre sexo e morte. Exposta ou travestida, essa questão se manifesta de tantas maneiras na obra de Nelson Rodrigues, que pode ser entendida como uma obsessão. Os cavalos adornados de dourado e com enormes penachos nos enterros são imagens marcantes da infância de Nelson Rodrigues. Ele os relembra em diversos momentos. Nas peças, a presença constante de mulheres casadas, solteiras ou viúvas, sempre insatisfeitas e repressoras, também é outra imagem recorrente na vida e na obra de Nelson.

*Flor de Obsessão* é uma transposição em imagens de uma mistura de impressões e a fascinação que a obra de Nelson Rodrigues provoca. Não procura ser uma releitura, nem tampouco um resgate de imagens. São apenas sentimentos provocados por uma crueza quase surreal.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.16 PIOLIM

- Ficha técnica do espetáculo

*Parlatões, Patifes e Paspalhões*

Texto: *Perito Monteiro*

Direção: *Neyde Veneziano*

Elenco: *Hugo Possolo, Angela Dip, Tânia Castelo, Carla Gialhuca, Raul Barreto, Alexandre Rolt*

Direção musical: *Ney Carrasco*

Cenário: *Mila Gandete Paula de Paole*

Figurino: *Hugo Possolo*

Local: *Teatro do SESC*

Dias: *22 de março, às 21h30 e 23 de março, às 20 horas*

- O texto

Espectáculo musical sobre a vida do palhaço Piolim que, se estivesse vivo, estaria comemorando 100 anos. Ele revolucionou o picadeiro brasileiro, dando ao circo o seu verdadeiro espaço de expressão cultural. Piolim foi eleito pelos modernistas como um símbolo de talento. Marinetti, o papa do Futurismo, quis levá-lo para a Itália. O presidente Washington Luís tinha cadeira cativa para assisti-lo. Blaise Cendrars declarou ter descoberto “o maior palhaço do mundo”.

Sua vida é contada por palhaços de agora que trazem a seu tempo e a seu modo a essência do que representou uma artista popular. Se a morte solitária seria o final lógico, aqui não se cairá na tristeza nem na compaixão. Por isso, sua morte, engasgado com uma bala, está colocada no início do espetáculo. “Piolim está morto. Vive no céu!” E é aí, no cenário celestial, que se desenrola o resto da história. Piolim agora é um anjo. Um anjo celestial, que vela por todos nós.

Nessa visão clownesca, que não se permite a lógica comum, o céu é o mundo insólito onde desfilarão números que retratam passagens da vida de Piolim. A relação de Piolim e Chincharrão (e o reencontro dos dois após anos de rivalidade); sua obstinação pelo trabalho, o sucesso e o fim da vida na miséria. Tudo contado em forma de números cômicos e musicais, próprios de um teatro de variedades.

O espetáculo é uma mistura de o circo e teatro de revista. Possui uma estrutura que permite uma linguagem direta, que se comunica com a platéia. A atmosfera dos anos 20 é dada pelas músicas e figurinos além de uma cenografia que interpreta a influência que o circo exerceu no Futurismo, no Construtivismo e no próprio Modernismo. Mais do que contar a vida de Piolim, o texto coloca ao público o que Piolim mais sabia fazer: provocar gargalhadas na platéia. Traz à tona o que o circo tem de mais poético – a simplicidade.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.17 O AUTO DO RICO AVARENTO

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Trupe Romançal de Teatro*

Diretor: *Romero de Andrade Lima*

Elenco: *Marcelo Valente, Eduardo Gomes, Karina Bühr, Joelson, Cybele Jacome, Rodrigo Campos, Flavia Lacerda, Aramis Trindade, Geraldo Moura, Paulo Pontes, Zuleika Ferreira, Tiago Dines, Jorge Clésio, Lucinha Guerra*

Local: *Boca Maldita*

Dia: *15 de março, às 11 h.*

##### - O texto

É um espetáculo dentro da rigorosa tradição dos autos medievais. Ainda que não sejam espetáculos religiosos, sempre apresentam, em forma de farsa, o julgamento moral dos vícios e pecados humanos. É uma tradição popular no Nordeste, tanto na forma de folhetos como de peças para mamulengos e/ou atores.

*O Auto do Rico Avarento* conta a história de um grande proprietário de terras e gado que “não dava esmola e que não ia na casa da mãe prá ela não vir na sua, lhe dando despesas”. O Diabo aparece para ele na forma de mendigos, para tentá-lo e acabar levando-o para o julgamento final – que tem a participação de Jesus Cristo, Nossa Senhora e dos anjos Miguel e Pedro.

O espetáculo é concebido para ser apresentado nas ruas sem intervenção de microfones ou luz elétrica. A iluminação é feita com tocheiros, como os das antigas procissões. O clima circense está presente durante todo o espetáculo: os atores representam, tocam, cantam, dançam e brincam com a platéia.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.18 ROMEU E JULIETA

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Trupe Romançal de Teatro*

Texto: Baseado num folheto chamado *O romance de Romeu e Julieta*, publicado no Ceará e atribuído a Ariano Suassuna.

Direção: *Romero de Andrade Lima*

Elenco: *Aramis Trindade, Geraldo Moura, Paulo de Pontes, Zuleika Ferreira, Tiago Dines, Jorge Clésio, Lucinha Guerra*

Música: *Renata Mattar*

Figurinos: *Luciana Buarque*

Cenários: *Dantas Suassuna*

Local: *Largo da Ordem*

Dia: *16 de março às 12 h.*

## - O TEXTO

Um Romeu e Julieta nordestino. Essa versão é baseada num folheto chamado *O Romance de Romeu e Julieta*, publicado no Ceará e bem diferente da história shakespeariana. O motivo principal da diferença é que, na sociedade sertaneja contemporânea do folheto, a família era mais importante do que o indivíduo. A versão sertaneja discorda da opção de Romeu, no momento em que ele coloca seu amor acima da fidelidade familiar. Ao sertanejo, isso parece uma decisão mesquinha e egoísta. Romeu infringiu ainda um código de honra da comunidade ao não cumprir o juramento feito ao pai de vingar a morte da mãe (episódio, aliás, que só existe nessa versão).

O fascínio e a compaixão despertada pelos dois adolescentes apaixonados, vitimados pelo ódio, rancores e vinditas familiares permanece, mas com uma leitura adaptada para nossa época e brotada em terras nordestinas, com todos seus costumes, códigos de honra e deveres da sociedade.

## - A crítica

Foi localizada uma reportagem com o título: *Crítica dividida*. O material foi encontrado no *Clipping da Calvin*, porém não obtivemos sucesso na tentativa de localizar o veículo publicador. O referido material chama atenção para os diferentes critérios utilizados nas avaliações dos jornalistas envolvidos na cobertura do Festival. O texto descreve na íntegra as avaliações feitas pelos jornais *Gazeta do Povo* e *O Estado do Paraná*, ambos de Curitiba; e *Folha de São Paulo*, de São Paulo. Localizamos a autoria apenas da última, assinada pelo crítico Nelson de Sá. Nas demais não consta a autoria, somente os veículos divulgadores. O texto de cada veículo mencionado será transcrito na íntegra respectivamente.

“ A montagem, dirigida por Romero de Andrade Lima, foi uma decepção. Apesar do belo tratamento estético com destaque para os figurinos desenhados por Luciana Buarque, o espetáculo cometeu um pecado mortal para um espetáculo de rua: foi frio, lento e monocórdio.[...] *Romeu e Julieta* foi um espetáculo que nunca aconteceu.”

“O público não vaiou *Romeu e Julieta* por pura educação. Se o texto de Ariano Suassuna era bom, ninguém viu. O elenco mostrou – se tecnicamente despreparado; sem voz, sem ritmo, sem dicção, sem interpretação”.

“O palco foi uma grande plataforma no Memorial da Cidade, com iluminação ainda de gambiarras e velas, mas bem realizado. Sobretudo, o que se teve foi não uma ambiência de

teatro, mas, como no local de descoberta do cordel, a feira.[...] a peça ganhou forma. Era a incorporação do sonho Armorial ou Romançal ou Arrial, pelo menos para os olhos sulistas, extasiados diante do espetáculo, aplaudido com arrebatamento no final. Um teatro ‘de verdade’, sem as marcas da exigência comercial, urbana, do universo da mídia virtual”.

#### 4.6.3.19 U FABULIÔ

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Parlapatões*

Texto e direção: *Hugo Possolo*

Elenco: *Alexandre Rolt, Hugo Possolo, Raul Barreto, Carla Candioto, Carmo Murano, Armando Júnior*

Direção musical: *Marcio Werneck*

Cenários e figurinos: *Hugo Possolo*

Adereços: *Jesus Seda e Armando Junior*

Operação de luz: *Augusto Tiburtius*

Operação de som: *Claudinel*

Produção executiva: *Regina Toledo*

Produção: *Leopoldo de Léo Junior*

Realizações: *Parlapatões, Patifes & Paspalhões*

Locais: *Boca Maldita, dia 22 de março, às 11 h, e Parque Barigui, dia 23 de março, às 16 h.*

##### - O texto

Neste espetáculo o grupo Parlapatões cria uma ponte unindo o tempo medieval aos dias do fim do milênio. Transformou uma série de *fabliaux* – contos medievais licenciosos franceses – numa única história, narrada por um vendedor ambulante de uma grande metrópole dos dias atuais. Uma estranha carroça em forma de barco alado traz os artistas para o centro de seu cenário, que é a roda de espectadores que se forma em torno deles. É ali, dentro desse círculo encantado, usando tonéis, tábuas e imaginação, que eles criam o ambiente para contar suas histórias.

O vendedor ambulante, acompanhado por loucos e dementes que tocam estranhíssimos instrumentos musicais, conta casos e acontecidos que poderiam ter-se dado tanto na França medieval quanto no sertão nordestino brasileiro. Sobre os corpos dos artistas, as chitas e os rendões do Ceará e de Pernambuco criam novos seres: servos e servas medievais em capotes de colheita e vestidos de amarras. Enfeitados numa história única, os “contos de rir” dos séculos XIII e XIV – uma tradição literária encharcada de erotismo, fantasia, graça e crueldade – revelavam as obsessões de uma época e ofereciam um meio, às vezes moralista, para delas escapar. Na analogia entre passado e presente, o moralismo desfaz-se na farsa: todos enganam todos e ninguém se dá bem.

Da incongruência e da incompatibilidade entre as épocas nascem, aos olhos do público, as figuras fantásticas que desenham aventuras nem tempo improvável. Para além das diferenças entre ricos e pobres, ingênuos e espertos, padres e prostitutas, há as necessidades básicas do ser humano: comida, afeto, sonho, suor, sexo, riso e o céu que a todos abriga.

De uma traição, *U Fabuliô* e os Parlapatões fazem uma festa; de duas, um motivo de riso; de três, calculam por onde andam nossos dias; e das infinitas traições, eles fazem um apelo à esperança.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.20 NORA – CASA DE BONECAS

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Casa de Boneca, de Henrik Ibsen*

Direção: *Felipe Hirsch*

Elenco: *Thaís Tedesco, Edson Rocha, Erica Migon, Marcio Mattana, Ênio Carvalho*

Cenários e figurinos: *Ronald Teixeira*

Assistência de cenários e figurinos: *Cristine Conde*

Iluminação: *Felipe Hirsch*

Local: *Tuca/PUCPR*

Dias: *16 de março às 21h30 e 17 de março às 20 horas*

- O texto

Nora Helmer é uma mulher sem saída. Presa a uma relação amorosa guiada pela aparência, ela vai-se enredando mais e mais numa teia onde um gesto de amor conjugal pode se tornar um crime. E ao tentar salvar o homem amado, de si mesmo e de sua incompreensão, descobre que passou oito anos de sua vida com um desconhecido. Este drama da inutilidade das boas intenções foi escrito por Henrik Ibsen em 1879 e continua pulsante pela força e realismo de seu traço.

Henrik Ibsen é considerado o mais importante autor dramático do século XIX. Viveu de 1828 a 1906 e sua obra lhe valeu a alcunha de *Shakespeare Burguês*. Nesta montagem de Felipe Hirsch, a obra de Ibsen se aproxima da realidade do século XX. Influenciado diretamente pela adaptação escrita pelo diretor sueco Ingmar Bergman, em 1981, a montagem rompe com a obra do mestre norueguês em tudo o que ela tem de peça de tese, desviando-se de uma visão meramente histórica. O drama então surge profundamente coeso e funciona como um relógio novo em folha. Disseca a falibilidade dos relacionamentos ao mover seus cinco personagens uns contra os outros, ou uns de encontro aos outros. Um drama de indivíduos que se bastam como instrumentos de reflexão. É isto o que se propõe ser visto. Não o drama de todas as mulheres, libreto abraçado por feministas de todo o mundo como bandeira na defesa dos direitos da mulher, mas o drama de uma só mulher, chamada Nora Helmer, presa de um mundo gelado de hipocrisia, tentando desesperadamente se desenredar.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.6.3.21 OS REIS DO IÊ – IÊ - IÊ

- Ficha técnica do espetáculo



Direção, concepção e roteiro: *Gerald Thomas*

Elenco: *Bete Coelho, Gerald Thomas, Luiz Damasceno, Domingos Varella, Raquel Rizzo, Dionísio Neto, Gilda Barbosa da Silva, Renata Jesion*

Local: *Tuca/PUCPR*

Dias: *21 de março, às 21h30 e 22 de março, às 20 h.*

#### - O texto

Freqüentador assíduo do Festival de Teatro de Curitiba, Gerald Thomas trouxe para esta sexta edição, a sua interpretação pessoal de *Os Reis do Iê-Iê-Iê*. Com o primeiro título de *Beatles*, Gerald vai promover o que é, desde a morte de John Lennon, impossível: um reencontro dos quatro garotos de Liverpool.

John Lennon, na concepção de Gerald Thomas, é um esfuziante apreciador do samba. Keith Richard terá uma guitarra com um saquinho J.V (Intravenoso) embutido, que joga heroína direto na veia. Thomas, no papel de John, traça um paralelo entre sua relação com a atriz Bete Coelho (que interpreta Paul McCartney) e com quem teve um *affaire* que durou quatro anos, sugerindo que os dois *Beatles* também viveram uma relação semelhante. A peça se passa nos dois minutos e meio entre o tiro que John levou e sua morte a caminho do hospital. Tudo se passa na cabeça de John Lennon.

A atriz paranaense Raquel Rizzo, que trabalhou com Gerald em 96, na montagem de *Nowhere Man*, faz este ano o papel de Mick Jagger. Gerald trará um convidado especial a cada noite, para interpretar personagens ligados aos *Os Reis do Iê-Iê-Iê*.

#### - A crítica

Não foi localizada crítica para o espetáculo. Entretanto, foram localizadas 8 ocorrências para o trabalho do diretor. Durante as duas semanas em que Thomas esteve em Curitiba para montar e ensaiar o espetáculo, a crítica não o deixou sossegado. O fato do texto ter iniciado com apenas 10 minutos e uma semana depois já ter chegado a 45 deixava as pessoas desconfiadas: essa era mais uma performance do diretor. Era quase estréia e o texto ainda não havia sido terminado. O diretor caracterizava sua montagem de *happening*.

### 4.6.3.22 DEADLY

#### - Ficha técnica do espetáculo

*No Ordinary Angels*

Direção: *Sandro Borelli*

Assistente de direção: *Carla Candiotto*

Elenco: *Deborah Pope Matheus*

Iluminação: *Sandro Borelli e Rodrigo Matheus*

Cenário e figurinos: *No Ordinary Angels*

Produção: *Mirtes Mesquita*

Local: *Teatro Paiol*

Dias: *16 de março às 21h30 e 17 de março às 20 h.*

#### - O texto

*Deadly* é um espetáculo mudo. A força da linguagem está no corpo de dois atores-performers que se comunicam com o público através da emoção e das técnicas de corda e trapézio. O espetáculo explora a relação do homem com a mulher, seus erros e acertos, prazeres, frustrações, batalhas e a inevitável cumplicidade. É contado através da temática dos sete pecados capitais, estigmas que povoam a formação cultural do mundo ocidental. O recurso do trapézio de circo é utilizado como metáfora tanto para o perigo das relações como também para a alegria dos vôos de liberdade.

Os atores Deborah Pope ,neo-zelandesa residente em Londres, e Rodrigo Matheus viajam o mundo como professores (de técnicas circenses e teatro físico) convidados do *Circus Space*, em Londres e do *Circus Oz* e *Flying Fruit Flys*, na Austrália.

#### - A crítica

A peça é recebida muito bem pelo público e pela crítica. A mistura dos elementos vindos do circo, da dança e do teatro, deram agilidade ao espetáculo. A trama conseguiu profundidade especial com a junção dos vários elementos. O trabalho de corpo dos atores-trapezistas foi considerado essencial para o desenvolvimento da encenação. O espetáculo, quase mudo, deixou nos espectadores todas as emoções pretendidas.

“Os atores evoluem com leveza, compondo imagens que aproveitam a própria tensão do malabarismo como elemento dramático. *Deadly* retira desses movimentos acrobáticos uma narrativa teatral, na qual a emoção e até o sentimento poético dos gestos são retirados da impulsão física”.

FONTE: LUIZ, Macksen. Duas vozes do teatro contemporâneo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1997.

“Rodrigo Matheus e Deborah Pope, em *Deadly*, impressionam pela seriedade com que executam seu trabalho e dão uma pequena mostra do que se pode fazer misturando teatro, dança e circo”.

FONTE: OSÓRIO, Ticiano. Qualquer semelhança é mera coincidência. *Zero Hora*, Porto Alegre, 20 mar. 1997.

#### 4.6.3.23 AQUARIOFOBIA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Grupo *Caos e Acaso*

Direção: *Chico Pennafiel*

Elenco: *Andrei Moscheto, Camila Leitorles, Chico Pennafiel, Danielle Andrade, Valdair Rosa*

Criação: *Caos & Acaso Grupo de Ordem e Desordem Teatral*

Produção: *FTC Entretenimento*

Local: *Praça Santos Andrade*

Dias: *14, 15, 16, 17, 18, 18, 20, 21, 22 e 23 de março, ininterruptamente*

##### - O texto

Durante todos os dias do festival um grupo de atores morou numa casa transparente, na Praça Santos Andrade. *Aquariofobia* é a história de uma família que um dia acorda e descobre que as paredes de sua casa ficaram transparentes. E, pior, que estão presos nela, e terão de conviver, uns com os outros, eternamente. Expostos à curiosidade dos passantes 24 horas por dia, o comportamento dos reclusos se altera. Na convivência forçada, cada um vai revelando o melhor e o pior do seu caráter, dentro da situação limite. Sentem-se como animais num zoológico. Ou melhor, sentem a solidão e a tristeza do peixinho no seu lindo aquário. É a metáfora do homem na cidade, cercado dos mais modernos equipamentos (fax, telefone, computador, etc.), protegido da violência da ruas, porém encarcerado. As relações se deterioram dentro da casa. O absurdo da situação desperta neles a vontade de concretizar desejos até então contidos. É a desordem explodindo a frágil ordem estabelecida. São o caos e o acaso interferindo no cotidiano.

FIGURA 11 – FOTO DA RETIRADA DOS ATORES DA CASA DE VIDRO ONDE ACONTECEU O ESPETÁCULO *AQUARIOFOBIA*

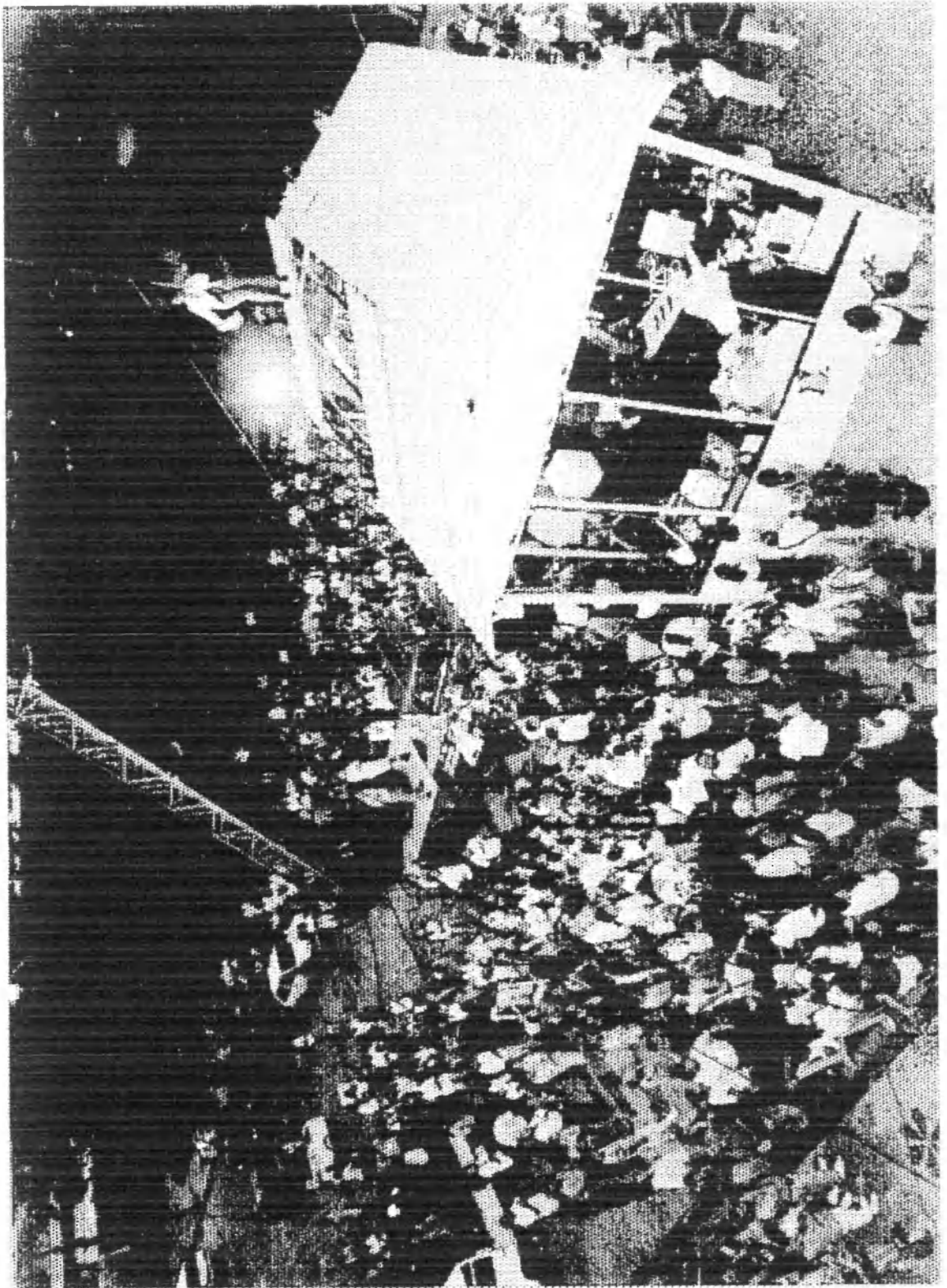


FIGURA 12 – FOTO DO PÚBLICO DIANTE DO ESPETÁCULO *AQUARIOFOBLA*



## - A crítica

Houve muita discussão no sentido de caracterizar a façanha. Uns diziam que aquilo não era teatro; outros, contrários, afirmavam ser teatro experimental; e outros simplesmente permaneciam alheios a toda essa discussão. O que podemos afirmar de fato é que *Aquariofobia* foi uma maratona de 240 horas de interpretação teatral. Os atores tinham roteiro, direção e figurino. A experiência de *Aquariofobia* conseguiu reunir o maior público da história do Festival de Teatro de Curitiba. Se juntarmos o número de pessoas que de um certo modo estiveram assistindo à representação dos moradores do Aquário, teremos o maior público de todas as edições do festival. Nas fotos retiradas no último dia de permanência dos atores na casa de vidro, podemos observar uma verdadeira multidão aglomerada em torno da casa. A presença do Corpo de Bombeiros para retirar os atores contribuiu muito para o feito. A Praça parou para ver durante dez dias o que aquelas pessoas faziam.

“O projeto de Pennafiel é a mais desafiadora aventura teatral dessa edição da mostra”.

FONTE: GUZIK, Alberto. Pennafiel mostra radicalidade em Curitiba. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 mar. 1997.

“Apesar do aspecto e *happening*, o espetáculo *Aquariofobia* foi exaustivamente ensaiado e tem um caráter de *work in progress*, servindo de laboratório para o desenvolvimento de cenas”.

FONTE: *A Notícia*, Joinville, 16 mar. 1997.

### 4.6.4 Eventos paralelos

Uma série de eventos paralelos foram programados para a sexta edição do Festival de Teatro de Curitiba. Os atores, os diretores, os estudantes e o público em geral, puderam, durante onze dias, trocar experiências, ampliar conhecimento, debater e suscitar novas possibilidades no campo do teatro. Os eventos eram abrangentes e foram divididos da seguinte maneira:

#### 4.6.4.1 Faróis do saber

Dando continuidade ao projeto iniciado no ano anterior, aconteceram alguns encontros nos Faróis com a finalidade de desenvolver ou despertar o gosto pela leitura. Marco Nanini novamente participa do projeto. Zivaldo escreveu uma história especialmente para esse projeto.

#### 4.6.4.2 Feira de negócios

A sexta edição do Festival de teatro de Curitiba contou com uma mostra, em vídeo, da produção nacional em teatro. O objetivo da mostra foi permitir que observadores nacionais e internacionais tivessem um panorama da produção nacional naquele ano. A Feira de Negócios permitiu aos interessados contratar os espetáculos e ter acesso às produções. A Feira aconteceu no Memorial da Cidade entre os dias 14 e 23 de março, sempre das 14h às 18h.

#### 4.6.4.3 Lançamento de filme

A cineasta Bia Lessa, fez o pré-lançamento do filme *Crede-mi* no Cine Luz. O evento aconteceu no dia 20 de março, às 24h.

#### 4.6.4.4 Expressão e movimento

A coreógrafa, bailarina e diretora Débora Colker ministrou um *workshop* que teve como objetivo o trabalho de expressão e movimento desenvolvido por sua companhia. O evento aconteceu durante os dias 21, 22 e 23 de março, na sede do Studio D1, às 19h e 14h respectivamente.

#### 4.6.4.5 Oficina de comédia

A atriz Cristina Mutarelli ministrou uma oficina de criação. Ela explorou todas as formas de humor, do besteirol ao humor negro. A oficina contou com a participação do autor e diretor norte-americano Lee Breuer, do grupo novaiorquino Mabou Mines. A oficina aconteceu entre os dias 19 e 23 de março no auditório do Memorial da Cidade, sempre a partir das 13h.

#### 4.6.4.6 Manhã de autógrafos

Uma manhã de autógrafos reuniu os autores Clara Góes, Nelson de Sá, Ziraldo, Gianni Ratto, Neyde Veneziano, Vera Mansini, Leon Góes, Orã Figueiredo, Paulo Vespúcio, Raíssa Góes e André Masseno, para a leitura do texto *O cão e o cavalo*, de Clara Góes. O evento aconteceu no Memorial da Cidade no dia 16 de março, às 10h30.

#### 4.6.4.7 Encontro no memorial

Eva Wilma, Gianni Ratto, Gianfrancesco Guarnieri, Orlando Miranda, Plínio Marcos e Lala Sheneider participaram de um ciclo de debates mediado pelo jornalista e dramaturgo Oswaldo Mendes. O evento, que aconteceu no Memorial da Cidade, entre os dias 15 e 19 de março, sempre às 16 h, e contou com a participação da platéia.

#### 4.6.4.8 Master class

Personalidades do teatro brasileiro em todas as áreas que envolveu a produção teatral estiveram reunidos participando de conferências abertas ao público. Essas conferências tinham como objetivo trocar experiências. Maria Adelaide Amaral, Paulo Betti, Walderez de Barros, Eduardo Tolentino, Kalma Murtinho, José Anchieta e Jorge Tacla estiveram participando dessas atividades. O evento aconteceu no Memorial da Cidade entre os dias 20 e 23 de março, sempre às 16h.

#### 4.6.4.9 Programação associada

Nesta versão, o Festival de Teatro de Curitiba trouxe apenas uma peça como programação associada. A peça foi *O incrível retorno do cavalheiro solitário e seu fiel amigo Severino Gentil*. Com texto e direção de Hugo Mengarelli, o grupo Palavração – composto por alunos do Curso de Teatro da Universidade Federal do Paraná, estreou no dia 22, às 21h, no Teatro Paiol.

#### 4.6.5 Avaliação geral

A sexta edição do Festival de Teatro de Curitiba foi encerrada no dia 23 de março com um recorde: a lotação completa de quase todos os teatros. Durante as 42 apresentações realizadas no decorrer do festival, mais de 50 mil pessoas estiveram envolvidas. O festival desse ano movimentou cerca de 3 milhões de reais. O público foi grande também nos eventos paralelos promovidos pela comissão. As oficinas e os eventos paralelos tiveram os seus lugares sempre lotados. Os atores e diretores que participaram dos eventos destacaram a importância das atividades paralelas do festival. A atriz Beatriz Segall, protagonista da montagem *Do fundo do lago escuro*, declarou que o Festival de Teatro de Curitiba é *indispensável*. A atriz Maria Alice Vergueiro foi consagrada pelo público curitibano. Sua atuação em *No Alvo* dominou a opinião e a preferência do público.

Nesta edição o Festival usou cerca de 650 profissionais qualificados para garantir a montagem dos espetáculos. Também foram contratadas cerca de 150 pessoas para mão-de-obra eventual. Dentre o público participante, estimou-se que 15 % era de outros estados ou do interior do Paraná. O transporte dos atores e dos diretores dentro da cidade de Curitiba foi feito por uma frota de cinco ônibus executivos, contratada especialmente para esta finalidade.

Na lista dos *vips* que estiveram prestigiando o festival consta: Tereza Seibnitz, Rafaela Amado, Alexandre Barilari, Monique Gardemberg, Camila Pitanga, Regina Duarte, Gabriela Duarte, Leonardo Vieira, Murilo Rosa, Vanessa Lois, Marcos Frota, Carolina Dickman, Maria Mariana e Biana Byton.

#### 4.6.6 Ficha técnica geral do VI Festival de Teatro de Curitiba

Direção administrativa financeira : *Cássio Chamecki*

Direção de comunicação: *Leandro Knopfholz*

Direção de produção: *Victor Aronis*

Consultoria de comunicação: *Rogério Mainardes*

Coordenação de eventos paralelos: *Lúcia Camargo*

Coordenação de produção: *Marcelo Contin*

Coordenação de operações: *Ligia Cristina B. De Mello*

Coordenação de iluminação: *Tato Corbett e Beto Bruel*

Coordenação de som: *João Casemiro*

Sonorização: *Doremix*

Assessoria de imprensa: *Kassu Produções*

Criação: *Kike Boréu, Sergio Cescatto*

Produtores dos teatros:

Newton Maciel "Maringá": *Guairão*

Áldice Lopes: *Guairinha*

Rosi do Nascimento: *Fernanda Montenegro*

Maria Elisa de Freitas "Mana": *Ópera de Arame*

Rodrigo de Barros Homem Del Rey: *SESC da Esquina*

Maria Luiza Abrantes "Malu": *Reitoria*

Isaias da Silva: *Tuca/PUCPR*

Elisa de Barros: *Tuca/PUCPR*

Nena Ionoue: *Paio/Rua*



Luiz Antonio Ferreira: *Aquariofobia*

Marfit Leisner: *Eventos Paralelos*

Cenotécnicos: *Bernardino Cabral, Norbert Jacksen, Horst Jacksen, Sergio Richter, Colbert Muniz Farrapo, Janary Muniz Farrapo, Irlei Fritoli, Emerson Mimaiss Xavier*

Imprensa: *Maria do Carmo Batiston, Marcia de Freitas*

Iluminação: *Stage Luz & Magia/Tamanduá*

#### 4.7 DOIS? SOMENTE UM : VII FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA

Em 1998<sup>63</sup>, ano da sétima edição do Festival de Teatro de Curitiba, muitos acontecimentos importantes prometiam emocionar o país. Foi o ano da Copa do Mundo de Futebol e também de eleições brasileiras. Além do carnaval, festa que antecede a realização do Festival de Teatro de Curitiba, estes acontecimentos eram esperados com grande expectativa. Porém, o público que ao longo dos últimos sete anos esteve acompanhando o Festival de Curitiba, tinha uma expectativa diferente: a primeira edição do *Fringe*<sup>64</sup>.

Os números que até aquele momento definiam o Festival de Teatro de Curitiba davam uma pista do que representava a criação dessa mostra paralela – em sete anos, 107 peças foram apresentadas e mais de 300 mil espectadores estiveram prestigiando o evento. Assim, o aumento da nova edição surgiu como algo interessante a ser vivido pelos curitibanos. Em apenas 11 dias o Festival e Teatro de Curitiba apresentou cerca de 23 peças, sendo 14 delas estréias nacionais e 1 estréia internacional; 487 atores estiveram envolvidos nos trabalhos de inúmeras companhias e 1.100 pessoas participaram dos trabalhos de bastidores e organização. Porém, o que surpreendeu o público foi o *Fringe*.

O *Fringe* foi uma alternativa paralela criada pela “Calvin” para reunir companhias teatrais do país inteiro e aproveitar todo o clima existente em torno da mostra oficial. A expectativa do público tinha razão de ser: pela primeira vez no Brasil, essa mostra paralela a um grande evento teatral poderia não funcionar como o esperado. Além disso, o *Fringe* trazia toda uma concepção do seu local de origem, Edimburgo, na Escócia, o que poderia representar um equívoco para os moldes brasileiros. Para esse evento paralelo foram selecionados cerca de 32 espetáculos. Os teatros, as ruas, e os parques, sem esquecer dos

<sup>63</sup> O VII Festival de Teatro de Curitiba aconteceu de 20 a 29 de março de 1998.

<sup>64</sup> Vindo do inglês, *Fringe* significa literalmente franja ou margem. A palavra foi usada a partir dos anos 60 para denominar as companhias que se apresentavam no circuito alternativo, ou “off” dos Festivais de Teatro. A idéia chegou ao Brasil a partir do Festival de Edimburgo, na Escócia.

espaços alternativos, foram testemunhas das mais variadas manifestações dramáticas. O público teve, como nunca tivera anteriormente, inúmeras possibilidades de ver um espetáculo. Os horários que esses espetáculos todos foram apresentados também causou estranhamento pois abrangia o dia inteiro com a programação.

Assim, o *Fringe* foi a grande novidade do VII Festival de Teatro de Curitiba. Esta criação foi a que marcou definitivamente a dinâmica e o estilo que a produtora do Festival de Teatro de Curitiba adotaria nos anos seguintes.

#### 4.7.1 Curadoria

Macksen Luiz – *Jornal do Brasil*

Alberto Guzik – *Jornal da Tarde*

#### 4.7.2 Temática

Não houve uma temática específica para essa edição do Festival, apenas se concretizou o *slogan* - Mostra de teatro contemporâneo . Porém, é importante ressaltar que esta edição foi a que mais apresentou espetáculos solos. Os monólogos dominaram os palcos.

#### 4.7.3 Os espetáculos do *fringe*

##### 4.7.3.1 KILLER DISNEY

###### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Philip Ridley*

Direção: *Marcelo Marchioro*

Elenco: *Ivan Cabral, Andressa Medeiros, Marcelo Munhoz e Davi Scorzato*

Produção: *Os Satyros e Grupo Resistência do Teatro*

Apresentação: *Mini Guaira, dias 20 e 21 às 24h e 22 às 18h.*

###### - O texto

Em um pequeno apartamento em degradação, os gêmeos Presley e Haley Stray, refugiados, compartilham delírios, traumas e muito chocolate. Uma noite, mantendo Haley dopada, Presley resolve abrir as portas para um estranho: Cosmo Disney. E as estruturas da casa começam a ruir. Mas pesadelo só estará completo com a chegada de um quarto elemento, sinistro e definitivo. Philip Ridley leva o terror ao seu extremo mais elementar, fazendo uma síntese de nossa contemporaneidade: a fé perdida, nosso medo e nosso chocolate. Killer

Disney é a primeira montagem brasileira de um texto do genial e explosivo autor inglês Philip Ridley. A peça reúne três pólos significativos da produção teatral de Curitiba: Marcelo Marchioro/Sandra Zugman, Os Satyros e o Grupo Resistência de Teatro.

- A crítica

Não foi localizada

#### 4.7.3.2 NA ROÇA – UM MUSICAL CAIPIRA

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Belmiro Braga*

Direção: *Iacov Hillel*

Elenco: *Wanderley Martins, Mirtes Mesquita, Ana Lacombe, Ivan Oliveira, Jorge Julião e Elza Gonçalves*

Apresentação: *Teatro José Maria Santos, dias 28 às 18h e 29 às 15h e 18h.*

- O texto

*Na Roça* é um espetáculo musical baseado na obra homônima de Belmiro Braga, poeta mineiro que nos traz a simplicidade e o bom humor do universo caipira. A adaptação, tendo como fio condutor o texto de Belmiro, cria novos personagens, resgata textos cômicos, diálogos radiofônicos (Jararaca e Ratinho) e utiliza músicas do cancioneiro caipira conhecidas do público. O espetáculo é um musical extremamente popular, com sucessos inesquecíveis como “Índia”, “Beijinho Doce”, “Menino da Porteira” e “Marvada Pinga” .

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.3 WOYZECK

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Georg Büchner*

Direção: *Edson Bueno*

Elenco: *Altamar Araújo, Carla Berri, Cássio Carvalho, Cesar Almeida, Sérgio Medeiros, Márcio dos Santos e Fernanda Farah*

Apresentação: *Casa Vermelha, dias 24, 25 e 26 – 17 h*

- O texto

Escrito em 1837 pelo dramaturgo Georg Büchner, *Woyzeck* é uma peça dividida em vinte e sete cenas curtas e, em certa medida, autônomas. A trama é extremamente simples,

mas o peso e o significado do trágico crescem a cada momento, investigados com o corajoso bisturi de um poeta genial debruçado na implacável tarefa de pesquisar o terror cotidiano de um pobre soldado, uma vítima da sociedade civil e militar, que o transforma em um ser passivo e oprimido. *Woyzeck* é o estudo das relações de desespero e impotência entre o homem, o mundo, a contundente denúncia da injustiça e do caráter desumano e opressor de um sistema social.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.7.3.4 UM ARTISTA DA FOME

- **Ficha técnica o espetáculo**

Texto: *Franz Kafka*

Direção: *Fernando Kinas*

Elenco: *Marisia Bruning e Clóvis Inoce*

Apresentação: *Subsolo do Teatro Guaira, dias 19, 23 e 26 de março, à meia-noite*

- **O texto**

Além de conter de forma sintética a maior parte das preocupações de Kafka – a culpabilidade, a luta entre indivíduo e sociedade, a solidão e o isolamento – *Um Artista da Fome* discute também o papel do artista e da arte no mundo moderno. O texto, raramente encenado, descreve o itinerário de um jejuador, narrando em retrospectiva sua decadência até a auto-destruição física final. O espetáculo foi encenado num espaço muito especial, o subsolo do Teatro Guaira. Nas palavras de Kafka, o artista da fome jejuava porque não conseguia encontrar o alimento que lhe agradasse, metáfora – talvez – da eterna insatisfação com nossas vidas ou da melancólica busca do artista em direção à perfeição.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.7.3.5 O CARA DE BOTINA

- **Ficha técnica do espetáculo**

*Carmim Companhia de Artes*

Texto e direção: *Cleide Piazecki*

Elenco: *Cleide Piazecki e Fernando Bachestein*

Apresentação: *Mini Auditório do Teatro Guaira, dias 28 e 29, horários às 10h e 16h*

- **O texto**

Desde o início de sua carreira como grupo, a Carmim Cia. de Artes vem se destacando pela qualidade de seus trabalhos, tendo conquistado vários prêmios em temporadas oficiais em Curitiba e festivais de todo o país. A história se passa com duas crianças: Aline e Clayton. O menino, brincando com sua atiradeira, acerta uma pedra na janela da casa da “mulher dos gastos” e, antes que possa escapar sem ser visto, ela o pega em flagrante e, furiosa, ameaça chamar o “Cara de Botina” para cozinhá-lo em um tacho com batatinhas. A partir daí, o foco principal são as cenas da infância: conflitos entre meninos e meninas, conversas, brincadeiras, o primeiro beijo, o bicho de estimação.

A sonoplastia foi criada a partir de valsas, choros e baladas de compositores brasileiros como Valdir Azevedo, Ernesto Nazaré, Pixinguinha, Jacob de Bandolim, Villa Lobos e Noel Rosa.

- A crítica

Não foi localizada

#### 4.7.3.6 ORQUESTRA DE SENHORITAS

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Jean Anouilh*

Direção: *Helô Marques*

Elenco: *Sérgio Lelis, Fernando Nunes, Alexandre Gonzales, Marcos Imperador, Luiz Santiago, Flávio Kenna e Chico Américo*

Apresentação: *Teatro Antônio Kraide dias 23, 24 e 25 de março às 24h.*

- O texto

Grupo alegre de moças instrumentatistas é contratado para fazer um show num café-concerto. Enquanto se apresentam, elas (personagens representadas por homens) compartilham com o público suas vidas, seus problemas, sonhos, fantasias e trapalhadas. O texto é do dramaturgo francês Jean Anouilh, considerado um dos maiores autores do século XX, com textos traduzidos em 27 idiomas.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.7 CARA METADE

- Ficha técnica do espetáculo

Grupo *Caos & Acaso*

Texto: *Flávio de Souza*

Direção: *Chico Pennafiel*

Elenco: *Chico Pennafiel, Andrei Moscheto, Camila Leitorles, Ade Zanardini, Fabianna Pescara, Danielle Andrade*

Apresentação: *Teatro Novelas Curitibanas, dias 21,22 e 23 de março às 18h.*

- **O texto**

História de um casal apaixonado com uma característica inusitada: um dos personagens, o homem, possui duas personalidades tão contraditórias que necessita ser representado por dois atores. Neste texto, Flávio de Souza lança mão de um divertido labirinto narrativo para compor o painel das situações amorosas. O texto é construído numa narrativa lúdica, recheada de sutilezas e jogos de palavras, transitando entre o patético e o poético que, aos poucos, vai revelando os intrincados caminhos dos conflitos conjugais. Depois de participar com grande sucesso do último Festival de Teatro de Curitiba, com *Aquariofobia*, o grupo *Caos & Acaso* apresenta uma peça do autor de “Castelo Rá-Tim-Bum” e “Sai de Baixo”.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.7.3.8 SÓ IN CENA

- **Ficha técnica do espetáculo**

Texto: *Bianca Ramoneda*

Direção: *Eduardo Wotzik*

Elenco: *Bianca Ramoneda*

Apresentação: *Teatro da Caixa, dias 24 e 25, às 18h.*

- **O texto**

A montagem trouxe para o palco dez textos do livro *Jó*, de Bianca Ramoneda, e explorou os recursos da Fotografia, através das projeções de audiovisuais produzidas pela agência Foto In Cena. As imagens foram ampliadas em toda extensão do palco, projetadas no corpo da atriz ou como um detalhe do cenário. Essas projeções criaram novas possibilidades cênicas. O público teve a sensação de estar diante de uma tela de cinema ou assistindo um vídeo-clipe ao vivo. *Só In Cena* disparou flashes sobre a vida cotidiana nas grandes cidades. A solidão, o estresse, a busca do sucesso, o medo da morte e a inútil tentativa de aprisionar o tempo foram temas dos monólogos apresentados por Bianca.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.7.3.9 MOÇO EM ESTADO DE SÍTIO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Oduvaldo Vianna Filho*

Direção: *Eduardo Tolentino de Araújo, Brian Penido e André Garolli.*

Elenco: *André Garolli, Bruno Perillo, Cândido Lima, Einat Falbel, Inês de Carvalho, Lilian Blanc, Paulo Marcos, Rosa Grobman, Sandra Corveloni e Tony Giusti*

Apresentação: *Teatro do Colégio Bom Jesus, dia 28 às 24h e 29 às 18h.*

##### - O texto

Narra a trajetória de Lúcio, um jovem dos anos 60, idealista e inconformado, que afunda passo a passo no compromisso e na concessão. O caráter destas concessões está presente em todos os planos de ação, e afeta, em maior ou menor medida, a todas as personagens. Sua marca exterior é sempre a ambigüidade e a quebra da integridade ética, que lançam uma sombra de dúvida acerca das motivações e valores de cada um.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.10 REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Augusto Boal*

Direção: *Tuna Serzedello*

Elenco: *André Lopes, Rui Minharro, Anderson Oliveiras, Fábio Nazar, Andréa Macera, Alessandra Effori, Tiago Adorno, Paulo Duek, Mara Lima e Fernando Perón*

Apresentação: *Teatro Antônio Carlos Kraide, dias 28 e 29 às 24h.*

##### - O texto

Comédia escrita em 1960, por Augusto Boal, trata de um assunto mais do que atual: eleições. *Revolução na América do Sul* se compõe de três elementos básicos – do teatro popular de rua, da estética moderna do filme escocês “*Trainspotting – Sem Limites*” e das técnicas teatrais do autor, Augusto Boal (dramaturgo brasileiro não encenado no Brasil há vinte anos, conhecido no mundo por sua teoria do Teatro do Oprimido). No enredo, o personagem José da Silva passa fome durante toda a peça, motivo pelo qual quer fazer a revolução. José passa o tempo todo com muita comida ao seu redor, mas não tem dinheiro para consumi-la. Como escreveu Boal, a peça não pretende ser uma lição de moral, mas a *Fotografia do desastre*. Dez atores encenaram 42 personagens durante o espetáculo.

##### - A crítica



Não foi localizada.

#### 4.7.3.11 REVOLUÇÃO DOS BEATOS

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Dias Gomes*

Direção: *Paula Feitosa*

Elenco: *Aline Pereira, Edeilton Medeiros, Henrique de Moraes, Márcia Angélica, Neuza Rodrigues e Tom Pires*

Participação especial : *Vitória da Costa*, tocando acordeão

Apresentação: *Praça Santos Andrade, dias 23 às 12h e 24 às 18h.*

##### - O texto

O cenário é cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, onde fanáticos religiosos, romeiros e beatos devotos de Padre Cícero desfilam seus lamentos e cantorias em busca de milagres para suas dores. Mas o fanatismo exacerbado resulta na glorificação de um “boi milagreiro”, que começa ser adorado com um Deus, e coloca Padre Cícero em segundo plano. As bases políticas locais temem perder as rédeas do domínio político dos habitantes da cidade, até então garantidas pelo santo, manipuladas por um deputado federal. A partir daí a guerra se deflagra.

##### - A crítica

A peça foi cancelada. Não houve apresentação.

#### 4.7.3.12 O PRÍNCIPE LIVRE PÁSSARO E O REINO DOS BOTÕES

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto e direção: *Marco Aurélio A. Gonçalves*

Apresentação: *Praça Santos Andrade, dia 28 às 15h e 29 às 11h.*

##### - O texto

Treze atores contam a história de um menino que sempre viu o mundo da torre mais alta de seu reino. Tudo isso por conta da insegurança do rei, seu pai, que temendo perder tudo o que tinha, ordenou que construíssem torres ligando o céu à terra. Personagens desajustados povoam o mundo do menino, onde o real se confunde com o imaginário. O texto, em forma poética, descreve as aventuras e desventuras do menino e anti-herói, Livre Pássaro, que resolve quebrar os padrões em busca de si mesmo e do mundo que o cerca. A interatividade desta peça envolve o público a ponto de existir figurino também para a platéia.

## - Observações

A companhia mineira tem 12 peças montadas de autores que vão de Victor Hugo a Shakespeare, passando por T.S.Eliot. No repertório infantil, a Gesamtkunstwerk já montou outros nove espetáculos, além de Livrepássaro.

## - A crítica

Não foi localizada.

### 4.7.3.13 ITA – O SONADO

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto e direção: *Diógenes C. Feliciano*

Elenco: *Vicente Fantin*

Apresentação: *Teatro da Caixa, dias 26 às 18h e 27 às 18h e 24h.*

#### - O texto

Numa clínica de recuperação de doentes mentais, ITA passa por terapia junto a profissionais que o acompanham no tratamento. ITA está sob o domínio das reminiscências em que afloram todos os seus pesadelos, sonhos e vida. Revive o mundo do boxe e mostra a luta explícita de um homem contra o mundo que o quer nocautear. Para esta montagem, a direção optou por um espetáculo calcado no potencial da interpretação, eliminando ao máximo elementos de cena, excluindo cenário e valorizando a iluminação sem sofisticação.

#### - A crítica

Não foi localizada.

### 4.7.3.14 B.B. – O VIRULENTO

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto e direção: *Julmar Leardini*

Elenco: *Mauro Zanatta*

Apresentação: *Teatro Lala Schneider, dias 27, 28 e 29 às 16h.*

#### - O texto

Bertolt Brecht é considerado um dos maiores dramaturgos do século XX, responsável por profundas inovações na técnica de interpretação e na montagem do espetáculo. *B.B. – O virulento* mostra a história de um homem e sua luta contra a guerra, num tempo negro e sangrento, em que imperavam o terror, a violência, miséria e onde todas as manifestações de bondade do homem tinham de ser sufocadas por causa dos interesses dos “grandes homens do

mundo”, que conseguiram transformar o planeta, por duas vezes, num sangrento campo de batalha, vitimando milhões de pessoas. O espetáculo sofre quebras intencionais e interrupções momentâneas ( a técnica brechtiana do estranhamento) com o intuito de acordar as pessoas, pois Brecht queria espectadores despertos e alertas, que fugissem do sono provocado pelo teatro convencional. Além de Brecht, Mauro Zanatta interpreta vários personagens brechtinianos, como Galileu, Hitler, Helene Weigel e Baal.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.15 AS PRECIOSAS RIDÍCULAS

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Molière*

Direção: *Marcondes Lima*

Elenco: *Cybele Jácome, Lorge Clésio, Paulo Henrique, Marcelo Valente, Márcia Cruz e Evandro Viana*

Apresentação: *Teatro José Maria Santos, dias 23 e 24, sempre às 17h e 24h.*

- O texto

Duas primas interioranas, Magdelon e Cathos, recebem com desprezo os fidalgos que o pai de Magdelon, Gorgibus, pretendia dar-lhes como maridos. Sentindo-se humilhados pelas jovens, os pretendentes La Grange e Du Croisy, decidem se vingar colocando seus lacaios para cortejarem as donzelas. Apresentando-se como Marques de Mascarille e Visconde de Jodelet, os dois empregados encantam as moças com roupas e modos extravagantes. O jogo de aparências é um convite à festa, uma celebração alegre entre atores e público. Uma comédia inteligente que não se entrega aos encantos do riso fácil e que desmistifica a idéia de que um texto clássico é algo intocável e desinteressante.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.16 A PERSEGUIÇÃO OU O LONGO CAMINHO QUE VAI DE ZERO A N

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Timochenco Wehbi*

Direção: *João Paulo Leão*

Elenco: *João Paulo Leão e Hélio Barbosa*

Apresentação: *Teatro Lala Schneider , dias 20, 21 e 22 às 18h*

- **O texto**

O autor propõe, através de seu texto, discutir o homem, sua relação com o outro e com o mundo que o cerca. *O Longo Caminho Que Vai de Zero a N* é um espetáculo onde não há nenhuma preocupação com a forma e sim com o conteúdo.

- **Observações**

O espetáculo teve sua primeira experiência com o público no 2º Círculo de Leituras Dramáticas, no Teatro da Caixa, obtendo uma ótima oportunidade para testar o trabalho que vinha sendo desenvolvido. A receptividade do público foi excelente, estimulando toda a equipe a seguir em frente. O espetáculo teve duas indicações ao prêmio Galha Azul 1997.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.7.3.17 EU É UM OUTRO

- **Ficha técnica do espetáculo**

*Companhia Nova Dança*

Direção e coreografia: *Adriana Grechi*

Apresentação: *Teatro Antonio Carlos Kraide, dias 26 e 27, sempre às 18h.*

- **O texto**

Uma investigação poética do relacionamento a dois, onde o eu está sempre mudando de instante a instante, tomando novas e imprevisíveis formas – conteúdos. Estados de espírito, escuta, isolamento, desejo, pausa. Através da expansão temporal e espacial o cotidiano rompe seus limites, torna-se vibrante, ressonante. A Cia. Nova Dança investiga uma “Dramaturgia Física”, reunindo artistas de diversas áreas, como Artes Plásticas, Teatro e Técnica Vocal. O espetáculo é uma poética do corpo contemporâneo.

- **A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.7.3.18 CARTAS PARA NÃO MANDAR

- **Ficha técnica do espetáculo**

Texto final e direção: *Felipe Hirsch*

Espectáculo solo de : *Guilherme Weber*

Apresentação: *Teatro José Maria Santos, dias 25, 26 e 27 às 18h.*

## - O Texto

Um homem comum viaja através da história da sua própria vida, dissecando espiritualmente e apaixonadamente os segredos do coração humano. O texto, criado por Felipe Hirsch e Guilherme Weber e trabalhado a fundo ao longo de dois anos, é inspirado nas obras dos escritores da língua portuguesa Eça de Queiroz e Campos de Carvalho, além dos paranaenses Domingos Pellegrini, Dalton Trevisan e Paulo Leminski. Hirsch define a obra, extremamente intimista, como um espetáculo bergmaniano, que discorre diretamente sobre os “fotogramas” do cineasta sueco Ingmar Bergman. A peça faz parte da tentativa de se introduzir uma nova linguagem dramática no teatro, calcada no texto e que foge do meramente performático.

## - Observações

Na estréia em Florianópolis, em 1996, o grupo se apresentou para mais de mil pessoas, que lotaram o Teatro CIC, resultando em sucesso de público e crítica. A dupla Hirsch e Weber acumula mais de 30 prêmios em festivais e temporadas no sul e sudoeste do país.

## - A crítica

Não foi localizada.

### 4.7.3.19 DOIS? SOMENTE UM!

## - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *(Não foi localizado o autor)*

Direção: *Pedro Pires*

Elenco: *Michaella Góes, Jeanine Rhinow, Carla Moita, Sílvio Kavinski, Fabiano Amorim e Pedro Pires*

Apresentação: *Teatro Fernanda Montenegro, dias 21 às 24h, 22 às 18h e dia 23 às 24h.*

## - O texto

Espectáculo a partir da lenda de Tristão e Isolda, que vem cruzando os séculos e fascinando homens e mulheres pela forma com que trata o amor e a paixão brutal, que arrasta amantes a uma torrente inesgotável de emoções e atos, trazendo à tona o caráter da paixão que os aguilhoa. *Dois? Somente Um!* Faz sua estréia em Curitiba, utilizando a estética de teatro-dança para fazer um apanhado de situações paralelas aos acontecimentos da história desses dois amantes. As músicas são compostas por Grace Torres, tendo como base o acordeão, em cima da obra de Richard Wagner e de alguns compositores populares.

## - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.20 TARTUFO (OU O IMPOSTOR)

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Molière*

Tradução e direção: *José Rubens Siqueira*

Elenco: *Evandro Lammoglia, Mara Heleno, Augusto Gomes, Eugênio La Salvia, Cristina Martinez, Paula Cohen, Gero Camilo, Fabiana Guglielmetti, Marcos D'Amigo, Marcello Airoidi, Nando Bolognesi, Marat Descartes, Nana Pequini, Cláudia Missura e Dárcio de Oliveira*

Apresentação: *Teatro do Colégio Bom Jesus, dias 21 às 16h e 24h e 22 às 16h.*

##### - O texto

*Tartufo* é uma comédia, talvez a mais perfeita criada pelo gênio de Molière. Conta como um hipócrita disfarçado de devoto religioso consegue instalar o caos na vida de uma família e apossar-se de suas riquezas.

Diante da máquina perfeita de riso e reflexão criada pôr Molière é grande a tentação de fazer uma encenação clássica, "arqueológica", deixando o texto falar pôr si. Paradoxalmente, é igualmente forte a tentação de uma releitura radical, clarificando a sua atualidade, contextualizando a hipocrisia do século XVII em nossos dias.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.21 LUMEN

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Espetáculo sem texto*

Direção: *José Geraldo Filé*

Elenco: *Daniele do Rosário e José Geraldo Filé*

Produção: *Projeto de Dança B'lume*

Apresentação: *Teatro Fernanda Montenegro II, dias 25 e 26, às 24h.*

##### - O texto

É uma reflexão sobre o inconsciente que resulta, talvez paradoxalmente, em consciência. Os corpos e seus movimentos atuam no espaço refletindo imagens antes dispersas. Refletir cada olhar presente e levar cada um à sua própria reflexão. O resultado pretendido baseia-se na sinceridade e também na simplicidade. A única pretensão é a de levar à reflexão e de que o movimento não seja apenas de quem está no palco mas que interiorize-se em quem assiste. O projeto de Dança B'lume, constituído pelo ator acrobata José Geraldo Filé e pela atriz- bailarina Daniele do Rosário, faz sua estréia no Fringe.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.22 O PROCESSO

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Franz Kafka*

Direção: *Luiz Roberto Meira*

Elenco: *Marcelo Munhoz, Enbéas Lour, Tupaceretan Matheus, Ênio Carvalho, Fábio Silvestre, Marly Gott, Guta Borges e Bia Franzolin*

Apresentação: *Teatro da Universidade Católica, dia 28 e 29, às 18h.*

- O texto

Adaptação da obra de Franz Kafka, *O Processo* conta o drama psicológico e político do clássico personagem Josef K., que se vê envolvido com o desenrolar de um processo onde crime, leis, agentes de justiça e sistema judiciário se apresentam de forma surreal. Com composição musical de Chico Mello (*Woyzeck*) e cenário de Fernando Marés, o espetáculo faz parte de uma série de montagens sobre a obra de Kafka que Beto Meira organiza. Em doze apresentações de *O Processo*, que estreou no início de setembro no Guairinha, foi assistido por, pelo menos, 2 mil pessoas.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.23 CORAÇÃO DILAPIDADO

- Ficha técnica do espetáculo

Coreografia: *Ana Figueiredo*

Dançarinas: *Ana Figueiredo, Daniela Schittini e Marina Vanzolini.*

Apresentação: *Parque Barigüi dia 20, às 18h; 21 e 22 as 15h.*

- O texto

A intenção da coreógrafa Ana Figueiredo é honrar Camille Claudel, fazer com que suas esculturas criem vida. No espetáculo, uma espécie de ritual de compartilhamento da dor passional de Camille, três dançarinas tentam expressar os sentimentos da escultora, ao longo de um roteiro de textos – Thornton Wilder, Isabel Allende, Nietzsche – e 5 coreografias.

- Observações

Ana Figueiredo, que também já montou *Mitos na Dança de Isadora Duncan* (1992) e *Rodin...* (1995), e pesquisadora das esculturas de Rodin, Bordelle, Vigeland e Camille Claudel, além de dar aulas de Dança, Mito e Imagem.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.24 O FIO

- Ficha técnica do espetáculo

Texto e direção: *Fábio Silvestre*

Elenco: *Fábio Silvestre*

Produção: *Abu Teatrus*

Apresentação: *Teatro Fernanda Montenegro II, dias 28 e 29, às 24h.*

- O texto

Um dos espetáculos mais inquietantes da temporada de 1997, *O Fio* deixou nas suas duas curtas temporadas em Curitiba, e em suas premiadas apresentações em vários festivais nacionais, uma profunda impressão em todos que o assistiram. Calcado em um texto sucinto, denso e inesperado como uma bala perdida trata da história de um homem que parou para pensar. O texto inicia no momento em que o personagem vai depor num suposto tribunal em que é o réu, advogado e promotor. A platéia é a sua banca de jurados.

- A crítica

A peça causou tanto impacto em alguns espectadores, que a partir dela foram compostas com o mesmo nome uma música, uma crônica, uma escultura e uma tatuagem.

#### 4.7.3.25 UM HOMEM COMUM

- Ficha técnica do espetáculo

Texto Original: *Fernando Pessoa*

Direção: *Aury Porto e David Schumaker*

Apresentação: *Teatro José Maria Santos, dias 20 e 21, às 24 h.*

- O texto

*Um homem comum* é um trabalho sobre o processo de individualização. O personagem Homem sai de um estado de perfeita harmonia com a natureza, entra no universo da dúvida e chega ao equilíbrio quando reconhece-se e aceita-se como um ser solitário. Este enredo foi construído usando-se textos do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa. No roteiro usam-se as palavras e muitas idéias do autor, mas a intenção não é chegar às mesmas conclusões,



nem interpretar a personalidade pessoana, ou seu heterônimo Bernardo Soares. É um espetáculo de cunho autoral (roteiro de Aury Porto), embora utilizando-se, como matéria-prima, dos textos do escritor português.

**- A crítica**

Não foi encontrada.

#### 4.7.3.26 O MALFEITOR

**- Ficha técnica do espetáculo**

Texto e Direção: *Rosyane Trotta*

Elenco: *Carmen Leonora e Mário Mendes*

Apresentação: *Teatro da Caixa, dias 28 (às 18h. e 24h) e 29 às 17h.*

**- O texto**

Adaptação do conto homônimo de Anton Tchekov, autor russo do início do século passado, trata do conflito entre dois personagens que caracterizam a pluridade cultural brasileira. Um delegado, motivado por discussões acerca da ética e do comportamento social, decide ensinar à população local conceitos de cidadania. O caso de uma mulher analfabeta, que retira porcas da linha férrea, torna-se exemplar nos ensinamentos do policial. Uma pescadora, inspirada no universo de Guimarães Rosa, representa uma comunidade que vive da subsistência e se comunica através de um “dialeto – fala” peculiar, sonoridades e grunhidos que estabelecem uma comunicação emotiva com a platéia.

**- A crítica**

Não foi localizada.

#### 4.7.3.27 PAIXÃO DE CACHORRA

**- Ficha técnica do espetáculo**

*Companhia dos Lobos*

Texto: *Francisco Nieve*

Direção: *Marcos Azevedo*

Elenco: *Fabiana Guglielmetti, Virginia Jancso, Antônio Peyri*

Apresentação: *Teatro Novelas Curitiba, dias 25 e 26, às 18h. e 24h.*

**- O texto**

Sob a direção de Marcos Azevedo, a Companhia dos Lobos traz pela primeira vez ao Brasil o teatro furioso do polêmico dramaturgo espanhol Francisco Nieva. Trancada em seu quarto, a prostituta Zoé sofre uma bizarra transformação. Um longo rabo peludo nasce-lhe misteriosamente sob dores atrozes trazendo à tona desejo e repulsa. Com fantasia e humor personagens decadentes se libertam das condições morais nesse *vaudeville* contemporâneo e mordaz.

#### - A crítica

A peça, que inicialmente era vista com um certo olhar de desconfiança agradou em cheio tanto o público quanto a crítica. A idéia de colocar um rabo de silicone na atriz que interpretava a personagem Zoé parecia alertar o público sobre uma possível caricatura, porém, o resultado surpreender e *Paixão de Cachorra* agradou.

“A montagem enxuta de *Paixão de Cachorra*, segundo texto do dramaturgo espanhol Francisco Morales Nieva, torna ainda mais contundente o absurdo da situação: uma prostituta a quem nasce um rabo.[...] Fabiana Guglielmetti, no papel de Zoé, vai do desespero inicial até a alegria lasciva de quem engaja a própria anomalia física ao prazer com uma desenvoltura que só faz acentuar entre dor e prazer, entre perdição e salvação.[...] Também o cenário, representando um quarto miserável, mobiliado com uma cama e cabides com vestidos e peças íntimas, assim como o figurino, são perfeitamente adequados à situação”.

FONTE: STELLA, Dala Carlos. Os fetiches da paixão. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 mar. 1998.

### 4.7.3.28 SOLTE O BOI NA RUA

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Vidal Santos*

Direção: *Ailton Silva Carú*

Elenco: *Marcelo Jorge, Aldemar Tadeu, Cláudia Vasconcelos, Ana Paula Taques, Gerson Fragoso, Beto Collaço e Marcelo Riella*

Apresentação: *Praça Santos Andrade, dia 21 às 15h. e dia 22 às 11h.*

#### - O texto

Espectáculo composto por personagens do *Boi de Bandeira* ou *Bumba Meu Boi*, como é mais conhecido com uma proposta voltada para o popular. *Solte o Boi na Rua* usa a linguagem da literatura de cordel, um fator forte na comunicação com o público e o elemento novo num espetáculo teatral. Fruto de meses de pesquisa, o resultado estético apresenta um estilo popular, alinhavado de forma a montar uma seqüência lógica, uma verdadeira história poética, como o próprio texto pede. É uma peça de apelo didático e lúdico, que se contrapõe à cultura intelectualizada. Com o objetivo de atingir todos os públicos, *Solte o Boi na Rua* é alegre, divertido e informativo, de estrutura leve e curta duração, que divulga um dos folguedos mais tradicionais do folclore brasileiro, o *Bumba Meu Boi*.

#### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.29 PEEPE – ATRAVÉS DOS OLHOS DE UM SERIAL KILLER

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto e Direção: *Paulo Biscaia Filho*

Elenco: *Álvaro Sena, Mariana Zanette, Maria Luciana, Leandro Daniel e Daniele do Rosário*

Apresentação: *Teatro Novelas Curitiba, dias 27, 28 e 29, à meia-noite*

##### - O texto

Série aterrorizante de *sketches*, cada um com um famoso assassino serial que mostra os métodos de seus crimes hediondos. O espetáculo é uma incursão no mundo dos *serial killers*, que foram estudados a fundo pela companhia de teatro Vigor Mortis, e aborda as ambigüidades morais da sociedade e a busca destes obscuros assassinos por uma nova moral. O cenário é uma mistura de câmara de execução, sala de reconhecimento dos suspeitos e cabine de peepe show – diversão comum nos Estados Unidos, onde a pessoa entra, coloca uma moeda e assiste sozinho ao *strep-tease* ao vivo. Para garantir a qualidade dos efeitos especiais, a companhia desenvolveu técnicas próprias de maquiagem. Depois de temporada de sucesso no Guairinha, em Curitiba, no fim do ano passado, *Peepe*, dirigido pôr Paulo Biscaia Filho, volta aos palcos já com o aval do famoso diretor *Nowhere Man* e *Os Reis do lê lê lê*, Gerald Thomas, de quem Biscaia já foi assistente de direção. Em *Peepe*, Thomas faz as narrações em “off”, que foram dirigidas e gravadas por telefone.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.30 OS NÁUFRAGOS DA RUA CASTELA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto e direção: *Alexandre Brasil*

Elenco: *Adriana Floriano Frank Brabo, Livia Lisboa, Luciana Gonçalves, Márcia Mendonça, Márcio Marconatto, Marco Aurélio Campos e Mario Zanca*

Apresentação: *Teatro Lala Schneider, dias 24 às 18h e 24h e 25 às 18h.*

##### - O texto

Adaptação de *O anjo exterminador* (1962), um dos maiores filmes de Luiz Buñuel, a peça *Os naufragos da Rua Castela* homenageia o cineasta utilizando também elementos recorrentes de sua filmografia e referências a outros grandes clássicos seus como *A bela da tarde* (1966) e *O discreto charme da burguesia* (1972). O espetáculo recria no palco a

essência da obra, transformando-a em uma linguagem teatral e trazendo a ação à realidade brasileira. No processo de atualização, foi escolhido como microcosmo a elite intelectual paulista dos nossos dias, que em determinado momento da história transitou pela “oposição” e que hoje goza o poder de estar na “situação”. Todos muito ricos e bem sucedidos empresários, políticos, artistas de sucesso e críticos de arte esbanjam alta cultura em cada frase. Como no filme, a elite paulista também cairá vítima da situação real do cárcere. A apatia diante desta prisão e a claustrofobia crescente que a situação determina a levará incondicionalmente à decomposição de sua imagem e à desconstrução total de seus valores.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.31 AONDE ESTÁ VOCÊ AGORA

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Regiana Antonini*

Direção: *Rafael Ponzi*

Elenco: *Jones Torres e Marcelo Serrado*

Apresentação: *Teatro do Colégio Bom Jesus, dia 24 às 24h e dia 25 às 18h.*

- O texto

Dois amigos irmãos inseparáveis são obrigados a se afastar por sete anos, mas prometem se reencontrar mais tarde, quando estarão com 22 anos. Mas o tempo passa e os dois se modificam muito. A peça repleta de momentos engraçados, emoção e *flash-backs* de momentos em que os dois passaram juntos.

- A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.3.32 VAMPIRO E A POLAQUINHA

- Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Dalton Trevisan*

Direção: *Ademar Guerra*

Apresentação: *Mini Guaíra, dia 24 e 25, às 19h30.*

- O texto

A peça se compõe de onze contos de Dalton Trevisan, em que prostitutas, vampiros, bêbados e polaquinhas de uma velha Curitiba dão um tom universal aos personagens.

### - A crítica

Depois de uma temporada em São Paulo que lotou os teatros da metrópole e rendeu vários elogios da crítica, a peça volta a ser encenada para o público curitibano, no *Fringe 98*. Em novembro de 1996 a montagem completou cinco anos de apresentações. Neste período mais de cem mil pessoas assistiram ao espetáculo. Para a montagem apresentada no Festival de Teatro de Curitiba não foi localizada a crítica.

## 4.7.4 Os espetáculos da mostra principal

### 4.7.4.1 ARLEQUINO, SERVIDOR DE DOIS PATRÕES

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Cia. Teatro Stravaganza*

Texto: *Carlo Goldoni*

Direção: *Luiz Henrique Palese*

Elenco: *Adriane Mottola, Liane Venturella, Leticia Liesenfeld, Kike Barbosa, Evandro Soldatelli, Fernando Pecoits, Nilsson Asp, Sérgio Etchichury, Tiago Real, Luiz Henrique Palese*

Local: *Ópera de Arame, Dia 19 de março às 21h30 e 20 de março às 20h.*

#### - O texto

Espectáculo que recria a comédia clássica de Carlo Goldoni, escrita em 1745, trazendo novamente ao palco um testemunho movimentado e brilhante da *commedia dell'arte*- a famosa comédia popular italiana. Na peça, um caso de amor entre jovens casais, contrariados pelos pais e pelos acasos do destino, abre caminho para as peripécias sempre hilariantes de Arlequino, um criado trapalhão que só consegue pensar em duas coisas: comida e mulheres. Montagem das Cia Teatro Di Stravaganza, especialista em teatro cômico e formas de representação. Com 10 anos de atividades, 13 espetáculos e 63 prêmios a Companhia, obteve destaque no circuito profissional com a bem sucedida de *Decameron*, de Giovanni Boccaccio.

### - A crítica

Não foi localizada.

### 4.7.4.2 ELA

#### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Jean Genet*

Tradução: *Zé Celso Martinez Corrêa e Catherine Hirsch*

Direção: *Zé Celso Martinez Corrêa*

Direção de Arte: *Gringo Cardia*

Elenco: *Marcelo Drummond, Fransérgio Araújo Vadim Nikitin, Zé Celso Martinez Corrêa e Wolney Virgílio*

Produção: *Teatro Oficina*

Local: *Ópera de Arame, 26 de março às 21:30 e 27 de março às 20h*

#### - O texto

Um fotógrafo badalado e um Mestre-de-Cerimônias aguardam ansiosamente a chegada de Sua Santidade. Antes, porém, um cardeal, forte candidato à sucessão, atravessa essa espera e confunde o Fotógrafo, que o toma pelo Papa e se ajoelha para beijar as mãos. O Cardeal vacila, pois na verdade está dando uma escapadela para pescar. Para o Mestre-de-Cerimônias, a cena não passa de um bem sucedido ensaio para o Fotógrafo. Finalmente chega Sua Santidade, triunfante. *ELA* – esta Imagem – deflagra uma batalha com o Fotógrafo, pois exige ser autêntica, criação única, livre de todas as trucagens de representação que dela se apropriam. Qual será o resultado deste choque entre o bem aparelhado Caçador de Imagens e a imagem de Sua Santidade, maniacamente vigiada, censurada e filtrada pelo Mestre-de-Cerimônias?

#### - A crítica

Não foi localizada para o espetáculo apresentado no Festival de Curitiba, porém encontramos nove citações que se referiam ao modo performático com que o diretor-ator, José Celso Martinez Corrêa sempre fazia suas aparições.

### 4.7.4.3 TIO VÂNIA

#### - Ficha técnica do espetáculo

*Teatro Promiscuo*

Texto: *Anton Pavlovitch Tchekov*

Tradução: *Vadim Nikitin*

Direção: *Élcio Nogueira*

Elenco: *Renato Borgui, Drica Moraes, Leona Cavalli, Mariana Lima, Luciano Chirolli, Geiza Gama, Abraão Farc e Jolanda Gentileza*

Local: *SESC da Esquina, dia 28 de março às 21h30 e 29 às 20h*

#### - O texto

Como o próprio nome do grupo sugere, a proposta do Teatro Promiscuo é provocar uma “epidemia cultural” através do contágio vivo e direto que só o teatro pode proporcionar. Formado em 1993 por Renato Borgui e Élcio Nogueira, o grupo confirma sua linha ao se aproximar definitivamente da vida das pessoas nesta peça de Tchekov. Autor de peças clássicas como *A Gaivota, As três Irmãs, O Jardim das Cerejeiras*, entre outras, Tchekov via seus textos com comédias vivazes, nunca como dramas melancólicos. *Tio Vânia* prova

justamente isto. Mantendo distância do tédio e da apatia, transforma-se em puro teatro popular ao retratar a vida comum das pessoas comuns.

#### - A crítica

A crítica localizada refere – e à montagem que estreou no *TBC*<sup>65</sup>, menos de um mês depois de ter sido apresentada como estréia nacional no Festival de Teatro de Curitiba. Trazemos a citação com a finalidade de clarear o que foi a experiência da primeira, entre as sete montagens do mesmo diretor, que aconteceram durante o ano de 1998 no Brasil.

“Pela reação da platéia parece estar se comprovando a aposta da companhia na empatia da dramaturgia russa do século passado com o público teatral contemporâneo. [...] Aplaudida pelo público do festival, a montagem chamou atenção pela qualidade dos atores e atrizes envolvidos”.

FONTE: NÉSPOLI, Beth. Tio Vânia conquista o público no TBC. *Jornal do Estado*, Curitiba, 18 abr. 1998.

#### 4.7.4.4 URFAUST

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Goethe*

Adaptação de texto: *Ivan Cabral*

Direção: *Rodolfo Garcia Vázquez*

Elenco: *Grupo Os Satyros*

Local: *Guairinha, 27 de março às 21:30h e 28 de março às 20h*

##### - O texto

Baseada na primeira parte do texto escrito por Goethe, a montagem de *Urfaust* pelo grupo Os Satyros ressuscita de forma experimental um dos mais fecundos personagens da literatura universal. Na peça, Mefistófeles acusa Deus de, ao ter concedido ao homem uma idéia da luz celestial – a Razão – fez do homem um escravo do desejo de superação e o invalidou para o Bem. Para negar esta afirmação, Deus dá como exemplo Fausto. O Diabo nega, porém, que este servo seja diferente dos demais e pede para testá-lo, assim como Jesus fora testado no deserto. Deus concorda com o desafio pois, afinal, por mais largo que seja o caminho do erro, o homem acaba sempre voltando à luz.

##### - A crítica

Não foi localizada.

#### 4.7.4.5 SOB O SOL EM MEU LEITO APÓS A ÁGUA

##### - Ficha técnica do espetáculo

<sup>65</sup> Teatro Brasileiro de Comédias.

Texto: *Paulo de Moraes e Mauricio Arruda Mendonça*

Direção: *Paulo de Moraes*

Elenco: *Patrícia Selonk, Narlo Rodrigues, Simone Mazzer, Simone Viana, Simone Andrade e Ricardo Grings*

Produção: *Armazém Companhia de Teatro*

Local: *Teatro da Reitoria, 27 de março às 21h30 e 28 de março às 20h*

### **O texto**

Jogo e trapaça, nascimento e morte, amor e ódio, potências masculinas e femininas. Ao abordar tais temas místicos, inspirada no épico indiano *Mahabharata* e em narrativas populares brasileiras, esta montagem do Grupo Armazém Companhia de Teatro focaliza essencialmente conflitos entre os irmão Jam e Theo. Enquanto Jam passa por cima de tudo, movido pôr uma determinação irracional, Theo oscila entre ação e a não ação, entre desejo e contemplação. Do constante choque entre suas diferenças, inicia-se uma disputa familiar com profundas implicações éticas.

#### **- A crítica**

Não foi localizada.

### **4.7.4.6 PPP@WLLMSHKSPR.BR**

#### **- Ficha técnica do espetáculo**

Texto: *Jess Borgerson, Adam Long e Daniel Singer*

Tradução: *Bárbara Heliadora*

Direção: *Emílio de Biasi*

Elenco: *Alexandre Roit, Hugo Possolo, Raul Barreto*

Local: *Teatro Fernanda Montenegro, 21 de março às 21h30 e 22 de março às 20h*

#### **- O texto**

Há mais de seis anos o circo e o teatro de rua são uma constante no trabalho de Parlapatões. Seus primeiros espetáculos, *Bem de baixo do seu nariz* e *Nada de novo*, tornaram-se sucesso de público, fazendo parte do repertório até hoje. Em 1997 realizaram o evento *Vamos comer o Piolim*, com a apresentação de espetáculos do Grupo junto a debates, workshops e exposição fotográfica. A companhia foi indicada ao prêmio Mambembe, por suas atividades e o evento ao prêmio Shell, na categoria especial. Produzido a partir do texto de *The Reduced Shakespeare Company*, de New York, o espetáculo conta a obra completa de Shakespeare, sendo espetáculo curto hilariante e único.

#### **- A crítica**

Tida inicialmente como um desafio quase que impossível de ser cumprido com competência artística, a montagem não desapontou o espectador. Condensar 36 textos de um dramaturgo e apresentá-los de forma pelo menos didática era uma tarefa para a qual nem a



imprensa, tampouco o público, arriscava expectativas. O resultado final foi um espetáculo bastante cômico e digestivo para todos. Público e crítica receberam bem a encenação e o trabalho da companhia.

“Além de atores, Alexandre Roit, Hugo Possolo e Raul Bareto, da companhia Parlapatões, Patifes e Paspalhões são atletas velocistas. Os três executaram a façanha de apresentar 36 peças de Willian Shakespeare e mais um texto apócrifo em menos de duas horas, em que conquistam totalmente a cumplicidade do público. Só um problema. Não houve tempo para respirar entre cada gargalhada’.

FONTE: MARTINS, Alessandro. *PPP@... não deixou tempo para respirar. Jornal do Estado, Curitiba, 24 mar. 1998.*

#### 4.7.4.7 DIVINAS PALAVRAS

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Ramón Del Valle – Inclán*

Tradução: *Carlos Roberto Franke*

Direção e adaptação: *Nehle Frank*

Elenco: *Ana Paula Bouzas, Andréa Elia, Caco Monteiro, Caica Alves, Cibele de Sá, Elydia Freire, Evelyn Buchegger, Fábio Vidal, Katia Leal, Rino de Carvalho Inácio*

Produção: *Da Rin Produções*

Local: *Barracão, 22 de março às 21h30 e 23 de março às 20h*

##### - O texto

O teatro poético do Modernismo, com sua essência lírica, riqueza lingüística, beleza da palavra, sonoridade e poder expressivo contrasta com o “esperpêntico” desta obra. O poético torna-se áspero, o lírico macabro e repulsivo, o cômico trágico, o pitoresco grotesco, os tipos distorcidos. A narrativa fica cada vez mais densa ao se aproximar dos abismos da alma humana, crua no vocabulário, bárbara nas ações, dramática nas soluções cênicas, cheias de dissonâncias. Obra de essência supra-realista, a ponto de converter o teatro em espelho e demonstração do mundo em todas as suas facetas, visíveis e ocultas.

##### - A crítica

Talvez pelos aspectos despreziosos que envolveram as expectativas da crítica e do público, este espetáculo causou uma das maiores surpresas no VII Festival de Teatro de Curitiba. Ao final do espetáculo podia – se ouvir os comentários unânimes consagrando o trabalho e principalmente a diretora. A encenação, tida por todos como algo profundamente espetacular, caiu no gosto do grande público. Os aspectos inusitados, criados pela diretora, levaram o espectador à muitas reflexões . O trabalho foi ovacionado .

“E o teatro, enfim, provoca um profundo e terrível contato com o homem. E tão profundamente chega que propicia o nojo e arranca o vômito da mais secreta entranha. Que pusilânime, só e degredado o homem. E depois de causar tal sensação faz a gente sentar – se à beira de nossa mísera condição com nossos engenhosos sistemas de elaboração da vida”.

FONTE: GEHLEN, Joel. O nordeste é aqui. *A notícia, Joinville, 25 mar. 1998.*

“Não tem meio termo. Ou o espetáculo seria muito bom ou muito chato. O resultado, para a felicidade do público, foi maravilhoso. O que a platéia viu no Barracão foi teatro, com “T” maiúsculo”.

FONTE: CAMARGO, Fabiano. Diretora alemã acerta em cheio na montagem baiana da peça *Divinas Palavras*. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 mar. 1998.

#### 4.7.4.8 CALIBAN

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Marcos Azevedo*

Direção: *Eduardo Bonito*

Elenco: *Marcos Azevedo*

Produção: *Susan Betts*

Local: *Teatro Paiol*, 28 de março às 21h30 e 29 de março às 20h

##### - O texto

Combinando Sheakespeare, trechos jornalísticos contemporâneos e textos originais, o ator brasileiro Marcos Azevedo e o diretor Eduardo Bonito exploram os efeitos da chegada dos seus ancestrais europeus no homem do novo mundo. A platéia é testemunha do processo de aculturação e dominação – base do conflito entre o monstro Caliban e o impiedoso Próspero. Caliban é um ser selvagem e primitivo, único habitante de uma ilha à qual Próspero, um nobre chefe de estado expulso de seu país, chega após um naufrágio. A dimensão do personagem Caliban é recontextualizada através de variações de corpo e voz do ator. Assim, o espetáculo se torna uma divertida criação de situações que não constam de Sheakespeare, mas que se valem de falas do poeta, cuidadosamente pinçadas e repensadas.

##### - A crítica

A peça estreou em 1997 no Festival de Edimburgo. Lá, fora bem recebida pela crítica. No Brasil, a peça chegou através do Festival de Teatro de Curitiba. Marcos Azevedo, o único ator e também autor da peça, fez uma colagem baseada em *A tempestade*, de Shakespeare, extratos jornalísticos e criações próprias. A ocorrências localizadas falam da expectativa em receber o espetáculo no Brasil e principalmente do trabalho de corpo usado na composição de *Caliban*. Não localizamos críticas para o espetáculo apresentado no Festival de Curitiba.

#### 4.7.4.9 ORGULHO

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Circo Mínimo*

Texto: *Rodrigo Matheus*

Direção: *Carla Candiotto*

Elenco: *Rodrigo Matheus*

Local: *Teatro Paiol, 20 de março às 21h30 e 21 de março às 20h*

- O texto

A distância entre o circo e o teatro foi utilizada para estabelecer os personagens desta peça: O Trapezista, dono de um ego exacerbado que só permite a revelação do homem através de suas imperfeições; O Herói Moderno *Batman*, que vive o conflito entre a luta por justiça a qualquer preço e sua fraqueza, entre a “imortalidade” do herói e a “mortalidade” humana; e o homem comum, que vive o conflito entre sua mediocridade e a própria morte, da qual escapa apenas por ser orgulhoso. Uma peça em que o circo serve como forma e conteúdo, os personagens são unidos por seus egos ou por seus orgulhos, metaforizando o próprio desejo humano de se aproximar de Deus, e ser maior que Ele.

- A crítica

Devido o sucesso alcançado nas edições anteriores do festival, o ator Rodrigo Matheus era esperado com muita expectativa. Com outros trabalhos já consagrados, Matheus tinha como desafio, manter o nível de aprovação já conquistado nas outras edições, principalmente quando apresentou *Prometeu*. E mais uma vez o espetáculo agradou o público. Com uma mistura bastante equilibrada das mais diversas formas de linguagem, o espetáculo prendeu a atenção do público e da crítica. O público, em sua maioria jovem, recebeu o espetáculo com aplausos entusiasmados.

“No Teatro Paiol, antigo depósito de pólvora, o ator Rodrigo Matheus tirou o fôlego da platéia que lotou o pequeno auditório em forma de semi-arena. (...) A reação do público curitibano ao espetáculo *Orgulho*, um dos 22 da mostra oficial do VII Festival de Teatro de Curitiba mostrou que este monólogo interpretado por Rodrigo Matheus tem potencial para atrair a rapaziada ao teatro, qualidade nada desprezível nesses tempos em que o público jovem anda meio arredio”.

FONTE: NESPOLI, Beth. *Orgulho* faz malabarismo com emoções. *O Estado de São Paulo*, 16, abr. 1998.

#### 4.7.4.10 SANTA JOANA DOS MATADOUROS

- Ficha técnica do espetáculo

*Companhia do Latão*

Texto: *Bertolt Brechet*

Direção: *Sérgio de Carvalho e Márcio Marciano*

Teatro Fernanda Montenegro: *27 de março às 21h30 e 28 de março às 20h*

- O texto

Paródia de alguns clássicos da literatura alemã, a peça mostra em linguagem poética e tom elevado, industriais de Chicago em época de crise, em meio a todas as especulações na Bolsa de Valores e os conflitos de classe.

#### - A crítica

A montagem é bem recebida pela crítica, porém o que chamou muito a atenção de todos foi o trabalho do ator Gustavo Bayer. Tido como o elemento responsável pelo sucesso do espetáculo, Bayer demonstrou perfeita composição e distanciamento da personagem.

“Gustavo Bayer, o Bocarra de *Santa Joana dos Matadouros*, na meticulosa montagem de Sérgio de Carvalho e Marcio Mariano, não é um ator talentoso só porque trabalha bem com o distanciamento. [...] Com uma voz retumbante, que vai e volta na sala, e um estranhíssimo ‘desequilíbrio’ na postura, deixando uma impressão de estar sempre com o corpo à deriva, ele é uma figura de que não se desprega os olhos em cena”.

FONTE: SÁ, Nelson. Gustavo Bayer domina a cena em *Santa Joana dos Matadouros*. *A Folha de São Paulo*, 29 mar. 1998.

#### 4.7.4.11 AUTO DA COMPADECIDA

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Fodidos e Privilegiados*

Texto: Ariano Suassuna

Direção: Antonio Abujamra

Local: Guairão, 28 de março às 21h30 e 29 de março às 20h

##### - O texto

Comédia musical ambientada no sertão nordestino, onde o esperto João Grilo se diverte pregando peças em todo mundo e entre uma confusão e outra, sobra espaço até para uma câmera de cinema e duas equipes de televisão.

#### - A crítica

Ao que tudo indica, este foi um dos poucos espetáculos divertidos da sétima edição do Festival de Curitiba. Com uma forma de linguagem bastante acessível, o público pôde apreciar mais uma obra de Ariano Suassuna. A participação da atriz paranaense Guta Stresser na montagem também foi motivo da ida do público ao espetáculo. Guta representou a primeira Polaquinha, da peça, *O Vampiro e a Polaquinha*, de Dalton Trevisan.

“Divertida, essa é a primeira impressão que se tem da montagem do *Auto da Compadecida*, dirigida por Antônio Abujamra. Nenhuma peça montada o 7º Festival de Teatro de Curitiba ofereceu ao público um humor tão próximo da ingenuidade, tão espontâneo, tão brasileiro”.

STELLA, Dala Carlos. Visceral anárquico. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 31 abr. 1998.

#### 4.7.4.12 A DESOBEDIÊNCIA CIVIL

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: Henry Thoreau e Denise Stoklos

Concepção geral: *Denise Stoklos*

Direção: *Denise Stoklos*

Elenco: *Denise Stoklos*

Produção: *Denise Stoklos, Produções artísticas Ltda*

Local: *Guairão, 25 de março às 21h30 e 26 de março às 20h.*

#### - O texto

Denise Stoklos é atriz, autora e diretora de teatro brasileiro que apresentou seu trabalho internacionalmente. Seguindo uma linha de trabalho que privilegia a combinação de um teatro corporal e verbal voltado a reflexões humanistas, seu Teatro Essencial já foi estudado em diversas teses de mestrado por universidades brasileiras e americanas. Em *A Desobediência Civil*, espetáculo solo que estreou mundialmente em outubro de 1997, a performance de Stoklos descreve os derradeiros minutos deste século, quando as idéias de Henry Thoreau, escritor e filósofo revolucionário americano inspirado em Ghandi e Luther King, se tornam o último discurso do milênio.

#### - A crítica

O espetáculo não agradou à crítica especializada. O público, talvez pelo fato de Denise Stoklos ser paranaense, aplaudiu muito o espetáculo, porém a crítica foi praticamente unânime em afirmar que o espetáculo é fraudulento. A mistura de elementos e linguagens diversas, uma marca de Denise Stoklos, parece ter engessado este espetáculo baseado na obra de escritor-filósofo Henry Thoreau. Se nos anos anteriores Stoklos apresentou espetáculos que, apesar da linguagem bastante depurada, agradaram tanto o público como a crítica, neste ano, sua montagem não é digerida pelos especialistas.

“Denise Stoklos é do Paraná. E por essa paixão tonta e homicida que alimenta os estádios de futebol, a estréia do seu *Desobediência civil* foi freneticamente aplaudida na estréia de quarta – feira. É um show de estética, conduzido por uma artista excepcionalmente potente. Seu espetáculo porém, é fraudulento. Uma tapeação torpe que só o Procon pode dar cabo”.

FONTE: ANUNCIAÇÃO, Miguel. O “torpedo” Denise Stoklos promete, mas não cumpre. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 27 mar. 1998.

“Quando Denise Stoklos entrou no palco do Guairão, vestida de fraque e cartola, com o nariz pontiagudo, o público pensou que viria uma piada com o Pingüim do Batman. Infelizmente era sério. E na primeira parte de *Desobediência civil* tudo vai dando errado; a iluminação escurece o seu rosto e aclara o fundo, quando ela vai para o fundo a sua cara fica vermelha como um tomate. Depois a coisa melhora, a luz acaba funcionando – o efeito da chuva luminosa é ótimo - , as tevês cenários se integram ao espetáculo. [...] Ao terminar *Desobediência civil*, a impressão é a de que se viu o primeiro ensaio de uma peça errada no lugar errado, onde a voz da atriz não chegava ao meio da platéia”.

FONTE: XAVIER, Valêncio. Era a sério. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 mar. 1998.

#### 4.7.4.13 IVANOV

##### - Ficha técnica do espetáculo

*Grupo Tapa*

Texto: *Anton Tchekov*

Tradução: *Eduardo Tolentino de Araújo e Denise Weinberg*

Direção: *Eduardo Tolentino de Araújo*

Elenco: *André Garolli, Brian Penido, Bruno Perillo, Cândido Lima, Chico Martins, Clara Carvalho, Cristina Cascioli, Denise Weinberg, Elizabeth Gasper, Genésio de Barros, Ines de Carvalho, Milton Andrade, Paulo Marcos, Riba Carlovich, Sandra Corveloni, Sônia Oiticica, Tony Giusti, Zé Carlos Machado*

Local: *Guairinha, 24 de março às 21h30 e 25 de março às 20h.*

#### - O texto

Há mais de duas décadas que o Grupo Tapa não pára de se movimentar. Enquanto apresenta seus espetáculos em repertórios, prepara outro arquitetando para dar continuidade ao seu perfil artístico e para representar alguma coisa que seja, no movimento uma questão essencial na vida do País. *Ivanov*, de Tchekov é uma peça que se debruça sobre a incapacidade de amar e agir de um grupo social vivendo na ante-véspera de uma transformação histórica. Dentre os textos de Tchekov, este é o menos sinuoso, o mais claro e, pôr esta razão, o mais atraente para um público ainda não familiarizado com a obra chekoviana. *Ivanov* é para o TAPA a celebração de um movimento interno da arte, que, à sua maneira, se opõe ao marasmo e ao desânimo.

#### - A crítica

O grupo Tapa já passou várias vezes pelo Festival de Teatro de Curitiba. Na maioria delas os espetáculos apresentados receberam avaliações positivas, porém dessa vez, a montagem apresentada agradou unanimemente. Houve até quem gostasse, porém, a crítica e grande parte o público, não aprovaram a encenação. Comentou – se o excesso de zelo, assepsia exagerada do espetáculo. A preocupação excessiva com alguns detalhes do texto deixaram as cenas sem a alma do texto.

“*Ivanov* confirma o empenho do grupo Tapa em trabalhar a cena como uma forma de investigação de universos dramáticos, mas se mantém numa convenção que oferece pouco risco. Há sempre uma busca do bom acabamento, mas sacrifica – se a alma do espetáculo. No caso de *Ivanov*, esse sacrifício é definitivo para transformar o espetáculo numa tradução fria e convencional do texto de Tchecov”.

FONTE: LUIZ, Macksen. Fria tradução de Tchecov. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1998.

#### 4.7.4.14 OSCAR WILDE

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Elias Andreato*

Direção: *Vivien Buckup*

Elenco: *Elias Andreato*

Produção: *Elias Andreato*

Local: *Teatro Paiol, 25 de março às 21h30 e 26 de março às 20h*

### - O texto

Os momentos mais dramáticos da vida de Oscar Wilde são contados neste espetáculo idealizado e representado por Elias Andreato, com direção de Vivien Buckup. Encarcerado por dois anos, sem direito a contato com os livros ou material para escrever e privado da companhia de seus amigos e filhos, Oscar Wilde escreveu três petições para a redução de sua pena, mas nunca obteve resposta. Já perto de alcançar a liberdade ganhou o direito de receber uma folha de papel de cada vez. Sempre que uma folha ficava cheia, era removida e substituída por outra. Foi nelas que escreveu a longa carta a Alfred Douglas, hoje conhecida como *De profundis*, a última obra em prosa que produziu.

### - A crítica

Com temática que já se tornou presença obrigatória no Festival de Teatro de Curitiba, Elias Andreato prometeu impressionar o público que comparecesse no Teatro Paiol, porém na realidade a aceitação do espetáculo não aconteceu. O público compareceu em massa e aplaudiu o espetáculo, mas questionou o excesso de choro do ator em cena e também a falta de elementos inovadores ou com maior profundidade dramática. O trabalho de Elias Andreato pecou pela falta de emoção desencadeada verdadeiramente a partir das palavras de Wilde.

“O monólogo *Oscar Wilde*, interpretado por Elias Andreato, lotou o Teatro Paiol. O texto compila alguns dos melhores aforismos do autor irlandês, especialmente os que dirige contra o senso ordinário das coisas.[...] Mesmo com todas essas qualidades a montagem não surpreendeu. Apesar de Elias Andreato ter dito neste jornal que ‘a emoção é o essencial’ e que por isso sempre interpretado forma intensa, foi exatamente esta emoção que não passou para o espectador. Para uma interpretação que pretende comover, a ausência de empatia entre o público e a personagem é fatal”.

FONTE: STELLA, Dalla Carlos. Um Oscar Wide muito choroso. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 mar. 1998.

#### 4.7.4.15 DIÁRIO DE UM LOUCO

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Nicolai Gógol*

Tradução: *Luis de Lima*

Dramaturgia: *Roberto de Cleto*

Direção: *Marcos Alvisi*

Elenco: *Diogo Villela*

Produção: *Diogo's Empreendimentos Artísticos Ltda*

Local: *Teatro Fernanda Montenegro, 24 de março às 21h30 e 25 de março às 20h*

##### - O texto

Axenry é o solitário protagonista desta peça de Gógol. Interpretado à altura por Diogo Villela, tem a consciência de sua insignificância e repulsa física que inspira à inalcançável

mulher amada. Sua tarefa na repartição consiste em manter sempre bem afinada as penas com que o chefe escreve. De volta ao quarto miserável em que apenas uma caderneta de anotações lhe faz companhia, acaba por imaginar-se rei da Espanha mas nem a loucura o torna respeitável; uma turba de conspiradores o aprisiona para lhe infligir as mais humilhantes torturas. Assim como o autor da história, Axenry passa pelo lento processo de ruptura com a realidade, que acaba desembocando na esquizofrenia.

#### - A crítica

A presença do ator Diogo Vilela foi o primeiro motivo para levar o público ao Teatro Fernanda Montenegro. Com sala absolutamente lotada e ingressos esgotados pouco tempo depois de terem sido colocados à venda, o ator entra em cena e impressiona o platéia. O espetáculo é recebido com aprovação total do público e com poucas ressalvas da crítica. Muitos jornalistas especializados dão ao espetáculo o título de *destaque* do VII Festival de Teatro de Curitiba.

“Desde o momento em que entra em cena, antes mesmo de dizer qualquer palavra, Diogo Vilela domina a platéia, como o estranho, o grotesco, o pobre Poprichtchine. Seus olhos exageradamente abertos, sobretudo seu silêncio inicial, recurso usado com precisão de relógio suíço para marcar o ritmo do espetáculo, são indícios da perturbação mental do pequeno funcionário público”.

FONTE: STELLA, Dala Carlos. A sombra da demência. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 mar. 1998.

“Um bom espetáculo que começa a envolver e depois cai na monotonia, para no final resgatar-se na ótima interpretação de Diogo Vilela. *Diário de um Louco* consegue fazer rir e refletir sobre a condição da loucura”.

FONTE: LÔBO, Clodoaldo. A crueza da loucura. *A Tarde*, Salvador, 27 mar. 1998.

#### 4.7.4.16 ÉONOÉ

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *José Rubens Siqueira*

Direção: *Francisco Medeiros*

Elenco: *Beto Andretta, Caio Stolai, Domingos Montagner, Carla Candiotto*

Produção: *Pia Fraus Teatro*

Boca Maldita: *21 de março às 21h30 e 22 de março às 20h*

##### - O texto

Tendo em seu currículo o prêmio de melhor espetáculo estrangeiro, recém conquistado em Edimburgo com a peça *Flor da Obsessão*, Pia Fraus parte agora de um mito cosmogônico, passando pelos interiores da Arca de Noé e discutindo a situação do homem contemporâneo, sua ética, suas relações. Valendo-se de elementos primordiais – água, terra, madeira e fogo -, o grupo traz para Curitiba a continuidade da sua pesquisa teatral, em que há a fusão de linguagens como teatro físico, animação de objetos, dança e trapézios.

##### - A crítica



Foi um exemplo atípico como espetáculo de rua. Seu caráter por vezes dramático, por vezes irônico não era comum no Festival de Teatro de Curitiba, para um espetáculo a céu aberto. As apresentações na Boca Maldita e na Praça Rui Barbosa, esta última debaixo de uma lona de circo, mostraram que a companhia possuía uma grande familiaridade com o espaço e com o trabalho que se propuseram realizar.

“Em todas as edições do Festival de Teatro de Curitiba o teatro de rua é mais que necessário – é essencial.[...] Interessante é que neste espetáculo o riso não é o principal, como se convencionou imaginar. A rua não é somente riso.[...] A poesia ganha espaço com fusão de linguagens utilizando – se o teatro de atores, de bonecos, dança e trapézios”.

FONTE: LEITE, Zeca Corrêa. Grupo Pia Fraus transforma a rua num grande palco. *Folha de Londrina*, 21 mar. 1998.

#### 4.7.4.17 MALÍGNO BAAL, O ASSOCIAL

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Espectáculo a partir dos fragmentos B6.1 a B6.27, de Bertolt Brecht*

Tradução: *Ingrid Koudela*

Concepção e encenação: *Márcio Aurélio*

Elenco: *Débora Duboc, Eucir de Souza, Marcelo Andrade, Marcelo Lazzaratto, Newton Moreno, Paulo Marcello, Pepita Prata*

Produção: *Razões Inversas Marketing Cultural*

Local: *Teatro da Reitoria, 25 de março às 21h30 e 26 de março às 20h.*

##### - O texto

O ponto de partida para o espetáculo *Baal* é a manipulação dos diferentes fragmentos de Brecht que, tratado cenicamente, seja por sobreposição, justaposição ou simples narrativa linear, buscará a apresentação das idéias do autor sobre a diferença entre associabilidade e não – sociabilidade. O espaço cênico, uma faixa de segurança de trânsito, é ao mesmo tempo território seguro para a livre movimentação dentro dos espaços urbanos como também espaço do controle e vigilância superiores. De cada lado da “rua” temos o público em arquibancadas formando uma passarela, em que os diferentes elementos são apresentados como cortejo alegórico de urbanidades contraditórias.

##### - A crítica

Esta é a primeira montagem do texto no Brasil. Por esta razão o público parece ter ficado um tanto desorientado. Com nuances bastante contraditórias, as cenas eram realizadas de uma forma a que o público curitibano não estava acostumado. Somando isto ao fato do texto ser totalmente desconhecido do grande público, o resultado não poderia ser outro: o espetáculo não foi acatado. O público, e ao que parece também a crítica, ficaram com a montagem atravessada na garganta.

“O público fica no palco . os atores , do grupo Razões Inversas, surgem em meio a uma faixa de pedestres, em uma larga avenida. Mas, aqui, os atropelamentos também são frequentes”.

FONTE: *Jornal do Brasil*. A lupa de Brecht sobre a sociedade. Rio de Janeiro, 26 mar. 1998.

#### 4.7.4. 18 NEEDLESS AND OPIUM

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Robert Lepage*

Direção: *Robert Lepage*

Elenco: *Nestor Saied*

Produção: *Meno Plukker*

Local: *Guairinha, 20 de março às 21h30 e 21 de março às 20h.*

##### - O texto

*Needless and Opium* é uma série de vinhetas que cria uma elegia ao amor perdido e uma exploração hipnótica do processo criativo, apresentado através da vida do poeta/cineasta Jean Cocteau e do músico Miles Davis. Concebido, projetado e originalmente representado por Robert Lepage, um dos diretores de teatro mais criativos e solicitados do mundo *Needless and Opium* é um notável exemplo de inovações técnicas e artísticas, como a inclusão de um caleidoscópio multimídia de música, jogo de sombras, cor, ilusão e até a projeção de imagens e textos sobre uma tela de lycra. Encenado em Curitiba pelo ator italiano Nestor Saied, *Needless and Opium* ( que recebeu a tradução de *Agulhas e ópio*) é considerada uma obra prima do teatro mundial.

##### - A crítica

Com duas apresentações extras este espetáculo foi uma unanimidade. Ovacionado pelo público e principalmente pela crítica especializada, a montagem foi irretocável. Os efeitos tecnológicos usados pelo diretor causaram grande encantamento na platéia. As várias linguagens de que o espetáculo faz uso também contribuíram para sua aceitação total. Vários veículos elegeram *Agulhas e ópio* como a melhor peça de teatro apresentada na sétima edição do Festival de Teatro de Curitiba.

“O que tirou o fôlego da platéia foi (sic) justamente os recursos utilizados para fazer o único ator, Nestor Saied, viajar no tempo entre os anos de 1949 e 1989 e, literalmente , voar entre Paris e Nova Iorque, tendo o firmamento por testemunha. (...) Apesar da quantidade de recursos utilizados, o resultado é enxuto e limpo”.

FONTE: GEHLEN, Joel. *Agulhas e Ópio* monta um circo de linguagens. *A notícia*, Joinville, 24 mar. 1998.

“Nem toda unanimidade é burra, como queria Nelson Rodrigues, autor totalmente ausente na sétima edição do Festival de Teatro de Curitiba. A exceção pôde ser comprovada com *Needles*

*and Opium*, um espetáculo insuperável. O mais aplaudido, o mais elogiado e desde já consagrado como o marco do festival, já sendo um marco do teatro mundial”.

FONTE: LOPES, Adélia Maria. Festival de entusiasmo e surpresa. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 24 mar. 1998.

#### 4.7.4.19 DAMA DA NOITE

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Caio Fernando Abreu*

Direção: *Gilberto Gawronski e Hélio Dias*

Elenco: *Gilberto Gawronski*

Produção: *Art in Obra – Bruno Pereira*

Local: *Teatro Paiol, 23 de março às 21h30 e 24 de março às 20h.*

##### - O texto

Existe melhor maneira de se procurar o príncipe encantado que freqüentando mesas de bar, com a ajuda da noite e de muito álcool? Um dos temas preferidos do escritor Caio Fernando Abreu – a solidão, como enfrentá-la e a necessidade dela – está nesse monólogo interpretado por Gilberto Gawronski, já apresentado no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Londres, e em Sanary – sur – Mer, na França.

##### - A crítica

Admirado por não ter caído no clichê, este espetáculo conseguiu fugir da caricatura e produzir uma encenação exigente em público. Talvez este aspecto esclareça o fato de a crítica especializada ter aprovado totalmente o espetáculo, embora o grande público não tivesse tido a mesma impressão. Formada basicamente por adolescentes, a platéia riu e se divertiu, embora tenha passado ileso pela proposta do espetáculo atingir profundamente a emoção e o pensamento do espectador.

“Três personagens da solidão: um filósofo revolucionário, um louco e uma transformista. (...) Estes espetáculos que estão sendo apresentados no Festival de Teatro de Curitiba têm em comum estarem sós no palco e exercerem o ofício de enfiar um bisturi na barriga do público para tirar de suas entranhas um diálogo visceral e dolorido, embora ele reaja rindo apenas, o que é de uma gravidade trágica”.

FONTE: GOHLEN, Joel. Trilogia da solidão para pensar na relva. *A Notícia*, Joinville, 28 mar. 1998.

#### 4.7.4.20 DECADÊNCIA

##### - Ficha técnica do espetáculo

Texto: *Steven Berkoff*

Direção: *Antônio Abujamra*

Elenco: *Christiana Guinle, Guilherme Leme*

Produção: *Norma Thiré*

Local: *Teatro da Reitoria, 22 de março às 21h30 e 23 de março às 20h.*

#### - O texto

Um casal aristocrático vive uma vida repleta de frivolidades, acontecimentos e surpresas. Divide seu tempo entre confidências, confissões, a volta ao passado e os divertimentos próprios desta classe: restaurantes, luxo, festas, vícios, caça, etc. Esses dois personagens se convertem no casal rival, alimentado pela alta sexualidade e pela incessante busca do ato amoroso. Porém, além de toda a compulsão erótica, o casal carrega consigo a frustração, o ressentimento e o desejo de vingança. Desejo que segue por toda a história com uma dimensão política explicitamente clara para a Inglaterra de hoje. E para o mundo.

#### - A crítica

O espetáculo foi cancelado por problemas com direitos autorais.

### 4.7.5 Eventos paralelos

Além do inédito *Fringe*, o VII festival de Teatro de Curitiba trouxe, como em todas as edições anteriores, uma série de eventos ligados ao festival. Mesmo com a criação da mostra de teatro paralela, o Festival continuou apresentando espetáculos associados.

#### 4.7.5.1 Depoimentos

A série *Depoimentos* trouxe nomes significativos do teatro brasileiro para falar sobre o ofício da arte dramática. Tônia Carreiro, Ary Fontoura, Aracy Balabanian, Beatriz Segal, Paulo Betti, Renato Borghi, José Celso Martinez Corrêa e Sábato Magaldi falaram sobre o Teatro no Brasil. Os depoimentos aconteceram no Teatro Londrina entre os dias 23 e 29 de março, sempre às 15h.

#### 4.7.5.2 Oficinas

As oficinas que o VII Festival trouxe foram: *Oficina de comédia II – a missão*, ministrada por Cristina Mutarelli e *Companhia de Dança*, ministrada por Chamecki e Lerner Companhia de Danças. A primeira aconteceu no Teatro Londrina entre os dias 20 e 22 de março, e a segunda aconteceu na sala de ensaios do Teatro Guaíra, entre os dias 23 e 27 do mesmo mês.

#### 4.7.5.3 Espetáculos

Duas peças foram apresentadas como programação associada: *Arte Oculta*, com direção de Elias Andreato e no elenco Cristina Mutarelli, e *Areia e Mar*, com Andréa Jabor. Ambas foram apresentadas no Teatro Londrina sempre às 18h. A primeira nos dias 26 e 27 e a segunda nos dias 23 e 25 de março. Não foi possível afirmar com segurança a autoria do texto *Areia e Mar*.

Foi localizado também o espetáculo *Um homem é um Homem*, do dramaturgo Bertolt Brecht, porém a peça só aparece na grade geral dos espetáculos da mostra oficial. Não há nenhuma informação quanto aos atores e demais profissionais que fizeram parte da

apresentação. A peça aparece também com o nome *O Homem é o Homem*. Uma das críticas localizadas fala exatamente do fato de a montagem não ter apresentado um programa para o espetáculo. Ninguém pode sequer saber os nomes das personagens, diz o crítico. Fracassamos na tentativa de localizar todas essas informações acima<sup>66</sup>.

#### 4.7.5.4 Leitura

Um texto de Plínio Marcos<sup>67</sup>, sob a direção de Diogo Vilela, teve uma leitura dramática que contou com a participação das atrizes Louise Cardoso e Cristina Pereira. A leitura aconteceu no Memorial da Cidade (Teatro Londrina), no dia 24 de março, às 18h.

#### 4.7.5.5 Exposições

As exposições: *Dina Sfat*, de Antônio Gilberto; *Cartazes de teatro*, de Carú e *Programas de teatro*, de Lúcia Cerroni, estiveram sendo apresentadas ao público, no Memorial da Cidade, durante todo o tempo de realização do VII Festival de Teatro de Curitiba.

#### 4.7.5.6 Debates

Houve três debates no Memorial da Cidade. O primeiro, *Ações do Ministério da Cultura e a artes cênicas*, contou com a participação de José Álvaro Moisés e Erik Nepomuceno; o segundo, *Os Centenários – uma visão da obra de grandes dramaturgos que hoje estariam completando cem anos: Brecht, Lorca e Tchekov*; e o terceiro, *Tevê/Teatro – uma abordagem inusitada sobre as diferenças e semelhanças nas linguagens de televisão e teatro*. Todos os debates aconteceram às 15h.

#### 4.7.5.7 Lançamentos de livros

Aconteceu em 22 de março, no Memorial da Cidade, uma manhã de autógrafos. Nela estiveram presentes alguns dos autores mais comentados da época. Dentre eles, Rosa Magalhães, Clóvis Levi, Osvaldo Mendes, Vic Miltelo, Paulo Lima, Rafael Greca de Macedo, Lélia Abramo, Dias Gomes, Jorge Salomão e Toni Belotto.

### 4.7.6 Avaliação geral do VII Festival de Teatro de Curitiba

Quase todos os espetáculos indicados ao Prêmio Sharp de Teatro passaram pelo VII Festival de Teatro de Curitiba. Essa pode ser uma baliza para pontuarmos o que foi a sétima edição do Festival de Teatro de Curitiba.

O jornal *A Tarde*, da Bahia, publica em 31 de abril de 98 uma manchete que diz: *A vitrine do teatro nacional*. Nesse artigo, o jornalista Clodoaldo Lôbo tece considerações bastantes positivas sobre o Festival de Curitiba: “Com os espetáculos paulistas *Auto da Compadecida*, *Sob o sol do meu leito*, *Calibã* e *Tio Vânia*, encerrou – se anteontem, pleno de êxito o VII Festival de Teatro de Curitiba”.

<sup>66</sup> Ao que tudo indica a peça foi apresentada no Guairão. A direção foi de Alexandre Stockler e a companhia se chamava A Exceção é a Regra.

<sup>67</sup> Não foi possível localizar qual foi o texto lido.

Esta versão do Festival de Curitiba reuniu cerca de 650 participantes diretos. Atores, diretores e técnicos fizeram parte deste número. O público atingido foi de 60 mil espectadores. Este número contabilizou o público presente nas peças e nos eventos paralelos. Foram credenciados 47 jornalistas convidados e mais de 800 pessoas receberam credências *vip's*, entre essas, críticos, artistas de televisão, convidados e outros. Esse número de participantes foi considerado, pelos organizadores do evento, como altamente favorável no que diz respeito à avaliação positiva.

Localizamos também uma avaliação absolutamente contrária àquelas aqui já mencionadas. Trata-se da avaliação feita pelo jornalista Rogério Menezes, do *Correio Brasiliense*. Ele escreve em 30 de abril de 1998 o artigo intitulado: *A capital do tédio*. Nele, o jornalista afirma que Curitiba produziu um festival com poucos momentos de brilho: “se as mais de 60 peças apresentadas no VII Festival de Teatro de Curitiba forem representativas da produção teatral brasileira desse final de século( e os produtores do evento juram que são), a constatação não é exatamente animadora: o teatro brasileiro desse final de século é um tédio quase absoluto”. Neste mesmo artigo o jornalista destaca as peças *Divinas palavras* e *Needles and Opium* como as melhores do festival.

O jornalista Miguel Anunciação, do *Jornal Hoje em Dia*, de Belo Horizonte, publica em 31 de abril de 1998 um artigo chamado: *Festival de Teatro de Curitiba supera edição anterior*. Nesse artigo, de comentários positivos em relação ao evento, o jornalista destaca *O Auto da Compadecida* como um dos melhores espetáculos apresentados .

O *Jornal do Estado*, de Curitiba, publicou em 31 de abril de 98 os nomes das peças que considerou como as melhores do Festival. A lista inclui *Needles and Opium*, *Ppp@willmshkpr.br*, *Desobediência civil* e *o Auto da Compadecida*. O jornal ainda destaca a montagem *Um artista da fome*, de Kafka.

O jornalista Nelson de Sá, da *Folha de São Paulo*, publica em 31 de abril de 1998 um artigo avaliativo em relação ao VII Festival de Teatro de Curitiba. Com o nome de *Mostra teve bom teatro e cenas lamentáveis*, o artigo elege as peças: *Ela*, *Diário de um louco*, *A Dama da noite*, *Desobediência civil*, *Oscar Wilde*, e *Needles and opium* como as melhores.

O montante gasto para a realização da sétima edição do festival foi de R\$ 3 milhões. A bilheteria arrecadou R\$ 150 mil com ingressos vendidos, e os grupos participantes da mostra oficial receberam cachês entre R\$ 2mil e R\$10 mil.